

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

RICARDO BARBOSA FERNANDES DE SOUSA

**A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO: A PARTICIPAÇÃO DE MÍDIAS
DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE PORTO-
ALEGRENSES**

**PORTO ALEGRE
2021**

CIP - Catalogação na Publicação

Fernandes, Ricardo

A reconfiguração do amor romântico: A participação de mídias digitais no desenvolvimento de relações românticas de porto-alegrenses / Ricardo Fernandes. -- 2021.

230 f.

Orientador: Alex Fernando Teixeira Primo.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Relação Romântica. 2. Padrões Comunicativos. 3. Mídias Digitais. 4. Midiatização Profunda. 5. Amor romântico. I. Primo, Alex Fernando Teixeira, orient. II. Título.

RICARDO BARBOSA FERNANDES DE SOUSA

**A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO: A PARTICIPAÇÃO DE MÍDIAS
DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE PORTO-
ALEGRENSES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Porto Alegre
2021

RICARDO BARBOSA FERNANDES DE SOUSA

**A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO: A PARTICIPAÇÃO DE MÍDIAS
DIGITAIS NO DESENVOLVIMENTO DE RELAÇÕES ROMÂNTICAS DE PORTO-
ALEGRENSES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PPGCOM/UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Comunicação e Informação.

Orientador: Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo

Aprovado em: 10 de junho de 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alex Fernando Teixeira Primo (Presidente/Orientador)

Profa. Dra. Larissa Leda (Examinadora/UFMA)

Profa. Dra. Renata Rezende (Examinadora/UFF)

Profa. Dra. Raquel Recuero (Examinadora/UFRGS)

Profa. Dra. Sandra Montardo (Examinadora/FEEVALE)

Profa. Dra. Nísia Martins (Suplente/UFRGS)

Porto Alegre
2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM- UFRGS) pela oportunidade de realizar o doutorado em um programa de excelência nacional. Também por me conceder uma bolsa integral financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Ao meu orientador, Alex Primo, por aceitar o desafio de orientar este estudo e por ilustrar a melhor direção nessa caminhada. Sua parceria foi imprescindível para o resultado dessa jornada.

A todos aqueles que compreenderam (ou não) minhas ausências em razão de alguma atividade relacionada à tese. Sei, foram muitas, mas resultaram no trabalho que certamente é a prova de que algo estava sendo feito. Espero que apreciem.

Aos amigos que pensaram comigo sobre as reflexões iniciais da pesquisa. Sem dúvidas, foram nortes que ajudaram a formatar o trabalho.

Um especial agradecimento aos amigos gaúchos que me apoiaram emocionalmente. Fazer um doutorado, ainda mais falando sobre relações amorosas, exigia um mínimo de equilíbrio para não deixar que impressões ou opiniões em minhas vivências pessoais afetassem a pesquisa.

Aos colegas e professoras da UFRGS pelo acolhimento e empolgação ao ouvir sobre o trabalho.

Aos integrantes do grupo de pesquisa que participei (LIMC-UFRGS) nas temporadas 2017, 2018, 2019 e 2020. Os últimos quatro anos foram de um crescimento absurdo.

Um agradecimento especial aos participantes que aceitaram partilhar suas histórias para este trabalho. Em um momento em que o discurso científico vem sendo questionado, a confiança de vocês no estudo significou muito.

Às professoras da banca, Larissa Leda, Renata Rezende, Raquel Recuero e Sandra Montardo, que, mesmo em um período de distanciamento físico e psicológico ocasionado pela pandemia de Covid-19, aceitaram participar de mais esta etapa da minha formação.

Obrigada a todos(as) que de alguma forma impactaram na minha vida acadêmica e profissional.

RESUMO

Em um cenário que a comunicação desponta cada vez mais como peça importante nas relações afetivas, e as mídias participando na construção do social, este estudo tem por objetivo compreender a participação de mídias digitais no desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos. Para tal, apoio-me no arsenal de padrões comunicativos apontados por Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) para evidenciar a aproximação dos envolvidos em três momentos: começo, cruzamento de rotinas e círculos sociais e oficialização. Estruturalmente, o referencial teórico foi organizado ao redor da historização do amor na cultura ocidental a partir da perspectiva da realização sexual e afetiva — valor de fundação e manutenção das relações românticas, e os estudos sobre midiaticização, com destaque à abordagem transmidial e diacrônica de Couldry e Hepp (2017) para evidenciar o aprofundamento de diferentes infraestruturas midiáticas no social. A investigação empírica contou com entrevistas aprofundadas semiestruturadas por videochamadas, realizadas com 20 participantes envolvidos em relações romântico-amorosas — selecionados por conveniência por meio de fichas de inscrições prévias. O percurso do estudo confirmou as ênfases de padrões comunicativos como válidas e férteis para investigar a articulação das mídias digitais no desenvolvimento de relações românticas, descortinando a infiltração de seus recursos linguísticos e cognitivos. No começo da relação, atestou-se nos rastros digitais das mídias de redes sociais, comunicação digital e de paquera, meios estratégicos para buscar ou validar informações sobre o outro. A dinâmica propiciada nos segmentos sociais e de comunicação digital facilitou a aproximação com amigos e familiares do/a parceiro/a, bem como a maior rapidez na troca de intimidades afetivas entre os envolvidos no estágio em que as rotinas e círculos sociais se cruzam. Já na oficialização, notou-se um aumento nos modos de exposição da relação e em fazer declarações de amor no âmbito digital. Organizadas em temporalidades diferentes, os agrupamentos dos participantes evidenciam ritos e processos distintos no desenvolvimento das relações românticas, evocando o reconhecimento de diferentes materialidades midiáticas, e, em linhas gerais, descortinam uma apreensão mais acelerada e intensa do amor romântico na atualidade.

Palavras-chave: Relação Romântica, Padrões Comunicativos, Mídias digitais, Midiaticização Profunda, Amor Romântico.

ABSTRACT

In a scenario that communication emerges more and more as an important part in affective relationships, and the media participating in the construction of the social, this study aims to understand the participation of digital media in the development of romantic relationship. To this end, I rely on the arsenal of communicative patterns pointed out by Knapp, Vangelist and Caughlin (2014) to show the approximation of those involved in three moments: the beginning, crossing of routines and social circles, and the officialization. Structurally, the theoretical references have been organized around the historization of love in Western culture from the perspective of sexual and affective realization — value of the foundation and maintenance of romantic relationships, and studies on mediatization, with emphasis on transmedia e diachronic approach of Couldry and Hepp (2017) to evidence the deepening of different media infrastructures in the social. The empirical investigation included in-depth semi-structured interviews by video calls, conducted with 20 participants involved in romantic-loving relationships — selected for convenience through previous registration forms. The course of the study confirmed the emphasis of patterns of communication as valid and fertile to investigate the articulation of digital media in the development of romantic relationships, unveiling the infiltration of their linguistic and cognitive resources. At the beginning of the relationship, it was attested that digital trace of social media, digital communication and flirting services, strategic means to seek or validate information about the partner. The dynamics provided in the social and digital communication segments of media facilitated the approximation with the partner's friends and family, as well as the greater speed in the exchange of affective intimacies between those involved in the stage where routines and social circles intersect. In terms of officialization, there was an increase in the ways of exposing the relationship and making declarations of love in the digital sphere. Organized in different temporalities, the groupings of participants show distinct rites and processes in the development of romantic relationships, evoking the recognition of different media materialities, and, in general, unveil a more accelerated and intense apprehension of romantic love today.

Keywords: Romantic Relationship, Patterns of Communication, Digital Media, Deep Mediatization, Romantic Love.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo de Estágios/Degraus de Interações Interpessoais no âmbito relacional ..	67
Figura 2 - Captura de tela do site do estudo	97
Figura 3 - Exemplo de transcrição realizada por meio do site oTranscribe	102

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perfil dos participantes	100
Quadro 2 - Parte inicial das fichas pós-entrevistas.....	103
Quadro 3 - Organização dos 20 participantes do estudo em grupos	105
Quadro 4 - Estruturação da discussão	106
Quadro 5 - Grupo 1 - Promoveu/Participou do encontro	109
Quadro 6 - Grupo 2 - Promoção/Participação do encontro	110
Quadro 7 - Grupo 3 - Promoção/Participação do encontro	112
Quadro 8 - Grupo 1 - Uso de serviços de paquera.....	116
Quadro 9 - Grupo 2 - Uso de serviços de paquera.....	117
Quadro 10 - Grupo 3 - Uso de serviços de paquera.....	118
Quadro 11 - Grupo 1 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a.....	120
Quadro 12 - Grupo 2 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a.....	121
Quadro 13 - Grupo 3 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a.....	122
Quadro 14 - Grupo 1 - Mídias digitais para demonstrar interesse	126
Quadro 15 - Grupo 2 - Mídias digitais para demonstrar interesse	127
Quadro 16 - Grupo 3 - Mídias digitais para demonstrar interesse	128
Quadro 17 - Grupo 1 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses	131
Quadro 18 - Grupo 2 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses	132
Quadro 19 - Grupo 3 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses	133
Quadro 20 - Grupo 1 - Mídias digitais para explorar sexualidade	135
Quadro 21 - Grupo 2 - Mídias digitais para explorar sexualidade	137
Quadro 22 - Grupo 3 - Mídias digitais para explorar sexualidade	138
Quadro 23 - Grupo 1 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a	142
Quadro 24 - Grupo 2 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a	144
Quadro 25 - Grupo 3 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a	145
Quadro 26 - Grupo 1 - Mídias digitais para compartilhar momentos juntos.....	148
Quadro 27 - Grupo 2 - Mídias digitais para compartilhar momentos juntos.....	150
Quadro 28 - Grupo 3 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a	151
Quadro 29 - Grupo 1 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas.....	154
Quadro 30 - Grupo 2 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas.....	155
Quadro 31 - Grupo 3 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas.....	156
Quadro 32 - Grupo 1 - Mídias digitais para expor a oficialização	159

Quadro 33 - Grupo 2 - Mídias digitais para expor a oficialização	161
Quadro 34 - Grupo 3 - Mídias digitais para expor a oficialização	162
Quadro 35 - Grupo 1 - Mídias digitais para declarações de amor	165
Quadro 36 - Grupo 2 - Mídias digitais para declarações de amor	167
Quadro 37 - Grupo 3 - Mídias digitais para declaração de amor	168
Quadro 38 - Grupo 1 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia	171
Quadro 39 - Grupo 2 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia	172
Quadro 40 - Grupo 3 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia	172
Quadro 41 - Segmentos midiáticos promovendo/participando da formação da relação	176
Quadro 42 - Uso de serviços de paquera no começo da relação	177
Quadro 43 - Tendências midiáticas para investigar outros interessados no/a parceiro/a	178
Quadro 44 - Tendências midiáticas para demonstrar interesse pelo/a parceiro/a.....	178
Quadro 45 - Tendências midiáticas para descobrir gostos e interesses do/a parceiro/a	179
Quadro 46 - Tendências midiáticas para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a.....	180
Quadro 47 - Tendências midiáticas para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a	181
Quadro 48 - Tendências midiáticas para compartilhar momentos com o/a parceiro/a	182
Quadro 49 - Tendências midiáticas para partilhar intimidades afetivas com o/a parceiro/a.	182
Quadro 50 - Tendências midiáticas para expor a oficialização	183
Quadro 51 - Tendências midiáticas para declarações de amor.....	184

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
2 A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR	18
2.1 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, UM PROBLEMA SOCIAL	18
2.1.1 Grécia: A devoção à beleza e a bondade divina.....	19
2.1.2 Roma: a devoção pelo desejo sexual e a rotatividade nas relações conjugais...	23
2.1.3 Cristianismo: a devoção a Deus e a ojeriza aos prazeres sexuais	28
2.2 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, A ACEITAÇÃO DOMESTICADA.....	31
2.2.1 A Idade média: O amor cortês e a devoção pelo desejo adúltero.	33
2.2.2 O Renascimento e o discurso moderno de repressão à sexualidade	35
2.2.3 O Romantismo e a valorização da realização sexual e afetiva	39
2.2.4 A Domesticação do amor romântico: o ordenamento romântico relacional	43
2.3 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, A RECONFIGURAÇÃO	46
2.3.1 Contracultura: O movimento gay, feminista, hippie e a revolução sexual	48
2.3.2 A Pós-modernidade, a hipermodernidade e a devoção paradoxal do presente imediato	51
2.3.3 O (des)propósito do Amor Romântico	58
3 OS PADRÕES COMUNICATIVOS EM RELAÇÕES ROMÂNTICAS	65
3.1 OS ESTÁGIOS/DEGRAUS DA APROXIMAÇÃO	68
3.1.1 Inicialização (Initiating).....	68
3.1.2 Experimentação (Experimenting).....	69
3.1.3 Intensificação (Intensifying)	70
3.1.4 Integração (Integrating)	71
3.1.5 Vinculação Emocional (Bonding)	72
3.2 OS ESTÁGIOS/DEGRAUS DA SEPARAÇÃO	72
3.2.1 Diferenciação (Differentiating)	73
3.2.2 Limitação (Circumscribing)	73
3.2.3 Estagnação (Stagnating)	74
3.2.4 Esquivamento (Avoiding)	74
3.2.5 Término (Terminating).....	75
4 MEDIATIZAÇÃO	77
4.1 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE MEDIATIZAÇÃO.....	77

4.2 CONFIGURAÇÃO DE FIGURAÇÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE O SOCIAL E AS MÍDIAS	83
4.3 MÍDIAS MÚLTIPLAS E SUAS TRIDIMENSIONALIDADES	86
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	90
5.1 ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	93
5.2 RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES	96
5.3 A CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS E OS PARTICIPANTES DO ESTUDO	99
5.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	101
6 A PARTICIPAÇÃO DE MÍDIAS DIGITAIS EM RELAÇÕES ROMÂNTICAS	104
6.1 O COMEÇO DA RELAÇÃO ROMÂNTICA.....	107
6.1.1 Mídias digitais promovendo ou participando da aproximação do outro	108
6.1.2 O uso de serviços de paquera	115
6.1.3 Mídias digitais para investigar outros interessados no/a parceiro/a	119
6.1.4 Mídias digitais para demonstrar interesse pelo/a parceiro/a	125
6.1.5 Mídias digitais para descobrir gostos e interesses do/a parceiro/a	130
6.1.6 Mídias digitais para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a	135
6.2 O CRUZAMENTO DE ROTINAS E CÍRCULOS SOCIAIS	141
6.2.1 Mídias digitais para aproximar de conhecidos do/a parceiro/a	142
6.2.2 Mídias digitais para compartilhar momentos juntos do/a parceiro/a.....	147
6.2.3 Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas com o/a parceiro/a	153
6.3 A OFICIALIZAÇÃO.....	158
6.3.1 Mídias digitais para expor a oficialização da relação	158
6.3.2 Mídias digitais para fazer declarações de amor	164
6.4 MÍDIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA.....	170
7 A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO.....	174
7.1 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NO COMEÇO DA RELAÇÃO	175
7.2 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NO CRUZAMENTO DE ROTINAS E CÍRCULOS SOCIAIS	180
7.3 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NA OFICIALIZAÇÃO	183
7.4 PANDEMIA	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS	194
APÊNDICE A – ROTEIRO - GUIA ENTREVISTA.....	200
APÊNDICE B – CARDS DE DIVULGAÇÃO	202

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO	209
APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA	212
APÊNDICE E - FICHA PÓS-TRANSCRIÇÃO	225
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	228

INTRODUÇÃO

Em 2014, a estudante Andressa se interessou pelo vocalista da banda que se apresentava em um bar universitário na cidade de Santa Maria. A timidez impediu que ela o abordasse para conversar. Deixar seu nome e telefone em um guardanapo, outra possibilidade, poderia não despertar suficiente interesse para o cantor retornar. Resolveu, então, guardar o panfleto promocional da banda e buscar o perfil de Jordan no Facebook. A aceitação do convite de amizade na plataforma de rede social deu o pontapé para o desenvolvimento da relação. Com o barista Diego e o ator Renato não foi diferente. Por sugestão da mídia, adicionaram-se e passaram três meses entre curtidas e interações em postagens. Certo dia, a confirmação de presença do barista, no Facebook, na apresentação da peça do ator, oportunizou que Renato oferecesse um ingresso de cortesia, se conhecessem e, hoje, adotassem o status “em um relacionamento sério”. Registros como os apresentados pela edição especial da Revista Donna¹ nos mostram que o modo como nos aproximamos e desenvolvemos os relacionamentos romântico-amorosos apresentam práticas, processos e significados diferentes dos vivenciados por outras organizações sociais.

Na história da cultura ocidental vimos as mais distintas configurações sociais conceberam diferentes práticas amorosas, ou melhor, variadas maneiras de imbuir valor e significado a alguém — eros, ágape, amor conjugal, amor sexual apaixonado, amor cristão, amor cortês, amor burguês e o amor romântico. De comum a elas, o enraizamento ontológico (MAY, 2011), o forte sentimento de fundação indestrutível despertado pelo ente amado. No interior dessas expressões do amor, a recorrente intervenção de familiares, questões político-econômicas, religiosas e morais apontam para um caráter mais protocolar, impessoal no desenvolvimento dos arranjos conjugais. Somente no final do século XVIII com a legitimação do amor romântico, o subjetivo conquistou lugar de importância ao permitir que a realização sexual e afetiva abraçasse a sexualidade como um componente relevante às relações conjugais. Mais do que isso, assumidamente se introduziu pela primeira vez, ainda que de forma essencialmente machista, a satisfação da sexualidade como um pressuposto de fundação e manutenção dos relacionamentos amorosos.

¹ Além dos casais, a edição do dia dos namorados da Revista Donna, no ano de 2016, contou ainda com a compilação de outros ritos, entre os quais destaco: produção da primeira declaração (*textões*) nas redes, desinstalar os aplicativos de paquera dos smartphones, a primeira selfie como casal, a entrada do(a) parceiro (a) no grupo de WhatsApp da família, término de relações por mensagens. Disponível em: <https://bit.ly/338zD01>. Acesso: 2 nov. 2019.

Sem desconsiderar todo o caminho que me trouxe até aqui, encaro relacionamentos românticos como um tipo de envolvimento amoroso que reconheço pela relação de interdependência sexual, afetiva, psicológica e, muitas vezes, financeira entre envolvidos que compactuam um conjunto de normas, regras e compromissos. Sentidos estes que produzem um significado social. Diariamente, o sentido social nos envoltimentos romântico-amorosos é tecido pelas interações regulares marcadas pela afeição, proximidade, intimidade sexual e tensões. Nesse sentido, a comunicação desponta cada vez mais como alicerce em nossas relações por materializar o processo de desenvolvimento do relacionamento entre os envolvidos. As mídias pelas quais namorados, noivos, esposos ou, de modo mais geral, os parceiros romântico-amorosos evocam se convertem em mais do que meros meios para se comunicar.

Para se dimensionar o impacto da relação entre as mídias e nossas práticas comunicativas, a pesquisa Digital 2018, realizada no Brasil pelas empresas *We are a Social* e *Hootsuite*, foi registrado um aumento de 10 milhões no número de acessos à internet no Brasil, em comparação ao ano passado². Os brasileiros costumam passar mais de nove horas conectados. Facebook, WhatsApp e Instagram figuram entre as mídias mais acessadas³. A frequente e intensa participação de mídias, como as citadas em nosso cotidiano, culminou em um processo em que práticas e sentidos, especialmente na configuração romântico-relacional, articularam-se às práticas e sentidos advindos de cada uma das mídias envolvidas. Como fruto dessa negociação, a emergência de outros processos, dinâmicas pelas quais a presente investigação busca desbravar.

No que tange ao estudo sobre o tema pela comunicação, o que se notou é que a maioria das pesquisas no âmbito da pós-graduação brasileira, ao menos em congressos e periódicos da área, no período de 2013 a 2019, revelam um tímido movimento em propostas que abordem a relação entre mídias digitais e relacionamentos românticos, pautada nas opiniões dos envolvidos, em análises sobre a corporificação do corpo a partir das interações mediadas e nas condutas de sites de redes sociais como Facebook (FERNANDES; ALMEIDA, 2018). Reconhecendo o significado que as dinâmicas online e os espaços de

² Segundo relatório da pesquisa Digital 2018 no Brasil, realizadas pelas empresas *We are a Social* e *Hootsuite*, o número total de usuários ativos de internet, nesse ano, registrou 139,1 milhões, correspondendo a 66% da população. Em 2019, o número registrado foi de 149,1 milhões, 70% da população. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2018-brazil>; <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil>. Acesso: 27 out. 2019.

³ Dentre as dezesseis plataformas que os usuários brasileiros relataram usar, o YouTube figura em primeiro lugar com 95%, Facebook o segundo com 90%, WhatsApp em terceiro com 89%, Instagram em quarto com 71% e, Facebook Messenger em quinto com 67% de menções.

interação mediada têm na sociedade atual, encarar a articulação sinérgica de diferentes infraestruturas das mídias digitais no desenvolvimento de relações românticas não somente reflete nossas práticas cotidianas, como revela-se como uma importante questão para refletir o amor romântico na contemporaneidade. No intento de apresentar um quadro mais amplo das infiltrações de diferentes mídias digitais no âmbito romântico-amoroso, esta proposta aponta para o envolvimento dessas materialidades em diferentes momentos do desenvolvimento desse tipo de relação, justificando, portanto, sua relevância.

Nestes termos, busco responder a seguinte questão-chave: De que modo as mídias digitais participam do desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos de porto-alegrenses? Lanço como objetivo geral: Compreender como múltiplas mídias são articuladas por porto-alegrenses nos padrões comunicativos enfatizados nos diferentes estágios do desenvolvimento de relações românticas. Para dar conta dele, trago como objetivos específicos:

a) Identificar as ênfases e especificidades comunicativas nos estágios do desenvolvimento de um relacionamento romântico-amoroso;

b) Averiguar os dispositivos técnicos, recursos linguísticos e as instituições midiáticas mobilizadas para suprir as ênfases e especificidades apresentadas nos estágios do desenvolvimento de um relacionamento romântico-amoroso;

c) Analisar as práticas resultantes da articulação entre as especificidades e ênfases comunicativas dos estágios do desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos e os dispositivos técnicos, recursos linguísticos e instituições midiáticas mobilizadas.

Para evidenciar o envolvimento de infraestruturas das mídias digitais no desenvolvimento de relações românticas, o percurso da tese foi organizado, inicialmente, em olhar para a história do amor na cultura ocidental de modo a reconhecer como a realização sexual e afetiva foi reconfigurada até o momento presente. Reconhecendo esse valor como fundante e de manutenção do tipo de relacionamento que procuro estudar, no capítulo 3, apresento o estudo de Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) que, ao analisarem a complexidade das interações interpessoais cotidianas em relações de alto grau de proximidade/intimidade, atestam um conjunto de padrões comunicativos que delineiam o percurso de aproximação e separação entre os envolvidos. Para os autores (2014), a ênfase de padrões na comunicação em determinados estágios/momentos pode fornecer pistas sobre as mudanças ocorridas na relação, repertório este que embasou a identificação e validação dos mesmos a partir do uso sinérgico de mídias digitais entre os envolvidos em relações românticas. Frente ao papel das mídias digitais no delineamento desses padrões, no capítulo 4, volto-me a discorrer sobre a

mediatização enquanto base teórico-analítica. Fundamentado pelos pressupostos da corrente sócioconstrutivista dos estudos na área, apresento a perspectiva da mediatização profunda lançada por Couldry e Hepp (2017), destacando as noções de ‘configuração de figuração’ e ‘mídias múltiplas’, balizas teóricas que colaboraram sobremaneira a posterior entrada no campo empírico.

No capítulo 5 há uma apresentação sobre os procedimentos metodológicos para a realização da investigação empírica sobre a participação de mídias digitais nos padrões comunicativos enfatizados nos estágios/momentos do começo da relação, no momento em que as rotinas e os círculos sociais se cruzam, e a oficialização do relacionamento. Apresento, nesta parte, as ações feitas para buscar os 20 participantes residentes na região metropolitana de Porto Alegre, os processos em torno das entrevistas individuais feitas por videochamadas e o modo como procedo a análise dos dados. De modo a salientar o aprofundamento das mídias digitais nas relações românticas, agrupei os participantes em 3 grupos organizados com base no início das relações estudadas. Agrupamento 1: relações que começaram entre 2019 e 2020; agrupamento 2: relações que começaram entre 2016 e 2017; agrupamento 3: relações que começaram entre 2008 e 2014.

Além de trazer os resultados do estudo, o capítulo 6 apresenta um diálogo dos mesmos com descobertas de outros trabalhos. No capítulo seguinte, destaco os principais segmentos e práticas midiáticas tidas pelos agrupamentos de participantes nos estágios/momentos da relação investigados, delineando uma forma de ilustrar a configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017) de envolvimento romântico nos três eixos temporais estudados. Por fim, as considerações finais do trabalho refletem como a recorrência dessas práticas midiáticas nas relações românticas estudadas apontam para a reconfiguração do amor romântico. Trago, ainda, as limitações do trabalho e uma grande quantidade de brechas e possibilidades para futuros estudos acerca do tema.

2 A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR

A fim de dar conta dos objetivos apresentados, tenho como primeiro desafio olhar para a evolução dos arranjos amorosos conjugais na cultura ocidental. Para isso, precisei alinhar algumas premissas para guiar o leitor acerca da maneira como sistematizei o resgate. A primeira delas é assumir que entendo o amor como uma prática social. Para as referências aqui adotadas, não há como o sujeito se perceber no mundo de maneira externa à realidade que o desenvolveu. Antes de se pensar em arranjos conjugais, tem-se como pré-condição o modo como o indivíduo se percebe enquanto ser social, afinal, seus pensamentos, vontades, falas e condutas reverberam um processo avaliativo pautado no que é valorizado de maneira mais geral — seja para alinhar-se ou não. Nesse sentido, todas as práticas amorosas só podem ser compreendidas à luz dos significados, papéis sociais e mentalidades produzidas pelas inter-relações das realidades sociais pelas quais foram cultuadas.

A segunda premissa remete ao valor que engendrou toda a organização do capítulo, a realização sexual e afetiva, pressuposto este que se tornou fundante e de manutenção das práticas romântico-amorosas atuais. Apesar de hoje a valorizarmos, o entendimento de realização sexual e afetiva nem sempre foi o mesmo. Dessa forma, o modo contemporâneo como compreendemos esse valor, ou seja, sob a regência de uma realidade neoliberal que cultua o individualismo e a realização no presente imediato (LIPOVETSKY, 2004), guiou nosso olhar para os arranjos conjugais amorosos ao longo dos tempos.

O percurso das reconfigurações das práticas conjugais amorosas centrou-se, então, na discussão das configurações sociais, os papéis sociais, seus significados, e, claro, na intimidade. Todo esse repertório foi organizado em três partes: quando a realização sexual e afetiva foi apreendida como **um problema social**, quando a realização sexual e afetiva passou a ter uma **aceitação domesticada** produzindo o amor romântico, e, por fim, quando a realização sexual e afetiva foi aceita ao sofrer um evidente processo de **reconfiguração**, colaborando para definir a maneira como defendo que o amor romântico se materializa na contemporaneidade.

2.1 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, UM PROBLEMA SOCIAL

Neste primeiro momento, destaquei realidades sociais que apreendiam o sentimento do desejo pelo outro e a forte atração da paixão como verdadeiras ameaças a uma valorização

mais ampla à racionalidade, ao autocontrole e a toda uma tradição econômica, política e cultural que circunscrevia as relações conjugais. Nessas configurações, os significados produzidos para o amor não consideraram a satisfação obtida pela atividade sexual como um valor importante. Pelo contrário, viam-na mais como um empecilho. Entre os gregos, romanos e cristãos, o sexo nas relações conjugais era tido mais como uma obrigação, um mal necessário para dar continuidade aos arranjos relacionais desenvolvidos por outros que não os próprios envolvidos. Um compromisso pelo qual o prazer não deveria fazer parte. Inferiorizada, a satisfação do prazer sexual acabou sendo destinada às práticas ocorridas em relações extraconjugais, na clandestinidade, como veremos no decorrer dos tópicos.

2.1.1 Grécia: A devoção à beleza e a bondade divina

Na Grécia antiga, havia o entendimento de que a beleza e a bondade suprema pudessem levar o homem ao caminho da perfeição e eternidade. Uma rota que somente o plano espiritual poderia oferecer. Essa verdadeira idolatria dos gregos à beleza e à bondade divina reverberou no modo como a filosofia refletiu sobre o amor. Na primeira e mais extensa discussão sobre o tema na cultura ocidental, o Banquete (PLATÃO, 2017)⁴, constatamos em diversos momentos interações e menções a figuras mitológicas. Para explicar a intensa e súbita atração que se sente pelo ente amado, Aristófanes, por exemplo, recorreu ao conto do Andrógino. No conto, os seres humanos viviam tempos em que eram redondos⁵ com dois rostos, ouvidos, membros e pares de olhos. Os gêneros dessa humanidade se dividiam em três: Homens, Mulheres e os Andróginos, sendo o último a convergência dos dois primeiros. A tentativa de desafiar as divindades, ao fazer uma escalada até o céu, colocou os deuses em um impasse sobre como punir os humanos. Extinguir os humanos não era algo considerado, uma vez que ficariam sem quem os adorassem. A sugestão de Zeus, em dividi-los ao meio, resultou em seres humanos vagando infelizes em busca de sua outra metade, ansiando retornar ao estado de completude de outrora. E, assim, recobrar a felicidade perdida. O amor foi representado a partir desse conto pelo desejo de completude, a necessidade por superar a situação de vulnerabilidade sentida pela falta da outra metade (PLATÃO, 2017).

Na lógica do conto trazido por Aristófanes, o amor foi concebido como a força que conseguia chegar o mais próximo da completude, estado este que somente um deus poderia

⁴ A relevância do texto de Platão (2017) também pode ser atestada pela menção que foi feita pelas referências adotadas (FOUCAULT, 1999; 2005; BROWN, 2009; MAY, 2011; NAVARRO LINS, 2012a).

⁵ De acordo com May (2011), para a filosofia grega antiga a perfeição estava em formas esféricas. Com isso, as representações de deuses eram circulares.

restabelecer. Na discussão, enquanto o dramaturgo defendia que o amor deveria buscar a beleza e a bondade, Sócrates e Diótima ressaltaram que essa busca deveria ser dirigida a uma essência divina. Com isso, Platão (2017) sustentou a ideia de que a natureza do amor deveria buscar sua essência nos mais nobres sentimentos, entre os quais destacam-se a aprendizagem, o refinamento e a política, valores estes reconhecidamente valorizados aos olhos gregos.

Em seu levantamento sobre o amor nos últimos três milênios, Navarro Lins (2012a) destacou a reflexão dos gregos sobre dois tipos de manifestações amorosas que a cultura ocidental tende a diferenciar. *Ágape*, um tipo de experiência mais comedida, amena, fundada no culto ao espiritual. Exprime um tipo de desejo tido como mais justo, recíproco, voltado unicamente ao bem estar dos envolvidos. *Eros*, por sua vez, exprimia a manifestação física, carnal. Um desejo que se revelava possessivo, egoísta e vigoroso, fundado na obtenção de prazeres mundanos cuja energia provém da libido.

No âmbito social, Braden (1982, p.24) argumentou que a cultura grega concebia o homem a partir de dois elementos díspares: a carne e o espírito. Tal qual a reflexão filosófica, tudo que remetia à carne era apreendido como algo inferior e o espírito como superior. Intimamente relacionada, outra dicotomia, razão e emoção, refletia o modo de pensar dos gregos. Qualquer coisa que tirasse o sujeito de suas obrigações, de sua razão, era malquista. Este é o caso da paixão. A expressão resultante desse sentimento era comumente tida como um mal social, “[...] uma doença que acometia o homem, afastando-o daquele estado de serenidade e frieza tão admirado pelos gregos”. Essa percepção derivou de uma civilização “[...] misógina, patriarcal, narcisista e exaltada nos genitais masculinos [...]” (FERREIRA, 2014, p. 45). Inferiores, as mulheres viviam confinadas no interior das *Oikos*⁶, exercendo atividades domésticas. A elas destinava-se os cuidados com a casa, satisfazer seus esposos e procriar. Não possuíam voz ou direitos, uma vez que eram sempre representadas pelas figuras masculinas da família como o pai, irmão, tio e, posteriormente, o marido.

Estruturalmente, a civilização grega se organizou ao redor de cidades-estados independentes, com governos próprios e autônomos. Este foi o caso das duas principais polis gregas: Atenas e Esparta. Enquanto a primeira se voltou à oligarquia das famílias consideradas mais importantes, Esparta dividia o poder entre dois reis: um religioso e um militar, devidamente orientado por conselhos formados por anciãos e jovens⁷. Diferentemente de Esparta que possuía terras férteis para investir na agricultura, os atenienses investiram na

⁶ Tradução para Propriedade doméstica.

⁷ *Gerúsia*, conselho formado por cidadãos espartanos maiores de 60 anos. *Apela*, conselho formado por jovens acima dos 30 anos.

pesca e no comércio marinho. Mesmo com essas diferenças marcantes, ambas partilhavam de alguns costumes e tradições, entre os quais se destacam o apreço pela racionalidade, o autocontrole e o culto a divindades. Seja evidenciando a prática militar, ou valorizando a arte e a literatura, a civilização grega dedicava atenção especial à educação, algo que era negado às mulheres.

A aversão às mulheres chegava ao nível delas serem consideradas como seres irracionais, imorais e hipersexuadas. Essa relação de hierarquia entre os gêneros colaborou para a inexistência de vínculos mais fortes entre os cônjuges (NAVARRO LINS, 2012a). Literalmente, as relações conjugais eram pensadas como um dever, um compromisso comercial formado a partir de um arranjo entre famílias com funcionalidade socioeconômica. Na relação conjugal, a

[...] abstenção sexual não é considerada como um dever, nem o ato sexual representado como um mal. Mas nota-se bem que, no desenvolvimento dos temas que já estavam explicitamente formulado pelo pensamento médico e filosófico do século IV, uma certa inflexão se produziu: insistência sobre a ambiguidade dos efeitos da atividade sexual, extensão das correlações que se lhes reconhece através de todo o organismo, acentuação de sua própria fragilidade e de seu poder patogênico, valorização das condutas de abstinência, e isso para os dois sexos [...] Nessas condições compreende-se a importância que pode tomar o regime dos *aphrodisia* na gestão da vida pessoal. Sobre esse ponto, Rufo tem uma expressão notável que lida de forma bem explícita o perigo da prática sexual e o princípio fundamental do cuidado de si: 'Aqueles que se dedicam às relações sexuais, e sobretudo aqueles que se dedicam a essas relações sem muita atenção, devem ter cuidados com eles próprios de forma muito mais rigorosa do que os demais, a fim de que, colocando seus corpos na melhor condição possível, eles sintam menos os efeitos nocivos dessas relações (FOUCAULT, 2005, p. 125-126).

Em sua análise sobre a regulação em torno da sexualidade, Foucault (1998) argumentou que a prática sexual dos gregos estava associada a um conjunto de normas e condutas que valorizavam a sua escassez, a inflexão dos desejos e a intensificação deles. Para o filósofo, o cuidado de si surgiu em meio a um conjunto de procedimentos fundados no pensamento e no exercício médico. A prática cultural em volta desse conjunto de técnicas, que se ancorou na observação e regência do corpo, refletiu no aumento do cuidado médico e da medicina enquanto regentes do bem estar físico. Os gregos não conheciam o que entendemos por sexualidade. A eles lhes eram passados a *aphrodisia*, um compilado de orientações que atuavam como um regime voltado à produção de bons descendentes, à civilização grega. O prazer sexual chegou a ser descrito em um dos textos de Platão como uma pequena epilepsia⁸, um ato tão violento ao corpo que demandaria cuidado e controle. E,

⁸ A afirmação pode ser encontrada em Filebo, diálogo platônico sobre o prazer com a participação de Sócrates, Protarco e Filebo.

assim, a *aphrodisia* constituiu-se como lugar de cuidado moral (FOUCAULT, 1998, p. 36), no qual depreende sua reflexão sobre o comportamento sexual⁹.

O conteúdo dessas orientações levou Navarro Lins (2012a) a entender que o apreço à racionalidade e o cultivo do autocontrole alicerçaram o entendimento de que as relações conjugais se formavam meramente por questões econômicas. O envolvimento conjugal tinha um caráter de dever social, com meta de aliviar demandas econômicas das famílias envolvidas na transação. Logo, a ideia de casamento, a partir do envolvimento do homem e da mulher, era algo inimaginável para os gregos (BRANDEN, 1982). Branden (1982) e Navarro Lins (2012a) relataram que aos olhos do homem, o casamento oferecia apenas duas dádivas: o momento em que levaria a esposa para a cama e o dia de sua morte, quando recuperaria a liberdade. A monogamia e a fidelidade conjugal eram vistas como valores virtuosos. Contudo, a lógica que considerou essas práticas positivas reside no pensamento de que fora das relações conjugais ocasionava “[...] desperdício de sêmen e energia sexual em atividades que não existe a fecundidade [...]” (FOUCAULT, 1998, p. 29). Foucault (1998) explicou que os gregos acreditavam que no sêmen continha a alma e que as secreções femininas corporificam. A imoralidade atribuída às práticas sexuais fora do matrimônio resulta do fato da cultura grega considerá-la na ordem do excesso, afinal, fogem da satisfação de um desejo demandado pela natureza divina (leia-se reprodução da espécie). Orquestrou-se uma espécie de economia de energia ao corpo pautada pela prudência do autocontrole. O que não os impedia de praticar sexo para satisfação própria.

[...] O Eros que os gregos acreditavam ser capaz de produzir grandes façanhas, despertar a coragem e ser cotado de um valor educativo é um Eros homoerótico, o *paidikon eros*, objeto de uma “ciência da erótica”, da qual Sócrates declara ser um mestre. As funções desempenhadas pelo *paidikon eros* eram as mais diversas: suscitar bravura na batalha, competitividade no esporte, promover a educação dos jovens e servir de inspiração e motor da especulação filosófica, como o Banquete e o Fedro testemunham [...] (ORTEGA, 2002, p. 28).

Em um contexto em que os espaços públicos não eram considerados como meios para o encontro social de homens e mulheres, e “[...] onde “necessidade”, “violência”, “dominação” e “desigualdade” eram os conceitos que melhor definiam a vida doméstica [...]” (ORTEGA, 2002, p.26), somente os homens poderiam usufruir de uma relação em que a

⁹ O estudo tem como norte 4 noções: *Aphrodisia*, que o comportamento sexual é reconhecido eticamente como aceitável; *Chrēsis*, voltada para identificar o tipo de sujeição que a prática se submete para ser moralmente aceita; *Enkrateia*, domínio que determina a conduta de cuidar de si para constituir-se como sujeito moral; *Sōphrosunē*, a sabedoria, a temperança como premissa mais geral, a qual caracteriza o sujeito moral em sua realização. Assim, tendo a ontologia, a deontologia, a ascética e a teologia, circunscreve o que estrutura a experiência moral dos prazeres sexuais.

atração e a realização sexual tivessem algum destaque. Na visão de Ortega (2002), viver uma relação erótica tem como pré-condição a liberdade dos envolvidos em poder dizer não e, com a recusa, incitar o cortejo. Dificilmente as relações heterossexuais dos gregos poderiam ofertar isso, considerando que a mulher não poderia recusar qualquer iniciativa masculina. Lins (2012) relatou que os gregos nutriam um verdadeiro fascínio pelo desejo sexual e a *hybris*¹⁰, vinda das paixões com as concubinas¹¹, as hetairas¹² e os efebos¹³.

2.1.2 Roma: a devoção pelo desejo sexual e a rotatividade nas relações conjugais

A incursão da cultura oriental à cultura grega no período helenístico e, posteriormente, no império romano, não promoveu grandes modificações na maneira como se apreende a atração e a realização sexual. Navarro Lins (2012a) relatou que assim como a Grécia, Roma também desenvolveu medidas para prevenir ou contornar as loucuras vindas do desejo sexual. A insaciabilidade sexual e os sofrimentos de ciúmes, inveja e posse, revelaram-se verdadeiras ameaças à ordem moral. Há quem diga que o mais famoso dos chefes troianos, Enéias, teve de se afastar de sua amada, Dido, para cumprir seu dever de fundar a República Romana (BRANDEN, 1982)¹⁴.

Pela ordem moral, Lucrécio (2015)¹⁵ apontou três medidas. A primeira, a contemplação, remetia à meditação focada em apagar os desejos e, assim, desviar o sujeito de desfrutar outros prazeres simples e sociáveis. O casamento, segundo remédio, sana a necessidade por socializar e as ânsias descontroladas do ímpeto sexual, formando uma relação duradoura e feliz. Para ele, o desejo sexual seria contido por momentos esporádicos frente aos afazeres da rotina social e conjugal, direcionando o ato sexual para o seu devido fim, a

¹⁰ De modo geral, *Hybris* remete a atitudes insolentes, violentas, arrogantes, ou qualquer outro tipo de conduta ultrajante. No caso, Navarro Lins (2012) refere-se ao orgulho imprudente que circunscreve a paixão.

¹¹ O concubinato tratava-se de em uma modalidade de relação incentivada pelo estado com o objetivo de procriar. Em geral, eram mulheres estrangeiras ou sem condições de ter um dote. Em ocorrência, menores escravas.

¹² Institucionalizada na cultura grega, a prostituição era reconhecida como dispositivo essencial para manutenção da castidade das mulheres. Havia dois tipos: a *porné*, voltada a classes menos favorecidas e a *hetáirai*, voltada aos mais abastados.

¹³ A efebria consiste na relação homossexual. Na cultura grega, essa modalidade de relação se dava entre um ateniense mais velho, sábio e imponente, e um mais novo, habilidoso e com grande beleza. Entregue a seu tutor mais velho, o efebo era educado e protegido para posteriormente tornar-se um cidadão grego, casar, procriar e buscar seus próprios efebos.

¹⁴ O autor se reportou à epopéia escrita por Virgílio (30-19 a.C.), em doze cantos. O poema é famoso por celebrar a fundação e a expansão do império romano.

¹⁵ A restrição dos desejos físicos em Lucrécio teve muita influência da mentalidade grega, sobretudo a partir do pensamento do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.), de que a felicidade reside na tranquilidade do espírito. Deve-se, portanto, desenvolver relações amistosas e desfrutar dos prazeres sexuais de maneira modesta.

reprodução. E, se nada der certo, entra em cena o terceiro remédio, ceder à promiscuidade e fugir de qualquer vínculo mais duradouro ao enfatizar a existência de outras amantes para buscar aliviar-se. Curiosamente, as medidas apontadas pelo filósofo reconhecem a força “embriagadora” resultante do envolvimento sexual e do quão árdua se mostrou a tarefa de contorná-lo.

A civilização romana se estruturou ao redor da dinâmica familiar e das relações de parentesco. Branden (1982) argumentou que a família passou a ser considerada como uma unidade política e social, sobretudo para proteger e preservar a propriedade. As famílias romanas lidavam com as questões de sua realidade de maneira bastante pragmática. Sancionada por leis e costumes, o chefe da família, a figura masculina mais velha, arregimentava a dinâmica dos afazeres e funções de todos os membros. Para Navarro Lins (2012a), essa configuração reverberou a organização política e econômica advinda de uma aristocracia marcadamente escravocrata, autoritária e brutal. O dever de lutar em longas guerras pelo Mediterrâneo, Oriente Médio e quase toda a Europa, conduziram os romanos a frequentemente se ausentar, forçando as mulheres a cuidarem das propriedades.

A crescente valorização da unidade doméstica seguiu-se uma elevação da posição das mulheres. As romanas passaram a ter um significativo *status* legal e a gozar de maior liberdade, independência econômica e respeito cultural que jamais haviam experimentado antes. Estavam em condições de experimentar uma posição de igualdade numa relação amorosa. Sob este aspecto, alcançaram, pelo menos, uma das condições para o amor romântico — igualdade — uma vez que o relacionamento de um superior e um inferior, ou de patrão e empregado, não qualifica o amor romântico (BRANDEN, 1982, p. 26).

Em comparação à mulher grega, a romana adquiriu maior autonomia. A cumplicidade de acompanhar o marido em eventos sociais, antes destinada às prostitutas, passa a ser reconhecida, afinal, a mulher romana podia sair livremente de casa. Ainda assim, afirmou Navarro Lins (2012a), era muito forte a associação da mulher à ideia de submissão e exclusividade sexual ao marido.

Para Veyne (2009), o império romano foi responsável por desenvolver a “invenção” do que entendemos por casal, na medida em que os cônjuges compartilhavam algum afeto e apresentavam uma relativa assiduidade na prática sexual. De fato, se compararmos com os gregos, o casamento romano aproximou seus cônjuges. Contudo, alertou Navarro Lins (2012a), não podemos deixar de lembrar que a relação nasceu como fruto de um arranjo econômico¹⁶. Além da convenção social e a influência de questões religiosas¹⁷, a necessidade

¹⁶Curiosamente, Navarro Lins (2012a) relatou que havia casos em que os noivados eram negociados por profissionais especializados, uma espécie de corretores de casamento.

de sobrevivência e o forte vínculo com o clã foram forças que se somatizaram em perpetuar a economia por trás da dinâmica do arranjo conjugal. Vários mecanismos formais para incitar o arranjo conjugal foram desenvolvidos. Ortega (2002), Veyne (2009) e Navarro Lins (2012a) destacaram dentre esses mecanismos, as leis que se fundaram em incentivar e regular os matrimônios, tais como: recompensas para os casais com mais filhos e punições para o adultério. O reconhecimento dessas medidas, por parte do imperador, acabava coagindo “[...] o mundo romano para o matrimônio” (ORTEGA, 2002, p. 49). Com isso, as relações conjugais passam a ser de domínio público. Todas essas questões foram preponderantes para a associação entre o arranjo conjugal e a ideia de amor, nascendo o que Veyne (2009) chamou de amor conjugal. Do mesmo modo que a cultura grega, as relações sexuais fora do casamento não eram bem aceitas, apesar de serem recorrentes.

As relações desenvolvidas prioritariamente pela atração e reciprocidade sexual, ou melhor, a expressão do amor sexual apaixonado (NAVARRO LINS, 2012a), persistiram no âmbito extraconjugal como forma de divertimento. Para Navarro Lins (2012a), o amor sexual apaixonado se mostrou um verdadeiro ato de rebelião contra toda uma racionalidade que impunha como ser, viver e até como sentir. Branden (1982) acreditou que experimentar a paixão e a excitação das aventuras extramatrimoniais converteram a relação adúltera como o espaço para o sujeito romano realizar-se sexualmente e afetivamente, afinal, funcionavam como meio para aliviar o tédio existencial das relações conjugais da época.

A promiscuidade e a libertinagem dos romanos foram apontadas por Veyne (2009) como lendárias. Encantados pela satisfação sexual em relações extraconjugais, os homens e mulheres romanos não sentiam qualquer sentimento de culpa (NAVARRO LINS, 2012a). Contrariar leis, costumes e o receio de serem descobertos foram alguns dos ingredientes que fizeram dessa modalidade relacional algo irresistível.

Como qualquer indivíduo pode ter prazer sensual com o próprio sexo, a tolerância antiga levou a pederastia a difundir-se bastante e superficialmente: muitos homens com vocação heterossexual tinham assim um prazer epidérmico com os meninos; também se repetia proverbialmente que os meninos proporcionam um prazer tranquilo que não agita a alma, enquanto a paixão por uma mulher mergulha o homem livre em dolorosa escravidão. (VEYNE, 2009, p. 185)¹⁸.

¹⁷ Veyne (2009, p. 189) informa que o paganismo greco-romano se tratava de uma espécie de “religião *à la carte*”, em que os indivíduos escolhiam qual ou quais divindades venerar. Divindades estas que não são resumidas metafisicamente como seres do além, afinal, faziam parte do mesmo mundo habitado pelos humanos.

¹⁸ Cabe observar que a noção de “vocação heterossexual”, citada por Veyne (2009), seria mais precisa se fosse substituída por “práticas sexuais heterossexuais”, pois as vivências de gênero/sexualidade são discursivamente construídas em relações de poder históricas, políticas e culturais. Para ampliação desta discussão, recomendamos a leitura de Butler (2010).

Contrário à prudência levantada por Lucrécio (2015), Ovídio (2005) foi um dos principais defensores da celebração do desejo sexual. Para o poeta, o amor era um jogo no qual nem todos tinham habilidade para jogar. Nesse jogo, as mulheres eram hábeis jogadoras, considerando seu poder erótico sobre os homens. Apesar de sua subserviência, as mulheres poderiam dizer não a possíveis investidas, aguçando o cortejo. Conquistar o amor das esposas desafiava muito mais do que o das cortesãs e concubinas. Emancipadas, as esposas dos patrícios podiam andar pelas ruas cercadas por amigos e empregados. O que não, necessariamente, dificultava a presença de admiradores que chegavam a abordá-las na presença dos esposos (NAVARRO LINS, 2012a)¹⁹. Ovídio (2005) era enfático em defender que o casamento se tratava de uma instituição repressora que pouco favorecia a cortesia e a consideração afetiva que uma relação fundada na satisfação sexual oferecia. Com isso em mente, produziu um verdadeiro guia de como ir contra as imposições e viver a arte de amar.

[...] Um conselho apenas, se confias na minha arte, e se minhas palavras não forem arrastadas pelo vento. Não comeces uma aventura para não leva-la até ao fim. Não haverá delações quando a serva estiver meio envolvida. O pássaro não pode voar com o visco nas asas: o javali dificilmente foge das largas redes, e o peixe não pode se soltar do anzol que engoliu. Mas esconde-te bem. Se ocultares bem as tuas ligações com a serva, estarás sempre informado a respeito da tua amiga [...] (OVÍDIO, 2005, p. 38).

Em *Ars amatoria*²⁰, ou melhor, a arte de amar, Ovídio descreveu o adultério como um esporte necessário a ambos os sexos. Conforme mostrou a citação, Ovídio (2005) acabou produzindo um verdadeiro manual de como combater as adversidades de um mundo rodeado de regulações jurídicas, políticas e econômicas para construir intensas relações afetivas e sexuais. Descreveu uma série de estratégias voltadas a alimentar esses sentimentos entre os envolvidos e como dar continuidade à relação. Historicamente, a obra refletiu uma espécie de movimento político social contra os esforços do rei Augusto em banir “[...] o uso livre das emoções e dos prazeres [...]” (ORTEGA, 2002, p. 49).

[...] as crises de ordem moral tinham como objetivo principal provar a todos que o imperador reinante era um senhor, pois, não contente de fazer reinar a ordem pública, que os vícios privados não ameaçavam absolutamente, pretendia governar a consciência moral de cada um; depois que cada cidadão se compenetrava de tal ideia, a lei revolucionária deixava de ser aplicada e era esquecida no reinado seguinte. Somente a de Constantino se manteria e marcaria a Idade Média (VEYNE, 2009, p. 151).

¹⁹ Lins (2012) exemplificou o argumento a partir da relação do contraditório e refinado poeta Catulo. Clódia, casada, falava com ele com ar de indiferença e o censurava na presença de seu esposo, Metelo. A conduta tratava-se de uma estratégia da esposa para fazer o marido pensar que o poeta não passava de um jovem inconveniente.

²⁰ *Ars Amatoria*, obra do poeta Ovídio datada em 2 a.C.

Parcela considerável dos investimentos feitos pelo Imperador Augusto para remediar a devoção dos romanos pelo desejo sexual desenvolveu um regimento moral que legitimou cada vez mais o amor conjugal (VEYNE, 2009). O excessivo interesse de Augusto nessa temática se deu em função das frustrações com sua filha e neta. Veyne (2009), Navarro Lins (2012a) e Ortega (2002) relatam que tanto a filha quanto a neta, ambas de nome Júlia, promoviam constantes orgias e se viam envolvidas em escândalos com seus amantes e maridos. Seja por saber do ocorrido nas orgias ou por ter participado delas, os escritos de Ovídio foram considerados responsáveis pelas condutas depravadas delas, resultando no posterior exílio da neta e do poeta.

É no mínimo curioso, refletiu Braden (1982, p. 27), que a mesma cultura que institucionalizou o casamento, ao criar uma série de regulações voltadas para o desenvolvimento de “[...] um ideal de felicidade doméstica e ao mútuo respeito entre homens e mulheres”, apreendeu o afeto e o sexo como algo antagônico. As relações produzidas pelo matrimônio — amor conjugal (VEYNE, 2009), e as formadas pela reciprocidade do desejo sexual — amor sexual apaixonado (NAVARRO LINS, 2012a), mostram-se conflituosas e cheia de obstáculos. Por um lado, o amor sexual apaixonado (NAVARRO LINS, 2012a) teve de lidar com as imposições de uma ordem, de um poder simplesmente obcecado pelo controle, que busca de todo modo silenciá-lo. No outro, o amor conjugal (VEYNE, 2009) até conseguiu aproximar os cônjuges, mas instalou uma série de conflitos alicerçados por uma cultura essencialmente machista. Não surpreende, portanto, a insatisfação e o alto índice de divórcios. Entre as razões para a separação, listou Navarro Lins (2012a), questões triviais de ordem estética, comportamentais e até política se destacaram.

Na visão de Veyne (2009), a alta rotatividade nas relações conjugais colaboraram para que a instituição casamento e, conseqüentemente, o amor conjugal (VEYNE, 2009), perdessem legitimidade, pelo menos até a chegada do cristianismo. No entanto, precisamos reconhecer que não foi o mero impacto de uma nova mentalidade religiosa que engendrou toda uma transformação na intimidade social. Navarro Lins (2012a) destacou que entre os patrícios²¹, o casamento já vinha se mostrando uma instituição falha, considerando a ausência de afeto paternal e maternal com os filhos nas relações familiares. A progressiva desintegração familiar desencadeou uma insatisfação nas relações, bem como o florescimento de sentimento de frustração com a vida. O excessivo erotismo pagão não soava mais tão divertido, ascendendo sentimentos de tédio e vazio.

²¹ Classe de cidadãos aristocratas considerada nobre na Roma Antiga.

2.1.3 Cristianismo: a devoção a Deus e a ojeriza aos prazeres sexuais

Na visão de Navarro Lins (2012a), a desintegração familiar, a crise econômica, o declínio populacional, nem mesmo as invasões bárbaras²² que caracterizaram a transição entre o período clássico e a idade média, foram razões suficientemente plausíveis para explicar a situação do império romano. Aos olhos dos cristãos, somente uma explicação era válida: o despudor sexual. Enfurecidos com a depravação nos tempos do império romano, aos olhos cristãos, Deus puniu a humanidade com sua fragmentação. Com a queda, nasce uma nova maneira de apreender o mundo e, particularmente, as relações conjugais e a intimidade de modo mais amplo.

Com o cristianismo, o amor conjugal (VEYNE, 2009) reconfigurou-se ao incorporar a doutrina religiosa. A afetividade passou a ser construída sob as noções de pecado, fidelidade, conveniência familiar e outros nortes advindos da doutrina religiosa. A monogamia converteu-se em um princípio basilar para a formação de um compromisso sólido, uma união que não devia ser dissolvida. Segundo Rudiger (2013), alicerçado pelos registros de historiadores, a concepção do amor na cultura ocidental floresceu no interior desse e outros tantos princípios da civilização cristã. Navarro Lins (2012a), por sua vez, lembrou que o amor cristão nasceu a partir da reinterpretação da ágape grega, devidamente ajustada ao monoteísmo judaico, resultando na formação de um ideal coletivo em que os cônjuges se relacionassem de maneira fraternal. O propósito desse envolvimento se fundou bem mais em minar nossos males na terra, do que em promover qualquer tipo de realização terrena. Em outras palavras, “amai-vos uns aos outros” se instituiu no mais novo princípio de sociabilidade. E, com ele, o desenvolvimento de uma hostilidade pelo prazer, sobretudo, o sexual, que impactou profundamente o mundo ocidental (BRANDEN, 1982).

Na medida em que as populações se espalharam com a queda do império romano, o contexto europeu se reordenou, propiciando a expansão do cristianismo. Como aliada, a nova religião contou com o privilégio de deter o conhecimento sob a leitura e a escrita²³. Com o conhecimento restrito aos mosteiros, muitas considerações dos padres e do clero, de modo mais geral, eram recheadas de pontos de vista e preconceitos morais. Nesse sentido, Veyne (2009), May (2011) e Navarro Lins (2012a) reconheceram os apóstolos como engrenagens

²² Navarro Lins (2012a) explicou que na época toda e qualquer civilização que não fosse romana era considerada como bárbara.

²³ Período conhecido como a Era do Obscurantismo. Tudo que era ortodoxo era escrito e o que fugia simplesmente não existia. (NAVARRO LINS, 2012a). Entre os séculos V e XV, a igreja influenciou fortemente as produções científicas e culturais. Não à toa, houve uma predominância de temas religiosos na música, artes, literatura, teatro e tantas outras manifestações culturais.

fundamentais para a ascensão do pensamento cristão no ocidente, a começar por Paulo, reconhecido como grande idealizador do cristianismo e apontado como fundador da verdadeira ojeriza em relação ao sexo²⁴. São Paulo revelou-se um verdadeiro estrategista ao se apartar do judaísmo sob o argumento de desenvolver uma corrente religiosa aberta para todos a partir de preceitos oriundos do sacrifício de Jesus Cristo (NAVARRO LINS, 2012a). Efetivamente, suas ações de evangelizar as pessoas, a partir de suas peculiaridades e necessidades, percorreu grandes aglomerados populacionais, fazendo com que a mensagem de Cristo chegasse até regiões mais afastadas como as áreas rurais. Para a historiadora Tannahill (1983), a instabilidade da realidade social dessa época possibilitou que o cristianismo se desvelasse como a verdadeira sucessora do império romano²⁵. O medo de queimar no fogo do inferno intimidava bem mais do que a imposição das leis, ascendendo sua potencialidade enquanto autoridade social.

A mentalidade cristã expandiu tanto que sua soberania se colocou acima do poder do estado. Sob o olhar onipresente de Deus e o receio de seu julgamento, cultuou-se que a iniciativa voluntária de renunciar os prazeres da carne forneceria uma espécie de crédito espiritual capaz de anular uma possível dívida que o pecado humano pudesse trazer. Não à toa, valorizou-se a castidade e o modo como inferir a sacerdotes a autoridade moral. Ancorado na noção de pecado, atuar na intimidade, explicou Navarro Lins (2012a), permitiu que esse processo de disciplinamento agisse de maneira mais ampla e imediata em comparação com os tempos do império. Como resultado, um profundo sentimento de culpa em relação à realização sexual, uma vez que contrariavam o caminho em direção a Deus. Homens e mulheres tornaram-se simplesmente obcecados pela culpa que seus desejos lhe causavam. Ainda que o prazer sexual fosse um pontual e singular momento no âmbito privado, aos olhos da igreja, considerava-se o maior dos pecados humanos.

Esse reordenamento na intimidade acabou por instaurar um “[...] novo fundamento da dominação masculina na igreja cristã [...]” (BROWN, 2009, p. 240). Ainda que a igreja reconhecesse a igualdade espiritual entre os gêneros, as mulheres seguiam sendo vistas como inferiores. Fracas, débeis, lerdas, enganadoras e instáveis foram alguns dos adjetivos

²⁴ Navarro Lins (2012a) afirmou que Paulo não se limitou a disseminar apenas o que Jesus disse, sobretudo se considerarmos que o mesmo não o conhecia. Em função disso, acusam-no de disseminar preceitos distintos, ainda apresentando-se como servo e apóstolo dele.

²⁵ Tannahill (1983) defendeu que em outra circunstância política, dificilmente a moralidade cristã teria conquistado tão solidamente o pensamento ocidental. Algo que somente nos tempos atuais começou a se afrouxar. Para evidenciar isso, a autora destacou a fragmentação da ordem imposta pelo império de modo mais geral e a ausência de instâncias que instruísem como viver a vida pública e privada como fatores que demarcaram o contexto europeu nos séculos seguintes.

atribuídos à figura feminina, relatou Navarro Lins (2012a). Para se ter uma ideia, acrescentou a autora, no século VI as mulheres chegavam a ser proibidas de se aproximarem do altar ou rezar em voz alta na igreja²⁶. Mesmo assim, foram figuras fundamentais para a expansão da ideologia cristã através do arranjo matrimonial. As cristãs de famílias mais abastadas eram usadas como meio de negociação política ao serem enviadas para se casarem com líderes bárbaros²⁷ e assim os converterem (TANNAHILL, 1983).

Gradativamente todos os costumes que, sob alguma medida, eram mal vistos e tolerados na antiguidade clássica foram duramente reprimidos. O pensamento cristão, destacou Navarro Lins (2012a), instaurou uma verdadeira repulsa contra o aborto e o abandono de crianças. Condenou-se efeminados e qualquer tipo de prática homossexual, sendo passível até de punição. A visão de São Paulo sobre o sexo incidiu tão forte no cristianismo que ainda no casamento era um impedimento para a devoção ao senhor (I Cor. 7:32-34). Por um bom tempo os cristãos tinham como espelho o casamento de José e Maria, uma relação recheada de cumplicidade, lealdade e nenhum contato sexual. Toda forma de prática amorosa, leia-se carnal, deveria ser completamente sublimada pelo amor a Deus. Sob essa regra mais geral, convencionou-se pensar no sexo como uma categoria menor no casamento. Mesmo no matrimônio, caso um homem amasse com ardor excessivo da paixão, o mesmo poderia ser considerado adúltero, explicou São Jerônimo (NAVARRO LINS, 2012). Os cônjuges deveriam preencher suas rotinas com orações e leituras religiosas. Literalmente a monogamia se transformou em um religioso compromisso vitalício, sem qualquer possibilidade de rompimento. O adultério, seja por parte da mulher ou do homem, passou a ser algo moralmente grave (NAVARRO LINS, 2012a)²⁸.

[...] uma moral não se reduz ao que manda fazer; mesmo que as regras conjugais de uma parte do paganismo e de uma parte do cristianismo sejam textualmente as mesmas, o jogo não se realizou. Em certa época, pagãos e cristãos igualmente dizem: "Não façais amor a não ser para ter filhos". Tal proclamação, no entanto, não tem as mesmas consequências se é feita por uma doutrina de sabedoria que dá a indivíduos livres, para sua autonomia neste mundo, conselhos que seguirão como pessoas autônomas, caso os achem convincentes; e se a mesma proclamação é feita por uma Igreja todo-poderosa que entende governar as consciências para sua salvação no além e deseja legislar sobre todos os homens, sem exceção, estejam eles convencidos ou não" (VEYNE, 2009, p. 56).

²⁶ Historicamente, o ano de 585 ficou marcado por ocorrer o Concílio de Macon, assembleia eclesiástica representativa para a igreja cristã. Dentre as discussões, institucionalizaram a cobrança do dízimo — que se expande como meio de expansão política na gestão do rei franco Carlos Magno. Nessa mesma assembleia, disse o historiador Murstein (1976), chegaram a discutir se a mulher possuía alma ou não, evidenciando uma clara hierarquização entre os sexos.

²⁷ Entre os povos considerados bárbaros na época, Tannahill (1983) destacou os francos e saxônicos.

²⁸ A condenação ao corpo e ao sexo já vinha sendo alimentada nos séculos I e II, principalmente com o imperador Marco Aurélio.

Os princípios cristãos foram fortes instrumentos de orientação social que seguiram ao longo da ascensão da igreja católica na cultura ocidental. Navarro Lins (2012a) observou que essas orientações se cristalizaram na Idade Média. Mesmo com avanços como a criação da primeira máquina do ocidente (moinho), a invenção do relógio e o desenvolvimento do estado moderno, a moral cristã ainda repercutiu no homem medieval²⁹, sobretudo no que tange ao corpo e à intimidade. Atentou, ainda, que a repressão ao corpo tomou tamanha proporção que os ginásios, circos e até as práticas esportivas desapareceram. Coibir qualquer realização por meio dele, sobretudo a sexual, ecoou de maneira tão extensiva e profunda que deixou marcas nos dias atuais, as quais são refletidas nos conflitos e autoquestionamentos sobre a prática sexual³⁰.

2.2 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, A ACEITAÇÃO DOMESTICADA

Após as invasões bárbaras nos territórios do império, pequenos agrupamentos populacionais se formaram. Autônomos, cada um desses agrupamentos tinha uma autoridade, reis que em função de laços hereditários detinham poderes para comandar e punir. Em meio a essa fragmentação do poder, a vassalagem emergiu enquanto prática recorrente. O vínculo se deu a partir da consonância de interesses: enquanto os vassalos, jovens do mesmo nível social de ferreiros, ourives e outros escravos domésticos buscavam oferta de trabalho, os suseranos, senhores de grandes propriedades de terra, ofereciam colocações em seu sistema produtivo e proteção (ROUCHE, 2009)³¹. Com a importância do comprometimento verbal na vassalagem, o estado e a igreja acabaram desenvolvendo formas para repreender aqueles que não respeitavam a palavra dada³². No primeiro caso, a compilação de Carlos Magno para a lei

²⁹ Como a população era privada de ter acesso à instrução, uma vez que somente os membros do clero sabiam ler e escrever, toda e qualquer explicação e progresso eram tidas como sinais de Deus (NAVARRO LINS, 2012a).

³⁰ Esse argumento é ilustrado por Navarro Lins (2012a) a partir do relato de uma advogada, de 34 anos, que conheceu um rapaz em uma festa. Depois de muito, beijarem-se e saíram para transar no apartamento dele. Na terapia, relatou a autora, embora o sexo tivesse sido ótimo, a advogada também sentia um torturante sentimento de que havia cometido um erro grave e receio de o rapaz considerá-la “fácil”.

³¹ Rouche (2009, p. 419) argumenta que Carlos Magno considerou a vassalagem um tipo de laço tão sólido e forte que a adotou como reforço em seu estado. Generalizou, assim, a concessão de lucros à concessão de terras para cada vassalo, o que “[...] multiplicando a quantidade de vassalos do rei, dos príncipes e dos condes etc., numa pirâmide que culminaria em sua pessoa”.

³² Dominada por jovens, o falso testemunho e o perjúrio acabavam sendo condutas recorrentes (ROUCHE, 2009).

sálica³³ chegou a dedicar 38 linhas somente para instruir sobre o descumprimento (ROUCHE, 2009, p. 419). Já a igreja tratou de considerar o ato como algo subversivo. O perjúrio na alta idade média³⁴ figurou como um dos grandes pecados nos livros penitenciais³⁵.

Amparados nesse tipo de relação, o avanço econômico resultante da produção agrícola, entre os séculos XI e XIII, trouxe um período de prosperidade na Europa. Para se ter uma ideia, explicou Navarro Lins (2012a), regiões que atualmente reconhecemos, como da França, triplicaram sua população em apenas dois séculos, favorecendo uma renovação social e ideológica. Renovação esta que, no âmbito conjugal, possibilitou, ao menos entre os nobres, que as esposas pudessem partilhar da companhia dos maridos ao fazer as refeições. Permitiu, também, que algumas viúvas conseguissem resistir às pressões por novos casamentos e demonstrar habilidade em conservar seus bens (NAVARRO LINS, 2012a). Deu-se, portanto, os primeiros passos de um processo em que a figura feminina deixou de ser repudiada pelos homens e até por si mesmas, para serem consideradas³⁶.

Neste segundo momento, discorreremos sobre acontecimentos e avanços importantes para a reconfiguração do amor e da sexualidade na cultura ocidental. Com isso, constatamos que esses acontecimentos refletiram um movimento em busca do reconhecimento da satisfação sexual e afetiva. Para isso, amor e sexualidade tiveram que cruzar os seus caminhos, algo que até então se deu segregadamente. No entanto, esse cruzamento deu início a um processo de ajustamento de hábitos, costumes e modos de pensar vindos de diferentes contextos, repercutindo no desenvolvimento do amor romântico, em que a realização sexual e afetiva se mostrou intimamente associada às funções da maternidade, paternidade e outras questões correlatas à família.

³³ Conjunto de leis responsáveis por regular todos os aspectos financeiros, administrativos e punitivos do cotidiano dos francos sálhos a partir do reinado de Clóvis I no século V, sendo modificada progressivamente pelos reinados subsequentes.

³⁴ A chamada Idade Média divide-se em Alta Idade Média, entre os séculos V e X, e Baixa Idade Média, entre os séculos XI e XV (NAVARRO LINS, 2012a). A Alta Idade Média ficou marcada pelas invasões dos povos bárbaros nos territórios do império romano e pela consolidação do feudalismo como sistema econômico-político.

³⁵ Segundo o penitencial *são Columbano*, aquele que cometia perjuro por conveniência, informa Rouche (2009, p. 420), deveria ser confinado num mosteiro pelo resto da vida, e aquele que “[...] o cometia por temor devia fazer sete anos de penitência, sendo os três primeiros a pão e água”.

³⁶ Na sociedade medieval, a explosão do culto à virgem Maria pode ter colaborado para a reconfiguração no modo de apreender a mulher. Um tipo de veneração casta que disseminou Maria como uma figura passiva, sofredora e escrava do filho (NAVARRO LINS, 2012a).

2.2.1 A Idade média: O amor cortês e a devoção pelo desejo adúltero.

Ao considerar toda a lógica construída em volta da repressão ao corpo, sobretudo o da mulher, bem como a aniquilação de realizações terrenas por parte da igreja, soa no mínimo curioso relatar a existência de uma relação amorosa entre homens e mulheres cristãos que não se volte em última instância a Deus. Com a profunda influência da igreja, considerava-se no mínimo inaceitável desenvolver um tipo de envolvimento mundano em que o amor pudesse ser concretizado prioritariamente pelo desejo adúltero e que os envolvidos fossem reciprocamente cortejados e vistos de maneira virtuosa e devotada. No entanto, nas regiões que englobam a parte sul da França, os pirineus³⁷ e o nordeste da Espanha (MAY, 2011), artistas desenvolveram o *fin'amor* ou *amour courtois* — amor refinado ou amor cortês. Nos contos, poemas e canções desses artistas — trovadores — enaltecem justamente esse tipo de envolvimento, o amor como a expressão de uma paixão ardente, terrena³⁸.

A proclamação da autonomia dos sentimentos demandou que os trovadores ferissem uma misoginia cultivada por séculos. Para isso, conforme Navarro Lins (2012a) destacou, conceberam uma dinâmica relacional que reproduzia a solidez das relações forjadas entre o senhor feudal e o seu vassalo. Fazendo as vezes de senhor feudal, a mulher foi elevada a um posto de extrema virtude e passou a inspirar a confiança do seu amante. Sob suas mãos, explicou Barros (2015) em seu estudo sobre a relação entre a poesia trovadoresca medieval e o amor cortês, a figura feminina detinha o poder de proporcionar o rejuvenescimento do corpo e do espírito ou fazê-lo sentir as dores da morte em vida. Com isso, a imagem bruta, grosseira e insensível do homem cedeu lugar para outra mais sensível, o vassalo do amor. Uma figura masculina interessada por artes e que passou a adotar a gentileza em suas condutas. Encantados com o que ouviam e acostumados a desvalorizar suas esposas, os homens passam a adular, tecer comentários elogiosos, entre outras cortesias para obter a atenção e admiração de sua amada³⁹. Foi questão de tempo para que o código cortês migrasse dos versos e enredos trovadorescos para a vida dos nobres, sendo adotado também pelos germânicos, italianos e nos demais castelos situados na Europa⁴⁰.

³⁷ Cordilheira localizada na parte sudoeste da Europa, dividindo os limites entre França e Espanha.

³⁸ Navarro Lins (2012a) argumentou que embora a antiguidade já se tenha narrado aventuras e sofrimentos amorosos, nunca a expressaram como esperança de felicidade, tão pouco tenha apresentado o homem sendo servil de qualquer maneira, sobretudo com mulheres.

³⁹ Por meio do flerte e adulação, os cavaleiros dos castelos também viam na troca de gentilezas um recurso eficaz para obtenção de favores e vantagens (NAVARRO LINS, 2012a).

⁴⁰ Da nobreza dos castelos para a população, inesperadamente, o amor cortês expandiu tanto que se manteve profundamente entre os costumes ocidentais (NAVARRO LINS, 2012a).

Entre os cavaleiros medievais, tornou-se recorrente o desejo adúltero pelas esposas de outros homens por despertar excitação e ternura, sentimentos estes dificilmente cultivados nas relações instituídas pelos casamentos. Com sensibilização incitada pelo ideal cortês, considerada como imprópria e inadequada à vida conjugal, esse tipo de envolvimento afetivo amoroso se concretizou em relações adúlteras (NAVARRO LINS, 2012a). Pouco surpreendeu, então, a tendência dos romances em apresentarem finais trágicos, evidenciados pelo cruzamento entre o amor e a morte, sentimentos nobres e sofrimento, e confusão entre as relações socialmente impostas e o amor tido como genuíno (BARROS, 2015).

Não que o amor dentro do casamento seja considerado impossível. Mas o casamento não tendia a encarnar o amor celebrado pelos trovadores, o tipo que, seja ou não consumado, purifica e rejuvenesce o amante através das práticas das virtudes do *fin'amor*. Diz-se que num célebre julgamento de 1174 um Tribunal do Amor sob a condessa de Champagne distinguiu claramente entre a afeição que pertence ao casamento e as possibilidades superiores para o amor fora dele: declaramos e sustentamos como firmemente estabelecido que o amor não pode exercer seus poderes entre duas pessoas casadas entre si. Pois amantes dão todas as coisas um ao outro livremente, sob nenhuma compulsão ou necessidade, mas os casados são compelidos pelo dever a ceder aos desejos um do outro e a não se negarem um ao outro em nada (MAY, 2011, p. 163)⁴¹.

Até este momento, constatamos que o amor e a realização sexual persistiram trilhando caminhos distintos. De um lado, vemos o primeiro sendo concebido pelos trovadores como um dom espontaneamente dado. A igreja, de outro, repelindo qualquer tipo de realização de origem carnal. No meio disso, o casamento como meio de concessão à prática sexual. Apesar disso, essa relação ainda seguiu sendo um arranjo comercial no qual qualquer tipo de consideração individual era indesejada. Ainda que poeticamente, defendeu Rudiger (2013), os trovadores foram responsáveis por conceber as primeiras experiências simbólicas do amor (tido como) profano ao promover o diálogo entre concupiscência e espiritualidade, ideais de cavalaria e desejos sexuais.

Sem dúvidas, o processo de refinamento do amor emergiu como força expressiva para aliviar demandas afetivas e sexuais em um contexto pouco favorável à sua expressão. Contudo, de acordo com a perspectiva de Tannahill (1983), os trovadores jamais recorreram sobre consumação carnal. Alguns chegaram a rejeitar esse desejo. Outros pregavam uma castidade capaz de sobreviver aos perigos das carícias e beijos trocados⁴². Dessa maneira, explicou May (2011, p.166) em seu levantamento, o amor cortês fundou-se em exaltar o “[...]”

⁴¹ Ao mencionar a mesma sentença, Navarro Lins (2012a) também relatou que o julgamento presidido por Maria de Champagne deixou evidente que o verdadeiro amor só poderia ser adúltero pelo fato de não poder existir entre os cônjuges.

⁴² A hierarquização da igreja orientou sob alguma medida que os praticantes do ideal cortês considerassem práticas sexuais mais comedidas como as preliminares mais refinadas em relação ao sexo de modo mais geral (HUNT, 1963).

enriquecimento ético e espiritual do pretendente, e talvez de ambas as partes”. Independente se fosse retribuído ou não, seu valor reside na própria conduta de “[...] amar sua dama com cortesia, serviço e moderação [...]”. A partir desse pressuposto, a intimidade passou a ser algo viável de ser partilhado entre amantes e, com isso, a necessidade de dissimular suas afeições. Conforme Navarro Lins (2012a) analisou, podemos encontrar no amor cortês a convergência de várias influências. Podemos ver a relação da prática amorosa e o enobrecimento do caráter dos gregos — algo que na Grécia esteve fortemente associado às relações homossexuais, a adoção da apreensão dos romanos sobre o adultério como meio de satisfação sexual — os romanos mostravam-se desprendidos de qualquer devoção à pureza das coisas, culto à restrição sexual como meio de valorizar o espírito — algo que o cristianismo fez às custas do rebaixamento da mulher. Ainda que contraditória, a reordenação dessas forças resultou na concepção de algo inédito até então na história do amor no ocidente: a aproximação entre a prática amorosa e a subjetividade emocional, entre amor e sexualidade.

2.2.2 O Renascimento e o discurso moderno de repressão à sexualidade

Sobre a natureza do amor, May (2011) argumentou que a valorização dos elementos da natureza e do corpo humano, a partir do naturalismo e humanismo, deu o pontapé inicial para o rompimento com o pensamento medieval que colocou Deus no centro do universo. Com a ampliação dessa valorização no renascimento, a história assinalou o movimento como um dos primeiros acontecimentos que marcam os tempos modernos, ao reverberar artística e culturalmente um conjunto amplo de mudanças políticas, econômicas, científicas e sociais na Europa entre os séculos XV e XVII. Inspirados na antiguidade clássica, a Europa renascentista passou a valorizar cada vez mais o homem e sua capacidade de transformar a realidade⁴³. Seja nos estudos ou nas expressões artísticas e culturais, a valorização humanista em reconhecer o que há de divino em cada sujeito amparou a ascensão do homem como suprema criação divina, criando, portanto, as bases para o posterior desenvolvimento do individualismo (NAVARRO LINS, 2012). Na economia, a atividade comercial no mediterrâneo teve seu apogeu e galgou a burguesia mercantil a se afirmar socialmente. Na medida em que passaram a reconhecer a razão humana como via de acesso ao conhecimento, a ciência ficou marcada por importantes descobertas, principalmente nas áreas da geografia, medicina, física e astronomia. Foi nesse momento, para exemplificar, que Copérnico rompe com a visão

⁴³ Conforme Navarro Lins (2012a), nesse momento aconteceu a queda na hegemonia da igreja, o que certamente colaborou para a propagação dessa perspectiva de mundo antropocêntrica.

geocêntrica ao defender que a terra gira em torno do sol. Na religião, por sua vez, o ataque do sacerdote germânico Martinho Lutero à corrupção da igreja católica deu início a reforma protestante, na qual cultuou-se, dentre outras crenças, que os pecados seriam absolvidos através de uma relação direta com Deus, e não por meio da intervenção de um confessor ou compra da absolvição (NAVARRO LINS, 2012a).

Os séculos dezessete e dezoito testemunharam uma forte reação do Puritanismo e, em geral, uma intensa hostilidade pelo poder da igreja sobre a sociedade e a política, por parte das classes educadas. Mas, no tocante às relações entre homem e mulher, a “rebelião” equivaleu a uma capitulação inadmissível. Em “desafio” à religião, os escritores e pensadores da que veio a ser chamada Idade da Razão passaram a ver o ser humano não como um pecador, mas, com efeito, como um animal encantador, frágil, talvez, mas não depravado (no sentido religioso) — e, também, passaram a ver o sexo como um esporte, uma aventura, tão desprovido de significado espiritual como o trote de dois animais. Na Idade da Razão se originaram noções tais como a “perversidade racional”, encabeçada por escritores como Diderot e o Marquês de Sade, os quais, por sua vez, influenciaram muitos escritores românticos do século dezenove. Essa tendência de “desafiar” a moralidade religiosa exaltou a crueldade sexual (BRANDEN, 1982, p. 35).

Para Branden (1982), esse conflito despontou um esforço, expresso em grande parte pela literatura e outras formas de expressões artísticas e culturais⁴⁴, para desenvolver um meio de integrar sentimentos de ternura e afeição com o desejo sexual. Em outras palavras, cruzar o amor e a expressão da sexualidade. Contudo, o acento puritano do catolicismo em diversos países do ocidente permaneceu cultivando o menosprezo por realizações terrenas. Respeitado, o casamento seguiu com a finalidade de produzir herdeiros e, claro, como meio permitido para alívio da incontinência. Talvez, ponderou o autor, a mudança tenha ocorrido em justificar o reconhecimento desses valores em nome da razão. Mesmo com a reforma, os representantes da igreja ainda cultuavam a repulsa pela sexualidade. Como parte dela, destacou Giddens (1993, p. 29), a Igreja tornou-se ainda mais insistente no cerceamento de seus fiéis na medida em que a confissão se tornou mais regular e que “[...] não apenas os atos, mas também os pensamentos, fantasias e todos os detalhes relacionados ao sexo deveriam ser trazidos à tona e examinados”. Anti-romântica, a igreja protestante repreendeu, talvez, mais severamente, os comportamentos sexuais⁴⁵.

Toda essa repressão em torno da sexualidade chamou a atenção de Foucault (2005). Ao refletir sobre isto, o autor constatou que a modernidade desenvolveu um poder que, contraditoriamente, caracterizou-se por negar sua interdição. Na visão do filósofo, não é a

⁴⁴ O autor cita as peças de Shakespeare, escritores como Heinrich Cornelius Agrippa e intelectuais como John Milton, que na época defendia que o amor fosse a causa para o matrimônio e não questões financeiras como o dote.

⁴⁵ Branden (1982, p. 34) relatou que “de acordo com as regras de Calvino, a fornicação era causa de exílio, e o adultério era punido com a morte por enforcamento ou decapitação”.

ocultação do sexo que especifica seu discurso na civilização moderna, mas a sua contínua discussão e investigação em diferentes textos e registros médicos. Para a análise, agrupou as proibições, censuras e recusas desses registros na hipótese repressiva, considerando-a como um mecanismo central que reverberou mais uma vontade de saber do que uma necessidade por ocultação. Com isso, não pretendia afirmar "[...] que o sexo não tenha sido proibido, bloqueado, mascado ou desconhecido desde a época clássica [...]", tão pouco que "[...] a partir daí ele tenha sido menos do que antes" (FOUCAULT, 2005, p. 17). Mas reconhecer como todos esses elementos vocacionados em negá-lo foram (e ainda são) peças estratégicas em uma ordem discursiva que valorizou o recato, o pudor e as relações heteroafetivas.

Civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem de ser interno. Quem fala em modernidade fala em superego. O próprio Foucault parecia aceitar algo de uma perspectiva similar em seus escritos anteriores, considerando a vida social moderna como intrinsecamente vinculada à ascensão do "poder disciplinar", característico da prisão e do asilo, mas também de outras organizações, tais como empresas comerciais, escolas ou hospitais. O poder disciplinar supostamente produzia "corpos dóceis", controlados e regulados em suas atividades, em vez de espontaneamente capazes de atuar sobre os impulsos do desejo. O poder aparece aqui, acima de tudo, como uma força de repressão. No entanto, no modo como Foucault passou a avaliá-lo, o poder é um fenômeno mobilizador e não apenas um fenômeno que estabelece limites; e aqueles que estão sujeitos ao poder disciplinar não são, de modo algum, necessariamente dóceis em suas reações. O poder, por isso, pode ser um instrumento para a produção do prazer: não se coloca apenas em oposição a ele. A "sexualidade" não deve ser compreendida somente como um impulso que as forças sociais têm de conter. Mais que isso, ela é "um ponto de transferência especialmente denso para as relações de poder", algo que pode ser subordinado como um foco de controle social pela própria energia que, impregnada de poder, ela gera (GIDDENS, 1993, p. 27-28).

Em outras palavras, Foucault (2005) viu na repressão da sexualidade um instrumento para o controle social e à docilização dos corpos a partir da atuação de discursos que funcionam como instrumentos pedagogizantes na medida em que despertam mais medo do que libertação do sujeito — medo da discriminação social, do julgamento divino, de contrair doenças, entre outros⁴⁶. O impacto desses discursos pode ser constatado no modo como os governos passam a lidar com questões como a expectativa de vida social, taxas de mortalidade e natalidade, controle da saúde a partir do monitoramento de doenças e moradia. Com isso, os padrões de conjugalidade (e sexuais) foram reforçados e regulados por outros discursos vindos de âmbitos como jurídico, religioso, científico e, claro, midiático.

⁴⁶ Qualquer um que acredite que a "hipótese repressiva" não contém verdade poderia refletir sobre o fato de que na Grã-Bretanha, apenas há cerca de 75 anos, muitas moças solteiras que ficavam grávidas eram enviadas aos milhares para reformatórios e hospitais mentais. O ato de deficiência mental, promulgado em 1913, permitia que as autoridades locais autuassem, e mantivessem indefinitivamente presas, as mulheres solteiras grávidas que fossem pobres, desamparadas ou apenas "imorais" (GIDDENS, 1993, p. 90).

Na literatura erótica do século XIX, sobretudo nas imagens apresentadas, podemos observar a descrição e o direcionamento para a formação de uma relação heteronormativa e a exploração do espaço privado: a casa e a cama como lugares permitidos para o sexo; a predeterminação de condutas esperadas a homens e mulheres; práticas sexuais e afetivas positivadas, entre outros apontamentos que desenvolveram a construção de uma consciência de si e o doutrinamento desta na interioridade do sujeito. No discurso científico, o tom de revelação também produziu (e segue produzindo) sutilmente formas de aparição do sexo. A repressão à prática homossexual, por exemplo, foi apresentada como uma anomalia, uma aberração sexual dissecada e exposta publicamente por médicos, psiquiatras e outros profissionais. Diferentemente da sodomia proibida na civilização pré-moderna como uma evidente medida voltada para sua extinção, a repressão à homossexualidade na modernidade se fundou mais em destacá-la como um padrão comportamental indesejado. Devidamente atravessada e alinhada por questões políticas, econômicas e culturais, discursos como estes acabam cerceando as condutas mais por recomendações do que pelo rigor da proibição.

Ao passo que Foucault (2005) apresentou questões-chave para se pensar a sexualidade na modernidade, Giddens (1993) resolveu situá-las em outra ordem interpretativa. Para o sociólogo (1993), no momento em que o filósofo (2005) focou no discurso e nas relações de poder, seu olhar se voltou demasiadamente para a sexualidade em detrimento do gênero sexual, desconsiderou associações importantes como a sexualidade e o amor romântico. Associação importante para refletir as mudanças nos arranjos familiares, por exemplo. Com isso em mente, Giddens (1993, p. 33) sugeriu uma alternativa ao “[...] desenvolvimento mais ou menos direto, desde o “fascínio” vitoriano pela sexualidade até os tempos mais recentes” desenvolvido por Foucault (2005). Para o sociólogo (1993), “[...] há contrastes importantes entre a sexualidade revelada na literatura médica vitoriana, e ali efetivamente marginalizada, e a sexualidade como um fenômeno cotidiano em milhares de livros, artigos e outras fontes descritivas atuais”. E, restrito ao âmbito discursivo, torna-se complicado compreender essas questões, uma vez que nos limitamos na posição teórica de analisar o poder, o discurso e o corpo. Ao examinar os critérios adotados por Foucault (2005), Giddens (1993) considerou outros além do econômico no envolvimento conjugal. No renascimento já circulava a necessidade de se considerar o desejo sexual, conforme Branden (1982) havia dito: o acesso aos ideais românticos através da disseminação massiva dos romances aos populares; o despreendimento do vínculo conjugal com outros laços familiares, inferindo, portanto, um caráter especial à relação; na consideração do lar como refúgio, no qual os envolvidos

poderiam obter acolhimento emocional em contraste com o caráter instrumental do ambiente do trabalho, entre outros mais recentes⁴⁷.

2.2.3 O Romantismo e a valorização da realização sexual e afetiva

O esforço em unir amor e sexualidade, plantado no renascimento, ganhou frutos a partir das mudanças sociais ocorridas no final do século XVIII. Tal qual Branden (1982), Giddens (1993) e Navarro Lins (2012a) consideram que a valorização da realização sexual e afetiva a partir do amor romântico como ideal cultural não pode ser compreendida dissociada do contexto político-econômico específico do final do século XVIII, entre os quais destacam-se: a queda do estado absolutista como sistema político-social, a consequente emergência do liberalismo ancorada pelo iluminismo⁴⁸, a revolução industrial⁴⁹ e a revolução francesa⁵⁰. Esses acontecimentos propiciaram a expansão da burguesia e a ascensão da ideia de igualdade, fraternidade e liberdade. Em meio ao culto exacerbado a instrumentalização da razão, expressas, sobretudo, na ênfase no trabalho e progresso, o romantismo emergiu enquanto movimento político, cultural e social (RUDIGER, 2013). Dessa oposição, os românticos defenderam o sentimentalismo como filosofia de vida alternativa. Segundo Campbell (2001), o romantismo se caracterizou pela profunda insatisfação com as regulações da realidade moderna, uma inquietante ansiedade e predileção pelo singular, atípico e curioso, e fascínio por sonhos, devaneios, questões místicas e tudo aquilo que opusesse a racionalidade. A expectativa por melhores condições alimentou os românticos a lidarem com as frustrações de um mundo que bania a autoexpressão.

⁴⁷ Entre os aspectos mais recentes, Giddens (1993) destacou o encolhimento do tamanho das famílias, a introdução de métodos contraceptivos, a ampliação do acesso à educação, sobretudo por parte das mulheres, a reprodução sem prática sexual através de técnicas de reprodução artificial, e o advento de uma sexualidade dissociada à procriação, conduzindo o sociólogo a constatar a reconfiguração na intimidade. Algo que exploraremos melhor no item 4.3.

⁴⁸ Movimento intelectual que nasceu na Inglaterra, França e Holanda entre os séculos XVII e XVIII. A partir dos desenvolvimentos que vinham sucedendo desde o renascimento, os iluministas conceberam os ideais de liberdade política e econômica (razão) em reação às trevas do antigo regime. Ideal este largamente defendido pela burguesia.

⁴⁹ Entende-se por Revolução Industrial o conjunto de reordenações econômicas e sociais ocorridas na Inglaterra e depois em toda a Europa nos séculos XVIII e XIX a partir da substituição da subsistência do processo produtivo artesanal pelo assalariado com a mecanização do trabalho. Com isso, os operários perderam o completo conhecimento sobre a técnica de fabricação, passando a executar apenas etapas do processo sob péssimas condições e baixa remuneração.

⁵⁰ Resultante de uma aguda crise econômica, política e social no final do século XVIII, a Revolução Francesa proclamou o fim da ordem que arregimentava a extrema desigualdade social entre as classes sociais. Com a popularização dos ideais iluministas, a Revolução ficou marcada por dar início ao processo que universalizou os direitos sociais e liberdades individuais, e abrir caminho para o sistema político republicano — a democracia representativa, nos termos atuais.

No âmbito afetivo amoroso, comumente o romantismo vinculou-se à ideia de cultivo do afeto e a busca por realização emocional como um princípio de sociabilidade (CAMPBELL, 2001). Considerando a individualização desse ideal, o movimento rompeu “[...] com tudo o que é funcional, econômico, político e moral num relacionamento, por obra de uma paixão absolutamente singular entre duas (ou mais) pessoas” (RUDIGER, 2013, p. 25). Para isso, exaltou um individualismo voltado para a subjetividade, de poder concretizar externamente o desejo da interioridade do sujeito, tida como a verdadeira expressão da sensibilidade. Com o reconhecimento da singularidade dos desejos e afetos, a interioridade adquiriu centralidade frente a um mundo externo repleto de injustiças e imposições que cerceiam até no modo como os sujeitos deveriam sentir. Aos olhos conservadores, essa filosofia se mostrou desvirtuosa por alicerçar condutas meramente egoístas e que pouco contribuem para o avanço ou aflições coletivas.

Todo o impacto causado pela valorização da ética romântica fez Campbell (2001) explorar sua estreita afinidade com o consumismo moderno. Na busca por uma teoria do consumo menos atrelada a conceitos econômicos utilitaristas, uma vez que se voltam mais as reordenações nas técnicas de produção e menos ao que fundamenta o consumo, seu estudo reconheceu as imagens e sentidos simbólicos dos produtos culturais como engrenagens tão concretas quanto os bens em si. Para além de elementos de distinção econômica e cultural, a ascensão da burguesia desvelou um tipo de consumo de ordem mais hedonista, voltada ao prazer. Não à toa, o romantismo foi fundamental ao espírito do consumismo, principalmente a partir da leitura da literatura romântica. Na ficção, a valorização emocional estimulou os sujeitos, principalmente as mulheres, a encontrarem via consumo uma maneira autoilusiva para alimentar e concretizar a necessidade por realização sexual e afetiva.

Antes da Revolução Industrial e o impacto do romantismo na cultura, o conteúdo da literatura ocidental, relatou Branden (1982), era dominado por histórias em que o destino abatia homens e mulheres. Nos poemas épicos, crônicas e também nas peças teatrais, as personagens se mostravam reféns de um curso de vida pré-definido e que, conseqüentemente, escapava das suas escolhas e desejos. Aqueles que tentavam superar seu destino foram persistentemente derrotados. A reordenação incitada pelo romantismo na literatura se deu através do rompimento com esses valores, na medida em que retratava a vida humana através de valores escolhidos subjetivamente. Refletiam, portanto, a aversão por qualquer força de regulação externa — convenções sociais ou forças sobrenaturais. Em meio aos romances, folhetins e tantos outros formatos massivos desenvolvidos, celebrou-se o individualismo a partir de personagens que detinham o poder de definir os rumos de sua própria vida,

delegando objetivos e metas que seriam narrados ao longo de uma série de entraves a serem superados. O consumo ávido dessas narrativas, de acordo com Giddens (1993, p. 55), “[...] buscava no êxtase o que lhe era negado no mundo comum. Vista deste ângulo, a realidade das histórias românticas era uma expressão de fraqueza, uma incapacidade de se chegar a um acordo com a autoidentidade frustrada da vida social real”.

[...] a escolha é o fator supremo de nossa existência. Este é o ponto de contato mais profundo entre o romantismo na literatura e o amor romântico no sentido moderno. Infelizmente, os escritores que procuravam dramatizar essa visão da situação humana foram apanhados numa armadilha: achavam, consciente ou inconscientemente, que os valores da moralidade tradicional não se aplicavam a este mundo, que não podiam ser postos em prática, não podiam ser bem-sucedidos, não podiam ser úteis ao ser humano como um guia para o sucesso ou para a felicidade. Esta é a razão por que tantas novelas românticas, cujo sentido vital é essencialmente pró-homem/mulher e pró-mundo, tiveram finais trágicos, como em *Notre Dame de Paris* ou *The man Who Laughs* (o homem que ri), de Victor Hugo. Essa é também a razão por que tantas novelas românticas foram escritas no passado, em algum período remoto da história — com marcante preferência pela era medieval — como as novelas de Walter Scott, ou as novelas “de costumes” atuais, que estão entre os últimos vestígios da escola romântica” (BRANDEN, 1982, p.44).

No meio social, a tentativa dos românticos em cultivar a prática do amor proibido (RUDIGER, 2013) elevou a sexualidade como pressuposto relevante na cultura. Contudo, a conquista por um arranjo relacional amoroso que colocasse o desejo sexual como prioridade acabou sendo ajustada aos costumes burgueses. Uma adaptação que evidentemente não se deu sem conflitos. No século XIX, Branden (1982, p. 47) atentou para o processo em que os ideais românticos foram domados, agindo sobremaneira na liberdade e no individualismo, suas principais bandeiras. A civilização moderna se encontrava em um momento em que certezas — filosóficas, científicas e sociais — foram colocadas em xeque. A expansão massiva de produtos culturais que falavam diretamente com (e para) a classe média emergente acabou alimentando o imaginário e suprimindo, através do consumo, a busca por bases sólidas. Com isso, o envolvimento amoroso a partir do interesse sexual e afetivo dos envolvidos progressivamente passou a ser reconhecido como ponto de seguridade e apoio no qual homens e mulheres poderiam se apegar. Conseqüentemente, passou a ser adotado entre os burgueses como um “[...] conveniente acessório do casamento”, convertendo a devoção conjugal em um dever social. O casamento e a subsequente formação familiar foram idealizados como instituições fundamentais para a estabilidade social. Nascia, portanto, um amor romântico que não aparentava ser muito “romântico”.

Esse mesmo processo foi destacado recentemente pelo trabalho de Chaves (2004) para pensar os relacionamentos na pós-modernidade. Na medida em que os românticos conquistaram a valorização da realização sexual e afetiva no amor conjugal, explicou a autora,

a premissa romântica teve de ser adequada aos valores e ideais burgueses. Esse processo promoveu uma espécie de “aburguesamento” do romantismo, desenvolvendo uma versão do amor romântico que define como domesticada⁵¹. Em vias práticas, ao passo que os parceiros poderiam ser escolhidos por razões sentimentais, perdia-se a essência do movimento em defender a fluidez das emoções a partir da ênfase da experimentação, assinalando a relativização da importância da sexualidade. Um processo que Giddens (1993) também já havia atentado:

O complexo de idéias associadas ao amor romântico pela primeira vez vinculou amor com a liberdade, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis. O amor apaixonado tem sido sempre libertador, mas apenas no sentido de gerar uma quebra da rotina e do dever. Foi precisamente esta qualidade do *amour passion* que o colocou à parte das instituições existentes. Os ideais do amor romântico, ao contrário, inseriram-se diretamente nos laços emergentes entre a liberdade e autorrealização.[...] Frequentemente considera-se que o amor romântico implica atração instantânea — “amor à primeira vista”. Entretanto, na medida em que a atração imediata faz parte do amor romântico, ela tem de ser completamente separada das compulsões sexuais/eróticas do amor apaixonado. O “primeiro olhar” é uma atitude comunicativa, uma apreensão intuitiva das qualidades do outro. É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, “completa” (GIDDENS, 1993, p. 50-51).

De fato, o romantismo foi assertivo em incutir a liberdade e individualismo no processo de arranjo conjugal. No entanto, esses elementos se viram subordinados aos ideais de virgindade, monogamia e reserva erótica, principalmente por parte das mulheres. Mais do que isso, a ideia de sexualidade se mostrou condicionada às obrigações do casamento, a procriação e organização familiar. Por isso, Giddens (1993, p. 10) considerou que “[...] o amor romântico pode ser encarado como um compromisso ativo e radical com o machismo da sociedade moderna”. Aos homens, a realização sexual e afetiva se misturou com as responsabilidades de prover financeiramente a família. As mulheres, por sua vez, tiveram a realização sexual e afetiva atrelada à incumbência de cuidar da casa, do marido e da criação dos filhos. E, de certa maneira, o amor romântico domesticado favoreceu a diminuição do envolvimento sexual do casal em função da paternidade, maternidade e outras obrigações correlatas (CHAVES, 2004).

Frente ao processo destacado, considero pertinente chamar a atenção ao que Chaves (2004) apreendeu como as duas vertentes do amor romântico: na primeira vertente, a realização sexual e afetiva se mostrou intimamente alinhada às regulações morais burguesas a partir da formação de um laço conjugal sólido (casamento) — vertente designada por Chaves (2004) de amor romântico domesticado, por Braden (1982) de amor romântico domado e por

⁵¹ Chaves (2004) adotou o termo “domesticado” para enfatizar a derivação do amor romântico, ou melhor, do uso que o amor conjugal burguês fez do romantismo. Com isso, evidenciou a dinâmica que introduziu a realização sexual e afetiva no interior do casamento.

Giddens (1993) de amor romântico. Já a segunda vertente, mais voltada às bandeiras do romantismo em sua origem, sendo marcadamente mais passional, fluída e contrária às obrigações da rotina cotidiana — vertente definida por Chaves (2004) como apaixonamento romântico e por Giddens (1993) de amor apaixonado. Enquanto a versão domesticada assinalou o entrelaçar do amor e a liberdade a partir da “autonomia” do sujeito em escolher o (a) parceiro(a) pelo(a) qual deseja se comprometer — sexualmente e socialmente, o apaixonamento romântico adotou a liberdade como algo aprisionador “[...] que transborda e toma a vida do indivíduo, a qual passa a girar em função desse sentimento” (CHAVES, 2004, p. 104). Refratário ao casamento, Giddens (1993, p. 48) explicou que o *amour passion*, ou melhor, o amor apaixonado “[...] pode ser religioso em seu fervor”, capaz de perturbar relações sociais cristalizadas e direcionar o sujeito a tomar medidas radicais e irresponsáveis. Conseqüentemente, no interior de uma cultura em que a realização sexual e afetiva passou a ser reconhecida de modo domesticado, o apaixonamento romântico se converteu na mais nova ameaça à ordem e às obrigações sociais, justamente por enfatizar a mudança e a experimentação.

2.2.4 A Domesticação do amor romântico: o ordenamento romântico relacional

Embora a ideia de romance tenha expressado e contribuído para a reordenação da vida social como um todo, Giddens (1993, p. 51) advertiu que a modernidade se mostrou inseparável da “[...] compreensão racional dos processos físicos e sociais [...]”. Se a razão não abriu espaço para a emoção, o amor romântico acabou destacando um processo em que a vida emocional passou a ser racionalizada na medida em que “[...] passava a ser reordenada nas condições variáveis das atividades cotidianas”. A realização sexual e afetiva a partir da ideia de romance (abrandado) deixou de ser uma invocação de possibilidades para converter-se em um meio potencial de controle do futuro e uma maneira de fornecer segurança psicológica, a priori, aos envolvidos (GIDDENS, 1993, p. 52).

Com isso em mente, busco neste tópico, ilustrar o encadeamento das práticas romântico-amorosas e o modo como se alinham à ordem mais geral que priorizou o casamento e a família. Para isso, me apoio em Azevedo (1981) que desenvolveu uma pesquisa com enfoque antropológico sobre os processos em torno do namoro no Brasil. O contato com a literatura de costumes e os estudos sobre casamento e famílias brasileiras, para caracterizar explicitamente as regras do namoro, orientou o antropólogo a reconhecer que:

[...] já no século XIX, o antigo padrão começou a ser substituído pelas exigências do amor romântico ainda que este continuasse a depender bastante das obrigações morais e até jurídicas do privatismo familiar e das tradições patriarcais. Firmava-se a norma do consentimento individual condicionado, elegendo-se os candidatos ao casamento de modo imediato pela simpatia, pela atração física, pela correspondência afetiva, tudo subordinado a critérios de estamentos ou classes sociais. Dessa maneira, estruturava-se o padrão aqui referido como namoro tradicional (AZEVEDO, 1981, p. 223).

O namoro tradicional ordenou as relações a partir da premissa mais geral de promover a união matrimonial. Esta relação costumava passar por duas fases anteriores ao compromisso considerado oficial — o noivado. A primeira fase compreende a exploração das possibilidades na quais olhares são trocados e sinais de interesse são emitidos reciprocamente. Estruturalmente, Azevedo (1981) a compreende como a etapa em que os envolvidos buscam maneiras de se comunicar e se aproximar. Espaços públicos como praças, momentos de comunhão social como as missas se converteram em oportunidades para sua manifestação. É preciso ressaltar que essas condutas de manifestar interesse sexual e afetivo deveriam ser contidas, discretas, em uma clara medida para evitar possíveis distorções interpretativas, seja entre os interessados ou pelos olhares dos outros⁵². A segunda fase, por sua vez, promoveu maior aproximação entre os envolvidos, ou o namoro em si, considerando a recorrência dos encontros. Tratava-se de um primeiro passo para o autoisolamento do casal, sobretudo em seus momentos iniciais. Muito em função disso o namoro se dava às escondidas, uma vez que a relação ainda não era reconhecidamente oficializada. Era o momento de avaliar a seriedade dos propósitos e qualificações dos envolvidos em executar o projeto de união conjugal. Já a terceira fase, abarcou o compromisso em si, o noivado. Esse momento foi caracterizado pelo amadurecimento da relação na medida em que o rapaz se declara aos familiares da interessada, reverberando sua intenção de casar. Como símbolo do noivado, os envolvidos costumavam usar anéis de compromisso no dedo anular da mão direita. Com seu novo status relacional, o casal deixa de ocultar a relação e passa a ostentar seu alinhamento com as convenções sociais estabelecidas. Nos meses ou anos de duração do noivado, as famílias dos envolvidos se empenharam em criar as condições para a concretização da união — buscar moradia para o casal, direcionar o jovem em uma ocupação profissional para subsidiar economicamente o casamento e a vida familiar, etc.

Aquela inclinação natural, espontânea e ainda meramente biológica, aquela espécie de *apetite behavior*, cuja ativação resulta de fatores internos e externos e de

⁵² Azevedo (1981) relatou que os almanaques e antigos manuais de namorados recomendavam que os homens deveriam ser assertivos em expressar seus interesses (nobres, leia-se casamento) e, ao mesmo tempo, evitar que a reputação da interessada fosse comprometida. Por isso, recomendavam a comunicação a distância por meio de códigos como cores de roupas, lenços no bolso do peito, entre outros, que somente os envolvidos entenderiam.

condições motivadoras (Fletcher, 1966, p. 289-312; Henriques, 1963, p. 155 ss.), é orientada e canalizada culturalmente e socialmente através de associação diádica heterossexual que começa pela camaradagem, pela amizade sem propósitos específicos de sentido afetivo-sexual, produzida pela comunicação na vizinhança, na escola, no trabalho, nos encontros sociais ou na rua. Apesar dessas implicações fisiológicas, toda associação de tal natureza obedece às tendências gerais das díades humanas, funcionando em parte segundo as peculiaridades dos indivíduos participantes e os interesses abstratos das coletividades. Esse caráter pessoal e íntimo é, entretanto, subordinado a normas e princípios socialmente estabelecidos e culturalmente pautados [...] Pares formados por amor ou por inclinação amorosa são dependentes de costumes, de tradições, de círculos de convívio, de localidades, de laços de família e de posições na sociedade (AZEVEDO, 1981, p. 226).

Em um contexto mais urbano, a versão moderna do namoro continuou a abstratamente atuar em: a) encaminhar e amparar o processo de seleção do futuro cônjuge; b) trabalhar em driblar a promiscuidade sexual (ou o que consideravam promiscuidade na época) na futura relação ao cultivar o afeto entre os envolvidos em uma união monogâmica; c) associar os compromissos relativos ao casamento com os papéis de pai e mãe. Entre os efeitos provocados por essa estruturação, argumentou Azevedo (1981), afastar as moças mal vistas socialmente do casamento e valorizar os rapazes ajustados às expectativas burguesas — ainda que não excluísse aqueles que fossem contra.

Para o autor (1981), a institucionalização do *footing* — passeio dos jovens de classe abastada pela cidade⁵³ — em meio ao processo de modernização dos grandes centros urbanos marcou simbolicamente a reconfiguração do namoro. Agora moderno, o cenário que favoreceu o encontro de homens e mulheres para expressarem indiretamente, e por vezes diretamente, seus interesses sexuais e afetivos, tornou-se mais arrojado. Com isso, passou a adotar o nome de flerte, em uma clara referência aos novos ares. Os anos seguintes à Primeira Guerra, por exemplo, trouxeram os automóveis do estrangeiro. Aqueles com posses utilizavam os carros como meios bem-sucedidos entre os jovens. As “[...] “baratinhas” em que os moços esportistas e os “almofadinhas”, além de sua elegância, deslumbravam as “melindrosas” e as atraíam ao namoro” (AZEVEDO, 1981, p. 228). Enquanto as moças e rapazes de classes mais modestas continuam a usar as ruas, praças próximas, ou seja, locais distintos dos jovens mais abastados.

Nesse momento, na segunda fase, o namoro se modernizou ao adotar uma postura menos oculta. Com a relação mais exposta, algumas liberdades antes restritas ao noivado migraram para essa fase, como acompanhar a moça em locais públicos. A duração do namoro não deveria caminhar muito fugazmente para o noivado, compromisso este praticamente

⁵³ No Brasil, Azevedo (1981, p. 227) destacou de modo geral praças, sorveterias, matinês e teatros, mas também lugares como “[...] Praça do Ferreira, em Fortaleza, a Rua XV de Novembro, em Curitiba, a Rua do Chile, em Salvador, a Rua da Praia, em Porto Alegre, o Largo do Palácio, em Florianópolis [...]”

indissolúvel, nem se prolongar demasiadamente, uma vez que pode promover qualquer aproximação mais íntima que comprometesse a moral da moça⁵⁴. Do começo até o pedido, o namoro, em geral, durava entre um e três anos.

Frente às dificuldades de se sobreviver economicamente sob as regras e condições impostas pela elite, as classes menos favorecidas apresentavam dificuldades em reconhecer as referências institucionais das classes mais abastadas. Aliado a esse fator, a constituição da sociedade brasileira da época contou com a heterogênea formação de africanos, portugueses, índios e outros tantos estrangeiros, promovendo um cenário de pluralização cultural e sincretismo (CHAVES, 2004). Elementos estes que, na visão de Chaves (2004), possibilitaram a flexibilização das imposições romântico-amorosas modernas. Muitos homens e mulheres, principalmente por questões financeiras, acabaram se afastando do protocolar casamento e optaram por formas mais viáveis de união conjugal — amasiamento, por exemplo, na qual a virgindade e a pureza não era um valor tão fundamental. Apesar de sofrerem a regência de um mesmo discurso e considerarem suas recomendações (sobretudo as médicas higienistas), era comum por parte das classes menos favorecidas se relacionarem romântico-amorosamente sem tantas amarras, de modo mais desenvolto. Cultuavam o flerte, o namoro e até o casamento, embora desenvolvessem regras distintas, mais atreladas às expectativas e valores dos parceiros, tais como a honestidade e cumplicidade. Variações estas que demarcaram uma reordenação do amor romântico sem uma ênfase demasiada no aperfeiçoamento do mundo⁵⁵ (CHAVES, 2004).

2.3 A REALIZAÇÃO SEXUAL E AFETIVA, A RECONFIGURAÇÃO

Como se viu, a configuração moderna concebeu e alimentou a expectativa de usufruir a liberdade. No entanto, esse ideal teve de ser freado pelo propósito mais geral da seguridade. Todas as instituições, entre as quais o casamento e a família, trabalhavam rigidamente em regular a intimidade e a vida social. Sutilmente, homens e mulheres foram orientados a buscar relações heterossexuais e monogâmicas voltadas à constituição de família como pressuposto

⁵⁴ Azevedo (1981, p. 251) argumentou que namorados e noivos rompiam seus compromissos em função de sua namorada ou noiva terem “[...] se prestado ou acedido em ter relações sexuais com eles mesmos [...]”. Com a moral ferida, a moça só tinha três alternativas: o casamento arrumado, o celibato ou a prostituição, este último caso, sobretudo, para famílias com poucas condições.

⁵⁵ Para a autora, essa reordenação não se mostrou parecida com o amor apaixonado, uma vez que os sujeitos apresentam uma preocupação sobre si e suas obrigações no cotidiano, algo que era completamente desconsiderado em busca da satisfação imediata da paixão.

para felicidade. Sem qualquer tipo de questionamento moral ou individual, os sujeitos acabavam por saber o seu lugar no mundo, bem como o curso (predeterminado) de suas vidas. Toda a restrição às liberdades individuais em prol do bem comum acabou, por outro lado, aflorando descontentamentos.

Para Navarro Lins (2012b), a primeira metade do século XX foi caracterizada pela crescente busca pelo prazer, uma vez que um gradual número de pessoas passou a valorizar a associação entre realização sexual e amor, fazendo com que as regulações modernas em torno do sexo começassem a ruir. As mídias foram fundamentais nesse processo. Diante da queda de público nos cinemas durante a época da grande depressão⁵⁶, exemplificou a autora (2012b), as produções norte-americanas resolveram aumentar as cenas de sexo. Filmes protagonizados por estrelas como Joan Crawford (1906-1977) e Mae West (1893-1980) mobilizaram multidões, tirando estúdios como *Paramount* do negativo. Repercutindo o modo como a sexualidade estava sendo apreendida, *Hollywood* não somente reverberou como inspirou o envolvimento sexual. A ficção de seus filmes visivelmente contaminou a realidade⁵⁷.

Socialmente, os conflitos causados pelas guerras mundiais produziram uma suspensão provisória da ordem social, abrindo caminho para o florescimento de uma sexualidade sem tantas amarras. Navarro Lins (2012b) argumentou que os jovens tiveram de lidar com o dilema de apressar o casamento ou esperar até que os conflitos terminassem. Independentemente do caminho que optassem, práticas romântico-relacionais acentuadamente mais dirigidas à satisfação sexual e afetiva emergiram. Muitas vezes, essas relações ocorriam extraconjugalmente, seja da parte das mulheres ou dos homens em combate. Distantes de casa, os homens continham seus ímpetos sexuais em envolvimento com moças nas cidades em que acampavam durante os conflitos, isso quando não se relacionavam com outros soldados. De maneira mais reservada, com as mulheres não foi diferente. Impulsionadas ao mercado de trabalho, passaram a ter maior autonomia ao exercer ocupações deixadas pelos homens e a preencher outras novas que surgiram na indústria em torno da guerra⁵⁸. Mesmo

⁵⁶ Considerado historicamente como o pior e mais longo momento de recessão econômica. A crise que teve início em 1929, com a queda da bolsa de valores de Nova Iorque, fez entrar em colapso o sistema capitalista e o liberalismo econômico, uma vez que rapidamente espalhou-se nos Estados Unidos e no mundo. No Brasil, impactou diretamente na produção do café, principal produto de exportação, cessando plenamente com a II Guerra Mundial.

⁵⁷ A autora reconheceu a atuação dos jornais, revistas, rádio e a TV nesse processo. Contudo, considerou que o cinema causou maior impacto em reverberar as modificações das atitudes e hábitos sobre o sexo.

⁵⁸ Navarro Lins (2012b) se apoiou no trabalho de Marilyn Yalom (2001) sobre a força de trabalho feminino nesse período. Para se ter ideia, dos 6.500 milhões de mulheres norte-americanas empregadas durante a guerra, 3.700 milhões eram casadas, algo inédito na história dos Estados Unidos. Ver: YALOM, Marilyn. *A história da esposa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

com um breve retorno aos costumes no pós-guerra, não fazia mais sentido viver em função do lar e serem completamente submissas aos homens.

Na perspectiva de Giddens (1993), a transição de uma civilização que condenou, para outra, que estimulou a sexualidade, pode ser encontrada nas várias manifestações por reconhecimento social e legal por parte das mulheres e dos homossexuais. Esses acontecimentos, ocorridos nos últimos 40 anos do século XX, foram cruciais para o reconhecimento da realização sexual e afetiva ou para a emergência de uma sexualidade plástica, nos termos do sociólogo. Além do movimento feminista e gay, Navarro Lins (2012b) reconheceu também outros movimentos de contracultura como os hippies e a revolução sexual, na medida em que desenvolveram novos paradigmas ao contestarem os padrões e preceitos judaico-cristão. Fundamentalmente pacíficos, a contracultura em suas várias frentes — Movimento Feminista, Gay, Hippie e a Revolução Sexual — eclodiu em razão das várias opressões que acompanharam o homem desde os primórdios da civilização ocidental.

2.3.1 Contracultura: O movimento gay, feminista, hippie e a revolução sexual

Como todas as práticas sexuais que não fossem voltadas à procriação, a homossexualidade já foi caracterizada como crime, violentamente reprimida e apreendida como doença. Os setores conservadores da tradição burguesa cristã trabalharam (e ainda trabalham) em regular a sexualidade como um meio de conter a normalização dessa minoria sexual. Em resposta a esse histórico de opressão, o movimento gay surgiu sob o pressuposto de romper com a heterossexualidade como única via normal de acesso à sexualidade. A busca pelo reconhecimento mobilizou a reflexão sobre a ênfase da figura masculina por parte da sociedade patriarcal, alinhando-se com as reflexões feministas.

Considerando a inviabilidade física para reprodução, a prática sexual dos gays não tinha outro pressuposto além da realização sexual e afetiva. Interessadas em expressar seus desejos, as feministas se identificaram com a causa ao reivindicarem a exclusividade dos homens à sexualidade. Para Giddens (1993), o surgimento de tecnologias em torno do sexo e da reprodução colaborou no processo de desassociação do sexo e reprodução. Já Navarro Lins (2012b) considerou que a disseminação dessas tecnologias acabou aproximando a hetero e homossexualidade, uma vez que ambas podem se fundar pela gratificação recíproca.

O processo de reconhecimento da homossexualidade se amparou na popularização do termo gay, apropriado e convertido em compromisso coletivo. Intimamente, argumentou Giddens (1993, p.24), disseminou uma sexualidade “[...] como uma qualidade ou propriedade

do eu. Uma pessoa “tem” uma sexualidade, gay ou outra qualquer, que pode ser reflexivamente alcançada, interrogada e desenvolvida.”. Ao refletir alegria e cores, a apropriação do termo gay buscou trabalhar a positivação da homossexualidade ao proclamar o descobrimento sexual e o reconhecimento social desse processo. Navarro Lins (2012b) destacou que no final de 1960 homens e mulheres gays gradualmente começaram a sair do obscurantismo em cidades americanas como São Francisco e Nova York. Com o tempo, a força do movimento conseguiu reavaliar algumas crenças e leis. Navarro Lins (2012b) e Giddens (1993) exemplificam a retirada da homossexualidade como uma doença na atualização dos registros médicos⁵⁹.

A história da mulher ficou marcada nesses mais de cinco mil anos de patriarcalismo por serem diminuídas, escravizadas e recorrentemente usadas como objeto de prazer para os homens. A reordenação da apreensão da mulher⁶⁰ teve de lidar, sobretudo, com questões como a sujeição social e dependência financeira dos homens⁶¹, a falta de maior participação política, bem como a liberdade de usufruir de sua vida como quiser. Sem isso, a mulher se via presa a exercer um papel social predeterminado. Apesar de todas as mudanças obtidas, em vias práticas, somente no século XX passaram efetivamente a participar socialmente⁶². A presença feminina no mercado de trabalho, o descolamento da prática sexual e a reprodução, devidamente amparada pela causa gay, colaboraram fortemente em diminuir a diferença entre os sexos. Para se ter uma ideia, a evolução da luta feminista pode ser traduzida por meio da produção de calças para mulheres. A França, em 1965, superou pela primeira vez a produção de saias com a produção de calças femininas (NAVARRO LINS, 2012b).

O movimento feminista adquiriu repercussão mundial através do ato de “queimar” o sutiã, peça íntima feminina que representa, aos olhos feministas, a submissão aos padrões masculinos de feminilidade (NAVARRO LINS, 2012b). O gesto da ativista e presidente norte-americana da Organização Nacional da Mulher (NOW), Betty Friedan, ocorreu em um protesto contra a realização do concurso *Miss America*, em Atlantic City. Conhecido mundialmente como *Bra-Burning*, o protesto contou com aproximadamente 400 ativistas do

⁵⁹ Ambos os autores se baseiam em relatórios de estudos sobre a homossexualidade feita pelo Instituto Kinsey entre as décadas de 1970, 80 e 90.

⁶⁰ Navarro Lins (2012b) considerou que a Revolução Francesa foi o ponto de partida da luta da mulher contra a multimilênar segregação que repercutiu até os dias atuais.

⁶¹ Para ilustrar essas questões, Lins (2012b) mencionou os ensaios “O segundo sexo” de Simone Beauvoir, e “A mística feminina” de Betty Friedan.

⁶² Nessa afirmação, Navarro Lins (2012b) se apoiou em acontecimentos como as diversas marchas em prol dos direitos civis, em Birmingham e o discurso de Luther King Jr., em Washington, ambos em 1963. No ano seguinte, ocorreu a proibição da discriminação sexual no mercado de trabalho através da Lei dos Direitos Civis. Todos eles acentuando a consciência política da mulher.

Women's Liberation Movement (WLM). Curiosamente, revelou Navarro Lins (2012b), não houve a queima do sutiã, mas um protesto que jogou no lixo além de sutiãs, sapatos, cílios, maquiagens, cintas e outros itens que reverberam a visão sexista e opressiva do patriarcalismo sobre a mulher na exploração comercial do concurso.

O Movimento *Hippie* foi o principal e mais influente movimento de contracultura. Derivado do termo *Hipster*, designava os americanos que sofriam influência da cultura negra. Buscou-se reivindicar a coerção militar e a realidade materialista ao cultivar a felicidade e a vida humana. Para os *Hippies*, a injustiça que caracterizou o sistema moderno só produziu infelicidade. Frente à impotência em reorganizar a vida social, transformam-se em instrumentos de um novo projeto contra os costumes de vida patriarcal.

Homens e mulheres deixavam cabelos e barbas crescerem além do habitual, trajavam roupas brilhantes e com estilo nada convencional como calça boca de sino e outras vestimentas com inspiração indiana. Adotavam um estilo de vida mais nômade, naturalista e comunitário, uma vez que todas as imposições capitalistas eram deixadas de lado. Dentre suas reordenações, a configuração familiar e a monogamia foram preceitos fortemente revistos nas comunidades *Hippies*. Simbolicamente, as comunidades ficaram conhecidas mundialmente por meio do festival *Woodstock*, ocorrido em 1969. Ali, reuniu-se tudo que ia contra os valores impostos: sexo livre, drogas e rock and roll (NAVARRO LINS, 2012b). No Brasil, coincidindo com o período da ditadura militar, teve sua face mais reconhecida entre as expressões do tropicalismo, na qual as bandeiras do movimento foram adaptadas à realidade local. Tropicália foi um dos seus principais expoentes na luta, entre outras questões, pela coletividade, democracia e amor livre⁶³.

Vimos ao longo dos tempos uma sexualidade marcadamente experimentada como algo menor, sujo, que demandou ser praticada no obscuro, vivenciada hipócrita e mentirosamente às escondidas. Por vários séculos homens e, principalmente, mulheres, foram duramente cerceados por expressarem sua libido. A revolução sexual, enquanto movimento, fundou-se ao combater a repressão em torno da sexualidade. Os adeptos pelo reconhecimento do direito ao desejo sexual valorizam a honestidade individual com os seus desejos, buscando, assim, pelo menos diminuir a repressão ao cultivarem a liberalização da prática sexual. *I can't get no satisfaction* da banda The Rolling Stones repercutiu o grito em prol da satisfação sexual plena cantado pelos jovens. Qualquer inibição e a frustração vindas da repressão ao sexo eram tidas

⁶³ Movimento artístico e cultural em diversos segmentos que ecoou na música, no trabalho de artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Maria Bethânia. Essa nova movimentação cultural foi responsável por criar as bases da Música Popular Brasileira (MPB).

como causas de sentimentos como a posse, o ciúme e o segredo em torno do sexo. Apreenderam a liberdade sexual como uma busca necessária do sujeito por saúde psíquica e emocional.

Com o avanço nas técnicas de inibição artificial da reprodução a partir de tecnologias contraceptivas — camisinha, DIU, pílula anticoncepcional —, bem como a modernização na área de reprodução humana, ampararam o desenvolvimento de uma sexualidade cada vez mais desprendida de um propósito de reprodução. No âmbito familiar, deixou-se de cultivar uma tradição pré-moderna de desenvolver famílias com vários membros. Um rompimento que, argumentou Giddens (1993), cessou com um ciclo crônico de gravidezes, partos e mortes, considerando que historicamente várias esposas faleceram em razão de gestações repetidas. Além disso, o autor (1993) também destacou como esses avanços foram fundamentais para a valorização de uma sexualidade multifacetada, principalmente às mulheres. Tornava-se cada vez mais comum a apreensão do sexo como uma propriedade do sujeito, uma expressão do seu eu, sujeita a ser assumida de diversas formas. Seja por curiosidade ou por desejo, Navarro Lins (2012b) salientou que nesse período as pessoas se relacionaram sexualmente com todo mundo. A vida era reconhecidamente valorizada entre os jovens como algo que deveria ser experimentado, inclusive através de experiências homossexuais.

Como se viu, esses movimentos acabaram desenvolvendo novas concepções de família, casamento, sexualidade e do próprio sujeito, amparadas por uma postura jovem de apreender o corpo, a natureza e Deus. Essas mobilizações acabaram abalando com as apreensões e certezas cristalizadas, provocando a descentralização até mesmo do próprio sujeito (HALL, 2002)⁶⁴. Fundamentalmente, o culto pelo presente, da busca por se realizar no aqui e no agora, passaram a reger a civilização definida, em função disso, como pós-moderna.

2.3.2 A Pós-modernidade, a hipermodernidade e a devoção paradoxal do presente imediato

Na apresentação da obra de Lipovetsky (2004), Sébastien Charles observou que ao longo da história os pensadores, poetas e estudiosos recorrentemente condenaram o momento presente. Preocupado com a deterioração dos valores da organização social da qual fazia parte,

⁶⁴ No que tange à descentralização do próprio sujeito, Hall (2002) destacou descobertas científicas como o inconsciente de Freud, a linguística de Saussure, as releituras do marxismo, poder disciplinar do discurso de Foucault e movimentos sociais como o feminismo, problematizando a configuração social de maneira mais ampla. Conjuntamente, esses acontecimentos fizeram emergir o sujeito pós-moderno, descentralizado em sua essência.

Platão reconheceu o passado como a temporalidade virtuosa — os tempos míticos, citou o autor. Neste estudo, também vimos o cristianismo se apoiar nas noções de pecado, virgindade e juízo final como estanques para evidenciar um presente desprovido de essência. A modernidade chegou e rompeu com essa coerência na medida em que valorizou o tempo presente como um investimento. O cientificismo e a filosofia iluminista do século XIX comprovam essa tendência, pois valorizam o futuro (e não mais o passado) como âmbito de realizações. Frente à instrumentalização e à disciplina exigidas para esse investimento, a dimensão positiva do futuro começou a ruir e ser questionada como um meio de dominação.

Até então, a modernidade funcionava enquadrada ou travada por todo um conjunto de contrapesos, contramodelos e contravalores. O espírito de tradição perdurava em diversos grupos sociais: a divisão dos papéis sexuais permanecia estruturalmente desigual; a Igreja conservava forte ascendência sobre as consciências; os partidos revolucionários prometiam outra sociedade, liberta do capitalismo e de luta de classes; o ideal de Nação legitimava o sacrifício supremo dos indivíduos; o Estado administrava numerosas atividades da vida econômica. Não estamos mais naquele mundo (LIPOVETSKY, 2004, p. 53-54).

De um lado, temos evidências da fragmentação desse mundo nas decepções com as guerras mundiais, o holocausto, as crises no capitalismo, entre outras tragédias resultantes da realidade político-econômica moderna. Do outro, os descontentamentos no âmbito sociocultural por parte de todos os movimentos de contraculturas e da revolução sexual. Não há como negar, esses acontecimentos já anunciavam a frustração com toda uma organização amparada na ideia de um amanhã próspero. Contrária aos sacrifícios em favor do coletivo, a nova ordem favoreceu uma dinâmica mais fugaz e plural, sem pesar a mão em expectativas com relação ao futuro. Um dos seus grandes feitos foi introduzir (e valorizar) uma temporalidade distinta: o presente imediato (LIPOVETSKY, 2004), responsável por modular ações realizadas no aqui-agora.

Pós-modernidade foi o termo eleito pelos teóricos para especificar a nova perspectiva adotada pela civilização ocidental em seus âmbitos social, político-econômico, filosófico e individual. Apesar de sugerir uma distinção entre períodos, sua reflexão não pressupõe uma completa ruptura com a modernidade, até porque parte das questões e projetos que a especificam reordenam pressupostos modernos. Em razão disso, referências importantes como Hall (2002), Bauman (1998; 2005) e Lipovetsky (2004) preferem adotar respectivamente termos como modernidade tardia, modernidade líquida e hipermodernidade — em um evidente esforço de destacar sua estreita relação. Apesar de empreenderem diferentes olhares para a contemporaneidade, todas as discussões partem (ou pelo menos consideram) as

mudanças no mercado neoliberal, do avanço tecnológico e da valorização dos interesses individuais.

Lipovetsky (2004) argumentou que o primeiro estágio desse novo mundo ficou marcado pela transição do capitalismo de produção para o de consumo e de comunicação de massa, e pela substituição da sociedade tipicamente disciplinar por uma mais flexível e diversificada. O culto à plena liberdade do sujeito propiciou o recuamento do Estado. A globalização, a revolução na informática e o advento da internet se aliaram na missão de libertar as limitações do espaço-tempo, intensificando a brevidade a cada novo avanço. Esses e outros tantos desenvolvimentos indicam uma reordenação alicerçada por um tipo de regência centrada no hedonismo individualista. Tal regência teve como aliada o consumo massivo e a disseminação de seus valores que, na segunda parte do século XX, estimularam mundialmente o prazer como bem supremo e a cultura psicologista⁶⁵. Acentuou-se, então, o culto à autonomia subjetiva e das diferenças individuais⁶⁶.

Aos olhos de Bauman (1998), esse processo instalou uma série de mal-estares contrários ao estado de pureza⁶⁷ dos tempos modernos. Os desordenamentos advindos da intensificação da lógica neoliberal no corpo social fizeram com que acontecimentos e relações passassem a ser dispostas de maneira mais fluida, rejeitando estabilidade e regulações. Se antes a liberdade era o preço a ser pago pela seguridade — dentre outras formas, refletidas na rigidez de padrões fixos nos gêneros —, a pós-modernidade se mostrou interessada no oposto. Abrir mão da seguridade acarretou na desregulação. Como contrapartida, trouxe o florescer de sentimentos de incerteza e desconfiança, evidenciadas nos milhões de desempregados, sintoma este de um mal estar tipicamente capitalista ao reforçar mecanismos de exclusão social. Sobre a desregulamentação da ordem econômica:

[...] A desatada liberdade concedida ao capital e às finanças à custa de todas as outras liberdades, o despedaçamento das redes de segurança socialmente tecidas e societariamente sustentadas, e o repúdio a todas as razões não econômicas, deram um novo impulso ao implacável processo de polarização, outrora detido (apenas temporariamente, como agora se percebe) pelas estruturas legais do Estado de bem-estar, dos direitos de negociação dos sindicatos, da legislação do trabalho e — numa escala global (embora, neste caso, de modo muito menos convincente) pelos

⁶⁵ O momento revelou-se importante para o autor pelo fato de o capitalismo em sua segunda fase moderna expandir a disseminação do hedonismo individualista intimamente a partir da lógica da moda em outras classes sociais, uma vez que a partir dos anos 1950 o consumo de massa não se restringiu aos mais favorecidos.

⁶⁶ Indistintamente, todas as classes sociais passam a sentir prazer pelo novo, de cultivar o efêmero e voltar-se para o seu autodesenvolvimento e realização. Em outras palavras, uma organização social que valoriza o ideal hedonista e individualista, na qual a sedução adquire centralidade.

⁶⁷ “A pureza é uma visão das coisas colocadas em lugares diferentes dos que elas ocupariam [...] Não há nenhum meio de pensar sobre a pureza sem ter uma imagem da “ordem”, sem atribuir às coisas seus lugares “justos” e “convenientes” — que ocorre serem aqueles lugares que elas não preencheriam “naturalmente”, por sua livre vontade” (BAUMAN, 1998, p. 14).

primeiros efeitos dos órgãos internacionais encarregados da redistribuição do capital. A desigualdade — intercontinental, entre os estados e, mais fundamentalmente, dentro da mesma sociedade (sem levar em conta o PNB exaltado ou lastimado pelo país) — atinge uma vez mais proporções que o mundo de há pouco tempo, confiante em sua habilidade de autorregular-se e autocorrigir-se, parecia ter deixado pra trás uma vez por todas. Segundo cálculos cautelosos e, se faz diferença, conservadores, a rica Europa conta entre seus cidadãos cerca de três milhões de desabrigados, vinte milhões de expulsos do mercado de trabalho e trinta milhões que vivem abaixo da linha de pobreza. O desvio do projeto de comunidade como defensora do direito universal à vida decente e dignificada para o da promoção do mercado como garantia suficiente da universal oportunidade de autoenriquecimento aprofunda mais o sofrimento dos novos pobres, a seu mal acrescentando o insulto, interpretando a pobreza com humilhação e com a negação da liberdade do consumidor, agora identificada com a humanidade (BAUMAN, 1998, p. 34).

Outras fontes de seguridade como a família e a vizinhança foram igualmente afetadas. Ao buscar constantemente a satisfação de necessidade individuais, “[...] para o que quer que a nova pragmática ainda seja boa, ela não tem como gerar laços duradouros nem, mais seguramente, laços que se suponham duradouros e tratados como tais” (BAUMAN, 1998, p.35). Fragmentados, os laços desenvolvidos parecem ter prazos de validade e pouco prezam por direitos e obrigações, desagregando elementos basilares para a formação de coletividades. Nem as identidades escaparam, já que deixam de ser impostas pela tradição para se converterem em um processo inconclusivo de constituição do ser. Alusivamente falando, tornam-se máscaras que sucessivamente vão sendo alteradas. Para Bauman (1998), esses e outros desenvolvimentos sustentaram o desabrochar de uma organização sem qualquer tipo de propósito, ambição coletiva ou mesmo uma cultura em comum.

Ainda que a linha de pensamento de Bauman nos forneça subsídios válidos e importantes, seu incômodo com o (des) propósito pós-moderno em relação ao coletivo acabou fundamentando a construção de argumentos saudosistas que, por vezes, beiram o neoconservadorismo. Não por acaso, vê-se a ausência de menções sobre as transformações no âmbito dos gêneros e da sexualidade, questões que impactam bastante a contemporaneidade em diversas práticas de sociabilidade entre as quais a família e as relações amorosas. Ao criticar a efemeridade e não fixidez das identidades, Bauman (1998; 2005) parece não considerar relevante propostas pós-modernas como a teoria “queer”⁶⁸. No caso de Butler (2010), pensar as identidades de gênero diferente do pressuposto de algo inerente ao sujeito e amparada na estreita correspondência entre sexo (macho e fêmea), identidade de gênero (homem masculino e mulher feminina) e objeto de desejo (homem interessando-se por

⁶⁸ Ao analisarmos as referências adotadas pelo autor, constatamos que não há qualquer interlocução sobre o assunto nos últimos 30 anos, como o trabalho de Butler.

mulheres e mulheres interessando-se por homens), está longe de materializar alguma superficialidade na construção identitária pós-moderna⁶⁹.

Se por um lado, reflexões como as de Bauman (1998; 2005) podem se mostrar céticas sobre a pós-modernidade, afinal, apresentaram argumentos demasiadamente unívocos e generalistas, por outro, as desenvolvidas por Maffesoli (1998) se revelam, no mínimo, menos críticas. Embalado pelo que chama de presenteísmo, o olhar do sociólogo (1998) concentrou-se menos em tecer críticas e mais em constatar o que há de pós-moderno nas manifestações da vida social.

Podemos dizer que a partir da concepção que determinada época faz da alteridade é que se pode determinar a forma essencial de uma dada sociedade. Assim, ao lado da existência de uma sensação coletiva, vemos assistir ao desenvolvimento de uma lógica de rede. Quer dizer: os processos de atração e de repulsão se farão por escolha. Assistimos à elaboração do que proponho chamar "socialidade eletiva". É verdade que este mecanismo sempre existiu, mas, no que diz respeito à modernidade, ele foi temperado pela restrição do político que faz intervir o compromisso e a finalidade, ultrapassando de muito os interesses particulares e localismo. A temática da vida quotidiana ou da socialidade (*versus* o político e o social), em compensação, destaca que o problema essencial do dado social é o relacionismo, que pode traduzir-se, de maneira mais trivial, pelo ombro a ombro de indivíduos e grupos. Fica bem entendido que a própria "realiança" é mais importante do que os elementos que são ligados. Será menos o objetivo que se deseja atingir do que o próprio fato de estar junto que prevalecerá (MAFFESOLI, 1998, p. 121).

Na visão do sociólogo, a predominância do estar junto no seio do rearranjo social contemporâneo derivou do esgotamento do individualismo que historicamente se viu amparado na construção de identidades fechadas em si. Como resultado, esse individualismo favoreceu a emergência de processos de identificações que acabam fragmentando as massas em tribos que se agrupam essencialmente pela alteridade, pelas conexões afetivas e os interesses compartilhados. Nessas comunidades emocionais, argumentou Maffesoli (1998), vemos os sujeitos se envolverem no que chama de emoção coletiva. Devido à fluidez das emoções nos sujeitos, como contrapartida, os agrupamentos se revelam efêmeros, sujeitos a mudanças e, por vezes, desterritorializados, afinal, podem se dar em ambientes comunicacionais. Ainda que apresentem o *ethos* emocional como força para se agruparem, essas tribos se mostram no mínimo reticentes “[...] frente ao poder sobreposto, reencontramos aí a perspectiva geral da lógica anarquista: a ordem sem o Estado (MAFFESOLI, 1998, p. 119). Diferentemente dos jovens do século XX, os neotribais não acreditam tanto em utopias.

⁶⁹ Ao constatar que as vivências de gênero/sexualidade são discursivamente construídas em relações de poder históricas, políticas e culturais, Butler (2010) mostrou como essa correspondência instaurou a normatividade em torno da heterossexualidade. As performances consideradas subversivas acabavam sendo tentativas de irromper essa associação. Para ampliação desta discussão recomendamos sua leitura.

Conformados⁷⁰ com a realidade, ou melhor, com uma postura não ativista, colaboram em sustentar o (des) propósito dos tempos atuais. Algo que favorece a coexistência de diversas tribos, as quais podemos facilmente nos filiar⁷¹.

Atento às modificações do que entende por paradigma individualista, Lipovetsky (2004) buscou empreender uma reflexão que superasse o tradicional antagonismo entre apocalípticos e entusiastas sobre o contemporâneo⁷². Para além da ideia de mero desmonte da era moderna, o filósofo encarou as transformações atuais como uma reelaboração moderna sem os imperativos dos freios institucionais. Conforme as instâncias tradicionais de regulação social como a família, a religião ou mesmo o casamento se fragmentam (e não abolidas), em razão do hedonismo individualista neoliberal, acende-se um relativismo que parece dar a sensação de liberdade nas experimentações, entre as quais destacam-se um incessante esforço em rearranjar e reciclar o passado⁷³. Nesse rearranjo, identificou uma acentuação nos imperativos éticos, justamente por serem valorizados por uma escolha individual, ainda que essa opção tenha vindo mais de critérios emocionais do que racionais⁷⁴. Com isso em mente, ao invés de abolidas vemos estruturas tradicionais sofrerem um visível processo de adequação a uma realidade que vem rejeitando qualquer tipo de imposição⁷⁵. A reordenação ou convocação de crenças, memórias e padrões tradicionais para a construção de identidades, ou por mera satisfação individual, nos mostra como presente e passado se hibridizam em um processo reflexivo que invadiu amplamente sentidos, saberes e práticas ocidentais e orientais. Um processo que mais recentemente se intensificou.

Para Lipovetsky (2004), a emergência desse novo momento veio da constatação da coabitação da despreocupação pós-moderna e um profundo sentimento de insegurança.

⁷⁰ Vale destacar que Maffesoli (1998) não encara esse conformismo como condutas passivas para com a realidade.

⁷¹ Maffesoli (1998) acredita que antes de se ter uma posição ou atitude sobre algo, os sujeitos são acima de tudo a convergência de diversos fatores, ou seja, policulturais.

⁷² Na medida em que focou em descrever as reconstituições e reciclagens de fenômenos sociais, Lipovetsky (2004, p. 8) abriu brecha para “[...] demonstração e refutação (coisa que nem o primeiro e nem o segundo modelo podem pretender). É por tal razão que essa leitura mais complexa e menos unívoca não desemboca numa visão idílica do nosso presente”.

⁷³ Sobre a relativização nesses processos, o autor cita como exemplos a proliferação de seitas que seduzem até os sujeitos mais instruídos e o retorno da valorização da paranormalidade (desacreditada na era moderna).

⁷⁴ Nas versões apocalípticas da pós-modernidade, apresentam-nos um cenário no qual a moral e os bons costumes de outrora abandonam o espaço social para a entrada do cinismo e do egoísmo contemporâneo. Nesses entendimentos, constato uma espécie de nostalgia, vindas, talvez, de uma necessidade por seguridade e orientação no como ser e viver no presente.

⁷⁵ O desaparecimento de uma moral incondicional, o relativismo dos valores e a perda de referenciais tradicionais foram elementos apontados por Lipovetsky (2004) para defender o argumento. Nenhuma dessas questões contribuiu ou resultou na disseminação de valores egoístas, niilismo moral (considerando a permanência de um núcleo firme de valores democrático, na qual possuem forte adesão), ou o caos social, uma vez que a liberação do individualismo principalmente no âmbito sexual não suscitou anarquia dos costumes.

Elevados a última potência, a hipermodernidade, então, se fundamenta “[...] por um presente paradoxal, um presente que não para de exumar e “redescobrir” o passado” (LIPOVETSKY, 2004, p. 85). Constantemente oferecendo o novo, o emotivo e o hedonista se intensificaram de tal modo que o consumo passou a centrar-se essencialmente no prazer, na satisfação obtida⁷⁶. No entanto, nem tudo se restringiu “a vontade da vontade” aliciada pelo consumismo, tão pouco podemos restringir que tudo simplesmente subverteu a pura racionalidade consumista. Os direitos humanos e a honestidade intelectual demonstram que “[...] a vontade de saber conservou, na maior parte dos casos, a ascendência sobre a vontade de agradar e ser reconhecido[...]” (LIPOVETSKY, 2004, p. 35)⁷⁷. A invasão da lógica mercantil no território da memória orientou que o consumo alterasse visivelmente a relação do sujeito com o tempo, e, com isso, o individualismo pode se revelar “[...] menos instantaneísta que projetivo, menos festivo que higienista, menos desfrutador que preventivo, pois a relação com o presente íntegra cada vez mais a dimensão do porvir” (LIPOVETSKY, 2004, p. 73). Ainda que o porvir tenha seu horizonte encurtado, o indivíduo hipermoderno segue olhando para o futuro, mas um futuro voltado para si. Basta olharmos para as condutas contemporâneas relativas à saúde e à ocupação no mercado, exemplificou o filósofo.

Com a crescente normatização médica atuando em distintos campos sociais, as realizações imediatas são renunciadas em razão da preocupação com o amanhã. A própria medicina vem atuando de maneira preventiva, intervindo já nos primeiros sinais de qualquer doença. Isso sem falar nos estímulos a exames periódicos, recomendações para exercícios físicos e alimentação saudável. No mercado de trabalho, instalou-se um sentimento de vulnerabilidade frente à precarização do emprego e à persistente alta na taxa de desemprego. Enquanto os estudantes em formação manifestam receios em não conseguir ocupações, os empregados, sobretudo os mais velhos, temem perder as suas. Questões como o tempo do curso e a garantia futura de emprego podem ser determinantes na escolha de carreiras.

Mas evitemos tomar a parte pelo todo. Pois a era da urgência é também aquela em que se dá a democratização da tecnologia do bem-estar crescente, a rápida do mercado da qualidade, a erotização da sexualidade feminina, a voga de esportes como o esquí e o windsurfe. A música, as viagens, as paisagens, o arranjo estético dos interiores conhecem igualmente um sucesso sem precedentes. São tantas as práticas e gostos que revelam uma época de sensualização e estetização em massa dos prazeres. Coabitam duas tendências: a que acelera os ritmos tende à desencarnação dos prazeres; a outra, ao contrário, leva à estetização dos gozos, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade no agora. De um lado, um tempo

⁷⁶ Ao exemplificar, Lipovetsky (2004) se apoiou no fato do luxo, antes tido como meio de distinção social, hoje se mostra como um estilo de vida que pode ser mudado conforme o desejo do sujeito.

⁷⁷ A maneira considerada artesanal e apaixonada do esforço intelectual foi apontada pelo filósofo como uma espécie de resistência mais obstinada à frivolidade do lucro e do ganhar.

comprimido, “eficiente”, abstrato; de outro, um tempo de foco no qualitativo, nas volúpias corporais, na sensualização do instante. Assim é que a sociedade ultramoderna se apresenta, como uma cultura desunificada e paradoxal. Um acasalamento de contrários que só faz intensificar dois importantes princípios, ambos constitutivos da modernidade técnica e democrática: a conquista da eficiência e o ideal de felicidade terrena (LIPOVETSKY, 2004, p. 81).

Em outras palavras, a reflexão proposta por Lipovetsky (2004) se fundou em evidenciar uma organização social pós-disciplinar marcada pela ideia de paradoxo, no qual duas lógicas coabitam um mesmo espaço e que produzem fenômenos que se revelam opostos. Sem menosprezar a sua importância, a liberalização do consumo não é apreendida como algo tão irrestritamente imposto a ponto de os sujeitos serem resumidos a praticá-la⁷⁸. No seu entendimento, os mesmos princípios do individualismo democrático podem tanto direcionar o sujeito a condutas comedidas e responsáveis, ainda que estas se mostrem volúveis, como desmedidas e irresponsáveis⁷⁹. Nenhuma organização social “[...] jamais possibilitou que se exercessem uma autonomia e uma liberdade individual tão grandes, nem jamais o destino dessa sociedade esteve tão ligado aos comportamentos daqueles que a compõem” (LIPOVETSKY, 2004, p. 46). De uma só vez, promoveu a moderação e a imoderação, o regramento e o desregramento, bem como a independência e a dependência subjetiva.

2.3.3 O (des)propósito do Amor Romântico

Frequentemente, discussões sobre o amor ou relacionamentos afetivos mais contemporâneos tomam como ponto de partida ou referência o amor romântico⁸⁰. Considerando que as práticas afetivas de modo mais geral passaram por um processo de reconfiguração, busco, neste tópico, destacar alguns elementos que colaborem em atestar o modo como o amor romântico se reconfigurou em tempos hipermodernos. Além de salientar características do que estamos chamando de amor romântico reconfigurado, essa discussão funda-se em uma tentativa de nortear o seguimento da pesquisa, uma vez que este tipo de relação coexiste com derivações outras que valorizam igualmente a realização sexual e afetiva.

A associação entre o ímpeto romântico e rebelião fez com que Campbell (2001) acreditasse na possibilidade de ter ocorrido em outras configurações sociais reivindicações na

⁷⁸ Aos olhos de Lipovetsky (2004), argumentos como esses soam mais como uma forma de lamentar a atomização social, do que um esforço em refletir o modo como a socialização se dá no contexto hipermoderno. Para ele (2004), nenhum discurso ideológico se sobrepõe.

⁷⁹ Neste caso, explicou o filósofo, as condutas sem propósitos sociais, ou melhor, irresponsáveis evidenciam a corrupção da autonomia em egoísmo puro, uma vez que em prol da própria felicidade e conforto deslocam-se do âmbito social para o privado sem qualquer tipo de incômodo.

⁸⁰ Por exemplo, Giddens (1993), Chaves (2004) e Bauman (2005).

busca de maior autonomia afetiva e sexual nos arranjos conjugais. Contudo, não se pode negar que as ocorridas no final do século XVIII e início do XIX foram mais expressivas. Dito isto, um primeiro passo para essa reflexão consiste em retomar o modo como o movimento romântico desenvolveu o seu ideal ao defenderem o que chamam de amor livre. Para os românticos, livrar-se das amarras sociais e conquistar a liberdade era algo vital, uma vez que possibilitaria a livre fluidez das emoções e a busca pelo prazer. Nessa expressão amorosa, o individualismo adquire centralidade ao apontar para o subjetivo e a uma vivência sentimental alinhada com essa interioridade, desenvolvendo um tipo de relação fundamentada pelos desejos, afetos e projeções dos envolvidos — e não mais cerceadas ou reguladas por questões externas. Aliás, este (des) propósito da relação romântica foi o que balizou sua oposição ao amor conjugal burguês, afinal, pouco importava a realização individual dos envolvidos. Durante o século XIX, ter relações sexuais com quem se está interessado afetivamente foi gradualmente preterido a relações puramente impostas, nas quais os envolvidos eram elegidos (por outros) para fins reprodutivos. Logo, domesticado ou não, o amor romântico foi responsável por incluir a realização sexual e afetiva na semântica da prática amorosa. Ou seja, as relações romântico-amorosas têm como traço fundante o envolvimento entre amor e sexualidade. Coube ao processo de aburguesamento, domesticar essa associação a partir da formatação de um ordenamento de relação controlada política e socialmente.

No momento em que se encara a organização pós-moderna como aquela responsável por minar antigos enquadramentos classicistas a partir da disseminação de uma mentalidade vinda da valorização de um tipo de consumo volátil, disperso e fundamentalmente subordinado à realização individual, estamos reconhecendo a extensão dessa lógica em outros âmbitos da vida social. Bauman (2005), por exemplo, demonstrou profunda preocupação com a suposta perda dos laços sociais⁸¹. Na sua leitura, as constantes trocas de parceiros revelam uma ausência de responsabilidade e remorso para com o outro. Em um mundo que vem se mostrando líquido, esse processo de desconstrução dos padrões relacionais acabou sendo sintomático para o autor lamentar uma predisposição contemporânea que, aos seus olhos, tende a rejeitar a fixidez e solidez nas relações afetivo-amorosas. Para Lipovetsky (2004), a invasão da mentalidade hiperconsumista em relações como as familiares e religiosas não implicam, necessariamente, na extinção dos valores sentimentais e afetivos. Ao contrário, a

⁸¹ Em mal estar na pós-modernidade, Bauman (1998, p.183-184) já acenava para essa preocupação ao argumentar que o acento à sexualidade favoreceu o processo de atomização dos sujeitos, já em curso. Livres das obrigações de outrora, com os laços afetivos e das regras que limitavam sua exploração, o sujeito “acumulador e colecionador de sensações” buscou cada vez mais vivenciar experiências mais fortes e intensas, forjando relacionamentos que se mostram fundados na mera sensação e hipervalorização da sexualidade.

mercantilização da vida exalta justamente os direitos dos homens, da liberdade e fruição das emoções⁸². Não à toa, valores como amizade e amor em nada se mostram ameaçados, afinal, reforçam esse pressuposto. “Na realidade, a moderna consagração da mercadoria seguiu de mãos dadas com o desenvolvimento da intimidade, com o casamento por amor e com o investimento afetivo nos filhos” (LIPOVETSKY, 2004, p. 122). Dessa maneira, sua análise não constatou nenhuma evidência de que atomizados os sujeitos rejeitem a ideia de se reencontrar, de se comunicarem e manterem laços. Mas, o oposto, reagrupamentos e vínculos que se sustentam unicamente pelo desejo dos envolvidos. Percepção esta que orientou Giddens (1993) anteriormente a conceber os relacionamentos puros. Com o reconhecimento da autonomia dos envolvidos em se manterem juntos, os arranjos conjugais deixam de serem impostos. E, com isso, delineia-se nos relacionamentos puros um arranjo com maior igualdade sexual e emocional, visto que homens e mulheres só permanecem envolvidos enquanto obtiverem satisfações. Se por um lado, as relações afetivo-amorosas entre homens e mulheres se mostraram diferentes a ponto de o autor eleger uma nova nomenclatura; do outro, essa nova definição pouco deixou de exaltar a bandeira da realização sexual e afetiva, liberdade e pluralidade, pressupostos fundamentais às raízes do movimento romântico e a realidade atual. Ao nosso ver, relacionamentos puros (GIDDENS, 1993) nada mais são do que reelaborações derivadas do amor romântico.

Ao concordar com a premissa de que o sujeito hipermoderno se mostra interessado em buscar experiências e prazeres, pode-se deduzir que esta necessidade, a grosso modo, faça com que ele: a) busque realizar-se em relações afetivo-sexuais mais soltas, nas quais o imediatismo, a intensidade e a pontualidade são valorizadas; b) busque realizar-se em relações afetivo-sexuais mais sólidas, nas quais o acolhimento, o desejo e o cuidado são valorizados. Ou seja, pode-se livremente unificar ou não amor e sexualidade. De fato, o progressivo abandono da “[...] imposição em favor da comunicação [...]” (LIPOVETSKY, 2004, p. 20), propiciou ascender a segregação de práticas sexuais e afetivas — um fica desprezioso, uma transa por uma noite, ou mesmo dormir juntos esporadicamente. Sob a regência mais geral do hedonismo individualista, todo o ordenamento de práticas romântico-amorosas (flerte, namoro, noivado e casamento) deixou de ser imposto como um percurso linear e obrigatório, passando a ser opcional. Com isso, cada etapa acabou adquirindo seu próprio valor

⁸² Superativo, o indivíduo hipermoderno é igualmente prudente, afetivo e relacional: a aceleração dos ritmos não aboliu nem a sensibilidade em relação ao outro, nem as paixões do qualitativo, nem as aspirações a uma vida equilibrada e sentimental. o extremo é apenas uma das vertentes da ultramodernidade [...] Alugam-se filmes pornô a rodo, mas a vida libidinosa está muito longe de ter caído na orgia e no swing generalizado (LIPOVETSKY, 2004, p. 82).

desordenadamente (CHAVES, 2004). Homens e mulheres flertam ou mesmo namoram sem que isso signifique, necessariamente, uma intencionalidade em firmar um compromisso. Apesar disso, interessa-me os sujeitos inclinados no segundo movimento, aqueles que buscam realizar-se em relações que unifiquem amor e sexualidade ao construir relações romântico-amorosas, uma modalidade relacional que não passou isenta das transformações da sociedade.

Na atualidade, o desejo de constituir um compromisso com o outro é o que baliza o desenvolvimento dos relacionamentos romântico-amorosos. A reconfiguração do amor romântico se dá principalmente em razão dos envolvidos se relacionarem prioritariamente pelo afeto e o interesse sexual que compartilham, tecendo, assim, todo um percurso evolutivo que deixou de ser obrigado em função de regras ou expectativas sociais. Esses (des) arranjos nas relações romântico-amorosas reconfiguradas, como apontou Chaves (2004), podem ser constatados no desalinhamento da sequencialidade do ordenamento e na concepção de novas modalidades. Hoje, um namoro pode ser o estágio anterior para o “morar junto” ou um casamento, no qual os envolvidos podem morar em casas separadas. Da mesma forma que um parceiro ocasional pode alçar o título de “namorado”⁸³, no momento em que os parceiros resolvem morar juntos. De comum a elas, o empenho dos envolvidos em dar continuidade a realização sexual e afetiva que ambos compartilham ao projetar sob algum aspecto um porvir juntos⁸⁴.

Desta maneira, a princípio, as práticas afetivo-sexuais podem ser experimentadas e usufruídas sem maiores consequências ou finalidades últimas a serem alcançadas. Isto faz com que a relação possa tanto se esgotar no próprio ato – tal como acontece com um jovem que “fica com” um outro durante minutos ou horas sem dar alguma continuidade a esta ação – quanto ser vivenciada como parte de um projeto individual maior. Em qualquer uma das situações, o que determina o seu encaminhamento é, primeiro, o interesse, a satisfação e a disposição do próprio indivíduo e, segundo, o interesse, a satisfação e a disposição do outro. Isto significa que o delineamento e a manutenção do relacionamento amoroso devem ser constantemente negociados, que o contrato amoroso é flexível, contextual/particularizado, pragmático, e passível de ser rompido a qualquer momento, por qualquer um dos parceiros envolvidos (CHAVES, 2004, p. 124).

Além dessas novas disposições, a mesma flexibilidade que fez com que os envolvidos pudessem romper e buscar outros parceiros viabilizou que os relacionamentos românticos pudessem reconfigurar valores como fidelidade e monogamia. Diferente dos relacionamentos romântico-amorosos fechados, em que os envolvidos apreendem (por opção e não mais por

⁸³ Termo que funde a maleabilidade de um namoro e a maior solidez de uma relação marital. O reconhecimento desse termo acaba refletindo um processo mais geral no curso das relações romântico-amorosas.

⁸⁴ Projetos profissionais, planejamentos financeiros, programações de viagens, criar um pet, entre outros tipos de planejamentos que podem ser feitos em conjunto.

imposição) a exclusividade sexual como um gesto de fidelidade, as relações romântico-amorosas abertas rompem com a obrigatoriedade ao permitirem uma maior liberalização de práticas sexuais, desde que estas ocorram sem vinculações amorosas. Quando estas ocorrem — e com os envolvidos cientes dos envolvimento —, passam a ser entendidas como relações poliamorosas⁸⁵. Para autores como Klesse (2011), a honestidade cultivada nesse tipo de relação é vista como a expressão contemporânea do amor romântico por valorizarem um tipo de contato íntimo sem impeditivos⁸⁶. Ao investigar a relação entre formas não monogâmicas de relacionamentos e o amor romântico, Pilão (2013, p. 510) destacou que:

[...] o que parece diferenciar os arranjos poliamoristas de outros vínculos conjugais contemporâneos não é a aproximação da amizade e do sexo, mas a entre amor e amizade. Observa-se em “relacionamentos abertos” e no swing⁸⁷, por exemplo, uma maior liberalização das práticas sexuais, sem, no entanto, legitimar múltiplos vínculos amorosos concomitantes. No poliamor, tanto os afetos quanto a sexualidade podem ser compartilhados com um número indeterminado de pessoas, o que tende a esvaziar de sentido o papel social diferenciado do cônjuge.

Não há como negar, os vínculos sociais, entre os quais estão os romântico-amorosos, sofreram (e seguem sofrendo) um visível processo de reconfiguração em suas expectativas e valores. Para além da questão da monogamia, Chaves (2004) destacou outros processos de relativização de seus valores e práticas, tais como: modos de expressar afeto, a graduação no nível de intimidade e compromisso, bem como a intensidade da satisfação sentimental e sexual. Isso sem falar na negociação de metas futuras em relação a filhos, família ou questões do dia a dia como tarefas domésticas, no caso de envolvimento em que os parceiros moram juntos, entre outros aspectos que a pluralidade e a flexibilização da hipermodernidade reordenaram. Mesmo diante de toda essa reordenação, o amor permanece sendo enfatizado. Algo que, apesar da dificuldade, buscamos elucidar com o resgate feito.

⁸⁵ Segundo Pilão (2013), práticas do ordenamento romântico relacional como namoro e casamento são recusadas por poliamoristas sob argumento de deixarem implícito um contrato tido como prisional. Por outro lado, “ficar” também não define um relacionamento poliamor, posto que enfatiza a ausência de envolvimento afetivo e continuidade da relação.

⁸⁶ Para maior aprofundamento, ver: KLESSE, C. Notions of Love in Polyamory - Elements in a Discourse on Multiple Loving. **Laboratorium**, v. 3, n. 2, p. 4–25, 2011.

⁸⁷ A cartografia das experimentações no campo da sexualidade conjugal nordestina e urbana, principalmente heterossexuais, orientou Oliveira e Pocahy (2015, p.228) a entenderem o *Swing* como “prática que envolve relações eróticas-sexuais ‘fora’ do relacionamento (do contexto doméstico) e mediante o consentimento das partes envolvidas”. Frente às experimentações, os autores reconhecem a imprecisão na abrangência do termo, uma vez que o casal pode praticá-la individualmente ou em conjunto a partir da composição de trios, casais com casais, formações grupais com ou sem troca de parceiros, todas sob uma única condição: o não envolvimento emocional afetivo. Para maior aprofundamento, ver: OLIVEIRA, A.M.A. de; POCAHY, F. A. Eu, tu, ele(s), ela(s): Cartografando heteroconjugualidades na prática do swing. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 27, n. 3, p. 228-237, set./dez. 2015.

O levantamento histórico feito por May (2011, p. 13) na cultura ocidental, o direcionou a conceber o amor como uma demanda humana por religiosidade. Para o filósofo, o amor se expandiu fundamentalmente na medida em que preencheu uma lacuna deixada pela descrença na fé religiosa. A partir do final do século XVIII, progressivamente, a fórmula “[...] ‘Deus é amor’ foi invertida em “amor é Deus”, de tal modo que ele é agora a religião não declarada do Ocidente — e talvez sua única religião que goza de aceitação geral”. O sentimento de vulnerabilidade, característico de realidades que se mostraram incontroláveis e alheias, orientou diferentes sujeitos, em organizações sociais e temporais distintas, a frequentemente buscarem lugares que pudessem se ancorar e se sentirem acolhidos. Assim, ancorado na ontologia⁸⁸, o filósofo define o amor como:

[...] enlevo que sentimos por pessoas e coisas que inspiram em nós a esperança de uma fundação indestrutível para nossa vida. É um enlevo que nos faz empreender — e sustentar — a longa busca de uma relação segura entre nosso ser e os delas. Se todos nós temos necessidade de amor, é porque todos precisamos nos sentir em casa no mundo: enraizar nossa vida no aqui e agora; dar à nossa existência solidez e validade; aprofundar a sensação de ser; capacitar-nos para experimentar a realidade de nossa vida como indestrutível (ainda que aceitemos também que ela é temporária e terminará na morte) (MAY, 2011, p. 19).

Na perspectiva de May (2011), poucos objetos (coisas, ideias, disciplinas, paisagens ou pessoas) despertam em nós esse sentimento de seguridade e solidez no mundo — sentimento este que o filósofo chamou de promessa de enraizamento ontológico. Uma vez encontrado, imbui-se de valor e importância o ente amado, posto que dedicamos uma atenção fervorosa⁸⁹. Não por acaso, os envolvidos em relações romântico-amorosas, abertas ou fechadas, compartilham um profundo desejo de entrelaçar suas vidas, de possuir e ser possuído pelo outro. Algo que Núnes-Monteo (2016) explicou a partir da noção de emoção compartilhada, tendo em vista que o relacionamento romântico-amoroso vai além da dimensão social ao desenvolver uma ligação forte entre os envolvidos e aqueles para quem ou por quem amam. Desse modo, seu trabalho acabou por destacar uma dinâmica entre os parceiros românticos e o contexto social que os circunscrevem, sem, com isso, priorizar um em detrimento do outro⁹⁰.

⁸⁸ Ramo da filosofia que lida com a natureza e experiência da existência.

⁸⁹ Para o autor, essa devoção apaixonada teve diferentes entes ao longo da cultura ocidental: na Grécia a partir do culto à beleza e a bondade, em Roma pelo desejo sexual, o Cristianismo por Deus/Jesus/Amor e o amor romântico pela figura do amante. Todos estes operaram de maneira macro e micro em fornecer prazeres e seguridade.

⁹⁰ O autor (2016) se ancora no pressuposto de que historicamente as conceituações produzidas pelas ciências sociais sobre o amor romântico tendem a sobrevalorizar o social em detrimento da relação. Argumento este que o motiva a desenvolver uma noção que destaque a relação entre a sociedade e a relação romântica.

Seja pela promessa de enraizamento ontológico (MAY, 2011) ou pela emoção compartilhada (SEEBACH; NÚÑES-MONTEO, 2016), a relação romântico-amorosa engendra um processo em que os envolvidos expandem seus *selves*⁹¹ em pelo menos duas maneiras: na adoção de características, interesses ou jeito do(a) parceiro(a) e na expansão de ciclos sociais advindos da relação (ARON & ARON, 1986; 1996)⁹². Nesse sentido, a comunicação torna-se peça fundamental a esse e outros processos no âmbito romântico-amoroso. Frente às necessidades comunicativas específicas da relação, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) constataam o compartilhamento de certos padrões na comunicação que demarcam o curso do desenvolvimento e da separação entre os envolvidos em relacionamentos como os romântico-amorosos, algo que aprofundo no capítulo seguinte.

Até aqui, o percurso apresentado foi imprescindível para fornecer um maior esclarecimento sobre como a realização sexual e afetiva se converteu em um vetor fundante e de manutenção das relações romântico-amorosas. Esse reconhecimento trouxe como precondição a fluidez das emoções e a liberdade dos sujeitos em poder desenvolver envolvimento afetivos e sexuais com ou sem propósitos futuros com o parceiro. Dito isso, considera-se relacionamentos romântico-amorosos um tipo de relação que, ao enfatizar a realização individual dos envolvidos, no momento presente, acabam olhando para o futuro reverberando um desejo de continuidade daquilo que proporciona prazer e segurança. Reconfiguradas, as relações romântico-amorosas deixam de ser determinadas e passam a reconhecer que os envolvidos adotem valores e condições individualizadas. Nesse processo, destacam-se as modalidades romântico-relacionais nas quais os envolvidos são parceiros sexuais exclusivos — relacionamentos romântico-amorosos fechados; e aquelas que permitem que os envolvidos tenham outros parceiros sexuais — relacionamentos romântico-amorosos abertos. Em ambas as modalidades, a devoção apaixonada, nutrida entre os envolvidos, evoca processos em que o eu se estende ao outro, dentre outras maneiras, pela apropriação de particularidades/gostos/interesses e ciclos sociais originalmente vindos do parceiro(a) romântico-amoroso. Processos estes que a comunicação pode ajudar a compreender.

⁹¹ *Self* é aqui compreendido nos termos de Goffman (1967). Para o autor, *self* designa a expressão identitária que envolve uma dimensão social por meio do reconhecimento de si nos outros, e uma dimensão subjetiva e particular dos sujeitos, algo de cunho mais psicológico.

⁹² Esse argumento orientou Carpenter e Spottswood (2013) a investigarem como esse processo se reflete de maneira residual no Facebook, seja nos estágios iniciais em que os envolvidos desenvolvem uma aproximação maior, seja no processo de afastamento, nos estágios de término da relação.

3 OS PADRÕES COMUNICATIVOS EM RELAÇÕES ROMÂNTICAS

Frente ao lugar de importância da comunicação no processo de construção do mundo social, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) averiguaram as interações interpessoais entre os envolvidos em uma configuração relacional de alto grau de proximidade/intimidade, tais como: relações de amizade, entre colegas de apartamento, e, claro, romântico-amoroso, nas quais os envolvidos se aproximam ou se separam voluntariamente. Para lidar com um fenômeno dessa complexidade, partiram da premissa de que cada mensagem comunicada ao outro carrega informações em dois níveis: uma relativa ao conteúdo em si e outra que fornece pistas sobre a relação.

Em resumo, as mensagens trocadas entre envolvidos num relacionamento nos diz como interpretar o conteúdo. Deve-se observar, também, que o conteúdo da mensagem pode conter algumas informações importantes sobre o relacionamento. Na frase "Pegue uma xícara de café para mim", o conteúdo em si envolve uma pessoa fazendo algo para o outro e a forma é uma injunção direta. Isso pode ser tomado por quem recebe como uma mensagem indicativa de uma relação de superioridade/subordinação. Independentemente da origem, as mensagens trocadas entre envolvidos num relacionamento nos fornecem uma grande quantidade de informações sobre como vemos a outra pessoa, como nos vemos, que tipo de relacionamento os envolvidos têm na situação, que tipo de relacionamento geralmente temos, ou que tipo de relacionamento é desejado no futuro (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014, p. 4, tradução nossa)⁹³.

Encarar a comunicação como um eletrocardiograma das transformações de nossas relações é o que faz a investigação de Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) particularmente interessantes para esta pesquisa. Ao perceberem que as conversas cotidianas e interações triviais fabricam o tecido de nossas relações, constataram que: a) as expectativas dos sujeitos se alteram conforme o modo como se comunicam e esse mesmo modo frequentemente ajuda a moldar as expectativas que se tem para a relação; b) as relações apresentam variações em termos de proximidade/intimidade — sejam aquelas ativamente buscadas (namoro ou amizade) ou as desenvolvidas de modo circunstancial (familiares ou relações de trabalho). Mesmo reconhecendo que informam apenas uma parte da natureza da relação, os padrões

⁹³ No original: "In the phrase "Get me a cup of coffee," the content itself involves one person doing something for the other and the form is a direct injunction. This may be taken by the recipient as a message indicative of a superior/subordinate relationship. Regardless of their origin, relationship messages provide us with a good deal of information about how we see the other person, how we see ourselves, what kind of relationship the two of us have in this situation, what kind of relationship we have generally, or what kind of relationship is desired in the future.

apresentados na comunicação podem indicar o grau de proximidade/intimidade⁹⁴ entre os envolvidos.

Nos vários padrões que podem ser observados, o desenvolvimento de impressões e a atração se sobressaíram como vetores imprescindíveis para se atestar o modo como a comunicação delinea as transformações em nossos relacionamentos, em contextos de desenvolvimento e separação. Neles, entre os fatores que podem influenciar o desenvolvimento de nossas impressões destacaram-se os seguintes: a bagagem cultural, educacional e pessoal; o que escolhemos/desejamos observar e o modo como observamos; as necessidades, desejos e estado emocional; além, claro, dos estímulos advindos de cada contexto que vivemos (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014)⁹⁵.

No que tange à atração, de modo mais amplo, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) salientam algumas condições que a favorecem ou a aumentam, tais como: as recompensas pessoais vindas do outro; a proximidade; a similaridade em atitudes e crenças; e a atração física. Pontuam que algum desses elementos podem ser neutralizados ou sobrecarregados uns pelos outros, além das restrições e pressões de cada contexto que podem, conseqüentemente, influenciar positiva ou negativamente, a depender da relação e de seus envolvidos.

Assim sendo, a recorrência de certos padrões na comunicação, em diferentes momentos de uma relação de muita proximidade, balizou o desenvolvimento dos estágios/degraus de interações interpessoais no âmbito relacional, conforme mostra a Figura 1.

⁹⁴ Segundo Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), relações superficiais ou hostis tendem a ser consideradas menos íntimas. Diferentemente da relação entre amigos ou namorados, consideradas de maior proximidade. Logo, não surpreende as distinções entre os padrões comunicativos apresentados nesses tipos de relações.

⁹⁵ No instante em que se percebe como as nossas primeiras impressões estão envolvidas em questões sociais, sua análise se complexifica, afinal, converge um painel de fragmentos de nossa personalidade, do que elegemos ou driblamos em cada situação, o que nos falamos, quais as modificações que são impostas pela configuração contextual (tempo e espaço), etc. Sobre isso, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) sugerem várias teorias que podem ser úteis em descrever e explicar o modo como as pessoas desenvolvem suas impressões, entre as quais estão a Gestalt.

Figura 1 - Modelo de Estágios/Degraus de Interações Interpessoais no âmbito relacional



Fonte: O autor (2021) inspirado em Knapp, Vangelist e Caughlin (2014)

De acordo com o modelo, há 10 estágios/degraus de padrões na interação interpessoal que ajudam a perceber o modo como os envolvidos se aproximam — Inicialização (*Initiating*), Experimentação (*Experimenting*), Intensificação (*Intensifying*), Integração (*Integrating*) e Vinculação Emocional (*Bonding*), e se afastam — Diferenciação (*Differentiating*), Limitação (*Circumscribing*), Estagnação (*Stagnating*), Esquivamento (*Avoiding*) e Término (*Terminating*)⁹⁶. Antes de me deter à descrição dos estágios/degraus do ciclo de vida relacional, vale ressaltar alguns apontamentos destacados pelos autores.

Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) reconhecem que a tentativa de esclarecer o fenômeno pode acabar simplificando um processo que se revela bem mais complexo⁹⁷. Ao reconhecerem isso, recomendam que o modelo não seja interpretado como um ordenamento linear ou rígido. Afinal, nem todos os envolvidos em relacionamentos atravessam sequencialmente os estágios/degraus, nem toda relação vivencia todos os estágios/degraus,

⁹⁶ Knapp, Vangelist e Caughlin (2014, p. 33, tradução nossa) argumentam que o desenvolvimento de estágios a partir da recorrência de padrões comunicativos não é bem algo inédito. Os autores se apoiam e expandem trabalhos anteriores, fundamentados pelos pressupostos da *dialectical theory* — conjunto de teorias que consideram a transversalidade nas relações sociais. Convergem por adotar as tensões advindas de desejos contraditórios como marcadores inerentes nas relações interpessoais

⁹⁷ Apesar de o modelo de degraus das interações no âmbito relacional, a partir de padrões comunicativos, ter sido aplicado frequentemente a envolvimento românticos heterossexuais, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) defendem que boa parte das relações seguem um padrão similar. Por isso, o mesmo pode ser adaptado a um contexto particular.

bem como os estágios de aproximação e separação não devem ser apreendidos como essencialmente bons ou ruins. Como explicitado, as expectativas dos envolvidos constantemente mudam, inferindo um caráter extremamente dinâmico. Logo, a organização dos estágios/degraus se dá pela ênfase de certos padrões de condutas comunicativas⁹⁸, geradas pela frequência de um tipo de ação ou pelo peso dado a ela por parte dos envolvidos, como apresentado a seguir.

3.1 OS ESTÁGIOS/DEGRAUS DA APROXIMAÇÃO

Os estágios/degraus aqui reunidos, valem-se da ênfase de determinadas percepções e condutas comunicativas que os envolvidos exercem entre si e na frente dos outros, como marcadores da aproximação/intimidade na formação de uma relação com alto grau de proximidade. No caso do presente estudo, discorre-se essas ênfases pautados no curso de um relacionamento romântico-amoroso, tipo de relação que, reconhecem Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), evidenciam os estágios/degraus de maneira mais evidente⁹⁹.

3.1.1 Inicialização (Initiating)

Este estágio abarca as percepções e condutas comunicativas relativas ao momento em que os envolvidos se aproximam um do outro, buscando mostrarem-se favoravelmente. Frente à indefinição se o outro nos atrai ou não, a inicialização tende a convergir ações comunicativas que se fundam em apreender o humor, o interesse (o seu e o do outro), o contexto em que estão envolvidos, bem como traços da personalidade do outro. Com isso, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) destacaram a ênfase em condutas comunicativas voltadas: (a) Para sondar o interesse do outro: “Tudo bem? Posso sentar aqui do teu lado?; (b) Chamar a atenção do outro: “Que linda sua roupa! O vermelho te deixou mais atraente.”; (c) Avaliar a disponibilidade do outro em continuar interagindo: “O que você vai fazer amanhã?.

⁹⁸ Além das condutas em si, os estágios/degraus de interações no âmbito relacional abarcam também “[...] a percepção das condutas na mente dos envolvidos (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014, p. 35, tradução nossa).

⁹⁹ Knapp, Vangelist e Caughlin (2014, p. 175, tradução nossa) frisam que embora essas questões sejam mais evidentes em encontros entre estranhos, elas não se restringem somente aos relacionamentos romântico-amorosos. Apenas foram destacados em função de estarem mais “[...] evidentes ou dramáticos durante as fases de iniciação e experimentação”.

De modo mais geral, nesse momento os envolvidos só querem se mostrar positivamente, sendo simpáticos e sociáveis.

Eventos sociais como bares ou festas são alguns dos contextos pelos quais a interação entre os envolvidos pode ter seu ponto de partida. Salvo as devidas variações das possibilidades de inicialização, em geral, os sujeitos tendem a manifestar algum cuidado na interação e a comunicação ao se apoiar em algumas fórmulas convencionais. Por exemplo, quando você é apresentado ao outro por um conhecido, costuma-se dizer: “Oi, sou o Carlos. Prazer em te conhecer”. A frase dita vem seguida da troca de beijos em cada lado do rosto.

3.1.2 Experimentação (Experimenting)

A experimentação funda-se em percepções e condutas na comunicação que visam explorar o desconhecido sobre o outro e a relação. Com a comunicação dando seus primeiros passos no estágio anterior, a exploração de conhecimentos sobre o outro no momento atual viabiliza que os envolvidos migrem gradativamente da posição de estranhos para conhecidos. Por consequência, o tipo de envolvimento também se reordena. Percebe-se na experimentação um esforço nas ações comunicativas dos envolvidos em buscar assuntos, áreas de interesse ou experiências em comum. Não à toa, a conversa informal é condição *sine qua non*, argumentam Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), para o estágio da experimentação, justamente por ser um recurso comunicativo eficaz para o encontro de elos em comum, reduzir as incertezas e cultivar um senso de comunidade entre os envolvidos.

No curso do estágio, os autores destacaram três eixos gerais que podem ser usados como bases para estratégias comunicativas: a) Informações Culturais: partindo do pressuposto de que comungamos de uma mesma cultura, os envolvidos podem presumir algumas maneiras de se comportar e pensar. Com isso, alguns acontecimentos culturais podem funcionar como uma via para começar a explorar o outro, por exemplo: “Tá rolando uma exposição de animes na PUC. Que tal se fossemos juntos?” b) Informações sociais: saber algumas informações sobre o outro, tais como: lugares que costuma frequentar, atividades ou gostos pessoais. A percepção de interesses em comum pode favorecer a comunicação: “Ah, você é da Zona Norte! Soube do protesto que rolou na Protássio...” c) Informações Psicológicas: este eixo permite que se reconheçam as particularidades do outro a partir da comunicação. Tornam-se importantes marcadores que permitem diferenciar a interação trivial entre estranhos e a ocorrida entre envolvidos em uma relação romântica, afinal, a probabilidade de ocorrer entre conhecidos é bem maior: “Você não parece ser tão inflexível quando se é pra gastar em

restaurantes”. Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) relataram, ainda, que boa parte de nossas relações não vão muito além deste estágio.

3.1.3 Intensificação (Intensifying)

A intensificação se caracteriza pelas percepções e condutas na comunicação que indicam maior proximidade e abertura para uma maior intimidade (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). Aqui, dá-se partida ao processo de integração das identidades individuais e a consequente formação da identidade relacional, nas quais as ações comunicativas reverberam o reconhecimento dos envolvidos enquanto casal. Para os autores, esse estágio pode durar semanas, meses ou até anos. Nesse momento da relação, os envolvidos apresentam um progressivo crescimento na troca de informações pessoais, por exemplo: expor conflitos familiares, compartilhar medos e receios, revelar fragilidades e imperfeições. Também, pode-se atestar o desejo pelo suporte (físico, psicológico e emocional) do outro, validando a existência de uma intensidade maior na relação: contar com o(a) parceiro(a) em eventos importantes da vida como formatura ou comemorar conquistas profissionais.

Em termos verbais, a comunicação pode indicar o estágio da intensificação quando: a) os envolvidos passam a se chamarem pelo primeiro nome, apelidos ou algum termo que denote o afeto entre eles: “O Lú (abreviação para Luciano) sempre gosta de coçar as costas” ou pela adoção de vocativos como “lindo”, “amor”, “vida”; b) quando o plural passa a ser mais frequente entre os envolvidos¹⁰⁰: “Deveríamos ir ao cinema assistir à estreia do filme da Hebe”; c) ao fazer menções a lugares, momentos, eventos e objetos que tenham valor afetivo aos envolvidos: “Eu adoro vir neste restaurante. Me faz lembrar de quando encontramos seus amigos do colégio” ou “Esse colar é especial por ter sido o primeiro presente que você me deu”. Memórias que acabam demarcando a natureza da proximidade e a importância das vivências juntos; d) o uso de atalhos verbais que se tornam compreendidas em função do acúmulo de experiências vividas, provendo a antecipação de interesses e expectativas: No lugar de “Por favor, me passa os frios”, pode-se usar apenas “queijo”. Considerando as vivências e experiências acumuladas, não é difícil pressupor e entender que o envolvido

¹⁰⁰ Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) destacaram que um estudo feito com casais apontou que o termo “nós” foi frequentemente mais associado à orientação da relação, enquanto o termo “eu” associado à alguma atividade ou função realizada (e destacada) por um dos envolvidos. Para aprofundamento, ver: RAUSCH, H. L.; MARCHALL, A.; FEATHERMAN, J.M. Relations at Three Early Stages of Marriage as Reflected by the Use of Personal Pronouns. *Family Process*, v. 9, p. 69–82, 1970.

queira comer queijo entre os petiscos oferecidos; e) surgimento de expressões mais diretas sobre a valorização do compromisso: “Não sei o que faria se você não estivesse aqui pra me acompanhar” ou “Nossa, só você consegue me entender desse jeito”; f) aumento de expressões que evidenciam o suporte do outro no processo de entendimento de si: “Pela tua cara, tu quer dizer que essa comida está ruim”.

Além dos sinais verbais, as mensagens não-verbais também aumentam e se tornam mais elaboradas. Segundo Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), longas interações verbais podem ser satisfatoriamente substituídas por um simples gesto de carinho como um beijo no rosto ou mesmo um abraço apertado por alguns minutos. Isso sem contar com a influência recíproca nas posturas, no estilo do vestir e nos gostos, que se tornam mais alinhadas em função da proximidade.

3.1.4 Integração (Integrating)

A integração se caracteriza pela forma como as percepções e condutas na comunicação enfatizam a fusão recíproca das identidades e personalidades, bem como o fortalecimento da interdependência entre os envolvidos (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). Segundo os autores (2014), os sinais verbais e não-verbais da integração podem ser atestados quando: a) as redes sociais dos envolvidos se relacionam, por exemplo, quando familiares e amigos do(a) passam a se relacionar com o parceiro(a); b) os outros referem-se ou tratam os envolvidos como um só: “O convite da Jéssica e do Bruno já foi enviado!”; c) atitudes, opiniões, interesses e gostos que diferenciam os envolvidos dos demais passam a ser cultivados: “Nunca gostei tanto de estar com alguém quanto contigo”; d) apropriações ou empreendimentos juntos: Simbólicos — músicas, livros e filmes. “A nossa música tocou ontem quando estava no carro vindo pra casa. Financeiros — um negócio ou criar uma conta conjunta. “Esse valor na fatura, foi você quem gastou?”, etc; e) Plataformas online das redes sociais dos envolvidos representando o envolvimento romântico-amoroso, por exemplo, a foto do casal no perfil do Facebook, emojis de bonequinhos juntos no perfil do Instagram, menção do perfil do sujeito pelo qual tem uma relação, etc.

Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) ressaltam que embora esse estágio se mostre mais evidente em envolvimento românticos, o mesmo pode ser contatado em outras modalidades relacionais de alta proximidade. A ênfase nesse processo de integração de identidades não implica, contudo, na perda da individualidade, mas no desenvolvimento de um novo eu.

3.1.5 Vinculação Emocional (Bonding)

O traço mais característico do estágio de vinculação emocional reside no ritual de anúncio formal do compromisso, ou seja, a institucionalização da relação (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). Dentre as formas de rituais, os autores destacam a união civil, cerimônias de compromisso, noivado, casamento, entre outros. Para os autores (2014), o ritual de vinculação emocional garante um estágio próprio em razão dos impactos que o ato simbólico causa na comunicação dos envolvidos e no modo como se percebem na relação.

[...] o ato de se vincular emocionalmente pode ser uma força poderosa na mudança da natureza do relacionamento "para melhor ou para pior". A institucionalização do relacionamento solidifica-a, tornando mais difícil o rompimento, e provavelmente altera a retórica que se tinha antes do contrato. O contrato se torna, explícita ou implicitamente, um tópico de conversa. As estratégias de comunicação agora podem se basear na interpretação e execução dos compromissos contidos no contrato (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014, p. 42, tradução nossa)¹⁰¹.

Quase que exclusivo aos envolvimento romântico-amorosos, esse é o tipo de estágio que evidencia a arbitrariedade do modelo, uma vez que os rituais podem se dar em qualquer outro momento da relação. Quando esse estágio se funda na expansão do anterior (a integração), provavelmente acaba servindo como uma maneira de estabilizar as identidades individuais e relacionais, como meio para adquirir suporte social à relação — ao permitir que os envolvidos possam recorrer a leis e políticas.

3.2 OS ESTÁGIOS/DEGRAUS DA SEPARAÇÃO

Os estágios/degraus aqui reunidos se valem da ênfase de determinadas percepções e condutas comunicativas que os envolvidos exercem entre si e na frente dos outros como marcadores do afastamento na separação de uma relação romântico-amorosa.

¹⁰¹ No original: “the act of bonding itself may be a powerful force in changing the nature of the relationship “for better or for worse.” The institutionalization of the relationship hardens it, makes it more difficult to break out of, and probably changes the rhetoric that takes place without a contract. The contract becomes, either explicitly or implicitly, a topic of conversation. Communication strategies can now be based on interpretation and execution of the commitments contained in the contract”

3.2.1 Diferenciação (Differentiating)

Da mesma maneira que a integração (*integrating*) volta-se principalmente ao processo de fusão, a diferenciação (*differentiating*) delinea o processo de distanciamento dos envolvidos (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). Em suma, este estágio funciona como um processo inverso da integração (*integrating*), quando as percepções e condutas comunicativas na interação passam a enfatizar nos elementos que diferenciam os envolvidos (atitudes, necessidades, perspectivas ou posses) e no quão pouco (no momento presente, ao menos) tem em comum. Na tentativa de recuperar as prioridades que se tinha antes da relação, os envolvidos adotam estratégias comunicativas que acabam servindo de prelúdio para o maior distanciamento interpessoal, por exemplo: “Vou beber com as minhas amigas. Depois nos falamos!”.

A maneira mais evidente da forma de comunicação desta fase pode ser vista em situações de briga ou conflito, em que os envolvidos buscam afirmar sua individualidade e se distinguir do outro. Nos momentos em que se insiste na interação, argumentam os autores, constatamos o modo como as diferenças estão fortemente pautadas por valores básicos ou centrais. Com isso, espera-se a menor frequência de interações sobre áreas centrais da personalidade por justamente refletir esses valores. Quando a diferenciação (*differentiating*) toma grandes proporções na sequência do vínculo emocional (*bonding*), uma das explicações pode estar no fato de a relação ter pulado estágios/degraus, acelerando um curso no qual os envolvidos não tiveram fôlego e aprofundamento suficientes para tal.

3.2.2 Limitação (Circumscribing)

Embora todos os estágios/degraus possam evidenciar uma limitação na comunicação, observa-se que neste estágio a comunicação se caracteriza pela continência comunicativa se tornar um padrão (quantitativa e qualitativamente). Sobressaem-se, então, estratégias comunicativas fundadas na precaução de certas temáticas e em restringi-las a assuntos considerados seguros. Com isso, os envolvidos tendem a se fechar um para o outro. Por exemplo, o uso mais frequente de expressões como “não quero mais falar sobre esse assunto” ou “o problema é seu, você tem que resolver!”.

Às vezes, a presença de outras pessoas é o único momento em que a comunicação parece aumentar — um esforço para evitar de perceberem que não estão se dando

bem. A descrição do exemplo rotineiro não é incomum em alguns casais nessa fase da relação: dirigindo-se para uma festa, as duas pessoas expressam silêncio mútuo, olhares vazios e um sentimento geral de exaustão. Enquanto os envolvidos se divertem na festa, vemos sorrisos, humor e orientação para ser a alma da festa. A viagem para casa se torna uma repetição do comportamento anterior à festa (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014, p. 44, tradução nossa)¹⁰².

Os autores argumentam, ainda, que a restrição na comunicação implica fundamentalmente no fôlego e na profundidade da relação. Ao passo que aumentam os assuntos que podem ser delicados ou gerar algum estranhamento e silêncios, as condutas passivo-agressivas se tornam mais frequentes nesse estágio.

3.2.3 Estagnação (Stagnating)

O estágio/degrau da estagnação representa o momento da relação em que as percepções e condutas na comunicação são interrompidas. De acordo com Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), as escolhas linguísticas e as estratégias comunicativas se mostram parecidas com as usadas com estranhos. Considerando o histórico relacional, a comunicação se torna mais rígida, estranha e hesitante, visando evitar a verbalização de julgamentos, por exemplo: “Não tem muito fundamento trazer essa questão de novo. Eu já sei como tu pensa e o que vai acontecer, e não vai ser nada legal”. Nesse aspecto, mostra-se o reverso do que apreendemos na fase da experimentação (*experimentation*), na qual o que antes era desconhecido passa a ser conhecido e, com isso, os envolvidos imaginam interações.

Evitar os transtornos provocados pelo término (pressupondo que estes sejam maiores que os atuais), a esperança da relação ser reavivada e o mero prazer em punir o outro são alguns dos fatores que podem estender os envolvidos nesse estágio/degrau.

3.2.4 Esquivamento (Avoiding)

Diferentemente do estágio/degrau anterior, o esquivamento se caracteriza pelo distanciamento físico dos envolvidos e, conseqüentemente, o bloqueio da comunicação. As percepções e condutas na comunicação se fundam em esquivar qualquer interação (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). De maneira geral, ocorrem em situações que os

¹⁰² No original: “Sometimes the presence of others is the only time when communication seems to increase — an effort to avoid being seen as not getting along. The following routine is not at all uncommon for some couples at this stage: Driving to a party, the two people exhibit mutual silence, empty gazes, and a general feeling of exhaustion. While playing out their party roles we see smiling, witticisms, and an orientation for being the life of the party. The trip home becomes a replay of the pre-party behavior”

envolvidos: a) evitam a interação presencial ou a reduzem durante o encontro; b) ocultam compartilhar informações sobre si, mostrando-se desinteressado ou interagindo com menor frequência; c) desconsiderando as mensagens e o outro, em um evidente sinal de desapego cognitivo e emocional.

De acordo com os autores (2014), nas mais diversas formas verbais e não-verbais de comunicar, a necessidade de esquivamento em um relacionamento íntimo como o envolvimento romântico-amoroso pode favorecer que mensagens sejam mais diretas e objetivas, podendo sobrepor antagonismos ou conteúdos nada amistosos, por vezes agressivo, por exemplo: “Não consigo mais olhar *pra* você” ou “Por favor, não me liga mais”¹⁰³. Por outro lado, há, ainda, a possibilidade do esquivamento se manifestar de modo indireto, em condutas mais sutis: antes do encontro um dos envolvidos já informa que não poderá ficar muito tempo ou inventa vários compromissos para evitar o encontro. Diferentemente das diretas, as estratégias comunicativas indiretas em se esquivar não se mostram tão pautadas pela antipatia ou falta de desejo.

3.2.5 Término (*Terminating*)

O término (*Terminating*) representa o momento da relação em que o envolvimento romântico tem seu fim decretado. Pode ocorrer em situações em que os envolvidos: a) declaram sumariamente o término; b) condutas que expressam que o término foi recente; c) por meio de mensagens que vislumbram uma futura relação. De comum, os envolvidos nesse estágio/degrau tendem a ter percepções e condutas comunicativas caracterizadas pela distância e pelo reforço na desassociação. Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) explicam que distância, nesse caso, remete a barreiras psicológicas e físicas que os envolvidos passam a colocar na comunicação, concretizando, portanto, a separação em si: “A teimosia dela impedia nosso entendimento. Nossa, não sei como conseguia namorar ela” ou “Como continuar o namoro se ela está indo fazer um intercâmbio de 6 meses na Austrália?!”. No que tange à dissociação, remetem às mensagens que essencialmente enfatizam a continuidade da vida sem o envolvimento do(a) parceiro(a) ou destacando interesses individuais: “Coisa boa sair pra beber com meus amigos sem ter que dar satisfação *pra* onde estou indo e com quem estou indo” ou “Com o término vou poder fazer algo que sempre quis: adotar um gato!”.

¹⁰³ Nesse aspecto, Knapp, Vangelist e Caughlin (2014, p. 45, tradução nossa) acreditam que “a retórica do esquivamento (*Avoiding*) é a antítese da retórica da inicialização (*Initiating*). Aqui, a comunicação é especificamente designada para evitar qualquer possibilidade de interação presencial ou por voz”.

O repertório do trabalho de Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) está pautado essencialmente nas interações face a face. Contudo, não podemos deixar de considerar que os processos de construção do mundo social, ou melhor, os meios pelos quais valores e regras são transmitidos, destacadamente a partir da atuação de espaços e instâncias familiares e escolares, se mostram intimamente envolvidos com as mídias digitais¹⁰⁴. Pais, mães, tios, namorados e professores, para assim começar, hoje, se valem de *smartphones* e outros tantos dispositivos advindos de infraestruturas midiáticas em suas práticas cotidianas.

Para a presente pesquisa, concentro-me na articulação entre os cinco estágios/degraus de aproximação por parte dos 20 participantes do estudo empírico. Contudo, antes de discorrer sobre a pesquisa em si, considero fundamental explorar teoricamente o modo como as mídias, sobretudo as digitais, vêm adquirindo papel central em nossas práticas comunicativas a partir dos estudos da midiaticização.

¹⁰⁴ Embora reconheça a diferença dos conceitos, para fins didáticos utilizo termos como ‘plataformas’, ‘aparatos’, ‘materialidades’, ‘infraestruturas’ como sinônimo do que apreendo por mídias no âmbito digital. Ou seja, a partir deste capítulo utilizo essas palavras para me reportar às mídias digitais em alguma de suas especificidades.

4 MEDIATIZAÇÃO

Tendo em vista a centralidade da comunicação na construção do mundo social, neste capítulo procurei olhar para as mudanças sociais provocadas pelo avanço na tecnologia, principalmente nos meios usados para a comunicação. A entrada e apropriação social de tecnologias como a eletricidade, telégrafos, telefones, satélites, para assim começar a citar, ajudaram a compor novas configurações aos processos comunicativos, emergindo novas práticas aos envolvidos e, conseqüentemente, no desenvolvimento de novas realidades. Ao reconhecer o modo como essas tecnologias midiáticas vêm impactando o nosso cotidiano, volto-me para explanar sobre os estudos da mediatização. Enquanto perspectiva teórico-analítica, mediatização nos faz olhar para os agenciamentos advindos dessas infraestruturas e nos ajudam a pensar como desencadeiam novos significados sobre o mundo.

Para tal, organizei a discussão deste segmento em três partes. Na primeira parte, apresento um breve panorama sobre a área, discorrendo sobre o modo como se define mediatização e suas correntes, a fim de posicionar a pesquisa. Na segunda parte, discorro sobre o conceito de configuração de figuração, noção trazida por Couldry e Hepp (2017) como extensão dos estudos do sociólogo Norbert Elias (2001). Na versão dos autores (2017), uma nova disposição configuracional das relações emergiu na medida em que diferentes dispositivos midiáticos surgem, mobilizando novas situações de interdependências, obrigações, limites e modos de estar juntos. Por fim, na terceira parte, explico como este trabalho encara a noção de mídia, conceito-chave dentro dos estudos da mediatização.

4.1 UM BREVE PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE MEDIATIZAÇÃO

A globalização desencadeou novas formas de estar junto, ampliando o acesso a tecnologias e aos meios de comunicação. Designa-se globalização como um conjunto de transformações de ordem econômica, tecnológica, política e cultural que impactaram amplamente o globo de diferentes formas e níveis. Dentre os impactos, destacam-se o rompimento com a clássica ideia do social como algo geograficamente, etnicamente e culturalmente delimitado no tempo e espaço. Antes da globalização, o social era essencialmente dominado pela presença, na qual a dimensão espacial era tida como lugar restrito das dinâmicas socioculturais de uma sociedade.

A nova dinâmica que se instalou possibilitou que economias, culturas e sociedades de diferentes partes do globo se relacionassem de maneira complexa, interativa e interdependente. Sem o aporte dessas tecnologias, dificilmente saberíamos dos feitos de personalidades como Mandela, na África do Sul, ou conheceríamos costumes de civilizações como a chinesa ou indiana. Os impactos, como bem apontou Giddens (2000), não se limitam aos grandes sistemas ou instituições, mas na intimidade da vida cotidiana. Modelos de famílias não tradicionais puderam ser percebidas, países puderam se espelhar em conquistas como o direito da mulher¹⁰⁵, bem como desenvolver formas de envolvimento romântico-amoroso diferentes do arranjo heterossexual/monogâmico.

Frente a este cenário, a comunicação desponta como um importante agente de estrutura para o social. Com ela, todo um arsenal midiático responsável por interligar o mundo. Assim sendo, a globalização abriu caminho para o reconhecimento do fenômeno da midiaticização. Quanto mais intensificada se mostra, mais regiões e culturas revelam-se midiaticizadas (HJARVARD, 2012). Enquanto conceito, midiaticização converge esforços voltados à elaboração de um quadro teórico multidisciplinar, capaz de amparar nosso olhar para a articulação entre a mídia e o mundo social, considerando a visível e progressivamente maior aproximação entre ambas. Por consequência, o termo acaba unificando indistintamente diferentes angulações, abordagens e tradições epistemológicas (FRANCO; LEÃO, 2016). Não por acaso, Martino (2019) defende o argumento de maior cuidado em sua definição, afinal, por se tratar de uma área em configuração, pode ser facilmente confundida com outros conceitos¹⁰⁶.

A busca por maior acuidade conduziu pesquisas a construírem diferentes percursos teóricos. Stig Hjarvard (2012), por exemplo, adotou a institucionalização como algo central para olhar a interação entre as mídias, a cultura e a sociedade. Através da institucionalização é que se pode efetivamente falar da midiaticização da sociedade como um processo que [...] tenha alcançado um grau de autodeterminação e autoridade que obriga [...] instituições, em maior ou menor grau, a submeterem-se a sua lógica (HJARVARD, 2012, p. 54). A perspectiva institucional lançada pelo autor se justifica, primeiro, por abarcar a tecnologia, a cultura ou até

¹⁰⁵ Segundo o código eleitoral brasileiro, o direito à participação das mulheres na escolha de representantes políticos foi garantido a partir do decreto nº 21.076 de 1932. A Arábia Saudita, por sua vez, organizou pela primeira vez somente em 2015 eleições abertas a candidatas e eleitoras. Na história, argumentou Giddens (2000), nenhuma configuração social jamais reconheceu a mulher no mesmo nível de igualdade que o homem.

¹⁰⁶ Segundo Martino (2019), os esforços em melhor evidenciar angulações dessa relação faz surgir outros termos correlatos como *Mediality* (MEITZ, 2011) — termo adotado para o reconhecimento das limitações delineadas pelas mídias, ou conceitos vindos de outras tradições de estudo como o arcabouço teórico da mediação proposta por Jesus Martín-Barbero.

mesmo a psicologia como eixos importantes para análise, uma vez que as bases sociológicas pelas quais se apoia incorpora todos esses elementos, oferecendo, assim, uma via para que o fenômeno possa ser estudado. Segundo, visando especificar os processos e a situação em que ocorre, essa perspectiva permite aplicar mediação para designar uma condição histórica pontual na qual a mídia conquistou autonomia enquanto instituição social ao estar crucialmente envolvida no funcionamento de outras instituições. Para Hjarvard (2014), o fato da invenção da imprensa reordenar a relação entre os sujeitos, e a linguagem escrita com evidentes consequências no modo como se produz e dissemina os conhecimentos entre os quais os religiosos, não implica dizer que o mesmo evento tenha institucionalizado a mídia no âmbito do conhecimento ou mesmo no religioso. Não se trata, portanto, de todo e qualquer processo em que meios de comunicação atuam, mas particularmente daqueles que sua participação se revela de maneira dominante.

Vendo a movimentação dessas trajetórias, as referências mais atuais (FANTONI; BARICHELLO, 2018; COULDRY; HEPP, 2017; FRANCO; LEÃO, 2016; HEPP, 2014; HJARVARD, 2014) identificaram nos estudos anglo-saxões o delineamento de duas vertentes mais gerais dos estudos sobre a mediação. A primeira, como observado, trata-se da institucionalista que apreende a mídia como uma instituição independente, em que suas normas e processos se adaptam a outras esferas sociais. Além do dinamarquês Stig Hjarvard figurar como um dos principais nomes da corrente, em função de seus estudos no âmbito religioso, nessa perspectiva teórica encontram-se também os estudos sobre a comunicação política, como o de Mazzoleni e Schulz (1999) que constataram no exercício da política democrática a incorporação de variados processos e atividades advindos das mídias¹⁰⁷.

A segunda vertente, socioconstrutivista, funda-se em bases como o interacionismo simbólico e a sociologia do conhecimento, reconhecendo a comunicação, e, por consequência, as mídias como eixos importantes ao processo de construção da realidade sociocultural — seja pelo poder que lhes são dados ou pelo reconhecimento do seu alcance. Vendo sistemas de comunicação se associarem a outros sistemas como o cultural e o educacional, por exemplo, as sociedades, globalmente falando, passam a incorporar suas normas nos mais diferentes aspectos da vida cotidiana. Nessa vertente, mediação é encarada como um conceito-chave “[...] usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira

¹⁰⁷ Mazzoleni e Schulz (1999) começaram a explorar especificamente a relação da TV e a eleição de políticos como Fernando Collor de Mello, em 1989; o envolvimento do império midiático do controverso Silvio Berlusconi em sua eleição para primeiro ministro italiano, em 1994; bem como a influência de estratégias de comunicação na vitória do líder trabalhista inglês Tony Blair.

crítica” (HEPP, 2014, p. 51). Para os estudiosos dessa corrente, a quantitativa e qualitativa presença de distintos aparatos midiáticos em nosso cotidiano (COULDRY E HEPP, 2017)¹⁰⁸ são evidências categóricas do modo como as mídias vieram, ao longo dos tempos, a participar de distintas formas e graus do fazer social. Uma construção que se caracteriza por certa irregularidade, uma vez que se pode distinguir uma variedade de processos de midiaticização em diferentes temporalidades e agrupamentos sociais. Dentre os nomes dessa corrente, destaco Friedrich Krotz, Nick Couldry e Andreas Hepp.

Em termos operacionais, Hepp (2014) explicou que a direção tomada pelas vertentes resultou em dois perfis de estudos sobre a midiaticização: um que a enfatiza de maneira sincrônica e outro voltado à diacronia desse envolvimento. Institucional ou socioconstrutivista em suas respectivas abordagens sincrônica ou diacrônica, o fato é que ambas reconhecem midiaticização como um termo específico para destacar a mudança social associada à mídia no âmbito dos estudos de mídia e comunicação, diferindo

[...] em seu foco sobre como teorizar a midiaticização: enquanto a tradição institucional tem, até recentemente, estado interessada principalmente na mídia tradicional de massa, cuja influência é descrita como uma lógica de mídia, a tradição socioconstrutivista está mais voltada às práticas de comunicação cotidianas – especialmente aquelas relacionadas à mídia digital e à comunicação pessoal – e enfoca a construção comunicativa em transformação da cultura e da sociedade (HEPP, 2014, p. 47).

Um dos pontos de conflito entre as vertentes está na ideia de lógica da mídia¹⁰⁹ como ferramenta analítica. Couldry (2012) e Hepp (2014), por exemplo, não viram muito sentido na adoção do conceito para capturar a participação dos meios na inter-relação com a cultura e a sociedade, uma vez que este sugere um *modus operandi* padrão a todas as mídias, como se todos os sistemas de comunicação apresentassem especificidades comuns¹¹⁰. Apoiados na

¹⁰⁸ Em termos quantitativos, referem-se à propagação temporal, espacial e social da comunicação mediada, solidificando cada vez mais o uso de sistemas de comunicação em variados contextos. Em termos qualitativos, reportam-se ao papel que as especificidades de cada mídia evocada têm no processo de transformação social, reconhecendo a importância das mídias evocadas em cada evento comunicativo.

¹⁰⁹ Hepp (2014) e Hjarvard (2014) explicam que o termo surgiu nas pesquisas de David Atheide e Robert Snow. Em seus estudos, a lógica da mídia despontou com a missão de averiguar o papel da mídia enquanto forma de comunicação. Com isso, a tal lógica não se mostra inerente nos conteúdos midiáticos em si, mas no seu modo de comunicação. Ou seja, na disposição processual que os processos sociais se mostram, convertendo-se em um marco de referência na tradição institucionalista. Vale ressaltar, ainda, que originalmente o termo foi utilizado no entendimento de midiaticização a partir da relação feita por Kent Asp, uma vez que Atheide e Snow relacionam o termo à mediação.

¹¹⁰ Ciente dessas críticas, Hjarvard (2014, p.36) explicou que a adoção do termo lógica da mídia para capturar a atuação da mesma no estudo da inter-relação com a cultura e a sociedade foi empregado no sentido de reconhecer um *modus operandi* próprio da mídia, sem, com isso, sugerir uma racionalidade universal ou mesmo um percurso linear e único em todas as instituições midiáticas. Tratou-se, portanto, de uma abreviatura conceitual para capturar as operações institucionais, estéticas e tecnológicas particulares do sistema de

Teoria Ator-Rede¹¹¹, consideram que a mídia só pode ser considerada como agente de mudança sociocultural se a compreendermos em termos de associações. Logo, focar em especificidades de um determinado meio soa incoerente, sobretudo, se considerarmos que a realidade cotidiana não se limita a um único meio. A necessidade de olhar para múltiplos sistemas de comunicação permite que se reconheça as mídias como verdadeiros eixos modeladores da midiaticização. E, assim, escapar de qualquer apreensão que limite o fenômeno à mera relação de causa e efeito. Não por acaso, Hepp (2014) defendeu que o estudo da midiaticização se fundasse na transmidialidade.

Embalados pela abordagem transmidial e o olhar diacrônico, Couldry e Hepp (2017) atestaram um processo de aprofundamento da midiaticização. Ora, se concordamos com o argumento de Berger e Luckmann (2004), de que a consciência que temos sobre a realidade social se ancora nos mais diversos conhecimentos que compartilhamos dela, destacadamente aqueles advindos da realidade da vida cotidiana, como pensar no social sem considerar a participação de infraestruturas como a de telefonia, rádio, televisão e a internet? Repensar o social deve, então, reconhecer o envolvimento das diferentes configurações propiciadas pelos variados sistemas de comunicação mediada, afinal, muitos dos valores, normas ou conhecimentos compartilhados estão intimamente associados ao desenvolvimento dessas infraestruturas. Nesse sentido, a midiaticização profunda (COULDRY; HEPP, 2017) está calcada na percepção de um processo crescente de aprofundamento da inter-relação entre transformações na cultura e sociedade e das mudanças na comunicação e nas tecnologias midiáticas. Um aprofundamento que se mostrou em dois sentidos: no reconhecimento cada vez maior dos meios de comunicação em nosso cotidiano e na paralela aceleração de inovações tecnológicas nas mídias pelo menos nos últimos 600 anos. Em termos analíticos, a compreensão de midiaticização profunda se ancora em um percurso teórico que buscou romper com o entendimento do social como algo previamente cedido e a interação face a face como fonte única e exclusiva.

No contexto brasileiro, os estudos da midiaticização acabaram reverberando as posições das correntes. De acordo com Fantoni e Barichello (2018), os programas de Pós-Graduação na área da Comunicação das Universidades Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), nas

comunicação estudado, contemplando ainda o modo “[...] como distribuem seus recursos materiais e simbólicos e operam com a ajuda de regras formais e informais”.

¹¹¹ Perspectiva teórica que enfatiza as dimensões do social como produto das relações, como efeitos das redes sócio técnicas formadas por humanos e não humanos. Madelaine Akrich, Michel Callon e Bruno Latour são alguns dos principais nomes desta corrente de estudos que promove o diálogo entre ciência, tecnologia e sociedade

respectivas linhas Comunicação Midiática, Mídias e Mediações Socioculturais e Mídiação e Processos Sociais reúnem um número significativo de produções sobre o fenômeno. Sobre a linha de pesquisa da Unisinos, Martino (2019, p. 19) relatou que as pesquisas tendem a se ancorar em bases filosóficas, sociológicas e nas investigações trazidas por Eliseo Verón, pesquisador que tende a apreender a mídiação como uma característica universal às sociedades humanas¹¹². Em linhas gerais, desenvolvem abordagens que não colocam a mídia no centro do processo, ao encararem a mídiação como “[...] um conceito pensado em um contexto histórico mais amplo”. Nomes como José Luiz Braga, Muniz Sodré, Eugênia Maria Mariano Barichello e Fausto Neto, se posicionam entre alguns dos principais pesquisadores locais. Fausto Neto (2006, p. 2), inclusive, apontou que o fenômeno, pela ótica dos estudos nacionais, voltou-se a olhar para a prática da comunicação, ao entender que estas “[...] impõem aos campos de conhecimento demandas de leituras e de interpretações que superariam, por assim dizer, certo ‘protocolos clássicos’”, diretriz que adotaremos neste estudo.

Frente ao panorama apresentado, esse estudo se filia aos pressupostos da vertente socioconstrutivista, principalmente a partir dos estudos de Couldry e Hepp (2017). Para além das correntes, os estudos mais recentes (HJARVARD, 2014; MARTINO, 2019; COULDRY; HEPP, 2017) tendem a apreender a inter-relação entre as mídias e o social de maneira triádica, como demonstrarei mais adiante. De modo que se possa compreender como diferentes infraestruturas midiáticas participam do desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos.

Cotidianamente, aprende-se certas regras e leis que acabam por moldar nossas condutas — como devemos nos portar em uma entrevista de emprego, como falar com nossos pais, entre outros. A articulação global de todos esses conhecimentos é resultante do que Couldry e Hepp (2017) compreendem por Mundo Social¹¹³, na qual a comunicação possui centralidade, e seus padrões estruturam e definem as configurações sociais. Com isso, pode-se acessar a consciência coletiva que fundamenta a validação de algumas ações em detrimento de outras, instruindo, assim, o modo como articular nossas ações individuais adequadamente

¹¹² Verón (2014) define mídiação como o termo atribuído a um longo percurso de fenômenos midiáticos reconhecidos socialmente em distintas configurações sociais. Mesmo divergindo da perspectiva institucionalista, de diferentes formas o autor concorda, por exemplo, que os processos de mídiação não se dão de maneira linear, além de atestar o impacto que o fenômeno causa em questões como noções de tempo e espaço.

¹¹³ Esse entendimento sobre a realidade social se ancora na fenomenologia social, reverberando-a de modo mais sensível aos acontecimentos históricos. Dentre as referências mais importantes, os autores destacaram a Fenomenologia do Mundo Social, na qual Alfred Schutz utilizou o termo “Mundo de vida” para evidenciar o enraizamento do social na realidade cotidiana. Movimento este que Berger e Luckmann (1966) igualmente fazem em seu livro a construção social da realidade a partir da noção de “vida cotidiana”.

ao esperado. Ao reconhecer a participação de mídias digitais nos padrões comunicativos apresentados no âmbito romântico-relacional para além dos conteúdos concretos e específicos, a seguir, irei explicar sobre a configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017) como instrumento conceitual para destacar a articulação entre os agenciamentos dos padrões comunicativos e as múltiplas mídias. Algo que averigui empiricamente nos estágios do ciclo de desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos.

4.2 CONFIGURAÇÃO DE FIGURAÇÃO: A ARTICULAÇÃO ENTRE O SOCIAL E AS MÍDIAS

Configuração ou figuração é elemento central nos estudos que o filósofo Norbert Elias trouxe ao campo da sociologia. De maneira geral, seus estudos buscavam romper com a compreensão de que processos sociais eram fundados em si e alicerçados por estruturas estáticas, favorecendo que indivíduo e sociedade fossem apreendidos como entidades fechadas e autônomas. Convergir diferentes campos do saber foi fundamental para encarar o mundo social e seus processos como uma trajetória de transformações entrelaçadas em curso, na qual indivíduo e sociedade sempre se reordenam. Considerando a internalização das normas e regras, bem como o controle das pulsões e emoções¹¹⁴, Elias (2001) propôs analisar o social pelo lugar que o indivíduo ocupa em suas relações. Relações fundadas e organizadas por regulações reafirmadas ou reordenadas pelos envolvidos no exercício cotidiano de seu envolvimento. Embora distintos, indivíduo e sociedade foram tidos como elementos de uma mesma estrutura, duas faces da mesma moeda.

Dito isso, entende-se por figuração o modo em que diferentes processos se entrelaçam, na qual as interações funcionais entre os envolvidos produzem em sua interrelação um tipo de significado social. Nesse sentido, o poder que exercem uns nos outros e o conjunto de regras, normas e obrigações desenvolvidas só podem ser compreendidas "[...] em conexão com a figuração específica que os muitos indivíduos formam conjuntamente, e com as interdependências específicas que os ligam uns aos outros" (ELIAS, 2001, p. 85). Cada figuração reconhece que as ações individuais não podem ser apreendidas deslocadamente da rede de relações articuladas que o indivíduo se insere. Embora o desenvolvimento dessas

¹¹⁴ Elias (2001) apresenta a ideia de entrelaçamento entre a sociogênese e a psicogênese nos processos sociais para conta da relação sociedade e indivíduo. Enquanto a primeira remete aos processos de formação de determinada configuração social, a segunda volta-se à gestão dos comportamentos e estruturas de personalidade.

ações seja aberto¹¹⁵, apresentam regularidades capazes de fornecer um padrão suficientemente estável para ser analisado.

O conceito de figurações é neutro. Ele pode se referir a relações harmoniosas, pacíficas e amigáveis entre as pessoas, assim como as relações hostis e tensas. A sociedade de corte é carregada de tensões, mas isso não prejudica em nada seu caráter como uma figuração específica de indivíduos [...] Inicialmente, as figurações que os indivíduos formam entre si possuem particularidade de poder continuar existindo, com poucas exceções, mesmo quando todos os indivíduos que as constituíram em determinado momento já estão mortos e seu lugar já foi tomado por outros (ELIAS, 2001, p. 155).

As figurações prescrevem todo o tipo de circunstância que concretiza a interdependência dos envolvidos. Seus limites podem ser definidos pelos significados compartilhados que viabilizam cotidianamente os planejamentos, obrigações e modos de estar junto em suas práticas inter-relacionadas. Repertório este que evidencia a relação de poder¹¹⁶, que serve de orientação para que os envolvidos exerçam certas funções¹¹⁷ e/ou papéis: as funções e compromissos envolvidos na relação entre pais e filhos na figuração de família ou as funções e compromissos tecidos por namorados em uma figuração romântico-relacional. Mesmo que todas motivem a necessidade por comunicação, cada uma delas molda a sua maneira as práticas comunicativas. Logo, compreender a figuração a partir de seus padrões comunicativos permite constatar os indivíduos, os significados compartilhados e suas práticas comunicativas no âmbito específico que os torna interdependentes entre si e do que as estabilizam enquanto padrões.

Embora os pressupostos levantados por Elias (2001) sejam considerados de maneira mais ampla na concepção de mundo social, Couldry e Hepp (2017) evocam o conceito para estendê-lo em meio às múltiplas mídias, as quais convivemos em nossas práticas cotidianas. Valendo-se da necessidade por comunicação e de que estas materializam o poder e a função que exercemos uns aos outros em nossas relações, as figurações acabam sendo uma fonte para

¹¹⁵ Ciente da formação de uma estrutura simbólica que nos abarca, a educação, para o filósofo, torna-se por excelência um dos principais instrumentos de reordenação das condutas e emoções dos sujeitos. A análise dos manuais de comportamento que destacavam a etiqueta na formação do indivíduo na corte, fez com que Elias (2001) percebesse a correlação entre os costumes e os processos educacionais e de formação dos indivíduos na configuração social da corte francesa.

¹¹⁶ Elias (2001, p. 14) considerava o poder como algo estrutural das relações humanas. Nesse sentido, o poder é o que baliza e orienta as funções sociais da interdependência entre os envolvidos. Para ilustrar isso na ideia de configuração, o prefácio da obra explanou a dinâmica de um jogo de cartas, na qual “[...] o jogo não tem existência própria salvo para os jogadores que o jogam, mas, corolariamente, o comportamento individual de cada um dos jogadores é regulado pelas interdependências acarretadas por essa formação ou figuração específica [...]”. Assim, as ações individuais (jogadas) não podem ser compreendidas em si, mas dentro dessa estrutura de poder configurada pelo jogo.

¹¹⁷ Função para Elias (2001) remete a ações orientadas pelo poder que o outro exerce em nós.

a constante atualização de tecnologias midiáticas¹¹⁸. No instante em que seus envolvidos se apoiam em mídias para se comunicarem, as relações de interdependência abarcam conseqüentemente a relação entre os indivíduos e os sistemas de comunicação mediada adotados, caracterizando, assim, uma nova disposição figuracional. Visando destacar essa nova disposição, Couldry e Hepp (2017) apresentam “configuração da figuração” como operador conceitual para entender o modo como construímos o mundo social em tempos de midiaticização profunda.

A extensão do conceito de Elias (2001), por parte de Couldry e Hepp (2017), fundou-se na necessidade de destacar o modo como diferentes processos midiáticos se articulam ao desenvolvimento cotidiano de nossas relações de interdependências. Na medida em que essas relações (figurações) não podem ser compreendidas fora de sua rede de relações, a configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017) igualmente não consegue ser assimilada fora do entrelaçamento de ambientes midiáticos em que os envolvidos se inserem. Entrelaçamento este que fabrica um tipo de significado social, resultante dessa disposição. Não por acaso, atestamos cotidianamente figurações familiares ancoradas em ambientes oferecidos por mídias como Facebook, WhatsApp ou Skype, ou figurações romântico-relacionais apoiadas em mídias como Tinder, Happn ou Instagram.

Por fim, buscando capturar a articulação entre as práticas sociais no âmbito romântico relacional e as práticas midiáticas, ou melhor, da configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017), considera-se válido evocar o entendimento de Stuart Hall sobre o termo articulação¹¹⁹. Para ele, a articulação designa o processo de negociação de significados, práticas e sentidos, os quais são frutos de uma inter-relação cultural. Ao refletir sobre o processo de construção identitária na pós-modernidade, o autor destacou o termo para apontar o processo no qual “estão emergindo identidades culturais que não são fixas” (HALL, 1999, p. 87), mas, pelo contrário, revelam-se em constante movimento. Com a maior facilidade no deslocamento social, a formação identitária subscreve uma negociação de diferentes perspectivas e formas de expressões culturais. Com isso, as pessoas tiveram que “[...] aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas línguas culturais, a traduzir e a negociar entre elas” (HALL, 1999, p. 88-89). Uma negociação tecida recorrentemente e a

¹¹⁸ Pode-se comprovar o argumento nas promocionais de plataformas digitais de paquera como Happn – “encontre as pessoas que cruzaram seu caminho”, ou em plataformas sociais como o Instagram – “aproximando você das pessoas e de tudo que você adora” (GOOGLE PLAY, 2019).

¹¹⁹ Martino (2019, p. 22) também considerou que o entendimento de Stuart Hall fornece uma possibilidade teórica eficaz para pensar a articulação entre práticas e sentidos, uma vez que colabora na reflexão da midiaticização “para além do imobilismo dos efeitos ou de movimentos mecanicistas”, e o conceito parece destacar a instabilidade característica do ato de mover-se.

cada momento. Levada para o âmbito da midiaticização, a articulação ganha forma na medida em que práticas midiáticas como curtidas em fotos antigas, uso de emojis ou mesmo de *memes* negociam seus sentidos com os significados vindos de práticas específicas na esfera romântico-relacional. Um processo que traz como resultante a emergência de uma nova configuração amparada pelo entrelaçamento de repertórios advindos das mídias envolvidas.

Fundamental dentro dos estudos da midiaticização, a seguir discorro a respeito do modo como entendo mídia, enfatizando a articulação sinérgica que caracteriza o cotidiano atual.

4.3 MÍDIAS MÚLTIPLAS E SUAS TRIDIMENSIONALIDADES

Para Martino (2019, p. 23), a mídia se mostrou um conceito reconhecido mais como algo dado do que desenvolvido no campo dos estudos da comunicação. Inicialmente, o termo foi adotado como sinônimo para meios de comunicação, uma associação que está longe de ser “[...] unanimidade entre pesquisadores, sobretudo pela abrangência do campo semântico coberto por ela”. Torna-se, no mínimo, complicado adotarmos a midiaticização como perspectiva analítica ou mesmo defender o seu aprofundamento sem precisar teoricamente o modo como olhamos a mídia.

Na atualidade, vários tipos de conteúdos midiáticos podem ser acessados por diferentes dispositivos. A infraestrutura oferecida pela internet viabiliza a conexão dos conteúdos por meio de variados aparatos midiáticos. Conectados em rede, um *smartphone*, por exemplo, nos permite, dentre outras atividades, ter acesso a programas de rádio, assistir TV ou mesmo ler as notícias do jornal. A capacidade de um único dispositivo representar distintas mídias faz com que se torne complicado distingui-las. Visando clarear essa questão, Couldry; Hepp (2017) partem do entendimento de mídia como qualquer meio de comunicação de base tecnológica que institucionalizou de diferentes formas a comunicação mediada. Ao constatarem a sobreposição de mídias advindas do processo de digitalização¹²⁰, os autores sugerem a adoção do termo “mídias múltiplas”, a fim de melhor capturar a complexidade do ambiente midiático contemporâneo.

Mídias múltiplas buscam olhar tanto para a complexidade do sujeito envolto de um ambiente institucionalizado de mídias interdependentes, quanto para a complexidade

¹²⁰ Processo que prescreve a conversão de conteúdos para dados de modo que estes possam ser acessados por aparatos como *ipads*, notebooks, *smartphones* e tantas outras tecnologias que viabilizam o acesso às mídias digitais.

específica de suas escolhas cotidianas de mídias (COULDRY; HEPP, 2017). No presente estudo, ao explorar as escolhas de mídias nos estágios/degraus do desenvolvimento dos relacionamentos romântico-amorosos, ilustra-se o modo como essas complexidades se revelam e se entrelaçam. Evidências estas de uma dinâmica mais geral, na qual todos os sujeitos em distintos modos e graus estruturam e organizam a vida social como um todo.

O argumento do aprofundamento da midiaticização se ancora na ideia de sobreposição de atos, práticas, formas e padrões comunicativos advindos de distintas comunicações dentro do mundo social, que resultou em relações mais densas entre o ambiente midiático e o mundo social. Com o objetivo de enfatizar essa sobreposição, os autores propuseram (2017) pensarmos as mudanças na cultura e sociedade articuladamente a partir do abalo provocado por mudanças no ambiente midiático, rompendo com a clássica separação da mídia e a sociedade. Ora, se a comunicação (seja ela face a face ou mediada) materializa todo um repertório contextual, como vimos no segmento anterior, nada mais coerente do que perceber diacronicamente como sua relação foi e é tecida. De modo a enfatizar a comunicação mediada, tradicionalmente os teóricos apreendem a história da comunicação e das mídias a partir das inovações tecnológicas tidas nos meios de comunicação e o seu envolvimento com as transformações sociais (COULDRY; HEPP, 2017). O processo de mecanização, por exemplo, amparou o que chamaram de onda de mecanização, caracterizada pela crescente industrialização no processo comunicativo. Nesse momento, desenvolveram-se dispositivos como a impressão mecânica que possibilitou o surgimento de meios como panfletos, cartas particulares e jornais. Em termos sociais, essa reordenação no ambiente midiático colaborou e sustentou, para brevemente exemplificar, uma maior aproximação entre os domínios sociais. Na onda de eletrificação, caracterizada pela atualização da infraestrutura mecânica para infraestrutura eletrônica, desenvolveu-se as redes elétricas, cabeamentos e sistemas de radiodifusão. Toda essa infraestrutura propiciou um maior alargamento do tempo e espaço na comunicação a partir de dispositivos como telégrafos eletrônicos, telefones, rádios e TV. A inter-relação desses e outros meios, nesse contexto, alteraram o cotidiano social, fomentando uma comunicação quase instantânea entre governos, empresas e indivíduos separados por longas distâncias. Ainda que não tenha ocorrido de forma linear e igualmente no mundo, esse ambiente foi fundamental para amparar as formas de construir o mundo social em tempos de globalização. Transformações que foram atualizadas pela digitalização.

Relacionada às mudanças sociais amparadas pela infraestrutura da internet, a onda de digitalização destacou a internet como inovação responsável pelo advento de toda a revolução digital em nosso cotidiano. A conectividade oferecida por dispositivos como computadores,

ipads e *smartphones*, propiciam que os indivíduos, grupos e organizações (públicas e privadas) se revelem rotineiramente envolvidos em distintas práticas midiáticas. Em meio ao ambiente midiático plural, distintas mídias (antigas e novas) convergem¹²¹. A sobreposição dessas transformações culminou, dentre outros fatores, na maior apropriação deste ambiente para fins individuais, bem como a maior interdependência entre os modos individuais de construir o mundo social e as variadas formas comunicativas desenvolvidas por empresas de comunicação online. Impactos estes que adquirem maior intensificação a partir da datificação. A percepção da mais nova onda de midiatização despontou a partir do reconhecimento de configurações computadorizadas no processamento de dados para uma infinidade de atividades humanas diárias por meio da mediação automatizada de plataformas digitais. Amparada pelos serviços dos softwares que monitoram, coletam e armazenam nossas ações e interações online, presenciamos o entrelaçamento destes aos conhecimentos e outros processos relativos à construção do mundo social, propiciando a emergência de novas formas de institucionalização. Podemos atestar isso, por exemplo, no modo como setores privados, estatais, científicos e empresariais permitem e controlam o acesso a serviços e produtos a partir dos dados fornecidos pelos softwares¹²². O impacto da onda de datificação pode ser sentido na exteriorização dos significados humanos, em que boa parte desses conhecimentos acumulados sobre o social deixam de ser mantidos apenas pelos humanos e passam a ser regidos também pelos sistemas automatizados em larga escala. Sistemas estes intimamente atrelados a fins mercadológicos e que geram novas formas de cognição vindas da comunicação mediada que engendram. Pautado no repertório apresentado, a terceira onda (digitalização) e o surgimento da quarta (datificação) é o que fundamenta o argumento dos autores em defender a midiatização profunda.

Do mesmo modo que Couldry e Hepp (2017), Martino (2019) também encarou as mídias, na atualidade, como um ambiente. Também interessado em superar as reduções na

¹²¹ Adoto o termo no sentido abordado por Henry Jenkins. Para ele, convergência dá conta de designar as “transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependente de quem está falando e do que imaginam estar falando.” (JENKINS, 2008, p. 27). Para maior aprofundamento, ver: JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Trad. S. Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

¹²² Couldry e Hepp (2017) argumentaram cinco formas em que a codificação do social reverbera em estrutura a nossas práticas: A naturalização da configuração das práticas em rede, evidenciadas, por exemplo, na apreensão de plataformas de redes sociais e paquera como espaços de encontro e interação social; Incorporação da noção de espaço-tempo das plataformas, as quais amparam e possibilitam a interação humana, marcando e ditando o ritmo do social; Os impactos do processamento de dados na formação do *self* — gerenciamento de impressões nas plataformas digitais e a constante consideração desse fluxo de informações em termos de identidades; Formação e operações de coletividades — dados fornecem meios para a formação de agrupamentos, nos quais os indivíduos emergem com novas normas, ações e reações; Implicações que o uso de dados têm em ações de ordem governamental ou de corporações — monitoramento de perfis de terroristas e funcionários como meio de prever ações futuras a partir dos dados.

relação entre as transformações no âmbito midiático e o mundo social, Martino (2019) entende cada mídia como um ambiente de dimensão tripla ao abarcar o conjunto de dispositivos técnicos, de instituições sociais/estatais/particulares e de linguagens específicas. Responsáveis por configurar a mediação, os dispositivos tecnológicos propiciam a materialidade no processo comunicativo — em termos técnicos, ao oferecer um suporte (escrita, voz, audiovisual ou plataformas) para a relação em diferentes distâncias; e tecnológico, ao disponibilizar toda uma infraestrutura para a transmissão e reprodução em larga escala. Sua materialidade, portanto, deve ser “[...] inserida em complexos sistemas de produção, pautados em uma lógica voltada para a venda e para o lucro, dentro da qual essa materialidade é convocada a se tornar instrumental para a veiculação de determinados elementos” (MARTINO, 2019, p. 24). Não por acaso, o termo também é atribuído a instituições sociais, empresas de comunicação que produzem e disseminam os sentidos e valores como informações. Além disso, por fim, a mídia produz e dissemina informações de uma forma própria, com uma linguagem específica advinda do cruzamento da materialidade técnica dos meios e dos agenciamentos de quem as utiliza. Promove, então, um processo de adequação do que se deseja comunicar aos limites impostos pela sua infraestrutura — uma mensagem enviada pelo Twitter certamente não será igual a uma mensagem mediada pelo Instagram. A começar pela limitação no número de caracteres.

Frente a tudo que foi dito, utilizamos as noções de mídias múltiplas (COULDRY; HEPP, 2017) e a ideia de mídia enquanto um ambiente tridimensional (MARTINO, 2019) como conceitos importantes para olhar as variadas infraestruturas midiáticas envolvidas nos padrões comunicativos enfatizados em cada estágio/degrau no desenvolvimento do relacionamento romântico-amoroso.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Fundamentado pelas discussões teóricas apresentadas, neste capítulo busco explicitar os procedimentos metodológicos que delinearão o percurso empírico da pesquisa. Divido a discussão em quatro partes. Nas duas primeiras, destaquei procedimentos anteriores à pesquisa: a elaboração do roteiro e o modo como recrutei e selecionei os participantes do estudo. Na terceira, discorro sobre a pesquisa em si, destacando os participantes selecionados e como se deu a condução das entrevistas individuais por videochamadas. Por fim, explano sobre os procedimentos de análise dos dados coletados.

Para Braga (2011), a articulação e o tensionamento mútuo entre a problematização do objeto, a fundamentação teórica e a observação sistemática da realidade é o que sustenta a pesquisa empírica. Após discutir acerca do objeto e definir os marcadores conceituais, resta-me discorrer sobre os procedimentos adotados para a investigação empírica. Destarte, vale destacar o enfoque qualitativo deste estudo justamente por considerar os aspectos emocionais e contextuais das respostas humanas, muito mais do que a medição objetiva de comportamentos e atitudes (CAMACHO AZURDUY, 2007). Em outros termos, não busco quantificar a participação de mídias em relacionamentos românticos, mas, sim, explorar a maneira como as práticas midiáticas tidas negociam seus sentidos aos padrões comunicativos apresentados pelos entrevistados no âmbito do desenvolvimento de suas relações.

Fundamentado pelo viés qualitativo, elege-se a entrevista aprofundada como método de coleta. Vale dizer que a intenção inicial era adotar o grupo focal, técnica que propicia a discussão sobre o assunto. Contudo, a realidade trazida pela pandemia de Covid-19 inviabilizou a reunião dos sujeitos em um mesmo ambiente. Frente ao desafio de continuar com a pesquisa assegurando a saúde dos envolvidos no processo de coleta, considereirei adotar a entrevista aprofundada de maneira individual por meio de videochamada.

Define-se entrevista qualitativa ou aberta como “[...] um tipo de entrevista não diretiva, aberta, não estruturada ou padronizada” (SIERRA, 1998, p. 300, tradução nossa). A modalidade qualitativa enfatiza um modelo conversacional entre entrevistador e entrevistado que foge à rigidez de uma conversa formal, uma vez que simula informalidade. O alto grau de institucionalização e artificialidade em seu percurso direciona a sua apreensão como um meio termo entre a conversa cotidiana e uma entrevista mais formal. No decorrer dos tempos, a entrevista qualitativa destacou dois tipos mais gerais de técnicas: a entrevista em

profundidade e a entrevista focada¹²³. Apesar de operarem sob uma estrutura instrumental parecida no momento da coleta, no trabalho de campo, as modalidades se diferem em termos de estratégias. Essa distinção começa a ficar mais evidente quando se elucida sobre os objetos que as orientam. Enquanto a segunda evoca objetos com uma temática ou foco específico, os quais direcionam a seleção dos indivíduos em razão do seu envolvimento, a primeira, a entrevista aprofundada, encara a vida dos sujeitos, suas experiências, valores e estrutura simbólica como objeto. Nesse sentido, as entrevistas focadas acabam desenvolvendo estratégias mais individualizadas ao se apoiarem, por exemplo, em “[...] fatos e anedotas do entrevistado, que como interlocutor será levado repetidamente pelo investigador no campo de tópicos para os quais ele recebe a palavra” (SIERRA, 1998, p. 299, tradução nossa). A entrevista aprofundada, por sua vez, desenvolve “[...] uma narração dialogada, uma visão holística que vai além do eu atomizado, ou seja, trata-se de uma narração aberta e pluralmente rica em suas matizes (SIERRA, 1998, p. 300, tradução nossa). A partir dessa diferenciação, considerou-se de maior pertinência aos objetivos da pesquisa adotar a entrevista qualitativa aprofundada como técnica para coletar os dados, especificamente em sua versão online.

No âmbito da pesquisa etnográfica, a entrevista qualitativa adquiriu lugar de destaque. De acordo com Kozinets (2014), a especificidade “promíscua” da etnografia de se envolver com outras abordagens de pesquisa a converteu em um campo de experimentações, na medida em que incorporou ampla variedade de técnicas e desenvolveu cruzamentos, o que forneceu novas abordagens de pesquisa. No interior dessas experimentações, reconheceu-se a progressiva incorporação de dinâmicas online nas realidades sociais, amparando o desenvolvimento das entrevistas qualitativas virtuais. A entrevista online, na mesma proporção que a presencial, tornou-se um dos elementos centrais da pesquisa etnográfica muito em razão de estar presente desde os primeiros trabalhos. O emprego frequente da técnica balizou que os etnógrafos encarassem a entrevista em profundidade como um levantamento com menos perguntas e respostas, e mais interações e sondagens. A ideia é promover, ainda que mediado, um espaço favorável para a contribuição singular do participante. Com o distanciamento social como medida adotada para conter a disseminação do coronavírus, a técnica acabou tornando-se oportuna e segura, uma vez que o entrevistado

¹²³ A entrevista qualitativa como eixo central foi o meio encontrado por Sierra (1998, p. 300, tradução nossa) para contornar um frequente movimento de autores de equiparar “[...] a entrevista em profundidade à entrevista qualitativa, incluindo em sua tipologia sob esse conceito a entrevista focada e outras variantes”. Com isso em mente, considerou mais adequado incluir a entrevista aprofundada, a entrevista focada, além de outras modalidades como entrevista em grupo, biografia assistida, técnica Delphi, como variantes diferentes da técnica qualitativa de entrevista.

não precisa sair da tranquilidade e segurança da sua casa para participar da pesquisa. Soma-se a isso a reestruturação da rotina social, na qual parcela considerável da população passou a adotar a infraestrutura midiática para trabalhar em casa. Dessa forma, acabavam dispondo com maior facilidade de câmeras de vídeo, microfones, fones de ouvidos e acesso à internet, itens necessários para a ocorrência da entrevista através de plataformas de videochamada.

Ainda que se alinhe com os argumentos de Sierra (1998) sobre a entrevista em si, Kozinets (2014, p. 50) acenou para as implicações que a presença da mediação de dispositivos tecnológicos engendra aos estudos, afinal, “[...] conduzir uma entrevista por meio de seu computador significa que suas comunicações serão moldadas pelo meio que você utiliza”. Além da tradicional análise, se a entrevista deve ser individual ou em grupo, formal ou informal, estruturada ou não-estruturada, a modalidade online demanda ainda um estudo sobre o meio e formato pelo qual se sucederá a entrevista. Sites, blogs, fóruns, plataformas de redes sociais, salas de bate-papo e plataformas de videoconferências como Skype e Google Meet são alguns exemplos de locais que acabam orientando o formato da entrevista — via transmissão audiovisual, troca de mensagens sonoras e/ou textuais.

Independentemente de ser online ou presencial, adotar a entrevista qualitativa aprofundada se justifica, primeiro, por ser um meio que viabiliza a reconstrução de acontecimentos passados que não poderiam ser acessados de outra forma. Segundo, por permitir explorar experiências subjetivas do ponto de vista dos próprios atores sociais ao encarar a fala deles como algo contextual e situacional (SIERRA, 1998; KOZINETS, 2014). Por isso, o sujeito entrevistado é visto como único, exclusivo, capaz de fornecer informações pautadas no próprio processo de significação que tece sobre as suas experiências. Ao dar voz para o entrevistado recuperar momentos da vida, o instrumento traz subsídios valiosos para a compreensão de fissuras, contradições e movimentos de uma história individual que ao mesmo tempo é compartilhada por vários outros em uma dada realidade, terceira razão para a sua escolha. No caso específico da entrevista aprofundada, a história de vida do sujeito torna-se um exercício de recopilação de acontecimentos sociais passados que dificilmente poderiam ser diretamente observados no presente. Na tese, problematizar a participação de mídias no ciclo de desenvolvimento de relações românticas leva, conforme os argumentos apresentados, a evocar que os entrevistados recuperem memórias, reavivam crenças, expectativas e desejos em momentos específicos da história do envolvimento.

Penso que, no caso de pesquisas que fazem uso de entrevistas, é necessário explicitar sempre: a) as razões pelas quais optou-se pelo uso daquele instrumento; b) os critérios utilizados para a seleção dos entrevistados; c) número de informantes; d) quadro descritivo dos informantes – sexo, idade, profissão, escolaridade, posição

social no universo investigado etc. e) como se deram as situações de contato (como os entrevistados foram convidados a dar seu depoimento, em que circunstâncias as entrevistas foram realizadas, como transcorreram etc.); f) roteiro da entrevista (de preferência em anexo) e, g) procedimentos de análise (anexando, no final do texto ou relatório, cópia de uma das transcrições – desde que não haja necessidade de preservar a identidade do informante) (DUARTE, 2004, p. 219)

Com base nas recomendações de Duarte (2004), pretendo, neste capítulo, explicitar cada um dos pontos, a começar pelas razões que fundamentaram a escolha da entrevista qualitativa online a partir de videochamadas como meio de coleta. Além do que foi dito em um panorama mais geral, especificamente para este estudo, a entrevista qualitativa possibilitou que identificasse os sistemas de comunicação midiáticos e as práticas tidas em momentos específicos do envolvimento. Os entrevistados, portanto, atuaram como os olhos e ouvidos no campo social ao relatar as práticas midiáticas individuais articuladas aos padrões comunicativos enfatizados nos estágios de Inicialização, Experimentação, Intensificação, Integração e Vinculação emocional (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014). O enfoque holístico da conversa colaborou fundamentalmente no propósito do estudo ao fornecer um “[...] holograma dinâmico de uma configuração vivencial e cognitiva de um indivíduo enquanto tal [...]” (SIERRA, 1998, p. 299, tradução nossa), ou melhor, a configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017) de envolvimento românticos a fim de amparar a reflexão da reordenação da expressão do amor romântico em uma realidade marcada pelo aprofundamento mais geral da relação entre os sujeitos e as mídias. Nas próximas linhas busco explicitar mais detidamente os demais pontos elencados pela autora.

5.1 ROTEIRO DA ENTREVISTA

É consenso entre os autores mencionados anteriormente a importância do roteiro para a entrevista. Nele, constam esquemas com os principais pontos a serem dialogados com os entrevistados, devidamente alinhados com os objetivos da investigação. Além de ser peça fundamental para a condução da entrevista, a estruturação do roteiro acabou sendo um importante aliado no posterior processo de análise. Pautadas pelas ênfases de padrões comunicativos nos estágios do ciclo de desenvolvimento de relacionamentos (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014), todas as perguntas foram organizadas em quatro partes: Introdução, Começo da relação, Cruzamento de rotinas e círculos sociais, e Oficialização da relação.

A **introdução** teve a missão de ambientar os entrevistados sobre o tema a partir da confirmação dos dados informados na ficha de cadastro e coletar outras informações secundárias como idade, profissão, sexo biológico, orientação sexual, tipo e modalidade do último relacionamento e o tempo da relação. A fim de criar condições para que os pesquisados ficassem mais à vontade, solicitei nesta primeira parte que contassem como conheceram o/a parceiro/a de seu último envolvimento. Ao lembrar do ponto de partida da história do casal, o relato contribuiu para que o pesquisador desenvolvesse maior proximidade com o entrevistado, facilitando a interação nos estágios seguintes.

Em “**O começo da relação**”, segundo bloco do roteiro, foram reunidas perguntas relativas ao uso de mídias em padrões comunicativos enfatizados pelos estágios da Inicialização e Experimentação (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014). Esses estágios foram aqui reunidos em razão da configuração de incerteza e imprecisão da relação, além da necessidade dos envolvidos em se explorarem. Assim, fiz questões como:

- a) Você considera que alguma mídia ou mídias promoveu/participou do encontro de vocês?
- b) No momento em que estavam se conhecendo, você utilizou mídia(s) de paquera? Qual(is)?
- c) No momento em que estavam se conhecendo, você utilizou mídia(s) para investigar se o/a parceiro/a estava envolvido com outros? Qual(is) mídia(s)? De que forma investigou?
- d) No momento em que estavam se conhecendo, você demonstrou interesse no/a parceiro/a por meio de mídia(s)? Qual(is) mídia(s)? De que forma demonstrou interesse por meio dela(s)?
- e) No momento em que estavam se conhecendo, você utilizou mídia(s) para descobrir interesses e gostos do/a parceiro? Qual(is) mídia(s)? De que forma você explorou a(s) mídia(s) para descobrir os gostos/interesses?
- f) No momento em que estavam se conhecendo, você utilizou mídia(s) para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a — troca de *nudes*, mensagens por textos ou vídeos sensuais? Qual(is) mídia(s)?
- g) Considera que a intimidade motivou a escolha da(s) mídia(s)?

Na terceira parte do roteiro, “**Cruzamento de rotinas e círculos sociais**”, realizei perguntas sobre a participação de mídias em padrões comunicativos relativos aos estágios da Intensificação e Integração (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014). A fusão desses estágios se justifica por ambos motivarem que os envolvidos reverberem a maior proximidade

entre os parceiros e seus conhecidos, destacando, assim, a maior frequência de momentos juntos em relação aos estágios anteriores. Com isso em mente, questionei:

- a) No momento da relação em que vocês passam mais tempo juntos, você utilizou mídia(s) para se aproximar de conhecidos, amigos e familiares do/a parceiro/a? Qual(is) mídia(s)? Como fez essa aproximação por meio da(s) mídia(s) citada(s)?
- b) No momento da relação em que vocês passam mais tempo juntos, você utilizou mídia(s) para compartilhar momentos na companhia do/a parceiro? Qual(is) mídia(s)? De que modo você fez esses compartilhamentos?
- c) Quais foram os momentos compartilhados na(s) mídia(s) citadas?
- d) Por qual razão ou motivação você apontaria para postar momentos na companhia do/a parceiro na(s) mídia(s) citadas?
- e) No momento em que vocês passam mais tempo juntos, você utilizou mídia(s) para confidenciar algum problema, trauma, medo ou outra intimidade com o/a parceiro/a? Qual(is) mídia(s)?
- f) Qual razão ou motivação você apontaria para usar a(s) mídia(s) citada(s)?
- g) A intimidade compartilhada afetou a escolha da(s) mídia(s)?

Na “**Oficialização da relação**”, quarta parte, olhei para o estágio da vinculação emocional (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014), reunindo perguntas sobre o uso de mídias em padrões comunicativos enfatizados por este momento da relação. Neste bloco, perguntei:

- a) Com a oficialização da relação, você conversou com seu/sua parceiro/a sobre o modo como iriam informar da relação na(s) mídia(s)? Qual(is) mídia(s)? De que modo informaram?
- b) Qual razão ou motivação você apontaria para informar da relação na(s) mídia(s) citada(s)?
- c) Com a oficialização da relação, você fez uso de mídia(s) para fazer declaração de amor para o/a parceiro? Qual(is) mídia(s)? De que modo você fez a declaração?
- d) Quais momentos ou circunstâncias te motivaram a se declarar para o/a parceiro/a na(s) mídia(s) citada(s)?

Embora essa sistematização tenha sido pensada para estruturar as sessões de grupo focal, a lógica apresentada no roteiro foi validada em estudo feito para o exame de qualificação, servindo como uma primeira incursão ao contexto da pesquisa. Para isso,

apliquei um questionário online via *Google Forms* com 35 respondentes¹²⁴. Como resultado, constatei que o encadeamento lógico das perguntas a partir dos padrões enfatizados pelos estágios do ciclo de desenvolvimento funcionavam como um recurso para lembrar de processos midiáticos feitos¹²⁵.

Além de questões sobre mídias e práticas midiáticas em padrões comunicativos ao longo do desenvolvimento de relacionamentos românticos, considerei pertinente acrescentar outros dois blocos referentes ao estudo e ao consumo de mídias no âmbito da pandemia de Covid-19, com duas perguntas em cada:

- a) Com a pandemia, como você considera o uso de mídia(s)?
- b) Com a pandemia, qual(is) mídia(s) ou modalidade de comunicação você passou a utilizar?
- c) Sobre o estudo, de que maneira você teve acesso à pesquisa?
- d) Sobre o estudo, qual era sua expectativa antes da entrevista?

Embora fossem perguntas pontuais, considerei relevante acrescentá-las, sobretudo pela situação atípica trazida pela pandemia. Todos os entrevistados foram questionados sobre a disponibilidade para responder essas questões.

5.2 RECRUTAMENTO E SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

O processo de recrutamento de voluntários se apoiou fundamentalmente na disseminação de *cards* produzidos para WhatsApp, Facebook e Instagram a partir dos contatos do pesquisador (Apêndice B). Conteí, ainda, com a produção de outros *cards* feitos pelo Popcicom¹²⁶ para divulgar o convite. Todas as peças relatadas direcionavam o leitor para o site¹²⁷ feito na plataforma Google. Nele, o interessado poderia obter todas as informações necessárias sobre o estudo e a ficha de cadastro.

¹²⁴ O questionário com as perguntas do roteiro foi aplicado entre os dias 22 e 24 de novembro de 2019 (Apêndice A).

¹²⁵ A fim de validar a estruturação do roteiro, além das perguntas apresentadas, foram inseridas outras quatro questões: 1) se a organização das perguntas nos estágios auxiliou em memorar os processos midiáticos feitos; 2) se houve alguma dificuldade de compreensão; 3) se houve algum constrangimento; e 4) se o entrevistado gostaria de fazer alguma contribuição.

¹²⁶ O Laboratório de Popularização da Ciência, o Popcicom, é um projeto de extensão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Pensado por discentes e docentes, visa explorar linguagens e formatos para socializar o conhecimento científico. Este estudo teve peças compartilhadas no *feed* e *stories* do perfil do projeto no Instagram.

¹²⁷ Disponível em: <https://sites.google.com/view/reconfiguracaodoamor>.

Figura 2 - Captura de tela do site do estudo

Pesquisa | LIMC - PPGCOM/U...

A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO EM TEMPOS DE MEDIATIZAÇÃO PROFUNDA

SOBRE O ESTUDO

A reconfiguração do amor romântico em tempos de mediação profunda é o título do trabalho de tese do pesquisador doutorando Ricardo Fernandes. A pesquisa está vinculada ao Laboratório de Interações Mediadas por Computador (LIMC), grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM/UFRS). O estudo tem por objetivo compreender de que modo as mídias digitais participam do desenvolvimento de relacionamentos românticos (namoros, noivados e casamentos). Para isso, planejamos aplicar um total de 20 entrevistas online individuais via Skype ou Hangouts com 10 homens do sexo biológico masculino e com 10 mulheres do sexo biológico feminino. Caso esteja em conformidade com os critérios da investigação, gostaríamos de te convidar para ser voluntário da pesquisa. Por se tratar de um estudo acadêmico, asseguramos o completo anonimato de sua identidade.

CRITÉRIOS PARA PARTICIPAR DO ESTUDO

1. Ser maior de 18 anos;
2. Morar na cidade de Porto Alegre/RS;
3. Estar em um relacionamento romântico-amoroso (namoro, noivado, casamento) ou ter terminado um no últimos três meses;
4. Utilizar mídias digitais para se comunicar com o/a parceiro/a;
5. Ter login de acesso e saber manusear as plataformas Skype ou Hangouts para a videochamada;
6. Dispor de computador ou Smartphone para a videochamada.

PROCEDIMENTOS PARA PARTICIPAÇÃO

- Preencher ficha de cadastro apresentada neste site
- Ler e assinar termo de consentimento livre e esclarecido
- Ter disponibilidade para uma entrevista online com a duração entre 30 e 60 minutos
- Conceder entrevista individual por videochamada para o pesquisador em dia e horário combinados
- Responder perguntas sobre a sua experiência com mídias digitais em distintos momentos do seu relacionamento romântico amoroso mais recente
- Relatar informações secundárias tais como idade, profissão, declaração sobre sexo biológico, orientação sexual, estado relacional, tipo e a modalidade do envolvimento mais recente

FICHA DE CADASTRO

Ficha de cadastro - Relacionamento amoroso e mídias

O/ã,
Felizmente o estudo conseguiu atingir o número estipulado de participantes.
Obrigado!
Até!

[Retornar a coleta de respostas \(somente se editores do formulário podem ver este link\).](#)

Google Formulários. Este conteúdo não foi enviado nem aprovado pelo Google.

Fonte: Autor (2021)

Com o objetivo de otimizar as informações, o site foi organizado em cinco áreas. Em **“Sobre o estudo”**, primeira área, apresentei um texto sucinto sobre a pesquisa e os objetivos delineados. Na segunda, **“Critérios para participar do estudo”**, informei em tópicos o perfil de participante desejado, elencando as exigências para a inscrição — a) Ser maior de 18 anos; b) Estar em um envolvimento romântico (namoro, morando junto, noivado ou casamento) ou ter tido um nos últimos três meses; c) Ter utilizado mídias digitais para se comunicar com o/a parceiro/a; d) Ter login de acesso e saber manusear as plataformas Skype ou Hangouts para a

videochamada; e) Dispor de um computador ou Smartphone para a videochamada. Na terceira seção, “**Procedimentos para participação**”, organizei em tópicos o que os participantes deveriam fazer para integrar a pesquisa — a) Preencher ficha de cadastro apresentada no site; b) Ler e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido; c) Ter disponibilidade para uma entrevista online com a duração entre 30 e 60 minutos; d) Conceder entrevista individual por videochamada para o pesquisador em dia e horário combinados; e) Responder perguntas sobre a sua experiência com mídias digitais em distintos momentos do seu relacionamento romântico amoroso mais recente; f) Relatar informações secundárias, tais como idade, profissão, declaração sobre sexo biológico, orientação sexual, estado relacional, tipo e a modalidade do envolvimento mais recente. Na quarta área do site, apresentei a **ficha de cadastro**. Nela, também elaborada via Google Forms, o interessado respondia 11 questões — 10 questões de múltipla escolha (duas com a opção "Outro", para inserção de resposta complementar) e uma pergunta aberta para informar e-mail e telefone. Essas questões buscavam mapear pontualmente o alinhamento dos candidatos aos critérios anteriormente apresentados, além de sondar os dias e horários de disponibilidade para a entrevista. Por fim, em “**Pesquisadores**”, apresentei os idealizadores do estudo, seus currículos lattes e instituição de vinculação.

As estratégias produzidas para recrutar voluntários permitiram um total de 39 inscrições em um período de 40 dias, quase o dobro de participantes esperados. Todas as fichas foram avaliadas e estavam devidamente alinhadas aos critérios estabelecidos. O recrutamento, a seleção e as entrevistas ocorreram paralelamente entre os meses de junho, julho e agosto de 2020.

Por entender que o processo metodológico revisita cada passo e reflete sobre a precisão de seu direcionamento, justamente para ser ajustado no decorrer do trabalho (BRAGA, 2011), a definição dos participantes foi ocorrendo semanalmente, sempre por seleção ao acaso (sorteio). Na primeira semana, observei quantidade maior de inscrições de mulheres, o que acabou contribuindo para que a escolha e a entrevista ocorressem com voluntárias do sexo biológico feminino. Na semana seguinte, com o crescimento no número de inscritos, busquei equalizar com pessoas do sexo biológico masculino. Ao perceber a maior frequência de indivíduos em relações heteroafetivas, na terceira semana procurei selecionar, por meio de sorteio, voluntários de ambos os sexos que tivessem relações homoafetivas. O mesmo ocorreu com a modalidade da relação, levando a fazer um sorteio entre os voluntários com relações abertas, considerando a maior recorrência de participantes em relacionamentos fechados.

Além do sexo biológico, tipo e modalidade da relação, a negociação para o agendamento em si colaborou no processo seletivo, uma vez que alguns voluntários contatados não responderam a mensagem para agendamento da entrevista. Todas as convocações foram enviadas por e-mail, único meio de comunicação informado pelos voluntários em questão. Com isso, passei a priorizar a seleção de sorteados que também informaram seus contatos telefônicos, viabilizando a confirmação do interesse e o agendamento da videochamada por meio de ligação telefônica ou WhatsApp.

5.3 A CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS E OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Condicionar a ocorrência da entrevista à assinatura dos termos de livre consentimento esclarecido funcionou como certificação da presença dos participantes (Apêndice C). Aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade (Anexo A), o termo se fez necessário para garantir que as informações cedidas nas gravações seriam usadas para fins de pesquisa, bem como assegurar a preservação da identidade dos entrevistados. Em razão da política de distanciamento social, o procedimento foi viabilizado com o suporte do aplicativo Sign Easy¹²⁸, que possibilitou a assinatura e o encaminhamento dos documentos dos participantes digitalmente.

A possibilidade de o entrevistado escolher entre as plataformas Google Meet e Skype necessitou preparação prévia para gravação da videochamada. O Skype permite a gravação na própria plataforma, já para entrevistas por Meet contei com o suporte do programa Ocam¹²⁹, plataforma gratuita que grava a partir da captura de tela do computador.

Na condução das entrevistas, iniciei o contato reforçando a cada participante o foco da pesquisa em mapear as experiências individuais em relação às mídias durante o relacionamento — e não as do parceiro, embora pudessem relatá-las. Esclareci, ainda, o que entendo pelo termo “mídia”, a fim de facilitar a compreensão e o enfoque no âmbito digital. Por fim, informei os procedimentos tomados para assegurar o anonimato, e questionei a disponibilidade dos entrevistados para fazer mais quatro perguntas sobre a pandemia e o estudo¹³⁰. Ademais, segui o percurso traçado pelo roteiro.

Os participantes se sentiram à vontade em responder as perguntas, algo que se refletiu no tempo das videochamadas. Em média, as entrevistas oscilaram entre 23 e 55 minutos.

¹²⁸ Disponível em: <https://signeasy.com/>.

¹²⁹ Disponível em: <https://ohsoft.net/eng/ocam/>.

¹³⁰ Apenas dois entrevistados não puderam responder os blocos sobre a pandemia e o estudo.

Devido à qualidade da conexão, uma das conversas precisou ser gravada somente por áudio¹³¹ e outra necessitou ser refeita a partir do terceiro bloco de perguntas, em função da dificuldade de compreensão de parte da gravação para o processo de transcrição¹³².

Os respondentes são apresentados por meio dos seus códigos, profissões, idades, tipos, modalidades e tempo de suas relações. O último item foi o que pautou a organização dos participantes (Quadro 1). A codificação foi montada a partir da sequência composta pelo sexo biológico informado — F: feminino e M: masculino; pelo tipo de relação — HT: relação heteroafetiva e HM: relação homoafetiva; pela modalidade — A: aberta e F: fechada; e pela ordem numérica da ficha de inscrição no site — entre os números #1 e #40.

Quadro 1 - Perfil dos participantes

MHTF #9 Profissão: Bancário Idade: 38 anos Tipo: Heteroafetivo Morando junto Modalidade: Fechado Duração: 4 Meses	MHTF #30 Profissão: Estudante Idade: 21 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 5 Meses	FHTA #31 Profissão: Estudante Idade: 19 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Aberto Duração: 6 Meses	FHTF #25 Profissão: Professora Idade: 25 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 7 Meses	FHTF #5 Profissão: Arquiteta Idade: 24 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 9 meses
FHTF #16 Profissão: Estudante Idade: 26 anos Tipo: Heteroafetivo Noiva Modalidade: Fechado Duração: 9 meses	FHTF #19 Profissão: Intérprete Idade: 32 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 1 ano	FHMF #23 Profissão: Estudante Idade: 25 anos Tipo: Homoafetivo Morando junto Modalidade: Fechado Duração: 1 ano e 3 meses	MHTF #33 Profissão: Estudante Idade: 26 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 1ano e 6 meses	MHMA #17 Profissão: Estudante Idade: 24 anos Tipo: Homoafetivo Morando junto Modalidade: Aberto Fechado Duração: 3 anos
MHMA #32 Profissão: Estudante Idade: 21 anos Tipo: Homoafetivo Namorando Modalidade: Aberto Fechado Duração: 3 anos	MHMF #20 Profissão: Analista Idade: 28 anos Tipo: Homoafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 3 anos e 3 meses	FHTF #4 Profissão: Professora Idade: 24 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 4 anos	MHMA #10 Profissão: Autônomo Idade: 43 anos Tipo: Homoafetivo Namorando Modalidade: Aberto (Inclusivo) Duração: 4 anos	MHTF #28 Profissão: Estudante Idade: 28 anos Tipo: Heteroafetivo Namorando Modalidade: Fechado Duração: 4 anos e 6 meses
FHTA #22 Profissão: Estudante Idade: 28 anos Tipo: Heteroafetivo Casada Modalidade: Aberto Duração: 6 anos	FHTF #27 Profissão: Engenheira Idade: 26 anos Tipo: Heteroafetivo Morando junto Modalidade: Fechado Duração: 7 anos e 6 meses	FHTF #2 Profissão: Educadora Idade: 28 anos Tipo: Heteroafetivo Casada Modalidade: Fechado Duração: 8 anos	MHTF #6 Profissão: Gerente de Mkt Idade: 33 anos Tipo: Heteroafetivo Casado Modalidade: Fechado Duração: 8 anos	MHTF #7 Profissão: Engenheiro Idade: 32 anos Tipo: Heteroafetivo Casado Modalidade: Fechado Duração: 12 anos

Fonte: Autor (2021)

¹³¹ Ocorrência tida com a participante FHTA#31, entrevistada no dia 31 de julho de 2020.

¹³² Ocorrência tida com a participante FHTA#22, entrevistada nos dias 09 de julho e 15 de agosto de 2020.

A faixa etária dos participantes oscila entre 19 e 43 anos. Entre as ocupações informadas, reuni estudantes, professores, engenheiros, analista financeiro, gerente de marketing, bancário, profissional autônomo e intérprete. A duração dos relacionamentos, por sua vez, varia entre 4 meses e 12 anos. Do total, 19 entrevistados informaram estar em um envolvimento romântico-amoroso até o momento da coleta¹³³. A respeito dos tipos de relacionamento, 15 estão em envolvimento românticos heteroafetivos — 8 namorando, 4 casados, 2 morando juntos e 1 noivo; e 5 em envolvimento homoafetivos — 3 namorando e 2 morando juntos. No que tange à modalidade dos relacionamentos, se são fechados ou abertos a práticas sexuais com outros parceiros, 15 revelaram estar em relações fechadas — das quais 13 são heteroafetivos e 2 homoafetivos; e os 5 restantes afirmaram estar em relações abertas — das quais 3 são homoafetivas e 2 heteroafetivas¹³⁴.

5.4 ANÁLISE DOS DADOS

O processo de análise centrou-se nos procedimentos necessários para amparar a análise indutiva dos dados coletados. Kozinets (2014) explicou que a indução consiste em uma forma de raciocínio lógico advindo de observações individuais, nas quais o pesquisador constrói afirmações mais gerais sobre um fenômeno¹³⁵. No caso do presente estudo, os processos executados se apoiaram em três procedimentos: a transcrição integral das entrevistas (Apêndice D), o refinamento dos dados e o desenvolvimento de fichas pós-entrevistas (Apêndice E).

Com a finalização da coleta, todos os registros audiovisuais das entrevistas foram manualmente transcritos com o suporte do site oTranscribe¹³⁶, o que ocorreu ao longo dos

¹³³ Somente a participante FHTE#25 informou que terminou o relacionamento no mês anterior à data da entrevista, realizada no dia 21 de julho de 2020.

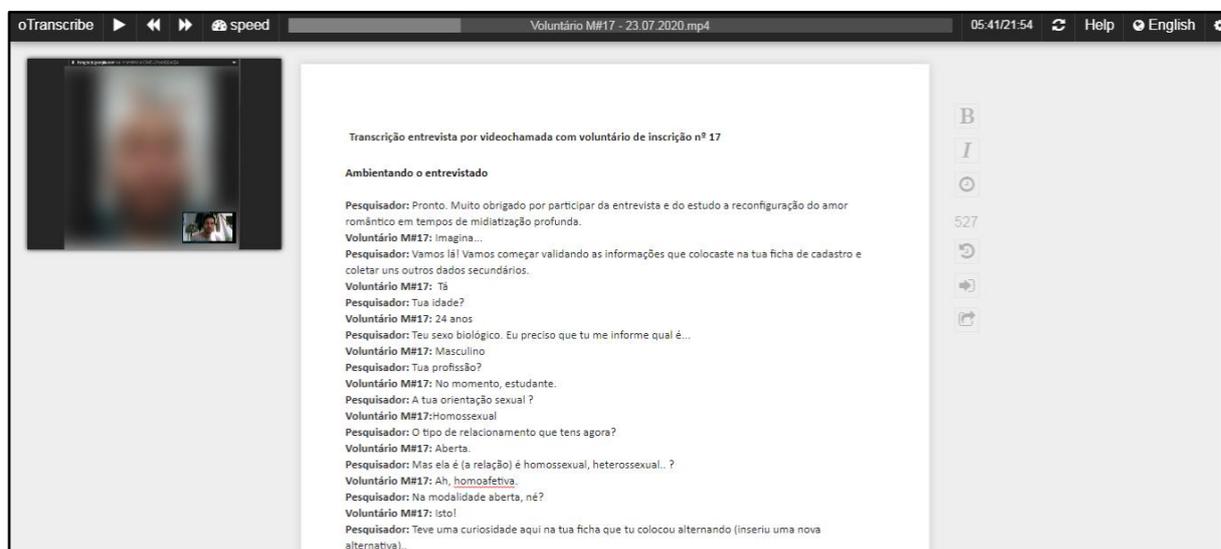
¹³⁴ Vale destacar que dentre os cinco participantes deste grupo, dois assinalaram estar em relações abertas e outros três utilizaram termos como “alternando entre fechado e aberto”, “fechado com participações” e o termo “inclusivo”. Por vivenciarem experiências sexuais com outros parceiros em algum momento da relação, todos foram reunidos na modalidade aberta.

¹³⁵ Kozinets (2014) informou, ainda, que as análises indutivas costumam adotar procedimentos como: codificação (afixar códigos ou categorias dos dados extraídos), anotações (observações, anotações e memorandos no ato da coleta), abstração e comparação (classificar, filtrar e relacionar os dados), verificação e refinamento (retorno ao campo para verificar e refinar as compreensões obtidas), generalizações (padrões que cobrem ou explicam a consistência dos dados, teorização (confrontar as generalizações da pesquisa em um campo formalizado de conhecimento). Esses procedimentos não seguem um padrão linear e são adaptados às necessidades de cada investigação.

¹³⁶ Disponível em: <https://otranscribe.com/>.

meses de setembro, outubro e novembro de 2020. A plataforma foi funcional por convergir, na mesma tela, a reprodução do vídeo e um documento para redigir as falas, além de permitir a regulação da velocidade da reprodução. Esses recursos foram importantes para facilitar a apreensão do que foi dito e a digitação textual do relato (Figura 3).

Figura 3 - Exemplo de transcrição realizada por meio do site oTranscribe



Fonte: Autor (2021)

Com as transcrições feitas e organizadas conforme os blocos dos estágios relacionais, os relatos passaram por um processo de refinamento, segundo momento dos procedimentos de análise dos dados. A proposta desse refinamento consistiu em analisar as transcrições com o foco em mapear as mídias, as práticas midiáticas e os seus significados nos estágios da relação em que ocorreram. Esse processo demandou maior atenção, afinal, recorrentemente os participantes citaram processos do/a parceiro/a, além dos significados que, por vezes, ficaram diluídos nas vivências contadas.

Quadro 2 - Parte inicial das fichas pós-entrevistas

Voluntária Ficha de cadastro nº 16 Código FHTF#16			
Dados			
Sexo biológico: Feminino	Orientação sexual: Bissexual	Tipo de relação: Heteroafetiva (noiva)	Modalidade da relação: Fechada
Tempo da relação: 9 meses	Idade: 26 anos	Profissão: Estudante	Plataforma escolhida: Hangout
Data e horário da entrevista: 03.07.2020 15h (Sexta-feira)		Duração da entrevista: 53 minutos e 03 segundos	
Padrões, processos midiáticos e significados			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados
Mídia promoveu participou do encontro	Participou. WhatsApp	Troca de número telefônico.	A mídia propiciou espaço para o parceiro "convencer" a manutenção da relação à distância
Uso de apps de paquera no começo	1. Happn 2. Tinder	X	Embora tenha dito esses dois, a respondente revelou ter usado couchsurfing com o foco em conhecer pessoas. - Revelou desinstalar após decidir conhecer o parceiro - Não conversaram sobre o uso de apps de paquera nessa fase
Inicialização/ exploração			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados

Fonte: Autor (2021)

O refinamento dos dados permitiu a produção das fichas pós-entrevistas, nas quais apresentei as mídias e processos midiáticos conforme as ênfases comunicativas dos estágios do ciclo de desenvolvimento da relação (Quadro 2). Individualmente feitas para cada participante, o procedimento foi idealizado para facilitar o processo indutivo. Através das fichas, encontrei maior facilidade para reunir as informações e produzir quadros para ilustrar a discussão dos dados.

Em linhas gerais, o processo de organização dos dados possibilitou que o percurso de análise fosse pautado na organização dos 20 participantes em 3 agrupamentos, montados a partir do ano em que as relações estudadas começaram. Por meio deles, delineiam-se eixos temporais que permitiu atestar diferenciações em termos de usos de mídias, processos midiáticos e significados, dos quais apontam para um aprofundamento da relação de interdependência de mídias no desenvolvimento de relações românticas. Para melhor apresentar essa questão, retomo os principais conceitos e o modo como essa organização foi feita a seguir, logo no início do capítulo seguinte, parte esta que antecede a apresentação dos dados do estudo empírico e as discussões vindas a partir deles.

6 A PARTICIPAÇÃO DE MÍDIAS DIGITAIS EM RELAÇÕES ROMÂNTICAS

Neste capítulo, irei abordar e debater os resultados da pesquisa empírica desenvolvida na tese. Para a perspectiva de investigação adotada, esse processo exigiu, na ótica de Duarte (2004, p. 222), a interpretação de fragmentos das falas dos entrevistados em torno de categorias ou eixos temáticos, e a confrontação desse material com as referências que nortearam a construção do trabalho. Em vias práticas, a aproximação de falas sobre as mídias e práticas midiáticas semelhantes, complementares e divergentes a partir das exigências comunicativas em momentos específicos da relação romântica permitiu depreender “[...] a natureza e a lógica das relações estabelecidas naquele contexto e o modo como os diferentes interlocutores percebem o problema com o qual estão lidando”. Frente à importância dos objetos teóricos, torna-se pertinente começar retomando brevemente os conceitos que fundamentaram a compreensão de como as mídias digitais participam do desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos. Posteriormente, é explicitado o modo como o percurso desta parte da pesquisa foi organizado.

Teoricamente, encaro os relacionamentos pesquisados como uma configuração (ELIAS, 2001) romântico-relacional, na qual as ações individuais dos envolvidos são reguladas pela situação de interdependência em que se encontram. A noção de Elias (2001) permitiu olhar para um arsenal de significados partilhados que norteia as expectativas, os papéis e as decisões dos envolvidos, delineando, portanto, a relação. Com isso em mente, a comunicação tem função central ao atuar como um eletrocardiograma das transformações dessas configurações, justamente por fornecer indícios dessas reordenações. Esse é o pressuposto que mobilizou a percepção da recorrência de padrões comunicativos em determinados momentos da trajetória do envolvimento. Agrupados, esses padrões compõem os estágios que assinalam a aproximação dentro do ciclo do seu desenvolvimento — Inicialização, Exploração, Intensificação, Integração e a Vinculação emocional (KNAPP; VANGELISTI; CAUGHLIN, 2014). É com base nos padrões comunicativos enfatizados em cada estágio que busquei mapear as mídias e processos midiáticos mobilizados por parte dos participantes para atender essas necessidades comunicativas nas suas relações, a fim de ilustrar a configuração da figuração (COULDRY; HEPP, 2017) dos envolvimento românticos.

Valendo-se das mídias digitais como elementos importantes para este trabalho, torna-se fundamental abordar o modo como compreendo o termo mídia: como um ambiente de tripla dimensão, que contempla a materialidade para suportar o processo comunicativo

(aparato técnico, a complexa teia de produção orientada pela venda e lucro); a instituição/empresa de comunicação, que institui o modo de consumir; e a forma específica arquitetada para propiciar o processo comunicativo (a linguagem). Frente a esse entendimento, a midiaticização profunda (COULDRY; HEPP, 2017) enfatiza a multiplicidade de sistemas de comunicação midiática que interagem no cenário atual, marcadamente aliciadas pela internet e a revolução digital em nossas práticas cotidianas.

Tendo esses conceitos como premissas, a maneira escolhida para não somente destacar a participação das infraestruturas midiáticas no âmbito digital, mas abordar o aprofundamento da midiaticização na configuração romântico-relacional, foi reunir as mídias e processos midiáticos relatados pelos participantes em agrupamentos menores. Essa organização dos entrevistados foi orientada pela duração informada das relações. Saber disso propiciou que constataste o ano do início dos envolvimento relatado pelos participantes, criando, assim, subsídios temporais para ilustrar a intensificação da articulação de mídias digitais no âmbito romântico-relacional, uma vez que consegui delinear um percurso de processos midiáticos ocorridos no período entre os anos de 2008 e 2020 (Quadro 3).

Quadro 3 - Organização dos 20 participantes do estudo em grupos

Grupo 1		Grupo 2	Grupo 3
4 meses - 1 anos e 6 meses [2020-2019]		3 anos - 4 anos e 4 meses [2017-2016]	8 anos - 12 anos [2014-2008]
MHTF #9 Início da relação: 2020	MHT #30 Início da relação: 2020	MHMA #17 Início da relação: 2017	FHTA #22 Início da relação: 2014
FHTA #31 Início da relação: 2019	FHTF #25 Início da relação: 2019	MHMA #32 Início da relação: 2017	FHTF #27 Início da relação: 2012
FHTF #5 Início da relação: 2019	FHTF #16 Início da relação: 2019	MHMF #20 Início da relação: 2017	FHTF #2 Início da relação: 2012
FHTF #19 Início da relação: 2019	FHMF #23 Início da relação: 2019	FHTF #4 Início da relação: 2016	MHTF #6 Início da relação: 2012
MHTF #33 Início da relação: 2019		MHMA #10 Início da relação: 2016	MHTF #7 Início da relação: 2008
		MHTF #7 Início da relação: 2016	

Fonte: Autor (2021)

O primeiro grupo reuniu relações com duração de 4 meses a 1 ano e seis meses, iniciadas entre os anos de 2019 e 2020. Dos 9 participantes, 8 afirmaram estarem em relações heteroafetivas, das quais 7 são fechadas e uma aberta, e um em relacionamento homoafetivo

na modalidade fechada. O grupo 2 abarcou relações com a duração entre 3 anos e 4 anos e 4 meses, com início nos anos 2016 e 2017. Dos 6 participantes, 4 revelaram estar em envolvimento homoafetivos, em que 3 são abertas e uma fechada, e 2 relações heteroafetivas fechadas. O último dos grupos abarcou as relações com duração entre 8 anos e 12 anos, cujo início ocorreu durante os anos de 2008 a 2014. Todos os 5 participantes informaram estarem em envolvimento heteroafetivos, dos quais 4 são fechados e um aberto.

Ainda que sejam em temporalidades próximas, essa disposição propiciou trabalhar com todos os tipos e modalidades de relações, além de fornecer uma didática que viabilizou manejar a quantidade e riqueza dos dados coletados. Ainda, viabilizou o delineamento de um panorama holístico da articulação das mídias digitais em configurações romântico-relacionais. Ao tomar os depoimentos como fontes, extraindo o subjetivo e o pessoal para refletir a dimensão coletiva (DUARTE, 2004), o objetivo foi compreender os significados no interior desses agrupamentos dos quais os entrevistados participaram ao relatar um determinado tempo e lugar de fala. Assim, organizei a discussão dos dados do estudo em quatro momentos, como demonstra o Quadro 4.

Quadro 4 - Estruturação da discussão

PARTICIPANTES			1. O COMEÇO DA RELAÇÃO ROMÂNTICO-AMOROSA		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Mídias digitais promovendo ou participando da aproximação do outro	Uso de serviços de paquera	Mídias digitais para Investigar outros interessados no/a parceiro/a
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Mídias digitais para demonstrar interesse pelo/a parceiro/a	Mídias digitais para descobrir gostos e interesses	Mídias digitais para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a
PARTICIPANTES			2. O CRUZAMENTO DE ROTINAS E CÍRCULOS SOCIAIS		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Mídias digitais para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a	Mídias digitais para compartilhar momentos juntos do/a parceiro/a	Mídias digitais para explorar a sexualidade com o/a parceiro/as; Mídias digitais para partilhar intimidades com o/a parceiro/a
PARTICIPANTES			3. A OFICIALIZAÇÃO DA RELAÇÃO ROMÂNTICO-AMOROSA		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Mídias digitais para expor a oficialização da relação	Mídias digitais para fazer declaração de amor	
PARTICIPANTES			4. PANDEMIA		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3	Avaliação do consumo de mídias		

Fonte: Autor (2021)

No primeiro deles, o começo da relação, irei discorrer as mídias digitais e processos midiáticos adotados pelos três grupos a partir das seguintes ênfases comunicativas: promoção/participação de mídias no encontro; no uso de serviços de paquera¹³⁷; na conduta de investigar outros interessados no/a parceiro/a; na demonstração de interesse pelo/a parceiro/a; para descobrir gostos/interesses do/a parceiro/a; e para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a.

O segundo momento é dedicado à abordagem das mídias digitais e das práticas midiáticas no período da relação em que as rotinas e os círculos sociais dos envolvidos passam a se cruzar a partir da ênfase comunicativa em: se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a; compartilhar momentos juntos; e o partilhamento de intimidades com o/a parceiro/a.

No terceiro momento, fase de oficialização do envolvimento, irei explanar as mídias e ações no âmbito digital a partir da ênfase em: expor a oficialização da relação e em declarar amor pelo/a parceiro/a. Além desse arsenal, considere pertinente explorar a temática do estudo no âmbito da pandemia de Covid-19, questionando, no quarto momento, como os participantes avaliam o consumo de mídias digitais na comunicação do casal neste cenário.

6.1 O COMEÇO DA RELAÇÃO ROMÂNTICA

Por força do amor romântico, o Brasil dos primeiros decênios do século XIX atestou a gradual infrequência na escolha de parceiros por parte das famílias como única via legitimada na formação conjugal. Em consequência, a maior (e relativa) autonomia dos sujeitos em buscar parceria conjugal fez emergir todo um repertório de práticas com foco na aproximação e em explorar a reciprocidade sexual e/ou afetiva. Seja para conter o julgamento de uma sociedade que se ajustava a essas explorações ou o próprio receio da rejeição do outro, o compartilhamento de significados dessa configuração social acabou por condicionar o delineamento de padrões. Em linhas gerais, ao homem da época coube a incumbência de tomar iniciativa, lançar olhares com cautela e discrição ou dirigir-se respeitosamente para iniciar uma conversa. A mulher, por sua vez, muito em função do seu papel, não tinha o hábito de tomar iniciativa de maneira direta, correspondia às encaradas com olhares contidos

¹³⁷ Os dois primeiros padrões foram acrescentados nesse estágio em razão de outros estudos realizados por mim, sobre os quais irei discorrer mais adiante.

ou expressando timidez com a presença do rapaz. E, não por acaso, a troca de bilhetes foi um recurso bastante utilizado.

[...] toda associação de tal natureza obedece às tendências gerais das díades humanas, funcionando em parte segundo as peculiaridades dos indivíduos participantes e os interesses abstratos das coletividades. Esse caráter pessoal e íntimo é, entretanto, subordinado a normas e princípios socialmente estabelecidos e culturalmente pautados[...] Pares formados por amor ou por inclinação amorosa são dependentes de costumes, de tradições, de círculos de convívio, de localidades, de laços de família e de posições na sociedade (AZEVEDO, 1981, p. 226).

Ao destacarmos a mediação profunda (COULDRY; HEPP, 2017) como uma engrenagem importante no delineamento da sociedade atual, são desbravados nesse segmento os modos pelos quais os participantes do estudo exploraram a aproximação sexual/afetiva do outro em espaços mediados de comunicação digital. Para isso, apoio-me no repertório de ênfases de padrões comunicativos de Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) a partir dos estágios da Inicialização, ao desenvolver na comunicação maneiras para se aproximar, e da Exploração, ao utilizar a comunicação para sondar o interesse sexual e/ou afetivo do outro. Com isso em mente, vale destacar que, nesse estágio da relação, os envolvidos estavam se conhecendo romanticamente. Alguns dos entrevistados até relataram terem se visto antes, se conhecido em eventos sociais como festas ou terem sido colegas de faculdade. Contudo, a atenção foi centrada na configuração em torno da abordagem romântica, nos procedimentos comunicativos tomados nas mídias digitais para expressar o interesse sexual e/ou afetivo, e conhecer o outro.

6.1.1 Mídias digitais promovendo ou participando da aproximação do outro

Na configuração romântico-relacional dos participantes do grupo 1, foram citadas até quatro mídias que promoveram e/ou participaram do encontro com o/a parceiro. De maneira geral, foi constatada a associação entre mídias de redes sociais e mídias de comunicação digital. Entre as mídias sociais citadas estão o Instagram e o Facebook, com práticas como visualizar o perfil, solicitar amizade (Facebook) ou pedir para seguir (Instagram) o perfil e curtir fotos. Já nas mídias de comunicação o WhatsApp se destacou com práticas como troca de número de telefone e troca de mensagens de texto, com alguns entrevistados revelando o teor das interações: conversas sobre a rotina e/ou cotidiano. O Messenger e o Skype também foram mencionados (Quadro 5). Valendo-se da premissa de que os envolvidos não eram

vinculados nas mídias digitais informadas, as práticas midiáticas tidas podem ser interpretadas como acenos de intencionalidade sexual e/ou afetiva para com o outro.

Quadro 5 - Grupo 1 - Promoveu/Participou do encontro

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Buscou perfil marcado no story de amigo. WHATSAPP: Trocou de número de telefone; interações sobre a rotina. SKYPE: Troca de mensagens de texto.	MHTF #30 [2020]	FACEBOOK: Solicitou amizade; visualizar perfil. INSTAGRAM: Solicitou pra seguir; curtir fotos. WHATSAPP: Trocou de número de telefone; interações sobre a rotina.
FHTA #31 [2019]	TINDER: Visualizou perfil; deu coração; interagiu por texto. WHATSAPP: Trocou número de telefone; interações sobre o cotidiano.	FHTF #25 [2019]	FACEBOOK: Solicitou amizade; explorou as alterações no status de relação; analisou o perfil; averiguou as pessoas com quem interagiu; analisou os comentários em fotos. INSTAGRAM: Comentou fotos do parceiro e familiares; analisou o perfil; averiguou as pessoas com quem interagiu; analisou comentários em fotos. LINKEDIN: Buscou interações suspeitas. LATTES: Buscou pelos nomes de colegas do grupo de pesquisa para procurar em mídias sociais.
FHTF #5 [2019]	HAPPN: Visualizou perfil; deu coração; interagiu por texto. INSTAGRAM: Interagiu via direct.	FHTF #16 [2019]	WHATSAPP: Trocou de número de telefone; interagiu sobre assuntos diversos.
FHTF #19 [2019]	INSTAGRAM: Visualizou perfil; solicitou para seguir. WHATSAPP: Trocou número de telefone; interagiu sobre a rotina.	FHMF #23 [2019]	FACEBOOK: Interagiu no grupo LDVR; solicitou amizade; interações em postagens; interações direct. TWITTER: Seguiu perfil; curtiu todas as postagens; repostou tweets com indiretas.
MHTF #33 [2019]	MESSANGER/FACEBOOK: Solicitou amizade; trocou mensagens por texto.		

Fonte: Autor (2021).

Tendo em vista a atuação dos serviços de paquera na promoção de encontros online, somente duas participantes desse grupo mencionaram a participação do Tinder e Happn, aliadas, respectivamente ao WhatsApp e Instagram — FHTA #31 e FHTF #5. Curiosamente, ambas estão em envolvimentos heteroafetivos nas modalidades aberta e fechada, respectivamente. Ao falar sobre isso, a participante FHTA #31 revelou ter superado o preconceito que ronda o uso de plataformas como o Tinder:

[...] Quando tu entra naquilo (Tinder), tu tem que julgar a pessoa através de uma, de umas fotos e um texto ou o que ela escreveu, né?! Então, não tem como julgar a

peessoa pela integridade do que ela é porque tu não conhece a pessoa. Muitas vezes aquele relacionamento acaba sendo superficial, assim. E eu não gosto disso. Não é a minha praia![...] Daí, um dia eu resolvi usar, porque, como eu disse, eu estava nessa coisa de mudar de curso e estava fazendo uma cadeira na faculdade. Daí, também estava saindo bastante. Tava por curtir! Como eu estava nesse ‘mindset’ resolvi usar e enfrentar o que eu tinha como percepção, sabe?! (FHTA #31, 2020).

O relato evidenciou que ainda que possa haver uma maioria forjando relações mais fluidas, pautadas na realização pontual de desejos sexuais e afetivos, o meio também pode ser utilizado por sujeitos visando envolvimento mais duradouros. A evidência empírica ganha força ao se observar a quantidade de envolvimento promovidos por mídias do segmento entre os participantes que começaram as relações entre 2017 e 2016.

Na esteira dos serviços de paquera, o segundo grupo mostrou um número maior de menções aos *apps* do segmento. Articulado ou não às mídias de comunicação e/ou social, do total de seis participantes deste grupo, apenas um relatou não ter utilizado mídias do segmento (Quadro 6). Para o participante MHMF #28, a ausência de plataformas como Tinder no começo da sua experiência romântico-relacional se ancorou no estigma de que o encontro do outro naquele espaço não “[...] ia chegar em um relacionamento mais sério”, posto que, quando utilizou, sua intenção não era para buscar “[...] pegação ou algo assim. Era mais para conhecer alguém legal para ver se ia virar algo sério” (MHMF #28, 2020). Ou seja, no entendimento do participante, o lugar não é o mais indicado para se buscar envolvimento sério.

Quadro 6 - Grupo 2 - Promoção/Participação do encontro

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	GRINDR: Visualizou perfil; iniciou conversa. WHATSAPP: Enviou número de telefone; enviou mensagens de texto; enviou fotos.	MHMA #32 [2017]	TINDER: Visualizou perfil; deu coração; trocou mensagens de texto. INSTAGRAM: Reagiu a stories. WHATSAPP: Trocou de número de telefone; interações sobre a rotina.
MHMF #20 [2017]	HORNET: Identificou nome no perfil; visualizou foto. FACEBOOK: Buscou perfil; solicitou amizade; enviou mensagens de texto (DM). WHATSAPP: Trocou número de telefone; interações sobre a rotina.	FHTF #4 [2016]	TINDER: Visualizou perfil; deu coração; trocou mensagens de texto. WHATSAPP: Trocou número de telefone; interagiu por mensagens de texto; enviou fotos.
MHMA #10 [2016]	GRINDR: Visualizou perfil; trocou mensagens de texto.	MHMF #28 [2016]	FACEBOOK: Buscou perfil; solicitou amizade; enviou mensagens de texto.

Fonte: Autor (2021)

De modo geral, as configurações romântico-relacionais do grupo 2 mobilizaram o envolvimento de uma a três mídias. Ao olharmos para as práticas midiáticas, temos a visualização de perfis e a troca de mensagens de texto nos serviços de paquera Tinder, Grindr e Hornet. O WhatsApp foi a única mídia de comunicação digital mencionada, serviço este que exigiu dos entrevistados o envio do número de telefone, troca de mensagens de texto e envio de fotos. Sobre as mídias de redes sociais, o Facebook teve o maior envolvimento, segundo o relato dos participantes, por meio de processos como a busca do perfil, a solicitação de amizade e o envio de mensagens de texto (DM). Dessa forma, o grupo 2 mobilizou a maior participação das mídias de paquera e das plataformas de comunicação. Contudo, é preciso destacar que a maioria dos relatos vem de entrevistados do sexo biológico masculino em relações homoafetivas — MHMA#17, MHMA #32, MHMF #20, MHMA #10, nas quais sobressaiu a modalidade de relacionamentos aberta. Com isso, há um indício empírico de uma ênfase na participação/promoção de serviços de paquera e plataformas de comunicação por parte de sujeitos do sexo biológico masculino com orientação homossexual para o encontro de parceiros românticos.

A presença das mídias de paquera na promoção dos encontros dos/as parceiros/as nos grupos 1 e 2 permitiu atestar empiricamente que esses serviços não são utilizados somente para encontros sexuais. Essa questão também foi verificada no estudo sobre o flerte em serviços de paquera realizado durante o doutorado. Embora a pesquisa não fosse especificamente direcionada para esse momento da relação, 77% dos entrevistados afirmaram ter utilizado mídias como Tinder e 30% revelaram usar esses serviços como meio para conhecer pessoas para namorar (FERNANDES; PRIMO, 2020)¹³⁸. Hobbs et al. (2017) também atestaram evidências semelhantes ao buscar compreender em que medida a transformação digital reordenou a intimidade a partir das *affordances*¹³⁹ dos *dating apps*. A pesquisa mostrou que 55% dos entrevistados utilizam as plataformas para conhecer pessoas para encontros com esse foco (*date*¹⁴⁰). Esses dados acabam indo contra a apreensão inicial,

¹³⁸ O estudo de Fernandes e Primo (2020) se apoiou nos 397 questionários online aplicados no ano de 2018 com sujeitos residentes em cidades das regiões Sul e Sudeste do Brasil e com faixa etária entre 21 e 38 anos.

¹³⁹ De acordo com Gibson (1977), *affordance* remete à identificação das funcionalidades de um objeto a partir de seus atributos. As limitações oferecidas pelo objeto, conseqüentemente, condicionam a intervenção do agente humano. Ou seja, os recursos expressivos e estéticos da comunicação interpessoal não presencial no Facebook tanto facultam quanto limitam a atuação de seus usuários.

¹⁴⁰ O trabalho de Hobbs et al (2017) ancorou sua reflexão na aplicação de questionários online e entrevistas em profundidade no ano de 2015. O dado informado refere-se aos resultados obtidos pelo primeiro instrumento de coleta. Nessa fase, os autores trabalharam com 365 respondentes, em sua maioria australianos (80%), com orientações sexuais e status relacionais diversos.

inclusive dos próprios participantes do presente estudo, de que tais mídias são utilizadas basicamente para fins sexuais e, assim, desenvolver relacionamentos mais fluídos, sem tanto comprometimento com o parceiro.

Se o uso dos serviços de paquera marcou presença no começo dos envolvimento românticos dos grupos anteriores, no grupo 3 elas nem aparecem. A priori, considero que essa discrepância ocorreu em razão do maior acesso (financeiro e social) a dispositivos móveis, além da consequente ampliação/surgimento de infraestruturas midiáticas nesse segmento para serem utilizadas nesses aparelhos. Para os participantes que iniciaram seus relacionamentos entre os anos de 2008 e 2014, as mídias citadas para se aproximar do/a parceiro/a variaram entre uma e três, das quais destacam-se os segmentos de redes sociais e de comunicação digital (Quadro 7).

Quadro 7 - Grupo 3 - Promoção/Participação do encontro

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	ORKUT: Aceitou convite; reagiu as fotos; comentou em fotos.	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Interagiu via mensagens de texto; curtiu fotos; comentou em fotos. ORKUT: Deixou recado (scraps); comentou em álbuns; comentou em fotos. MSN: Troca de endereço de email; trocou mensagens de texto.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Aceitou participar de grupo para organização de festa.	MHTF #6 [2012]	SKYPE: Troca de endereço de e-mail; interagiu por mensagens de texto. MESSANGER/FACEBOOK: Interagiu por mensagens de texto.
MHTF #7 [2008]	MSN: Troca de endereço de e-mail; trocou mensagens de texto. ORKUT: Curtiu fotos.		

Fonte: Autor (2021)

No que tange às práticas midiáticas, Orkut e Facebook foram utilizados para solicitações de amizade e interações. Já nos serviços de comunicação digital, MSN e Skype¹⁴¹, as práticas foram precedidas pela troca de e-mail para que pudessem se adicionar, utilizar os mensageiros e interagir por meio de mensagens de texto. Os relatos dos

¹⁴¹ Com a compra do Skype pela Microsoft em 2011, o MSN Messenger passou por um processo de atualização de sistemas e servidores. No Brasil, em abril de 2013, a empresa iniciou o processo de migração do MSN Messenger para Skype nos softwares instalados nos computadores, destacando o oferecimento de serviços de videochamadas. Disponível em: <https://glo.bo/3h1km98>.

participantes demonstram que o envolvimento de mídias digitais no processo de aproximação e sondagem do/a parceiro/a neste grupo ficou marcado pelo processo de migração de infraestruturas midiáticas nos segmentos mencionados. A participante FHTF #22 destacou que, na época em que conheceu seu parceiro, “[...] o modelo do Orkut estava passando. E a gente tinha acabado de mudar pro Facebook mesmo” (FHTF #22, 2020). No caso do participante MHTF #6, a transição acabou motivando que utilizasse “[...] as duas plataformas, mas conversava mais pelo Messenger mesmo” (MHTF #6, 2020). FHTF #27 também destacou que “[...] o chat do Facebook era muito usado [...]. Acho que foi bem um ano antes de ter o WhatsApp mesmo! Então a gente chegou até a se falar pelo MSN, assim, de vez em quando. Mas era mesmo o chat do Facebook” (FHTF #27, 2020). Ao pontuar com maior precisão temporal sobre as práticas midiáticas tidas, FHTF #2 precisou o ano em que as dinâmicas dos grupos de discussão participaram do encontro com o seu parceiro: “[...] no final de 2012, na verdade, quando o Facebook estava chegando, [...] uns 8 anos atrás” (FHTF #2, 2020).

A ênfase na migração acaba por evidenciar a adoção dos computadores como principal suporte tecnológico na época. Considerando os relatos de participantes do grupo 3 de compartilhamento de computadores em suas casas ou na faculdade, as exigências e processos midiáticos em torno da comunicação digital a partir dessa infraestrutura engendraram, por consequência, uma configuração na comunicação mediada diferente das averiguadas nos grupos 1 e 2.

Encarando a relação “[...] como uma sequência de situações trocadas e interações mediadas”, em que cada uma delas “[...] reativa, reafirma e reconfigura o relacionamento”, Licoppe (2004, p. 138, tradução nossa)¹⁴² ressalta o modo como os aparatos tecnológicos, e a maneira como redistribuem as interações, modela e reconfigura o que chama de gestão da relação conectada. Em comparação às interações presenciais que nos fornecem uma maior riqueza expressiva e sensorial (cheiros, expressões, gestos, etc.), todas as formas de comunicação mediada, inicialmente pensadas para suprir a ausência física, caracterizam-se pela pobreza na aquisição da expressividade. Frente às exigências para a sua ocorrência e a exponencial intensificação, seu trabalho levantou a bandeira de que as interações mediadas não suprem, mas reordenam a relação dos envolvidos através da comunicação, destacadamente a partir da atenção mútua depositada, da acessibilidade dos envolvidos à mídia, e, claro, do aparato técnico usado na interação. Basta imaginarmos a logística das

¹⁴² No original: “[...] a relationship is presented as a sequence of situated exchanges and mediated interactions. Each of these mediated interactions reactivates, reaffirms, and reconfigures the relationship”.

relações de alguns participantes do grupo 3 para se comunicar com seus parceiros através do computador. Para que pudessem interagir de maneira síncrona, o acesso ao aparato teve que, entre outras exigências, alinhar horários de acordo com a rotina das respectivas famílias, bem como ajustar a conversa em razão da ausência de privacidade para falar sobre temas como sexo, elementos estes inclusive mencionados por alguns entrevistados deste grupo.

A popularização dos smartphones na realidade brasileira foi uma das primeiras exigências para a atual configuração conectada pelas tecnologias móveis de comunicação e informação. Com isso, se engendrou todo um movimento mercadológico que suscitou mais uma reordenação da gestão da relação conectada (LICOPPE, 2004). Dentre outros fatores mais gerais de ordem econômica, política e social, a ascensão do iPhone, smartphone lançado pela Apple, com o sistema operacional iOS e a lógica de baixar aplicativos exclusivos nas lojas online a partir do ano de 2008, impactou a comunicação mediada. Logo, o desenvolvimento dessa infraestrutura serviu de modelo para o Android, sistema operacional da Google, implementar a sua versão, com o diferencial de ser “[...] feito em plataforma de código aberto, disponível para aperfeiçoamento por qualquer programador” (QUEIROZ, 2018, p. 57)¹⁴³. Assim, empresas como Nokia, LG e Motorola direcionaram seus esforços para desenvolver aparatos técnicos voltados para esse tipo de sistema. A maior acessibilidade a essas tecnologias só começou a atingir níveis mundiais no final do ano de 2010, momento em que dispositivos equipados com Android assumiram a liderança nas vendas globais de smartphones. Em 2013, o sistema da Google passou a responder por 80% do mercado global¹⁴⁴.

Em uma realidade em que nossos smartphones participam cada vez mais da nossa rotina, a mobilidade, individualidade e ubiquidade, características da atual onda de midiáticação em que nos encontramos, engendraram a intensificação na variedade de sistemas de comunicação digital entre os anos de 2008 e 2020. Na especificidade das interações, a rapidez nessas reordenações refletiu sobremaneira nas nossas condutas para com o outro, nas estratégias ao redor da aproximação sexual e afetiva no âmbito romântico-relacional. Embora Licoppe (2004) tenha pensado em uma onda de midiáticação diferente, uma de suas considerações sobre a atenção mútua é atual, contemporânea. No entendimento do autor, quanto menos expressivo for o meio adotado, quanto mais escassos são os sinais que informam a atenção do outro, conseqüentemente em maior frequência os envolvidos buscam

¹⁴³ Baseado em núcleo Linux, Queiroz (2018) informou que o sistema Android já entrou no mercado com sua própria loja de aplicativos que, posteriormente, foi aperfeiçoada e rebatizada pela Google como Google Play.

¹⁴⁴ Queiroz (2018) teve como fonte dessas informações o relatório do IDC Worldwide Mobile Phone Tracker.

meios para reassegurar a atenção e a presença na interação. Em resposta, convencionou-se um padrão na exigência em torno da atenção mútua investida, algo que se mostrará mais claro nas próximas discussões.

6.1.2 O uso de serviços de paquera

Apesar de mencionar no tópico anterior a presença dos serviços de paquera na promoção do encontro ou participando da aproximação, neste segmento busco mapear a presença deles paralelamente ao processo de conhecer o/a parceiro/a. Em outras palavras, averigüei se os participantes, ao estarem conhecendo seus parceiros românticos, utilizavam mídias de paquera. Valendo-se do pressuposto de que se fundam para promover a aproximação sexual e/ou afetiva do outro, torna-se interessante explorar como a aproximação romântica pode ser conciliada com o conhecer outros romanticamente ou não.

No primeiro grupo, dos nove participantes somente um afirmou não ter utilizado serviços do tipo — FHTF#19. Os demais afirmaram terem utilizado o Tinder ou Happn individualmente ou articuladamente (Quadro 8). Sobre usar serviços desse segmento, boa parte dos relatos se apoiaram em palavras como “despretensiosamente”, “sem intenções” ou “apenas para brincar”, buscando enfatizar que o uso desses serviços não atrapalhou a aproximação romântica com o/a parceiro/a. Aliás, alguns chegaram a mencionar que conversavam sobre experiências malsucedidas nos encontros com o/a parceiro/a. Ao ser questionada se ter utilizado Tinder e Happn nesse estágio trouxe problemas, a participante FTHF #25 não somente negou como relatou que o parceiro “[...] usava também. Nas duas (mídias). Então, não era problema nenhum. Inclusive era até um início de conversa: ‘Ah, tu já saiu e tal...’(risos)” (FHTF #25, 2020).

Quadro 8 - Grupo 1 - Uso de serviços de paquera

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	TINDER	MHTF #30 [2020]	TINDER
FHTA #31 [2019]	TINDER	FHTF#25 [2019]	TINDER HAPPN
FHTF #5 [2019]	HAPPN	FHTF#16 [2019]	TINDER HAPPN
FHTF #19 [2019]	X	FHMF #23 [2019]	TINDER HAPPN
MHTF#33 [2019]	TINDER		

Fonte: autor (2021)

Independentemente das configurações hétero ou homoafetivas das relações, o uso dessas plataformas, sobretudo por participantes do sexo biológico feminino, são sintomas de uma reordenação da mulher na sociedade atual¹⁴⁵. Em estudo anterior sobre os serviços de paquera, já havia atentado para esse movimento, considerando que metade dos entrevistados que tomam iniciativa para conversar nesses espaços são mulheres (FERNANDES; PRIMO, 2020)¹⁴⁶. Ao que parece, a participação desses serviços nesse estágio do envolvimento romântico evidencia que a mulher não fica mais esperando a atitude do homem para se aproximar, tão pouco limita-se a investir em somente um parceiro. Essas tendências, essencialmente enfatizadas no início do século XX para casamentos e desenvolvimento de famílias, ainda têm sobrevida na conjuntura atual. Contudo, convivem com outras mais fragmentadas, ancoradas somente na relação em si ou mesmo na pontual realização sexual e/ou afetiva.

¹⁴⁵ O argumento considerou as cinco participantes do grupo 1 que relataram terem utilizado o Tinder paralelamente ao processo de conhecer o parceiro.

¹⁴⁶ No estudo, concluímos que não houve diferenças significativas entre os sexos biológicos em referência à ação de tomar iniciativa para conversar nesses espaços, posto que 48,07% foram mulheres (FERNANDES; PRIMO, 2020).

Quadro 9 - Grupo 2 - Uso de serviços de paquera

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	GRINDR TINDER	MHMA #32 [2017]	TINDER
MHMF #20 [2017]	HORNET TINDER GRINDR	FHTF #4 [2016]	TINDER MEET ME
MHMA #10 [2016]	X	MHTF #28 [2016]	TINDER

Fonte: autor (2021)

Majoritariamente formado por homens do sexo biológico masculino em relações homoafetivas, o uso de mídias de paquera pelo grupo 2 endossa o argumento de que os participantes utilizam mais mídias e processos midiáticos nesse estágio. Somente o entrevistado MHMA #10 informou não ter utilizado esse segmento midiático nesse momento da relação. Contudo, revelou que o Grindr participa da relação até hoje como meio para conquistar: “[...] digamos assim, a terceira pessoa, se houver [...] (MHMA #10, 2020), referindo-se à inclusão de outros nas práticas sexuais do casal a partir do uso de plataformas de paquera. Os outros participantes do agrupamento informaram terem se apoiado no Tinder, Meet me e em aplicativos destinados a homens gays — além do Grindr, citaram a plataforma Hornet.

As experiências de encontros nessas plataformas foram apreendidas por Maia e Bianchi (2014) como meios contemporâneos de reelaboração de espaços urbanos na cidade do Rio de Janeiro. “São muitos os casos em que vemos homens nos cantos das boates fazendo suas caçadas, que podem terminar pelas pistas de dança, nos banheiros das boates, nos quartos dos motéis ou nos das próprias casas” (MAIA; BIANCHI, 2013, p. 41). Independentemente da relação forjada pelos usuários, a comunicação digital em mídias do segmento propiciou a extensão da experiência cotidiana dos sujeitos, redesenhando espaços como a balada. Em outros termos, Maia e Bianchi (2014) atentaram para o modo como a infraestrutura midiática de tecnologias móveis, destacadamente por parte de homens gays, colaboram fundamentalmente na reapropriação e ressignificação de espaços e sentidos da cidade. Nessa direção, as tecnologias de comunicação e informação despontam como ferramentas para

delinear uma maneira de inscrever o sujeito em meio a um sistema de produção cultural. Ou seja, novas formas de socialidade¹⁴⁷ pautadas na experiência do sensível.

Quadro 10 - Grupo 3 - Uso de serviços de paquera

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	X	FHTF #27 [2012]	X
FHTF #2 [2012]	BADDOO	MHTF #6 [2012]	X
MHTF #7 [2008]	X		

Fonte: autor (2021)

No grupo de pesquisados que iniciaram relações entre os anos de 2008 e 2014, somente uma participante (FHTF #2) relatou ter usado a plataforma Badoo na época em que estava conhecendo o parceiro. Ciente de que “[...] o contexto em que as interações ocorrem é fundamental para a compreensão dos significados” (MARTÍNEZ-LIROLA, 2012, p. 110, tradução nossa)¹⁴⁸, Martínez-Lirola (2012) observou que as interações heteroafetivas no Badoo se caracterizam por fundarem-se essencialmente em interações textuais nas modalidades síncronas e assíncronas, nas quais os usuários, por serem desconhecidos, são conduzidos a disponibilizar informações como fotos. Essa autonomia no processo de construção dos perfis acaba por evidenciar outras especificidades do espaço, como a de manipular as informações pessoais (podendo ser falsas ou verdadeiras), bem como a de acessar a plataforma em localidades diferentes. Outro elemento importante do serviço consiste na possibilidade de restringir a conversa aos envolvidos, viabilizando que os sujeitos possam se envolver em múltiplas interações. Na busca por desbravar as abordagens de aproximação nesse contexto, Martínez-Lirola (2012) constatou uma proximidade com o discurso oral na

¹⁴⁷ Os autores se apoiam na noção de socialidade cunhada por Maffesoli. Para o autor (2009), socialidade designa a força social que aglutina os indivíduos, os sentidos e tudo aquilo que preenchem o viver social. A noção ressalta dois aspectos mais gerais: a solidariedade do que é vivenciado em comum e a referência de um viver social no tempo presente

¹⁴⁸ No original: “[...] el contexto en que las interacciones tienen lugar es fundamental para entender los significados”.

comunicação tida no Badoo, sobretudo no que tange às questões de gênero¹⁴⁹. Na medida em que essa proximidade se evidenciou através da adoção de emoticons para exprimir sentimentos, no uso de termos coloquiais com o desconhecido com quem se interage e na reprodução de padrões prosódicos da voz textualmente (repetição de letras ou sinais de pontuação), os estereótipos tradicionais dos gêneros se refletem na expectativa dos homens em tomar iniciativa para conversar e na revelação dos perfis masculinos em buscar mulheres carinhosas, românticas¹⁵⁰. Na esteira desse argumento, sou suspeito que 73% tenham revelado o desejo de casar. Para a autora, “[...] é provável que pensem que esse seja o tipo de resposta esperada pelas mulheres”¹⁵¹ (MARTÍNEZ-LIROLA, 2012, p. 115, tradução nossa)¹⁵².

Apesar de não ter averiguado essas questões de ordem mais discursiva, é possível deduzir que essas especificidades nas práticas em espaços como o Badoo tenham sido impulsionadas pela maior participação de mídias do segmento, uma vez que os entrevistados com envolvimento mais recentes conciliaram o começo de suas relações com a utilização desses serviços. Em outros termos, o simples uso dessas ferramentas nesse estágio endossa o argumento de um maior desprendimento, ao menos no início, dos envolvimento, na medida em que os participantes se mostraram mais abertos a conhecer outros paralelamente ao envolvimento relatado. O consumo dessas plataformas, por vezes simultaneamente, não somente destaca a intensificação da participação das mídias digitais como reverbera esse desprendimento inicial. O que não significa, contudo, desinteresse em construir compromissos sólidos.

6.1.3 Mídias digitais para investigar outros interessados no/a parceiro/a

Sondar se o/a parceiro/a estava conhecendo outros pode ser uma exigência comunicativa nesse momento de empolgação da aproximação e do conhecer o outro. Tendo

¹⁴⁹ As considerações do estudo se ancoram na análise crítica do discurso (ACD) e no enfoque da gramática sistêmica funcional (GSF) de um universo de 400 interações com 150 perfis de homens, os quais abordaram o perfil da autora objetivando “[...] conhecê-la, convidá-la pra sair e propor uma relação” (MARTÍNEZ-LIROLA, 2012, p.114, tradução nossa).

¹⁵⁰ Ao questionar os perfis sobre quais valores procuram em uma mulher, 75% revelaram buscar mulheres carinhosas, românticas ou fiéis, dado este que, na visão de Martínez-Lirola (2012), reflete a reprodução de estereótipos tradicionais dos papéis de gênero.

¹⁵¹ A constatação da autora se fundamenta em referências no âmbito dos estudos de língua e gêneros, que demonstram que as mulheres costumam ser mais facilitadoras e cuidadosas com as palavras, e os homens tendem a dominar mais o tempo de fala ao interromper mais que as mulheres.

¹⁵² No original: “[...] porque es probable que piensen que esta sea la que las mujeres esperan”.

isso em mente, investiguei se os participantes do estudo adotaram esse padrão comunicativo e quais foram os procedimentos midiáticos feitos para isso.

No primeiro grupo, sete dos nove participantes revelaram envolvimento de mídias para averiguar se outras pessoas estavam interessadas no/a parceiro/a na época em que estavam se conhecendo. Para esse padrão, os entrevistados mobilizaram de uma a três mídias, entre as quais constam WhatsApp, Twitter, LinkedIn, Lattes, e, em maior evidência, Instagram e Facebook. Ao que parece, as mídias de rede social despontam como meios fundamentais para esse processo (Quadro 11).

Quadro 11 - Grupo 1 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	x	MHTF #30 [2020]	x
FHTA #31 [2019]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto para amigos.	FHTF #25 [2019]	FACEBOOK: Alterações do status de relação; análise do perfil; averiguar as pessoas que interagia; análise dos comentários em fotos. INSTAGRAM: Comentários feitos por ele e pela família; análise do perfil; averiguar as pessoas que interagia; análise dos comentários em fotos. LINKEDIN: Busca de interações suspeitas. LATTES: Busca pelos nomes de colegas do grupo de pesquisa para procurar em mídias sociais.
FHTF #5 [2019]	x	FHTF #16 [2019]	FACEBOOK: Análise dos perfis que recorrentemente comentavam. INSTAGRAM: Alterações de status relacional; fotos com ex-parceiras; análise de comentários (foco em declarações).
FHTF #19 [2019]	INSTAGRAM: Avaliação das intenções nos comentários; recorrência de curtidas; fotos que o parceiro foi marcado; pessoas que aparecem nas fotos postadas. FACEBOOK: Análise do perfil, das fotos e histórico de envolvimento; visualização do perfil dos amigos; recorrência de comentários do parceiro.	FHMF #23 [2019]	FACEBOOK: Análise das interações no grupo. TWITTER: Análise das interações e curtidas no twitter.
MHTF #33 [2019]	FACEBOOK: Mudança de fotos do perfil; análise de comentários nas fotos. INSTAGRAM: Mudança de fotos do perfil; análise de comentários nas fotos.		

Fonte: Autor (2021)

As práticas midiáticas relatadas fundam-se em proceder análises de perfis, apoiadas em procedimentos como: mensurar a frequência de perfis interagindo nas postagens do/a parceiro; identificar as marcações feitas pelo/a parceiro em suas postagens; visualizar os perfis que marcaram o perfil do/a parceiro/a em postagens; avaliação do teor dos comentários

feitos pelo/a parceiro/a; averiguar a frequência de curtidas de perfis; vasculhar histórico de alterações do status relacional; e buscar fotos de ex-parceiros/as no perfil do/a parceiro/a. Além de parte dessas condutas, a participante FHTF #25 ainda incluiu buscas no LinkedIn e na plataforma Lattes visando buscar nomes e realizar conexões.

As justificativas dos participantes deste grupo que negaram procedimentos com esse intuito (MHTF #9, MHTF #30, FHTF #5) estão pautadas no desinteresse por esse tipo de informação. O participante MHTF #9 não se preocupou com investidas de terceiros por esperar que a parceira estivesse “[...] conhecendo, ficando com outros [...] Então, isso não era uma coisa que incomodava” (MHTF #9, 2020). Além da mesma expectativa de conhecer outros paralelamente, MHTF #30 acrescentou ainda o desinteresse inicial em se envolver romanticamente. Por não ter “[...] esse propósito, não tinha por que investigar” (MHTF #9, 2020). No entendimento de FHTF #5, exigir explicações do parceiro sobre as investidas de terceiros poderia ocorrer somente “[...] depois, se ela tiver uma relação séria contigo. Aí, tu pode cobrar alguma coisa. Senão, não vou cobrar. Hoje em dia, faço. Mas naquela época não!” (FHTF #5, 2020).

O desinteresse também foi compartilhado por quatro dos seis participantes do grupo 2. Na medida em que MHMA #17 foi pontual ao negar ter feito qualquer prática midiática nesse sentido, os participantes FHTF #4, MHMF #28 e MHMA #17 relataram não terem se importado/interessado sobre isso nesse momento da relação.

Quadro 12 - Grupo 2 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	x	MHMA #32 [2017]	x
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Analisou publicações recentes; identificou perfis e autoria de comentários.	FHTF #4 [2016]	x
MHMA #10 [2016]	GRINDR: Criou de perfil; checou se o perfil do parceiro estava online; averiguou informações do perfil. GROWLER: Visualizou perfis que visitaram o perfil do parceiro. FACEBOOK: Visualizou as atualizações no perfil do parceiro. INSTAGRAM: Visualizou as atualizações no perfil do parceiro.	MHMF #28 [2016]	x

Fonte: Autor (2021)

Dentre os participantes com início de envolvimento nos anos de 2016 e 2017, MHMF #20 mobilizou o Facebook a partir da análise de publicações recentes e por meio da identificação de perfis e autoria nos comentários feitos no perfil do parceiro, enquanto MHMA #10 visualizou as atualizações nos perfis no Facebook e Instagram. Além desses processos, o último participante também relatou ter visto a movimentação do parceiro nos serviços de paquera gay Grindr e Growlr:

Eu não cheguei a jogar muito baixo, mas utilizava Grindr para tipo testar quem tava online. Mas nunca criei um perfil falso pra, tipo, enganar. Eu acho que isso [conduta de criar perfis falsos em serviços de paquera] nunca me pertenceu. O que é meu, é meu, e é isso aí! Não vou ficar atrás dessa vibe, assim, de ficar catando. Então, assim, rolou [a criação do perfil no Grindr] mais pra saber se o que tínhamos combinado era aquilo ali e beleza! [...] Tinha um outro aplicativo, o Growler. Se escreve: G R O W L E R. Tu visitava ele e o aplicativo informava quem tava visitando. Na época que tinha, eu eventualmente entrava no perfil. Mas chegou um tempo em que eu pensei que não ia mais ficar vendo, catando... não ia mais ficar nesse papel. Eu não quero e não tinha mais por que ficar ali. Só nas mídias sociais, mesmo. As mídias públicas, digamos assim... Não que as outras não sejam públicas, mas as outras eram mais focadas, focadas em paquera (MHMA #10, 2020).

É preciso destacar que os serviços citados no relato com relativa precisão em termos temporais informam o momento em que os perfis acessam a plataforma — minutos, horas, dias, bem como aqueles que visitaram o perfil por ordem cronológica de acesso. Em alguma medida, ter acesso a esses registros nas mídias pode ter colaborado em instigar o entrevistado a proceder as condutas de vigilância citadas nesse estágio do envolvimento.

Por fim, os três participantes do grupo 3 que informaram terem utilizado mídias para averiguar interesse de terceiros no/a parceiro/a no começo da relação (FHTA #22, FHTF #27 e FHTF #2), mobilizaram de uma a duas mídias de redes sociais, Facebook e Orkut. As práticas, tão qual nos grupos anteriores, fundaram-se em extrair essa informação através da recorrência da presença de perfis interagindo com o/a parceiro/a, e/ou através de análises dos comentários feitos no perfil dele/a.

Quadro 13 - Grupo 3 - Investigar outros interessados no/a parceiro/a

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	ORKUT: Identificou a frequência de perfis com os quais interagiu; identificou o ciclo de amizades do parceiro. FACEBOOK: Identificou a frequência de perfis interagindo nas postagens; identificou o ciclo de amizades.	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Buscou comentários com indiretas; analisou os comentários feitos pelo parceiro; avaliou a frequência de perfis que curtiam (dar like) as fotos.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Identificou amigos em comum e lugares que frequentava; visualizou o perfil das pessoas nas fotos; visualizou histórico de alterações no status relacional.	MHTF #6 [2012]	X
MHTF #7 [2008]	X		

Fonte: Autor (2021)

Entre aqueles que afirmaram desinteresse em fazer uso de mídias com este enfoque (MHTF #6 e MHTF #7), um deles negou ter feito algo “[...] porque, na verdade, depois de um tempo soube que ela tinha recém terminado” (MHTF #6, 2020), sugerindo que o término recente da última relação pudesse ter freado possíveis movimentos nesse sentido. E, o outro, pelo fato de os amigos em comum terem “[...] falado que ela estava solteira, e que queria um relacionamento” (MHTF #7, 2020).

Com a maior quantidade de espaços midiáticos para a investigação do outro, foi percebida no grupo 1 uma maior mobilização de infraestruturas midiáticas, bem como a articulação delas para investigar as conexões do/a parceiro/a, destacando um maior repertório de condutas em torno da vigilância. Para Tokunaga (2011), a fácil acessibilidade, a multimodalidade e o armazenamento de informações (fotos, publicações, interações), bem como o baixo risco de o outro saber que está sendo vigiado, podem explicar o fascínio dos participantes em converter mídias como Instagram e Facebook em verdadeiros suportes eletrônicos de vigilância em relacionamentos românticos. Ao buscar a natureza das práticas midiáticas que pudessem refletir o desenvolvimento, manutenção e dissolução de envolvimento românticos, Brody et al. (2016) atestaram 10 fatores, entre os quais a vigilância¹⁵³. Nesse aspecto, foram agrupadas seis práticas midiáticas: 1. Visualizei o perfil

¹⁵³ A análise estatística dos 69 temas informados pelos 363 participantes (189 em envolvimento atuais e 174 terminados recentemente) resultou no encontro da Vigilância e outros nove fatores: Gerenciamento de impressões nas fotos; Regulação do Facebook; Gerenciamento de compartilhamento de contatos e redes;

do/ parceiro/a no Facebook; 2. Visualizei perfis de amigos do/a parceiro/a no Facebook; 3. Olhei o histórico de fotos do/a parceiro/a; 4. Recuperei as postagens antigas na timeline do perfil do meu/minha parceiro/a; 5. Examinei as fotos atuais do meu/minha parceiro/a; e 6. Chequei no perfil do meu/minha parceiro/a se outros postaram no mural e timeline dele/a (BRODY et al., 2016, p. 6, tradução nossa)¹⁵⁴. A relevância dessas práticas nesse momento da relação foi explicada pela situação de imprecisão que caracteriza os estágios iniciais das configurações romântico-relacionais, despontando a vigilância online como uma maneira de reduzir ou gerenciar a incerteza por meio da coleta de informações sobre o outro. A conclusão está ancorada no fato de participantes em começo de envolvimento terem se engajado “[...] mais em vigilância online (por exemplo, ver fotos, mural de publicações, amigos em comum no Facebook) em comparação com relacionamentos mais estabelecidos” (BRODY et al., 2016, p. 11, tradução nossa)¹⁵⁵.

Considerando a vigilância digital como meio para ascender o sentimento de ciúme, Frampton e Fox (2018) exploraram o modo como os sites de redes sociais participam do que chamam de ciúme retroativo¹⁵⁶. Em linhas gerais, o ciúme causado por experiências passadas pode emergir em razão de três fatores. Os rastros digitais dos sites de redes sociais (SRSs), primeiro deles, a partir de fotos, comentários ou qualquer tipo de publicação sobre outros envolvimento, podem tornar mais visceral o sentimento. O segundo fator remete à comparação social advinda da multimodalidade do ambiente online ao viabilizar a comparação com outros interessados no/a parceiro/a por meio de informações como formação educacional, emprego ou aparência física, sendo esta última mais recorrente em exacerbar ou amenizar o ciúme. E, por fim, a incerteza sobre a relação atual gerada pela visualização, por exemplo, de imagens do/a parceiro/a na companhia de outros. Por consequência, foi constatada a emergência de dois tipos de estratégias¹⁵⁷ para lidar com o sentimento. Enquanto

Excesso de compartilhamento de informações; Comunicação direta; Disseminação da relação; Atividades offline; Gerenciamento de status e Privacidade. Por meio deles, Brody et al. (2016) oferecem meios para o desenvolvimento de abordagens quantitativas para o estudo do tema.

¹⁵⁴ No original: “1. I view my partner’s Facebook account. 2. I view my partner’s friends’ Facebook accounts. 3. I look at my partner’s previous history of photos. 4. I review my partner’s past timeline posts. 5. I examine my partner’s current photos. 6. I check my partner’s profile to see whether other people posted on his or her wall and timeline”

¹⁵⁵ No original: “In the earlier relationship stages, people engaged in more online surveillance (e.g., viewed photos, wall postings, mutual Facebook friends) as compared to more established relationship stages”.

¹⁵⁶ O entendimento de ciúme retroativo por Frampton e Fox (2018) se apoia na literatura crítica e dos escritores populares, que cunharam os termos ciúme retroativo (retroactive jealousy) e ciúme retrospectivo (retrospective jealousy). Enquanto o primeiro refere-se ao ciúme dirigido ao passado, o segundo ocorre a partir da ativa menção de outro na relação atual, sendo considerado como rival e ameaça à relação.

¹⁵⁷ As constatações de Frampton e Fox (2018) se ancoram na análise de 36 entrevistas semi-estruturadas individuais feitas com 36 graduandos da Midwestern University, abordando suas experiências em relacionamentos românticos.

as estratégias ofensivas destinam-se a amenizar o ciúme a partir da intensificação de buscas online sobre envolvimento e outros parceiros, as estratégias defensivas fundam-se em evitar o sentimento em sua integridade ao restringir ou procurar não acessar essas informações online. Não por acaso, Robards e Lincoln (2016) atestaram a prática de deletar registros digitais de relações e parceiros antigos dos perfis, uma vez que o parceiro atual pode sentir ciúmes ou potencializar o sentimento de insegurança sobre o envolvimento a partir do uso do Facebook.

6.1.4 Mídias digitais para demonstrar interesse pelo/a parceiro/a

Nesse segmento, destaco a maneira como os participantes envolvidos em começo de configurações romântico-amorosas entre os anos de 2020 e 2019 expressavam seu interesse sexual e afetivo. Para este fim, o grupo 1 mencionou de 1 a 3 mídias, nas quais se destacou a articulação entre mídias de redes sociais e de comunicação digital. Instagram e Facebook foram as plataformas de redes sociais mais citadas, seguido do Twitter, Snapchat e Letterboxd¹⁵⁸. Nos serviços de comunicação foram citados o Whatsapp e o Messenger. Embora ofereçam serviços parecidos, vale destacar que, diferente da primeira, o Messenger não exige que os usuários compartilhem o número de telefone para se comunicar. Ambas plataformas incorporaram a funcionalidade popularizada pelo Snapchat: compartilhamento de imagens e/ou pequenos vídeos que se apagam após 24 horas¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Restrita para convidados, a plataforma de rede social, voltada a promover interações sobre cinema, foi lançada em 2011 por Matthew Buchanan e Karl von Randow. Hoje aberta, o usuário pode compartilhar opiniões sobre os filmes, fazer listas daqueles que mais gostou, entre outros recursos. Disponível em: <https://letterboxd.com/about/frequent-questions/>.

¹⁵⁹ Em comemoração aos seus oito anos, em fevereiro de 2017, o Instagram reinventou a atualização do status. Além do texto, pode-se compartilhar imagens e vídeos. Já o Messenger, lançou o Messenger Day no mês seguinte. Disponível em: <https://bit.ly/3hqfzOF> e <https://bit.ly/2WTf5XX>.

Quadro 14 - Grupo 1 - Mídias digitais para demonstrar interesse

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Reagiu a stories; curtiu fotos antigas. WHATSAPP: Envio de áudios, figurinhas e vídeos da rotina.	MHTF #30 [2020]	WHATSAPP: Envio de memes e link de vídeos do twitter. INSTAGRAM: Envio de fotos e vídeos da rotina por direct, vídeos de cenas de séries e imagens engraçadas.
FHTA #31 [2019]	WHATSAPP: Estimulou as interações perguntando coisas sobre o outro. LETTERBOXD: Interações sobre cinema na mídia.	FHTF #25 [2019]	INSTAGRAM: Marcou em postagens. FACEBOOK: Alterações do status relacional.
FHTF #5 [2019]	INSTAGRAM: Curtiu fotos; comentou fotos; compartilhou postagens; interagiu sobre os posts compartilhados. WHATSAPP: Interações sobre o cotidiano.	FHTF #16 [2019]	WHATSAPP: Interações sobre o cotidiano; videochamadas.
FHTF #19 [2019]	WHATSAPP: Cumprimentos (bom dia/ boa noite); interações sobre o cotidiano. INSTAGRAM: Compartilhamento de posts engraçados, fotos ou imagens com duplo sentido.	FHMF #23 [2019]	INSTAGRAM: Visualizou e respondeu stories; curtiu fotos; interagiu a partir dos conteúdos postados (puxar assunto). TWITTER: Mandou indiretas a partir dos conteúdos postados; encaminhou tweets com duplo sentido; curtiu com frequência os tweets postados.
MHTF #33 [2019]	MESSENGER/FACEBOOK: Reagiu a stories; respondeu mensagens assim que visualizou; enviou corações; manteve a conversa. INSTAGRAM: Curtiu postagens recentes. SNAPCHAT: Reagiu à postagem; interagiu a partir dos conteúdos dela.		

Fonte: Autor (2021).

O quadro acima nos mostrou que a demonstração de interesse no começo do envolvimento se ancorou na frequência temporal de interações com o/a parceiro/a em seu perfil nas mídias sociais: reagir e responder aos stories no Instagram, curtir e comentar fotos novas e antigas, enviar fotos e/ou vídeos da rotina, compartilhar cenas de séries televisivas, postagens engraçadas ou de duplo sentido. Esse foi o caso da participante FHMF #23. Para que a parceira apreendesse seu interesse sexual e afetivo por meio das mídias sociais, a participante utilizou o Instagram e o Twitter para práticas midiáticas como: troca de curtidas, “[...] responder stories, puxar algum papo por ali. E o Twitter, sempre! Mandar indireta, curtir as coisas, responder. Era uma coisa que as duas faziam, então demorou muito para sair disso, inclusive dessa coisa de curtir tudo [...] Tipo, estava bem claro (risos)” (FHMF #28, 2020). Essas ações acabam criando situações dinâmicas que possibilitam a aproximação do outro, estendendo o contato com o parceiro por meio da comunicação nas mídias digitais.

Essa busca por estender o contato com o parceiro foi, particularmente, evidenciada pelas plataformas de comunicação digital a partir de práticas midiáticas voltadas para estimular e/ou prolongar o contato com o/a parceiro/a — envio de fotos e vídeos da rotina, memes, vídeos do Twitter, perguntas sobre o outro e também questões do cotidiano, além de cumprimentos (bom dia, boa noite, etc). Em relação às conversas, FHTF #19 relatou conflitos com o parceiro em razão da ausência de respostas:

O WhatsApp é aquele negócio, manda mensagem de bom dia, como é que tu está, né?! E aí, o bonito não respondia! Ele entrava no Whatsapp e não me respondia (risos)!. Aí, eu fiquei possessa! Pessoalmente eu falei: ‘Não, mais olha só, tu não vai me responder?’. Ele: ‘Ah, eu não dou muita bola pra isso’. Eu: ‘Não dá muita bola, mas tu tá [online] no Whatsapp! E se eu te mandei mensagem, a gente tem um relacionamento, eu acho que uma das prioridades é tu me responder!’ [...] Acho que tu tem que começar a me tratar com prioridade no Whatsapp também, sabe?!” (risos). É o mínimo, né amiguinho?! (FHTF #19, 2020).

No segundo agrupamento, os participantes mobilizaram de 1 a 4 mídias para demonstrar interesse pelo parceiro. Tal qual o grupo anterior de participantes, destacou-se aquelas do segmento social e as de comunicação digital. Por outro lado, identifica-se uma variabilidade menor de serviços de mídias sociais, em que Facebook e Instagram foram as únicas citadas. Quanto às plataformas de comunicação, restringiram-se ao uso do Whatsapp (Quadro 15).

Quadro 15 - Grupo 2 - Mídias digitais para demonstrar interesse

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	WHATSAPP: Manteve a conversa/presença; compartilhou prints.	MHMA #32 [2017]	INSTAGRAM: Respondeu stories. WHATSAPP: Interagiu sobre o cotidiano.
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Interagiu com as publicações. WHATSAPP: Interagiu sobre o cotidiano; conversou sobre os encontros; agendou outros encontros.	FHTF #4 [2016]	INSTAGRAM: Curtiu postagens; comentou fotos; seguiu perfis que o outro seguia; marcou o parceiro em posts; publicou stories. FACEBOOK: Curtiu publicações; marcou o parceiro. WHATSAPP: Elogiou por mensagem de texto; cantadas diretas; enviou de vídeo e fotos da rotina.
MHMA #10 [2016]	FACEBOOK: Postou fotos juntos; marcou o parceiro em eventos. WHATSAPP: Cumprimentou (bom dia/ boa noite) diariamente; interações sobre o cotidiano.	MHMF #28 [2016]	X

Fonte: Autor (2021)

Operando sob as mesmas premissas apreendidas anteriormente, as práticas midiáticas informadas seguem sob os mesmos princípios atestados: sendo presente digitalmente por meio de interações com as publicações do/a parceiro/a nas mídias sociais, e pelo estímulo e/ou extensão do contato com o/a parceiro/a nas mídias de comunicação digital. No primeiro eixo, foram citadas algumas práticas diferentes, como compartilhamento de prints de conteúdos e a marcação do perfil do parceiro em postagens. Já no Whatsapp, mencionaram o envio de cantadas e agendamento de encontros. Somente um participante considerou não ter usado nenhuma mídia para esta finalidade — MHMF #28, alegando que não achava que dava “[...] mole nesse sentido, de ficar jogando verde, sabe?!”. No seu entendimento, o tratamento da parceira na época “[...] era mais profissional, era mais uma coisa de amigo. Não era com tanto interesse amoroso sexual, assim, [...] Era o jeito como eu trato a maioria dos meus amigos! (MHMF #28, 2020).

No terceiro grupo, o quadro apresentou um cenário de mídias diferente dos anteriores. Foram mencionadas entre 1 e 2 mídias, nas quais destacaram Facebook e Orkut nos segmentos social e MSN no segmento de comunicação digital (Quadro 16).

Quadro 16 - Grupo 3 - Mídias digitais para demonstrar interesse

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	X	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Trocou de mensagens por texto (privado).
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Marcou o parceiro em perfis e postagens de interesses em comum.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Enviou mensagens românticas por direct.
MHTF #7 [2008]	MSN: Recado destinado à parceira no status. ORKUT: Deixou recados no perfil (scrap); publicou depoimentos (apagados depois de lidos).		

Fonte: Autor (2021)

As práticas midiáticas citadas nesse agrupamento acabam convergindo os dois eixos pelos quais os participantes dos grupos anteriores demonstram interesse sexual/afetivo no começo da relação. O argumento está calcado na ênfase dos participantes em trocar mensagens privadas ou deixando recados/depoimentos nos perfis. Único participante a mobilizar duas mídias, MHTF #7 revelou ter se apoiado no MSN e no Orkut. No MSN, o participante “[...] deixava uma frase, alguma coisa que remetia a ela”. Já no Orkut, lembrou

ter deixado “[...] depoimentos ou alguma coisa na página da pessoa” (MHTF #7, 2020). Em ambos os casos, o ímpeto de demonstrar interesse o mobilizou a se apropriar das ferramentas oferecidas (status do MSN e depoimento no Orkut) como meios para assinalar digitalmente o interesse na parceira.

Por respeitar o envolvimento em que estava, a participante FHTA #22, apesar de curtir as publicações do atual parceiro, esclareceu que não tinha intenção de demonstrar interesse sexual/afetivo na época em que se conheceram: “Eu tinha outro relacionamento. E eu pensava ‘ah, ok. Não vou me aprofundar nisso!’ Não ficava horas *stalkeando* a pessoa porque eu estava em um outro relacionamento. Então, a gente tinha realmente uma relação de amizade” (FHTA #22, 2020).

No quadro mais amplo, observa-se uma fragmentação na demonstração de afeto por meio das mídias mobilizadas. Enquanto o grupo 3 trouxe um repertório de práticas midiáticas mais objetivas, nos grupos 1 e 2 se identifica um arsenal mais robusto de procedimentos midiáticos, amparado na associação de mídias para retroalimentar o interesse, sobretudo de plataformas de redes sociais. Frente a maior valorização da presença digital do outro nas mídias sociais e nas plataformas de comunicação, a reflexão de Tavares (2017) sobre a prática de ‘visualizar e não responder’ agrega elementos importantes à discussão. Na percepção da autora, a situação em que se instala o fenômeno a fez inferir algumas características, tais como: acontecer em configurações relacionais instáveis — promovendo questionamentos acerca da relação; ocorrer necessariamente em relações afetivo-sexuais em que algum dos envolvidos deseja permanecer na relação — a ausência do retorno soa como aceno de desinteresse e/ou rompimento; intermitente, na medida em que o outro compara a ausência com a regularidade na comunicação — não responder causa dúvidas sobre o interesse do outro; movimentos em outras mídias (curtir fotos ou publicações, por exemplo) pode atenuar o indicativo de desinteresse causado pela ausência do retorno; motiva a racionalização da relação no momento em que se interpreta as ações do outro e como isso ressoa no que se sente.

Apesar do questionário sobre a conduta de ‘visualizar e não responder’ não precisar se as 700 pessoas que o responderam estavam em envolvimento romântico-amorosos, a compreensão dos participantes sobre a prática reforça alguns dos sentidos mapeados neste estudo. Dentre os entrevistados de Tavares (2017), 70% concordam que responder com frequência e agilidade as mensagens do outro se trata de uma maneira de demonstrar interesse à pessoa que gosta ou pretende ficar. Esse dado endossa a constatação da relevância da presença digital como índice para avaliar o interesse do outro e a situação do envolvimento

em seus estágios iniciais, seja ao responder mensagens rapidamente ou respondendo stories, para assim exemplificar.

6.1.5 Mídias digitais para descobrir gostos e interesses do/a parceiro/a

Considerando o alto nível de atração entre os envolvidos, descobrir os gostos e interesses, nesse estágio do envolvimento, mostrou-se um padrão cristalizado nas interações presenciais, como mostraram Knapp, Vangelist e Caughlin (2014). No âmbito das mídias digitais, a adoção do padrão nesse momento da relação tomou forma entre os participantes do grupo 1 em torno do uso de plataformas de redes sociais e das plataformas de comunicação. Descobrir os gostos e interesses do/a parceiro/a nas mídias digitais se apoiou no uso de 1 a 3 mídias em práticas midiáticas, fundadas na extração dessas informações, a partir dos conteúdos postados e/ou compartilhados pelo/a parceiro/a e por meio de interações diretas com ele/a. Esboçou-se, então, a maior predisposição em articular mídias sociais entre si ou com plataformas de comunicação. O Whatsapp e Messenger seguem sendo os mensageiros de comunicação citados. Instagram e Facebook figurando entre as plataformas de rede social, seguido pelo Twitter, Snapchat e Letterboxd. Além dos segmentos midiáticos informados, o buscador Google e a plataforma de streaming de áudio Spotify despontaram como outras fontes midiáticas relevantes.

Quadro 17 - Grupo 1 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Extraí dos conteúdo das publicações (academia, gostos musicais, pedalar).	MHTF #30 [2020]	x
FHTA #31 [2019]	SPOTIFY: Extraí das músicas informadas no perfil. LETTERBOXD: Extraí dos filmes informados pelo perfil.	FHTF #25 [2019]	GOOGLE: Extraí de buscas a partir do nome. FACEBOOK: Extraí das páginas curtidas; análise das interações feitas; informações no perfil. INSTAGRAM: Extraí das marcações do perfil dele em outros perfis.
FHTF #5 [2019]	WHATSAPP: Extraí das interações via mensagens (perguntando). INSTAGRAM: Extraí dos compartilhamentos, das postagens (cachorro, viagens, memes).	FHTF #16 [2019]	INSTAGRAM: Extraí dos comentários nas fotos, da identificação dos lugares que frequentava, das marcações e das fotos postadas. FACEBOOK: Extraí das publicações feitas, dos compartilhamentos e das interações.
FHTF #19 [2019]	WHATSAPP: Extraí das trocas de mensagens por texto. INSTAGRAM: Extraí das interações por texto via mensagem privada (direct message).	FHMF #23 [2019]	TWITTER: Extraí das curtidas do outro, dos perfis e interações feitas, dos retuítes, da foto da capa, foto do perfil e descrição na bio. FACEBOOK: Extraí das curtidas do outro, publicações feitas, das fotos e pessoas que apareciam nelas.
MHTF #33 [2019]	MESSENGER/FACEBOOK: Por meio de perguntas feitas por mensagens de texto. WHATSAPP: Perguntando por mensagens diretas. SNAPCHAT: Extraí dos conteúdo das publicações (festas).		

Fonte: Autor (2021)

Enquanto FTHF#5 descobriu o gosto por bichos e viagens do parceiro através das interações e marcações no Whatsapp e Instagram, FHTA #31 explorou os interesses musicais e por cinema pelo perfil do parceiro no Spotify e Letterboxd. A participante FHTF #25 revelou ir além do considerado mero uso de plataformas sociais para extrair informações sobre o parceiro:

Lembro que uma vez eu pesquisei o nome dele no google (risos) e aí eu encontrei o site do colégio dele, que ele participava do soletrando do colégio (risos) [...] Então, foram pequenas coisas que falando assim parece meio loucura, mas é que nesse momento eu acho que tu quer o máximo de informação, né?! E eu sempre uso a tecnologia a meu favor! Se eu tenho ali o passado da pessoa, por mais bobas que sejam as informações, eu quero saber, sabe?! [...] Eu utilizava o Google até para poder chegar e falar ‘ah, tu sabe que eu gosto do soletrando’, sabe?! Puxar um assunto (risos)! Então, acabou que [me] ajudou a utilizar mais o Google mesmo e também essas coisas do Facebook, Instagram. Eu vi o que fazia, pensava nos comentários, o que fazia sentido para poder estar me ajudando, né?! A falar, interagir com ele de forma que eu fosse interessante para ele (FHTF #25, 2020).

Nas mídias sociais, FHMF #23 considerou relevante dar uma “[...] *stalkeada*, ver o que curtia” no Twitter, Facebook e Instagram, até para “[...] ver como a pessoa se posiciona hoje em dia”, em uma evidente preocupação com o alinhamento de perspectivas no cenário político e social. Movimento semelhante foi feito por FHTF #16 em seu envolvimento com o seu parceiro. Enquanto estavam se conhecendo, a participante notou que “[...] ele postava muitas coisas que desagradavam” nos comentários e postagens feitas no Facebook e Instagram, referindo-se à “[...] reprodução de certos estigmas, estereótipos, xenofobia [...] não só pelo que ele falava, mas pelo que publicava” (FTHF #16, 2020).

O único participante que negou envolvimento de mídias digitais nesse padrão, MHTF #30, argumentou não ter se apoiado em razão do tempo de convívio com a parceira, com quem “[...] conversava há 6,7 meses, e [...] já sabia de vários interesses dela”. Dessa forma, considerou não precisar “[...] lidar com esse *stalking* mais forte” (MHTF #30, 2020).

Dos seis participantes do grupo 2, apenas um negou envolvimento de mídias para descobrir gostos e interesses, sem informar bem a razão. As relações iniciadas entre os anos de 2017 e 2016 seguiram o mesmo padrão de comunicação digital, contudo, em menor número de associações, apenas duas mídias. Facebook e Instagram seguem sendo as mídias no segmento social mais adotadas e o Whatsapp como único mensageiro de comunicação digital mencionado.

Quadro 18 - Grupo 2 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	x	MHMA #32 [2017]	WHATSAPP: interagiu de forma direta por mensagens.
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Identificou grupos que participava, páginas curtidas e fotos (CTG). INSTAGRAM: Por meio de fotos e perfis que seguia.	FHTF #4 [2016]	FACEBOOK: Extrai das curtidas; recorrência de temas nas postagens (futebol). INSTAGRAM: Extrai das postagens e comentários (músicas).
MHMA #10 [2016]	FACEBOOK: Analisou os álbuns de fotos e perfis/páginas que seguia; identificou círculo de amigadas. WHATSAPP: Interagiu de forma direta por mensagem.	MHMF #28 [2016]	FACEBOOK: Analisou as postagens; interagiu via direct a partir dos conteúdos postados.

Fonte: Autor (2021)

Além de seguir grande parte das práticas citadas pelos participantes do grupo 1, o segundo agrupamento incorporou outras estratégias, tais como extrair os gostos/interesses das páginas curtidas e dos grupos de discussão que o outro seguia e/ou fazia parte nas mídias

sociais. Ao extrair essas informações, MHMF #20 confirmou por meio das fotos publicadas no Facebook e Instagram o interesse pelo Centro de Culturas Gaúchas: “o histórico de fotos também disse muita coisa, porque como ele é do CTG, eu via nas fotos que ele era do CTG, que ele curte esses negócios por ali” (MHMF #20, 2020).

O terceiro agrupamento limitou a citar o envolvimento de somente uma mídia social, sem articulações. Para todos os entrevistados com início de relacionamentos românticos entre os anos 2008 e 2014, somente o Facebook ou Orkut foram utilizados como meios para descobrir os gostos e interesses do/a parceiro/a (Quadro 19).

Quadro 19 - Grupo 3 - Mídias digitais para descobrir gostos e interesses

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	FACEBOOK: Extraiu dos grupos que fazia parte, das páginas que seguia e do teor das publicações feitas.	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Extraiu das páginas curtidas e dos eventos em que confirmou presença online.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Extraiu dos perfis que seguia, das páginas, das postagens curtidas e por meio das publicações feitas.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Por meio do envio de mensagens para amigos em comuns.
MHTF #7 [2008]	ORKUT: Através de comunidades em comum, descrição do perfil e comunidades que fazia parte.		

Fonte: Autor (2021)

Analisando as práticas midiáticas citadas no Orkut ou Facebook, atesta-se uma maior exploração das plataformas de redes sociais na extração de informações. Além das fotos e publicações serem os focos, a ação de buscar as páginas e agrupamentos seguidos pelo/a parceiro/a foi mencionada em maior grau no grupo 3 em comparação ao grupo anterior. Apesar de considerar o parceiro pouco expressivo pelo Facebook, a participante FHTF #27 relatou todo percurso explorado em busca dessas informações:

Sim! Eu cheguei a ver principalmente música, porque na época, no Facebook, a gente botava algumas coisas de interesses, curtia umas páginas. Então, eu via o que que ele tinha curtido, a página de tal cantora, as coisas que ele próprio curtia. Fulano curtiu tal publicação! Isso também notei com o que ele trabalhava, estava escrito lá, sabe? Essas coisas assim. Eu fui atrás desse tipo de informação e eu acho que até hoje ele não é muito de curtir as coisas, de postar. Nunca vi uma pessoa indisposta de expor seus interesses, mas do pouco que tinha lá, eu conseguia identificar que ele era uma pessoa que, além de conhecer pessoalmente, tinha alguns interesses parecidos, principalmente musicais, por exemplo (FHTF #27, 2020).

Numa perspectiva mais geral, a intensificação de mídias digitais nesse padrão se destacou pela articulação de mídias para desbravar os gostos e interesses do parceiro. Enquanto o grupo 3 concentrou suas práticas em apenas uma mídia, os grupos 1 e 2 articulam 2 ou 3 mídias, conseqüentemente mobilizando mais práticas midiáticas. Nos relatos, notou-se a frequente adoção do termo *stalking*, referindo-se ao uso mais intenso das mídias para buscar informações. Nesse sentido, além de ser uma via encontrada para lidar com a insegurança do momento do relacionamento, evidencia-se *stalkear*, nesse estágio, funcionou como um meio para constituir um elo, um repertório comum, a fim de, por exemplo, nortear os movimentos de aproximação afetiva/sexual, como iniciar uma conversa ou mesmo propor programas na companhia do outro.

Essa constituição de um universo comum aos envolvidos acaba por desvelar um processo de apropriação de traços e características identitárias do/a parceiro/a. Ao levarem essa questão pro âmbito digital, Carpenter e Spottswood (2013) concluíram que apropriação de gostos e interesses do outro pode se manifestar em espaços como o das plataformas de rede sociais¹⁶⁰. A partir do modelo de expansão do *self* (ARON; ARON, 1996)¹⁶¹, os autores (2013) partiram da hipótese de que envolvimento passado deixam resíduos desse processo em mídias como Facebook. A alta pontuação em práticas midiáticas como “[...] marcar o/a parceiro nas fotos em que estão juntos, a apropriação de interesses gerais e a frequência de marcações dos parceiros em seus status e comentários” (CARPENTER; SPOTTSWOOD, 2013, p. 1536, tradução nossa)¹⁶² foram consistentes em reverberar o *self* do/a parceiro/a no Facebook. Dessa forma, esses resultados sugerem que os gostos e interesses do outro sobrevivem mesmo com o término do envolvimento, posto que permaneceram na vida dos participantes.

¹⁶⁰ Recrutados via e-mail e pelo Facebook, as constatações apresentadas pelos autores se apoiam nas respostas de questionário online aplicado com 149 participantes usuários do Facebook que tenham se envolvido romanticamente. Dividido em questões sobre o uso do entrevistado, o uso do/a parceiro/a, e a escala da inclusão do outro.

¹⁶¹ Teoricamente, Aron e Aron (1996) associam a alta frequência de processos de expansão do *self* em envolvimento românticos devido ao fato dos envolvidos estarem mais abertos e motivados em acessar o outro por estarem intensamente interessados. O modelo proposto evidencia o processo em duas formas: pela adoção de traços identitários do outro (músicas, hobbies, comidas etc) e pela apropriação de conhecidos do outro (amigos do parceiro, familiares, etc). Na visão de Carpenter e Spottswood (2013), esse processo pode permanecer no sujeito mesmo após o término e pode ser encontrado no Facebook, algo que buscam comprovar com o estudo.

¹⁶² No original: “the IOSS scale was related to being tagged together in photos, their estimate of general interest overlap, and frequency of tagging their partners in statuses and notes”.

6.1.6 Mídias digitais para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a

Como apresentado no capítulo inicial, a realização sexual e afetiva trata-se de uma das engrenagens fundamentais para o desenvolvimento de relacionamentos romântico-amorosos. Em uma realidade que parte das práticas comunicativas ocorrem por meio de dispositivos midiáticos online, buscou-se identificar os modos pelos quais os participantes se apoiaram nas mídias digitais para explorar a sexualidade. Embora a ênfase não tenha sido pontuada no repertório apresentado por Knapp, Vangelist e Caughlin (2014), afinal, foi idealizada para pensar todo tipo de aproximação relacional, nesta tese, considerou-se a exploração da sexualidade algo necessário de ser investigado, particularmente no momento de descobrimento do outro.

Entre os participantes do primeiro agrupamento, 1 a 3 mídias foram citadas, destacando-se a articulação entre plataformas de comunicação digital e de redes sociais. No primeiro segmento, Whatsapp foi a única plataforma de comunicação digital mencionada. Já entre as mídias de redes sociais para explorar a sexualidade, Instagram, Snapchat e Twitter (Quadro 20).

Quadro 20 - Grupo 1 - Mídias digitais para explorar sexualidade

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Envio de fotos e vídeos sensuais (na academia, mostrando abdômen). WHATSAPP: Envio de fotos sensuais.	MHTF #30 [2020]	x
FHTA #31 [2019]	x	FHTF #25 [2019]	WHATSAPP: Envio de figurinhas; troca de fotos sensuais; troca de mensagens de texto.
FHTF #5 [2019]	WHATSAPP: Interações via mensagens de texto.	FHTF #16 [2019]	WHATSAPP: Interações por texto; troca de fotos; videochamadas. INSTAGRAM: Compartilhamento de posts de páginas com conteúdos eróticos.
FHTF #19 [2019]	x	FHMF #23 [2019]	WHATSAPP: Interações provocativas por mensagem de texto. TWITTER: Indiretas por mensagem direta. INSTAGRAM: Recebimento de fotos sensuais (visualizar somente uma vez).
MHTF #33 [2019]	SNAPCHAT: Reagir a postagens provocativas. WHATSAPP: Mensagens por texto.		

Fonte: Autor (2021)

Sobre as práticas midiáticas, as participantes FHTF #5 e FHTF #25 revelaram não gostar muito da troca de imagens explícitas nessa fase, restringindo a exploração da sexualidade por meio de interações por texto mais picantes. Particularmente no caso da segunda, a maior predisposição do parceiro nessa fase em excessivamente mandar mensagens com duplo sentido, “[...] talvez tenha abalado o relacionamento, porque ele, não sei se é hipersexualizado a palavra que falamos, me mandava bastante coisas dele, memes nesse sentido assim. Eu não gostava muito. Às vezes um bom dia era uma figurinha sexual” (FHTF #25, 2020).

Da parte dos homens do grupo, além das mensagens de duplo sentido via Whatsapp, MHTF #33 justificou o uso do snapchat devido “[...] ao ar um pouco mais descontraído”, e também pelo fato de “[...] tu mandar uma coisa e ela desaparece logo depois que ela vê. Uma coisa mais sem compromisso, assim...” (MHTF #33, 2020). A funcionalidade também foi apontada por MHTF #9, que usou o Instagram para envio de fotos sensuais, afinal, “[...] some depois que tu manda por lá. Tu tem a opção pra sumir com a foto!” (MHTF #9, 2020).

Com base nesses relatos, as práticas midiáticas relatadas se fundam em interações provocativas ou sexuais via mensagens de texto, compartilhamento de publicações com conteúdos de duplo sentido via DM e/ou marcando o perfil do/a parceiro/a, e, em menor frequência, ao menos nesse estágio, por meio do envio de fotos provocativas via stories ou nudes¹⁶³ via mensagens privadas.

Não considerar explorar a sexualidade com o/a parceiro/a nesse estágio como algo prioritário na época, bem como o receio de se expor nesse tipo de prática midiática foram os argumentos informados pelos três participantes que revelaram não ter utilizado mídias digitais com esse enfoque — FHTF#19, FHTA #31 e MHTF #30. Para FHTF #19, por exemplo, essa exploração aconteceu recentemente: “[...] a primeira vez que eu mandei um nude na minha vida, e não foi nem um nude, foi um ‘pseudonude’, na verdade. Foi na sensualidade que eu mandei para ele, faz umas três semanas” (FHTF #19, 2020).

No segundo agrupamento, Whatsapp e Facebook foram as mídias mobilizadas pelos dois únicos participantes que informaram práticas entre aqueles com início de envolvimento entre os anos de 2017 e 2016 para explorar a sexualidade (Quadro 21).

¹⁶³ Nude é definida por Bianchi (2016) como uma imagem caracterizada pela exposição do corpo nu, podendo ser inteiro ou apenas de uma parte. Parcial ou não, esse tipo de imagem difundida a partir da massiva utilização das chamadas smart-tecnologias, surgem como expressão da intencionalidade em seduzir, instigando o imaginário do outro através da comunicação digital.

Quadro 21 - Grupo 2 - Mídias digitais para explorar sexualidade

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]		MHMA #32 [2017]	
	x		x
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Conversou por mensagem de texto. WHATSAPP: Trocou mensagens de texto.	FHTF #4 [2016]	
			x
MHMA #10 [2016]	WHATSAPP: Enviou nudes; conversou por mensagens de texto.	MHMF #28 [2016]	
			x

Fonte: Autor (2021)

Para os dois que afirmaram terem explorado a sexualidade com seus respectivos parceiros — MHMF #20 e MHMA #10, interações por mensagem de texto e envio de nudes figuram entre os procedimentos midiáticos citados como utilizados no Facebook e/ou Whatsapp.

Ainda que tenha praticado em sua experiência homoafetiva mais recente, o participante com envolvimento fechado revelou que a exploração da sexualidade foi mais sutil, “[...] Nada muito... Nada de nudes! Mas, de repente, as preferências. Se é ativo ou passivo, qual a preferência...” (MHMF #20, 2020). No seu entendimento, muito disso se deu por terem adotado um percurso de conhecimento mais focado em explorar a pessoa, conhecer o outro, do que no sexo em si. Já para o participante gay com envolvimento aberto não houve muitas ressalvas em sua vivência, destacando a dinamicidade da prática no Whatsapp: “[...] na época, tipo, ‘passa a foto do pênis’. Vai lá, tirou e mandou! Eu acho que ele foi escolhido pela dinamicidade (MHMA #10, 2020).

De maneira geral, os quatro participantes que negaram — MHMA #17, MHMA #32, FHTF #4 e MHMF #28, alinham-se aos argumentos apresentados no grupo 1. Enquanto MHMA #17 argumentou que a facilidade do encontro presencial foi o que motivou a inexistência de prática com esse propósito. MHMA #32 considerou a falta de proximidade e confiança no parceiro para esse tipo de exposição logo no começo do envolvimento. Algo que a representante heterossexual do agrupamento concorda ao precisar que “[...] depois de um ano, tudo bem. Já conhece bem!” (FHTF #4, 2020). Por outro lado, o participante heterossexual do grupo não encara com bons olhos esse tipo de prática midiática logo no

começo, uma vez que “[...] tende a ser algo para quem não esteja buscando algo duradouro, inicialmente. [...]”. Logo, por não estar “[...] procurando uma ficada no final de semana ou algo assim, não tinha nenhuma mentalidade desse tipo, de chegar e jogar uma nude” (MHTF #28,2020).

O último grupo restringiu as plataformas Facebook e Skype. Troca de mensagens de texto e videochamadas foram as práticas midiáticas utilizadas nesses meios. Na visão dos três participantes que utilizaram mídias para explorar a sexualidade — FHTA #22, FHTF #27 e FHTF #2, os processos relatados foram considerados bem menores em razão dos aparatos técnicos utilizados na época (Quadro 22).

Quadro 22 - Grupo 3 - Mídias digitais para explorar sexualidade

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	FACEBOOK: Troca de mensagens de texto; troca de fotos. SKYPE: Videochamada, troca de mensagens de texto.	FHTF #27 [2012]	SKYPE: Videochamadas; troca de mensagens de texto.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Envio de fotos por mensagens privadas; troca de mensagens de texto.	MHTF #6 [2012]	x
MHTF #7 [2008]	x		

Fonte: Autor (2021)

No momento em que as interações por textos começaram a ficar mais erotizadas, FHTA #22 e FHTF #27 relataram que fizeram videochamadas via Skype. Na medida em que a primeira foi discreta ao informar apenas videochamada, a segunda revelou que, apesar de não ter sido frequente, fez sexo virtual com o parceiro logo após terem ficado em uma festa: “[...] ele me ligou pra continuar a conversa. E, no fim, a conversa foi pra isso, mas foi a única vez que a gente, antes do namoro, usou alguma mídia para isso. Fotos na época não se enviava, não tinha Whatsapp, não tinha Snapchat” (FHTF #27, 2020). É possível que a comunicação via computador possa ter restringido a frequência de práticas midiáticas do tipo. Sobre isso, FHTF #2 revelou que “[...] não dava pra ter conversas muito picantes em um computador compartilhado porque alguém podia ver o meu Facebook e o que tava lá”. Na sua experiência, essa limitação técnica acabou favorecendo um começo com maior ênfase em

cultivar o afeto e menos em explorar a sexualidade, afinal, “[...] não tinha como mandar uma foto ou um áudio ou nada do tipo” (FHTF #2, 2020).

Os participantes desse grupo, MHTF #7 e MHTF #6, informaram não utilizar mídias digitais para explorar a sexualidade, sob o risco da exposição íntima na prática e o tabu em torno do sexo. Para o primeiro participante, a questão da segurança e privacidade era algo compartilhado com a parceira, pois optaram “[...] em conversar sobre essas questões, esses assuntos pessoalmente, para evitar esses tipos de compartilhamentos” (MHTF #7, 2020). Já o segundo relatou que no começo era “[...] um tabu do tipo ‘ai, eu sou bom moço, não vou fazer isso!’. E eu porque ‘sou um bom rapaz e preciso que me conheça bem!’. Então, nem era um assunto” (MHTF #6, 2020).

Vendo as práticas midiáticas dos agrupamentos a partir do começo das relações, atesta-se um acentuamento na variedade de condutas nas mídias digitais em torno da sexualidade. Nos anos de 2008 e 2014, identifica-se maior ênfase na troca de mensagens e videochamadas. Mais tarde, emerge o envio de nudes entre os participantes com início de relacionamentos entre os anos de 2016 e 2017. Para aqueles que iniciaram mais recentemente, entre 2019 e 2020, atestou-se uma intensificação dessa variedade por meio do compartilhamento de postagens em redes sociais com duplo sentido, envio de memes, figurinhas e a troca de fotos sensuais.

O percurso nos mostrou a intensificação da exploração da sexualidade pelas mídias digitais, havendo um aumento na variedade, que é devidamente aliciada pelo incremento de novas infraestruturas. Se os participantes dos grupos 2 e 3 enfatizaram a troca de mensagens, o grupo 1 revelou todo um arsenal de práticas midiáticas focadas na sexualidade, ainda que mais discretas ou indiretas. Todas as práticas midiáticas em torno da sexualidade, citadas pelos participantes, são apreendidas por estudos sobre o tema sob o nome de *sexting*¹⁶⁴. Com foco em explorar o envio de imagens explícitas não solicitadas no âmbito sexual e afetivo, March e Wagstaff (2017, p. 1, tradução nossa)¹⁶⁵ definem o termo como “[...] o envio de mensagens sexualmente sugestivas, seja usando linguagem explícita ou por fotos e vídeos nus ou quase nus”. Na visão dos autores, a variação das práticas midiáticas para explorar a sexualidade advém da ascensão dos serviços de paquera, ao propiciar novos espaços de encontro social e, conseqüentemente, novas condutas. Ao categorizar a prática específica do

¹⁶⁴ Apesar de March e Wagstaff (2017); Strassberg et al. (2013); Drouin e Landgraff (2011) delimitarem o termo de maneiras distintas, seus trabalhos convergem em encará-la como uma prática fundada na aproximação sexual e afetiva.

¹⁶⁵ No original: “‘Sexting’ is defined as sending sexually suggestive messages, either using explicit language or nude/nearly nude photos and videos”

envio de fotos nuas entre solicitadas e não solicitadas, atestaram o uso da segunda como um instrumento de avaliação daquele que a envia. Fortemente associadas à masculinidade, enviar nudes sem a solicitação do outro forneceu subsídios para a especulação do valor do companheirismo ou da estratégia extremista para encontros casuais, achados esses capazes de orientar novas possibilidades investigativas¹⁶⁶.

Alinhado à conclusão de March e Wagstaff (2017), o presente estudo atestou entre as justificativas para o não envolvimento de mídias na exploração da sexualidade a associação entre o *sexting* e a busca de relações sérias. Em outras palavras, no âmbito romântico-relacional, o *sexting*, destacadamente a partir do envio de nudes, pode ser interpretado como um aceno de desinteresse em constituir envolvimento mais longevos por parte daquele que sugere a prática. Amparados pelo resgate histórico sobre a prática amorosa na cultura ocidental, essa hipótese na sondagem da intenção do outro nesse estágio da relação, pode ser explicada pelo impacto residual dos vários dispositivos sociais feitos para conter o ímpeto sexual. A ênfase na sexualidade, seja pelas mídias ou presencialmente, acaba servindo como termômetro para avaliar a abertura do outro para esse tipo de envolvimento, pressuposto estudado por Drouin e Landgraff (2012).

Considerando o uso do smartphones como meio para prover um tipo de presença conectada em relacionamentos românticos, Drouin e Landgraff (2012) exploram o modo como as mensagens por texto e o *sexting* podem ser associadas ao apego/envolvimento. Frente à necessidade de proximidade nesse tipo de relação, o grande feito da pesquisa foi “[...] explorar a prevalência do *texting* e *sexting* por parte de jovens adultos em envolvimento românticos e analisar a associação entre as práticas e os perfis de apego nesse tipo de relação” (DROUIN; LANDGRAFF, 2012, p. 446, tradução nossa)¹⁶⁷. No que tange às mensagens de texto, os autores atestaram que aqueles que temem proximidade afetiva tendem a evitar o autoconhecimento e a dependência ao enviar com menor frequência mensagens, já que inibem práticas que possam aumentar a intimidade. Com isso, concluíram que há uma maior relação da prática midiática com relacionamentos mais estáveis. Ao considerar os gêneros no *sexting*, a ansiedade por apego por parte das mulheres foi um impeditivo para conter a prática,

¹⁶⁶ As considerações da exploração dos autores se apoiaram na análise de questionários respondidos por 240 participantes recrutados online por mídias sociais e pela técnica bola de neve. Vale informar que 72% dos entrevistados no estudo foram mulheres.

¹⁶⁷ No original: “The major goals of this study were to examine the prevalence of texting and sexting in young adult romantic relationships and analyze the associations between texting, sexting, and attachment styles within these relationships”.

enquanto nos homens, que evitam o apego, a prática se mostrou acentuada¹⁶⁸, achados estes questionáveis, frente às transformações sociais mais recentes, principalmente com o feminismo.

6.2 O CRUZAMENTO DE ROTINAS E CÍRCULOS SOCIAIS

Ao observar as transformações nas condutas apresentadas no âmbito do cortejo, Koller (1951) destacou o costume de receber o interessado na casa da família das mulheres. Antes dos tempos modernos, esse costume da cultura ocidental objetivava introduzir o homem no seio familiar da parceira, e prover um momento para que ela pudesse mostrar suas habilidades domésticas. A recorrência desses eventos propiciou meios para que as famílias avaliassem as intenções e orientassem os envolvidos a exercer os papéis do homem e da mulher nas configurações romântico-relacionais da época, afinal, investir nesse tipo de relação afetiva implicava necessariamente a constituição de família. Além disso, a presença do parceiro no cotidiano e a aproximação deste com os entes familiares refletia a seriedade no comprometimento com o outro.

Com a fragmentação na associação entre envolvimento romântico e constituição de família, o cruzamento de rotinas e círculos sociais se converteu cada vez mais em manifestação simbólica da escolha individual dos envolvidos em fazer parte da vida do outro. Embora se possa questionar o fato desses processos reverberarem a seriedade da relação, parto da hipótese de que essas práticas seguem sendo valorizadas em um dado momento da relação para demarcar a aproximação sexual e/ou afetiva dos envolvidos, tal qual Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) assinalaram.

Assim sendo, busca-se destacar o envolvimento de múltiplos sistemas de mídias digitais para evidenciar esse cruzamento de rotinas e círculos sociais, destacadamente as práticas midiáticas e os significados apresentados em torno delas. Para isso, utiliza-se como norte as ênfases comunicativas apresentadas pelos estágios da Intensificação e Integração da aproximação (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). Ou seja, esse segmento está focado em discutir os dados do estudo em torno de mídias e práticas midiáticas para se aproximar de conhecidos, compartilhamento de momentos na companhia do outro e na troca de intimidades afetivas entre os envolvidos na relação romântica.

¹⁶⁸ As considerações dos autores se apoiaram na análise de 744 universitários envolvidos em relacionamentos românticos recentes, os quais responderam questionário online que exigia nivelar afirmações entre 1 e 7. A partir desse método, os autores conseguiram também distinguir os perfis entre aqueles mais propensos à proximidade e à evasão.

6.2.1 Mídias digitais para aproximar de conhecidos do/a parceiro/a

Os participantes do primeiro agrupamento mobilizaram de 1 a 3 mídias para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a. Da parte dos seis participantes que relataram práticas midiáticas, destacou-se as mídias no segmento de redes sociais a partir da recorrência de menções no Instagram e no Facebook, e da plataforma de comunicação WhatsApp. Nas justificativas dos três participantes que negaram envolvimento de mídias para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a — MHTF #33, FHTF #16 e FHTF #19, um deles não soube atribuir uma razão e os outros dois justificaram ser cedo para esse tipo de aproximação (Quadro 23). Por se tratar de um estágio inicial, FHTF #19 não “[...] ia sair adicionando todo mundo porque iria ficar parecendo que estava desesperada (risos)”. Embora conhecesse gradualmente o círculo social do parceiro, ao ver os perfis nas plataformas sociais, as investidas só ocorreram quando oficializaram o namoro, após se encontrarem “[...] 3,4,5 vezes. Aí, tirava uma foto e se adicionava pra poder marcar ou algo assim” (FHTF #19, 2020), sugerindo que a necessidade de postar a foto na mídia direcionou a adicionar o perfil do conhecido do parceiro.

Quadro 23 - Grupo 1 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Respondeu solicitações de conhecidos da parceira.	MHTF #30 [2020]	INSTAGRAM: Respondeu solicitações de conhecidos da parceira; visualizou perfis de conhecidos da parceira; verificou as marcações feitas nas postagens da parceira.
FHTA #31 [2019]	INSTAGRAM: Solicitou para seguir perfil de conhecidos do parceiro; interagiu a partir das postagens; fez marcações em postagens.	FHTF #25 [2019]	INSTAGRAM: Respondeu solicitações de conhecidos do parceiro. FACEBOOK: Aceitou solicitação de amizade de conhecidos do parceiro. WHATSAPP: Pediu número de telefone após ter encontrado presencialmente conhecido do parceiro.
FHTF #5 [2019]	INSTAGRAM: Seguiu perfil de conhecidos após conhecer pessoalmente.	FHTF #16 [2019]	x
FHTF #19 [2019]	x	FHMF #23 [2019]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos da parceira; curtiu postagens dos conhecidos da parceira eventualmente. INSTAGRAM: Seguiu perfil de conhecidos da parceira; curtiu postagens dos conhecidos da parceira eventualmente.
MHTF #33 [2019]	x		

Fonte: Autor (2021)

No que tange às práticas midiáticas citadas, metade dos participantes desse agrupamento apresentou uma postura mais responsiva, seja ao responder solicitações de amizade no Facebook ou ao receber pedidos para seguir o perfil no Instagram por parte dos conhecidos do/a parceiro/a — MHTF #9, MHTF #30 e FHTF #25. Ainda que MHTF #30 tenha revelado o costume de visualizar o perfil das amigas para conhecer mais a parceira, o participante ressaltou que “[...] não seguia! Ia naquela parte de fotos marcadas” (MHTF #30, 2020). Dinâmica parecida ocorreu na relação de MTHF #9. Por trabalharem em uma mesma empresa, o participante também respondeu a movimentos vindos de amigos, inclusive: “[...] a gerente dela me adicionou também. Tiveram outras pessoas, da família, também. Mas eu não tomei iniciativa de adicionar ninguém!” (MHTF #9, 2021). Já FHTF #25 revelou surpresa ao ver, “[...] do nada, o pai e a mãe dele seguindo, curtindo as fotos. Foi um passo deles!” (FHTF #25, 2020). Aliás, a participante foi a única a mencionar o Whatsapp, relatando pedir o número do telefone de conhecidos após tê-los encontrado presencialmente. Os três participantes restantes foram mais proativos — FHTA #31, FHTF #5 e FHMF #23, pois tomaram iniciativa de solicitar amizade no Facebook e/ou seguir o perfil de conhecidos do/a parceiro/a. De comum, apenas o fato de todas serem do sexo biológico feminino.

O grupo com participantes com início de envolvimento entre os anos de 2016 e 2017 (grupo 2) mobilizou também de 1 a 3 mídias, destacando-se as plataformas de redes sociais Facebook e Instagram e, com maior frequência, a plataforma de comunicação Whatsapp. Contrariamente ao agrupamento anterior, observa-se no grupo 2 maior proatividade em tomar iniciativas para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a, ao menos nas plataformas sociais. A postura mais responsiva foi observada nas interações por meio do Whatsapp (Quadro 24).

Quadro 24 - Grupo 2 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos do parceiro que conheceu e se identificou.	MHMA #32 [2017]	INSTAGRAM: Solicitou para seguir perfil de conhecidos do parceiro; postou fotos marcando conhecidos do parceiro.. WHATSAPP: Atendeu videochamadas de conhecidos do parceiro.
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos do parceiro após conhecer presencialmente; curtiu fotos de conhecidos do parceiro; interagiu a partir das publicações de conhecidos do parceiro; interagiu por DM com conhecidos do parceiro. INSTAGRAM: Solicitou para seguir perfil de conhecidos do parceiro após conhecer pessoalmente; curtiu postagens de conhecidos do parceiro.	FHTF #4 [2016]	FACEBOOK: Solicitou amizade de familiares do parceiro.
MHMA #10 [2016]	FACEBOOK: Solicitou amizade de familiares do parceiro. WHATSAPP: Aceitou convite de grupo de amigos do parceiro; interagiu por mensagem de texto no grupo de amigos do parceiro.	MHMF #28 [2016]	FACEBOOK: Solicitou para seguir perfil de conhecidos do parceiro; curtiu e comentou em postagens de conhecidos do parceiro. INSTAGRAM: Solicitou para seguir perfil de conhecidos do parceiro; curtiu e comentou em postagens de conhecidos do parceiro. WHATSAPP: Aceitou fazer parte de grupo da família do parceiro; interagiu por mensagens de texto no grupo da família do parceiro.

Fonte: Autor (2021)

Todos os seis participantes revelaram ter solicitado amizade no Facebook, pedido para seguir perfil no Instagram, curtido fotos e interagido a partir dos conteúdos postados por conhecidos do/a parceiro/a. É preciso, contudo, enfatizar que esse grupo reuniu em maior quantidade homens do sexo biológico masculino em relações homoafetivas. Com isso em mente, chama a atenção a mera presença do Whatsapp a partir da menção de práticas midiáticas fundadas em promover maior entrosamento entre amigos/familiares e o/a parceiro/a — MHMA #32, MHMA #10 e MHTF #28.

Na medida em que passaram mais tempo juntos e a consequente maior presença do Whatsapp na relação, MHTF #28 destacou que a aproximação com os conhecidos do parceiro seguiu um percurso parecido ao que teve com a namorada, quando solicitou amizade no Facebook, seguiu no Instagram e foi incluído no grupo da família da parceira no Whatsapp. Com uma vivência de 17 anos em outro estado, MHMA #32 revelou que o seu parceiro também se apoiava no Whatsapp para se aproximar dos amigos. Por meio de videochamadas, o parceiro “[...] usava mais o Whatsapp para falar com eles. Ali tem a ferramenta de vídeo e a gente se falava por ali” (MHMA #32, 2021). No caso de MHMA #10, a aproximação com

familiares se restringiu ao Facebook, enquanto os amigos, além das mídias sociais, apoiaram-se na formação de um grupo no Whatsapp: “Era um grupo de 20 homens em um grupo de Whatsapp, vivendo uma relação, assim, de estar querendo amizade. Depois cada um acabou tendo um foco diferente. Desses 20, uns 8 continuam [...]” (MHMA #10, 2021).

No terceiro agrupamento, os participantes se restringiram ao suporte de apenas uma mídia no segmento social para se aproximar dos conhecidos do/a parceiro/a. Entre as mídias citadas, Facebook e Orkut (Quadro 25).

Quadro 25 - Grupo 3 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos do parceiro; respondeu solicitações de conhecidos do parceiro; interagiu a partir das postagens dos conhecidos do parceiro.	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos do parceiro após conhecer presencialmente; interagiu a partir das publicações de conhecidos do parceiro; aceitou participar de grupos de amigos.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Solicitou amizade de conhecidos do parceiro; respondeu solicitações de conhecidos do parceiro.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Solicitou amizade de familiares da parceira após conhecer presencialmente.
MHTF #7 [2008]	ORKUT: Adicionou perfil de conhecidos da parceira; comentou em fotos de conhecidos da parceira.		

Fonte: Autor (2021)

Ao avaliar as práticas midiáticas citadas, atestou-se a predominância de uma postura mais proativa, considerando que os participantes revelaram ter tomado a iniciativa de solicitar amizade. Ainda que tenham respondido solicitações de conhecidos, essa postura se manifestou quando todos os participantes informaram ter interagido com os conhecidos dos parceiros a partir das publicações feitas por ele. FHTF #27, inclusive, informou ter sido incluído em um grupo de amigos no Facebook para o planejamento de uma festa:

Os amigos dele tinham um grupo que marcavam eventos em casa, sabe?! Sempre foi um grupo muito grande de amigos. E aí, eu tinha aquela coisa de ‘eu quero ir com ele’. E ele, ‘não tem umas amigas *pra* levar? porque os guris vão tá por lá...’. E eu já comecei a trazer minhas amigas para conhecer. Uma amiga minha, inclusive, começou a namorar um amigo dele antes de eu namorar ele. Eu fiquei: ‘Meu deus, eu que quero namorar com ele e tu arranja namorado mais fácil?!’. Então, era mais no Facebook mesmo, sabe? (FHTF #27, 2021).

Nos tempos de Orkut, as práticas midiáticas para suprir esse padrão comunicativo não parecem ter sido tão diferentes das anteriormente citadas, ao menos pela experiência de

MHTF #7. Nela, o participante revelou que se aproximou somente dos amigos da parceira, “[...] comentando as publicações e curtindo as postagens que eles compartilhavam” (MHTF #7, 2020).

Tendo em vista a maior quantidade de espaços midiáticos para a materialização dos laços sociais, esperava-se um aumento de práticas midiáticas em torno da inclusão de conhecidos do/a parceiro/a pelos participantes com início de envolvimento mais recentes nesse estágio da relação — grupo 1 e 2. Embora alguns participantes tenham negado a prática, muito em função do estágio da relação, todos valorizam e reconhecem sua importância na evolução da relação. Brody et al. (2016) já haviam atentado para a maior ênfase de práticas atreladas ao fator de compartilhamento de redes e gerenciamento de status¹⁶⁹ em comparação aos términos, algo compreensível se considerarmos o momento da relação em que os envolvidos estão progressivamente passando mais tempo interagindo com o/a parceiro/a e seus conhecidos.

Valendo-se do fato de que esse tipo de relação não se desenvolve isoladamente, Felmlee (2001, p. 1260, tradução nossa) começou a desbravar o modo como o ambiente social afeta na estabilidade do casal a partir do “[...] desenvolvimento e teste de um modelo mais geral de processos pelos quais as redes sociais facilitam, assim como impedem, a estabilidade de relações íntimas”¹⁷⁰. Na medida em que a comunicação nesses espaços pode favorecer o suporte emocional, a aprovação/desaprovação de conhecidos e a ausência de companhias alternativas (para suprir a necessidade de aprovação social) se convertem em fatores de avaliação da longevidade do envolvimento na pesquisa¹⁷¹.

O estudo concluiu que a maioria das condutas nas redes sociais pode estatisticamente impactar sobre a estabilidade de um relacionamento romântico-amoroso. Este é o caso da percepção da aprovação dos amigos nas relações dos respondentes, dado este que teve “[...] efeito negativo grande e altamente significativo na taxa de términos. Em outras palavras, relacionamentos que reúnem uma boa dose de suporte dos amigos em um dado momento pode ajudar a conter em algum degrau a dissolução da relação” (FELMLEE, 2001, p. 1274,

¹⁶⁹ Brody et al. (2016, p. 6, tradução nossa) abarcou no fator 4 - compartilhamento de redes e gerenciamento de status as seguintes práticas: ‘eu adicionei os amigos do meu parceiro’, ‘eu adicionei familiares do meu parceiro’, ‘eu recebi solicitação de amizade dos amigos do meu parceiro’ e ‘eu enviei solicitação de amizade para os amigos do meu parceiro’

¹⁷⁰ No original: “The purpose of this research is to develop and test a general model of the processes by which social networks facilitate, as well as impede, the stability of intimate relationships”.

¹⁷¹ O estudo de Felmlee (2001) se apoiou na aplicação de questionários sobre relacionamentos íntimos e laços de amizades, distribuídos para membros de 10 universidades diferentes, dos quais 290 foram analisados estatisticamente.

tradução nossa)¹⁷². A desaprovação de familiares, por outro lado, também pode ajudar a solidificar relacionamentos íntimos, considerando que os envolvidos tendem “[...] a confrontar e resolver possíveis problemas de relacionamento levantados por membros da família, e que este processo interativo fortaleceu o relacionamento” (FELMLEE, 2001, p.1280, tradução nossa)¹⁷³.

Como se vê, a relação entre as redes sociais de um indivíduo e o seu envolvimento romântico-amoroso é mais complexa do que se imagina. A autora (2001) enfatizou que essas conexões podem colaborar ou prejudicar em uma relação, a depender de quais membros da rede estão envolvidos (familiares ou amigos, por exemplo), da aprovação/desaprovação deles, bem como o grau de proximidade desses sujeitos com os envolvidos.

6.2.2 Mídias digitais para compartilhar momentos juntos do/a parceiro/a

Uma das formas para atestar que conhecidos estão se relacionando romanticamente, é a partir da recorrência da presença de alguém nos conteúdos publicados nas mídias. Tendo em vista a tendência mais geral em compartilhar a rotina nas mídias digitais, busca-se apreender nesse segmento os meios pelos quais os participantes, em diferentes temporalidades, compartilhavam os momentos na companhia do/a parceiro/a.

No grupo das relações que começaram entre os anos de 2019 e 2020, apenas um participante relatou não mobilizar nenhuma mídia com esse propósito sob o argumento de respeitar a discrição da parceira, uma vez que a considerava: “[...] bem resguardada. No Face não tinha nada, no Instagram também não tinha nada. Só a foto de perfil. Não tem foto no Whats” (MHTF #30, 2020). Os oito restantes mobilizaram de 1 a 2 mídias, destacadamente as mídias de redes sociais através do Instagram, Twitter e Snapchat (Quadro 26).

¹⁷² No original: “the approval of a respondent's friends has a large, highly significant negative effect on the rate of breakup. In other words, relationships that garner a good deal of support from an individual's friends at one point in time maintain a degree of protective immunity from dissolution

¹⁷³ No original: “Another explication, however, is that family opposition encourages couples to confront and resolve potential relationship problems raised by family members, and that this interactive process strengthens their relationship”

Quadro 26 - Grupo 1 - Mídias digitais para compartilhar momentos juntos

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: Postou fotos nos stories (dia a dia); postou fotos no feed (momentos marcantes). Razão: Momentos de alegria na presença da parceira .	MHTF #30 [2020]	X Razão: Respeitar o fato de a parceira não gostar de expor a relação nas mídias.
FHTA #31 [2019]	INSTAGRAM: Publicou fotos nos stories; postou fotos (eventos sociais) no feed; repostou publicações do parceiro. TWITTER: Postou tweets sobre locais que foi na companhia dele. Razão: Corresponder às práticas midiáticas do parceiro (demonstrar que estava no mesmo nível de interesse).	FHTF #25 [2019]	INSTAGRAM: Marcou a parceira em stories; marcou a parceira em postagens no feed; marcou a parceira em comentários. Razão: Meio pra informar aos outros interessados o desenvolvimento da relação. Necessidade de compartilhar alegria de estar numa relação romântica.
FHTF #5 [2019]	INSTAGRAM: Postou fotos sem marcar o parceiro no stories. Razão: Compartilhar de maneira mais direta podia atrapalhar o desenvolvimento da relação.	FHTF #16 [2019]	INSTAGRAM: Postou print de videochamadas nos stories; marcou o parceiro nas postagens feitas nos stories. Razão: Momentos que a faziam acreditar na longevidade da relação.
FHTF #19 [2019]	INSTAGRAM: Publicou nos stories. Razão: Corresponder o movimento do parceiro que postou mais. Escolha dos stories pela efemeridade do recurso (postagem dura apenas 24 horas).	FHMF #23 [2019]	INSTAGRAM: Postou fotos na companhia da parceira nos stories. TWITTER: Marcou a parceira em tweets. Razão: Costume de postar coisas sobre o cotidiano.
MHTF #33 [2019]	SNAPCHAT: Publicou snaps (vídeos) com a parceira; publicou snaps (vídeos) sobre a parceira. WHATSAPP: Enviou fotos com a parceira para publicações em redes sociais. Razão: Reduzida quantidade de seguidores e o recurso de apagar o registro em 24h.		

Fonte: Autor (2021)

Sobre as práticas midiáticas, despontaram comentários das vivências no Twitter, a postagem de vídeos no Snapchat e a postagem de fotos e/ou vídeos no Instagram (no stories e no *feed*). A última mídia se destacou, considerando que foi citada por sete entrevistados. No Instagram, as postagens eram pontuais, comedidas e informais, uma vez que os participantes alertavam para algumas especificidades, tais como: não marcar o parceiro no stories e evitar postar no *feed* nesse estágio, pois há o entendimento de que esse espaço seja para momentos de maior solidez da relação, como veremos mais adiante. As razões apresentadas podem ser organizadas em dois pressupostos: I. Devido ao costume de postar e/ou usar a mídia — FHTF #5 e FHMF #23; e, na maioria, II. Como meio para corresponder e/ou manifestar interesse romântico — MHTF #33, FHTF #19, FHTF #16, MHTF #9, FHTA #31 e FHTF #25.

Ao argumentar sua aderência à prática mais geral de postar nas plataformas de redes sociais, as razões apresentadas no primeiro pressuposto acabam por enfatizar a preferência por ferramentas mais efêmeras, como o Snapchat e o stories do Instagram. Por saberem que o registro postado se apagará em 24 horas, a publicação “[...] não queima a relação” (FHTF #5, 2021), tendo em vista que o conteúdo pode pressionar o parceiro sobre a relação. FHMF #23 endossa o argumento ao explicar que no *feed* pode soar como: “[...] uma coisa mais séria marcar no Instagram” (FHMF #23, 2020). Além do desejo de “[...] compartilhar com o mundo que tu tá gostando de alguém” (MHTF #9, 2021). O compartilhamento das vivências no segundo pressuposto reúne os participantes que argumentaram usar as mídias como meios para demonstrar que estavam interessados: “[...] se importando [...], que tava gostando” (MHTF #33, 2020). Mesmo em envolvimento aberto, retribuir esse tipo de conteúdo buscava expressar que o participante “[...] tinha o mesmo pensamento sobre as coisas [relação]” (FHTA #31, 2020). Mais do que isso, para FHTF #16, as postagens no stories refletiam a crença de que o envolvimento “[...] poderia, sim, evoluir para alguma coisa. Mas, também resguardando no sentido de ‘ah, eu não disse nada!’” (FHTF #16, 2020). Além disso, as postagens também serviam para conter possíveis investidas de outros interessados “[...] que precisam, parece, que a gente sempre fique postando para saber que a gente está com alguém” (FHTF #25, 2020).

Da mesma forma que o grupo anterior, o grupo 2 também contou com um participante que não utilizou mídias para compartilhar momentos juntos, visando respeitar a discricção do parceiro — MHMA #17. Os cinco restantes informaram ter se apoiado no Facebook e/ou Instagram.

Quadro 27 - Grupo 2 - Mídias digitais para compartilhar momentos juntos

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	X Razão: Esquecimento. Discrição do parceiro.	MHMA #32 [2017]	INSTAGRAM: Postou fotos na companhia do parceiro nos stories. Razão: Informar que estava conhecendo alguém romanticamente.
MHMF #20 [2017]	FACEBOOK: Posts de viagens e eventos juntos. INSTAGRAM: Posts de viagens e eventos juntos. Razão: Desejo por maior aproximação do parceiro. Influência da prática de compartilhamento nas mídias sociais. Compartilhar a felicidade de estar conhecendo alguém.	FHTF #4 [2016]	INSTAGRAM: Postou fotos no feed marcando o parceiro; fez publicações nos stories marcando o parceiro. FACEBOOK: Repostou publicações do parceiro (festas e outros programas que fizeram juntos). Razão: Necessidade de compartilhar a relação sem entender bem o porquê.
MHMA #10 [2016]	FACEBOOK: Fez check-in e marcou o parceiro; postou fotos na companhia do parceiro, marcando-o. Razão: Testar a aceitação por parte dos conhecidos do parceiro. Averiguar como os amigos reagiam ao envolvimento.	MHMF #28 [2016]	INSTAGRAM: Fez publicação marcando a parceira. FACEBOOK: Repostou publicação feita no Instagram. Razão: Publicar nesse estágio do relacionamento funcionou como um gesto de comprometimento à parceira e seus conhecidos.

Fonte: Autor (2021)

Na medida em que o stories se destacou entre as práticas midiáticas no grupo 1, no grupo 2 as publicações no *feed* ganharam destaque a partir de postagens sobre viagens, presença em eventos ou registros do cotidiano. Os participantes com início de envolvimento entre os anos de 2016 e 2017 se mostraram mais detalhistas ao falar sobre as práticas midiáticas relativas a esse padrão, sem manifestar ressalvas em marcar o perfil do/a parceiro/a nesses conteúdos.

Analisando as razões apresentadas, atestou-se o alinhamento com os pressupostos identificados anteriormente. Comparativamente, MHMF #20 foi assertivo ao dizer que o compartilhamento advém mais do costume de se postar coisas sobre o cotidiano, do que um movimento de “[...] querer que ele [o parceiro] apareça, de fazer questão”. Na sua experiência, esse tipo de conteúdo era produzido mais pelo fato de o parceiro estar “[...] convivendo e aquela questão de rotina de colocar no stories, tirar fotos juntos com amigos” (MHMF #20, 2020). Mesmo sem compreender bem o porquê, esse costume também norteou FHTF #4 a postar quando ia “[...] sair, jantar fora [...] um passeio, no parque” (FHTF #4, 2020) na companhia do parceiro.

Como meio de corresponder ao afeto, MHTF #28 relatou a impressão de que postar momentos juntos da parceira parecia algo importante para “[...] aquelas pessoas com quem eu estava naquele momento”, incluindo além dela, seus familiares e amigos. Ao comparar a iniciativa da parceira, o participante confidenciou que a ausência de postagens nesse sentido pudesse dar a “[...] impressão de que as pessoas não vendo compartilhar a mesma coisa, pudessem achar estranho” (MHTF #28, 2020). MHMA #10 foi além ao dizer que esse tipo de publicação funciona “[...] como um teste social, nesse período [...] pra ver a aceitação [da relação], como um grupo vai reagir” (MHMA #10, 2020).

Os participantes do grupo 3 mobilizaram de 1 a 2 mídias, identificou-se a restrição a somente uma plataforma de rede social: Facebook ou Orkut. Do universo de cinco entrevistados, a participante FHTF #27 foi a única a negar ter feito alguma postagem compartilhando momentos com o parceiro nesse estágio, pois tinha receio dele “[...] se sentir cobrado se postasse uma foto nossa”, além de não querer “[...] fechar o mercado dele” (FHTF #27, 2020), posto que esses conteúdos poderiam impactar outras possíveis relações (Quadro 28).

Quadro 28 - Grupo 3 - Mídias digitais para aproximar conhecidos do/a parceiro/a

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	FACEBOOK: Postou fotos juntos. WHATSAPP: Enviou fotos para amigos e colegas. Razão: Expectativa dos amigos em saber da relação. Prática de compartilhar o cotidiano. Necessidade de compartilhar com conhecidos.	FHTF #27 [2012]	X Razão: O parceiro poderia se sentir cobrado. Inviabilizar que outros expressassem interesse sexual e afetivo.
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Postou fotos na companhia do parceiro. Razão: Compartilhar alegria de estar com o parceiro.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Publicou fotos na companhia da parceira (eventos como festas); aceitou marcações de conhecidos em fotos na companhia da parceira. Razão: Expressar e reforçar o sentimento e a veracidade das intenções. Compartilhar momentos na companhia da parceira.
MHTF #7 [2008]	ORKUT: Fez álbum de fotos na companhia da parceira em seu perfil. Razão: Compartilhar o cotidiano e os lugares que visitou.		

Fonte: Autor (2021)

Nas práticas midiáticas das relações que iniciaram entre os anos de 2008 e 2014, atestou-se a centralidade dos registros fotográficos na medida em que os participantes informaram a publicação de fotos, aceite de marcações de perfis e a construção de álbuns.

Sobre as razões para essas condutas, os relatos também se alinham aos pressupostos em torno do costume de postar conteúdos sobre o cotidiano — FHTF #2 e MHTF #7, e para corresponder/manifestar interesse romântico — FHTA #22 e MHTF #6.

Ao passo em que MHTF #7 e FHTF #2 destacaram a vontade de “[...] mostrar o cotidiano” (MHTF #7, 2020) ou “[...] passeio com amigos, cinema” (FHTF #2, 2020) na companhia dos respectivos parceiros. FHTA #22 e MHTF #6 evidenciaram a necessidade de partilhar a alegria da presença do parceiro em suas vidas no Facebook. Ainda que não tenha tido qualquer intenção de acelerar a oficialização da relação, MHTF #6 explicou como a dinâmica do Facebook, a partir desse tipo de publicação, contribuiu para isso:

aquela situação de que posta e pergunta quem é a pessoa. Tipo, namorada, né? Então teve um empurrão digital. Não foi a intenção, mas impulsionou. Um acelerador do relacionamento [...] É um empurrão mais do tipo que tá todo mundo olhando. Quem é essa pessoa? Eu tenho muito disso, minha família tem isso. A xxxxx [nome da parceira] também. Tu postou ali e tem uma pessoa contigo. Ela é tua namorada? E depois tem uma coisa romântica com ela. Então, empurrão nesse sentido, da gente resolver assumir um relacionamento externamente *pra* todo mundo, por isso. Não só por isso, mas também por isso (MHTF #6, 2020).

Conforme a pressão advinda das dinâmicas nesse segmento midiático já impactam as relações com início entre os anos de 2008 e 2014, a intensificação da participação das mídias digitais nas relações dos grupos 1 e 2 tendem a acentuar essa questão. Ou seja, as reações sociais sobre a relação potencialmente aumentam com a maior exposição e consumo dessas mídias, e, conseqüentemente, inferem maior impacto.

Frente a toda uma literatura que tende a priorizar o impacto na perspectiva do casal, Sprecher (2010) explorou o tema sob a ótica daqueles que comentam, opinam sobre a relação. Para examinar as condutas online de quem tenta influenciar positivamente ou negativamente a relação (desenvolvimento, a manutenção e o rompimento) nas redes sociais, 529 questionários foram aleatoriamente distribuídos nas versões para quem aprova e desaprova relacionamentos em sua rede de amigos¹⁷⁴. Dentre os achados, o relacionamento romântico foi a modalidade relacional mais avaliada, com reações mais fortes no estágio em que está ficando mais sério — 49,8% na condição de reprovação e 32,5% na condição de aprovação. Na correspondência entre os sentimentos/crenças dos entrevistados e suas condutas online sobre o relacionamento avaliado, o estudo verificou que as práticas online correspondem ao que sentem/acreditam

¹⁷⁴ Desse número, 278 participantes (52,6%) fizeram parte da amostra na condição de reprovação, e 251 (47,4%) responderam na condição de aprovação do relacionamento em sua rede social. Vale pontuar que o trabalho busca explorar essa ótica focado em 4 elementos: I. Precisar o tipo e estágio de relacionamento mais propenso de influência das redes; II. Examinar a correspondência entre os sentimentos/crença dos sujeitos e suas condutas sobre o relacionamento; III. Averiguar as diferenças nas condutas entre os sexos sobre a relação; IV. Explorar as percepções dos membros da rede social sobre as tentativas de influenciar a relação.

sobre o envolvimento avaliado. Em comparação aos homens, as mulheres entrevistadas conquistaram maior índice em influência positiva especificamente na condição de aprovação, sugerindo, portanto, maior grau de confiança. Sobre o reconhecimento da influência de suas condutas no relacionamento avaliado, “dois terços dos entrevistados acreditam que suas reações sobre o relacionamento opinado tiveram algum efeito no que aconteceu com o envolvimento. Dos que perceberam o efeito, a maioria considerou que o impacto foi leve (em vez de moderado ou forte) (SPRECHER, 2010, p. 642, tradução nossa)¹⁷⁵.

A perspectiva trazida por Sprecher (2010) agrega sobremaneira aos objetivos desta tese, justamente por debruçar o olhar daqueles que inferem suas opiniões sobre a relação que acompanham nas mídias digitais. Talvez seja necessário reconhecer que haja um descompasso entre o que as pessoas acreditam que suas condutas online possam causar e o que elas de fato causam na relação, pressuposto este que destaca o nível de complexidade que a participação de mídias digitais causa no desenvolvimento de relacionamentos românticos.

6.2.3 Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas com o/a parceiro/a

Embora não haja um momento específico para o partilhamento de intimidades afetivas — assim como boa parte dos padrões comunicativos aqui estudados, parte-se da hipótese de que essa troca possa ocorrer com maior ênfase no período em que as rotinas e os círculos sociais se cruzam, considerando a intensidade, o engajamento e o interesse cultuados nesse estágio. Entendo por intimidade afetiva questões como medos, traumas, desejos, planos futuros e tantos outros temas pessoais que não são compartilhadas facilmente com outras pessoas. O afeto pelo/a parceiro/a nesse tipo de relacionamento acaba por promover a abertura dos envolvidos. Vale lembrar que nem sempre intimidade afetiva e sexual andam juntas. Contudo, sua associação é um dos principais elementos que caracterizam as relações românticas.

No grupo de participantes com início mais recente, os nove revelaram a articulação de mídias digitais para esse padrão comunicativo no estágio mencionado, utilizando especialmente a plataforma de comunicação digital Whatsapp. Entre as práticas mencionadas estão o envio de mensagens de texto, áudio e videochamadas. Somente um participante

¹⁷⁵ No original: “Two thirds of the respondents believed that their reactions to the targeted relationship had an effect on what happened to the relationship, with no difference found in the perceived degree of effect between the approval and disapproval conditions. Of those who perceived an effect, most thought it was slight (rather than moderate or strong)”

informou ter se apoiado no Instagram, sem aprofundar sobre as práticas midiáticas — MHTF #9 (Quadro 29).

Quadro 29 - Grupo 1 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	INSTAGRAM: WHATSAPP: Razão: O hábito de consumo das mídias citadas.	MHTF #30 [2020]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio; fez videochamadas. Razão: Praticidade. Hábito de consumo da mídia citada.
FHTA #31 [2019]	WHATSAPP: Enviou de mensagens de texto. Razão: Praticidade.	FHTF #25 [2019]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio. Razão: Mídia que frequentemente usou pra conversas mais sérias. Facilidade da mídia em obter suporte afetivo. Praticidade.
FHTF #5 [2019]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto. Razão: Hábito de interações sobre a rotina e conversas mais íntimas na mídia. A própria mídia demanda troca de número de telefone, algo pessoal.	FHTF #16 [2019]	WHATSAPP: Fez videochamadas. Razão: Recursos oferecidos. O teor da conversa (intimidade). Revelou que algumas delas foram motivadas por mídias sociais.
FHTF #19 [2019]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio. Razão: Praticidade e fluidez que o tipo de conversa exigia (intimidade afeta).	FHMF #23 [2019]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio. Razão: Migrar de uma relação mais casual para uma mais sólida demandou maior frequência de conversas. A mídia em si provém uma sensação de intimidade por exigir conhecer o número de telefone.
MHTF #33 [2019]	WHATSAPP: Enviou de mensagens de texto. Razão: Mídia citada propiciou um espaço favorável pra esse tipo de conversa mais íntima (a intimidade motivou a escolha da mídia).		

Fonte: Autor (2021)

As práticas midiáticas seguem as anteriores, as interações ocorrem também por mensagens de texto, áudio e videochamadas. Dentre as razões apresentadas para a escolha do Whatsapp, os participantes destacaram o hábito, a praticidade e os recursos oferecidos, bem como a sensação intimista que causa. Essa sensação mais intimista, favorável para assuntos sérios, fez com que FHTF #25 pudesse amparar o parceiro e vice-versa:

[...] eu me trato para síndrome do pânico e ele também se tratava de depressão. Então, ele também tinha umas recaídas. Eu também. O Whatsapp nos ajudava bastante com os áudios. Às vezes na correria das aulas e tal, a gente não conseguia se ligar no vídeo. Então, sei lá, 'tô mal' e mandava um áudio. E, quando podia, ele respondia. Então, a gente usava bastante esse recurso aí (FHTF #25, 2020).

Por demandar o saber o número de telefone, a mídia parece despertar a mesma sensação em homens do sexo biológico masculino envolvidos em configurações heteroafetivas fechadas, como relatou MHTF #33. Para ele, esse tipo de comunicação aconteceu “[...] só no Whatsapp. É que o Whats é algo bem pessoal! Só eu e ela estamos conversando lá e aí se falava de tudo lá! [...] Ninguém mais vai ouvir aquilo. Então, se for falar algo muito pessoal que eu só quero compartilhar com ela, é lá que a gente vai falar!” (MHTF #33, 2020). FHTF #5, por sua vez, destacou uma espécie de gestão da comunicação com o parceiro ao revelar conversar “[...] mutuamente nos dois locais. Só que em uma [mídia] a gente fala sobre os posts e na outra a gente fala sobre coisas sérias” (FHTF #5, 2020), referindo-se às interações nas mídias Instagram e Whatsapp.

Dentre os participantes do segundo agrupamento, dois deles revelaram não se apoiar em mídias digitais para partilhar esse tipo de informação com o parceiro — MHMA #17 e MHMA #32. Ambos envolvidos em configurações homoafetivas abertas, os participantes revelaram preferir falar desse tipo de temática presencialmente, seja pela maior frequência e facilidade de “[...] se encontrar bastante [...], nas quais “[...] as mídias ficaram fazendo o papel de mediação entre os encontros” (MHMA #17, 2020), seja pelas distorções típicas da comunicação mediada, tais como interpretar um “[...] ‘tá bom’”, como um ‘ok, tá bom!’ ou um ‘tá bom’ no sentido bravo” (MHMA #32, 2020). Para os quatro restantes, todos revelaram ter se apoiado no WhatsApp (Quadro 30).

Quadro 30 - Grupo 2 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas

GRUPO 2			
	X		X
MHMA #17 [2017]	Razão: Facilidade em se encontrar pessoalmente. Preferir conversar pessoalmente.	MHMA #32 [2017]	Razão: Evitar conflitos causados pela má interpretação de interações por texto.
MHMF #20 [2017]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio. Razão: Praticidade e rapidez. Hábito de consumir a mídia.	FHTF #4 [2016]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto; enviou mensagens de áudio; fez ligações pela mídia. Razão: Praticidade. Recursos oferecidos (figurinhas, ligação, envio de áudio). Viabilidade técnica (não pesa no celular).
MHMA #10 [2016]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto. Razão: Acessibilidade, viabilidade, praticidade e hábito de consumo. Imediatismo exigido nesse tipo de conversa.	MHMF #28 [2016]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto. Razão: Praticidade. Hábito de conversar.

Fonte: Autor (2021)

Tal qual o anterior, o grupo 2 também argumentou que a escolha da mídia para partilhar intimidades afetivas se deu em razão do hábito de conversar, pela praticidade oferecida e os recursos. Nesse aspecto, para partilhar assuntos como traumas de relações passadas, FHTF #4 apontou a questão da viabilidade técnica de ter a mídia em seu dispositivo, pois “[...] é uma forma mais prática, mais rápida e que não pesa tanto no telefone” (FHTF #4, 2020). Nesse contexto, MHMA #10 destacou a exclusividade do Whatsapp por propiciar a infraestrutura à atenção e o imediatismo necessários para revelar, por exemplo, a sua soropositividade ao parceiro:

Eu, na verdade, não omito. Mas também não faço propaganda disso. E eu no meu outro casamento tinha uma relação muito tranquila quanto a isso. E aí quando comecei a transar com o xxxx [nome do parceiro], eu tive que falar, né? ‘Oh, vai rolar isso e isso...vai acontecer aquilo’. E aí, ele falou: ‘Ah não tem problema! O meu ex-marido também era. HIV positivo’. E isso foi [conversado] via WhatsApp. Então, para se tornar mais próximo, a mídia utilizada foi o WhatsApp mesmo (MHMA #10, 2020).

Diferentemente dos grupos anteriores, os participantes com início de envolvimento entre os anos de 2008 e 2014 se apoiaram nas plataformas de comunicação Messenger/Facebook ou MSN. Embora não demandasse conexão à internet, alguns dos participantes revelaram ter utilizado o SMS. Considerou-se relevante assinalar as práticas e as razões, até para conseguirmos delinear um percurso do envolvimento de mídias digitais para suprir a lacuna oferecida pelo meio (Quadro 31).

Quadro 31 - Grupo 3 - Mídias digitais para partilhar intimidades afetivas

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	WHATSAPP: Enviou mensagens de texto. Razão: Acessibilidade da mídia.	FHTF #27 [2012]	FACEBOOK: Enviou mensagens privadas. SMS: Envio de mensagens. Razão: Poder conciliar com outras mídias e atividades.
FHTF #2 [2012]	SMS: Enviou e respondeu mensagens. Razão: Acessibilidade e comodidade do recurso. Intimidade afetiva na escolha do suporte.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Enviou mensagens privadas de texto. Razão: Compatibilidade de uso midiático. Espaço que propiciou maior proximidade e fluidez.
MHTF #7 [2008]	MSN: Enviou mensagens de texto. Razão: Praticidade. Comodidade por ter que estar online para fazer trabalhos da universidade.		

Fonte: Autor (2021)

As práticas midiáticas informadas destacaram o envio de mensagens de texto de maneira privada (DMs). Dentro dos argumentos já apresentados para as razões da escolha das mídias citadas, os participantes do grupo 3 destacaram a possibilidade de conciliar a conversa com outras interações, atividades como jogos online — FHTF #27, fazendo trabalhos da universidade — MHTF #7. Com a mobilidade trazida pela comunicação via SMS, MHTF #6 relatou uma gestão dos meios que parece recorrente aos participantes da mesma época. Ao evitarem utilizar o Skype corporativo, MHTF #6 relatou que quando “[...] chegava em casa tinha o Messenger para conversar melhor. E, fora de casa, o SMS, ao menos até chegar o Messenger ou o Whatsapp no celular” (MHTF #6, 2020), reportando-se a um cenário em que a internet ainda não era tão popularizada.

Averiguou-se no percurso da participação de mídias digitais para partilhar intimidades no âmbito romântico-relacional dos participantes, a alta frequência na adoção dos mensageiros digitais, que se intensificou com o advento da mobilidade dos smartphones. O uso desse segmento midiático na comunicação pode colocar os envolvidos em uma situação em que a atenção do parceiro ou mesmo a iniciativa dele para interações como condutas esperadas e importantes para o envolvimento. Não por acaso, estudos como o de Brody & Peña (2015) apreenderam a atuação da troca de mensagens como elemento principal no gerenciamento de envolvimento de jovens adultos. Dentre as razões apresentadas por Coyne et al. (2011) para o uso desse segmento midiático na comunicação do casal, 75% revelaram usar o meio para expressar afeto e 25% para discutir assuntos mais sérios. Para os jovens adultos pesquisados, a escolha da mídia refletiu o receio de uma possível postura conflitiva por parte do/a parceiro/a, a qual poderia amenizar¹⁷⁶.

Considerando a intensificação das interações dos casais a partir da infraestrutura ao redor do uso dos smartphones, O’Hadi, Brown, Trub & Rosenthal (2017) validaram a premissa de que a percepção de similaridade na frequência de iniciativas na troca de mensagens online e o conteúdo das mensagens são positivamente associadas ao maior grau de satisfação da relação. Essa constatação foi verificada na aplicação de questionários online com 445 norte-americanos com idade entre 18-29 anos envolvidos recentemente em relacionamentos românticos. Vale destacar que ao procederem a análise multivariada, os autores utilizaram como variáveis elementos como ansiedade ou evasão por apego, gênero e a

¹⁷⁶ O trabalho buscou avaliar a frequência e a associação de tecnologias para comunicação mediada para avaliar a comunicação no âmbito romântico-relacional. A amostra do estudo reuniu 5.124 indivíduos envolvidos em relações heteroafetivas sérias que responderam questionário online.

duração do relacionamento, questões que foram reconhecidas por outros estudos como termômetros da satisfação do relacionamento.

6.3 A OFICIALIZAÇÃO

Neste estudo, encara-se a oficialização como práticas fundadas em valorizar a solidez do envolvimento romântico. Historicamente, vimos esse costume ocorrer em dois eixos: entre os envolvidos e para os pares por meio de condutas como: indagar o interesse da parceira para o envolvimento, pedir permissão da família para o cortejo, para o namoro, celebrar a união com a reunião das famílias e a troca de anéis, bem como o casamento¹⁷⁷. Diante das transformações sociais¹⁷⁸ e o culto do tempo presente (LIPOVETSKY, 2004), desponta-se novas configurações romântico-relacionais. Com elas, novas formas de destacar/celebrar a importância do ente amado.

Considerando toda essa movimentação e, particularmente, o processo de aprofundamento da midiaticização (COULDRY; HEPP, 2017), busca-se, nesta parte do estudo, explorar o modo como as mídias se envolvem nos padrões comunicativos típicos desse estágio da relação. Como base, utilizo algumas ênfases comunicativas apresentadas pelo estágio da Vinculação Emocional (KNAPP; VANGELIST; CAUGHLIN, 2014). A seguir, discuto, então, os dados obtidos no estudo em torno das mídias e práticas midiáticas mobilizadas para oficializar a relação e para fazer declarações de amor ao/à parceiro/a nesses espaços.

6.3.1 Mídias digitais para expor a oficialização da relação

Do total de nove participantes do grupo 1, três informaram não terem conversado sobre a exposição da oficialização nas mídias, argumentando que a relação estava implicitamente informada pela frequente presença do parceiro nas publicações — FHTF #16, por surpreendida com anúncio do parceiro em postagem em seu perfil — FHTA #31, e pelo fato do parceiro não querer alterar o status (no Facebook) — FHTF #19. No último caso, a negativa do parceiro acabou promovendo mágoa e insegurança à relação:

¹⁷⁷ Embora referências como Azevedo (1981) reconheçam o noivado como o primeiro compromisso oficializado, no âmbito da informalidade, relatam esses “protocolos” no percurso ao casamento e à formação de famílias.

¹⁷⁸ O movimento feminista, gay, hippie e a revolução sexual foram algumas das reordenações importantes que colaboraram para a reconfiguração do amor romântico, como destacado no item 2.3 deste trabalho.

[...] aí já começou o baita problema, inclusive, porque a primeira coisa que ele me disse foi que nunca mudou e nunca vai mudar meu status [de relação] no Facebook. Na verdade, eu não cheguei a rodar a baiana, mas eu tentei persuadir ele a pensar diferente. Mas não adiantou! E aí, eu sou meio 8 ou 80. Se ele falou ‘jamais vou fazer’, então tudo bem. Não vamos fazer! Mas eu fiquei com a mágoa que, inclusive, conversei sobre isso essa semana com ele. Porque eu queria ter mudado meu status, mas não teve uma oficialização. Acho que talvez a oficialização do nosso relacionamento foi postar o primeiro stories, para mim, e ele postar fotos, porque daí tu perde os contatinhos [outros interessados], né?! (FHTF #19, 2020).

Os seis participantes que conversaram sobre o assunto, revelaram o envolvimento de 1 a 3 mídias, destacando o segmento de redes sociais: Instagram, Facebook e Twitter. Apenas uma participante acrescentou a plataforma de comunicação digital Whatsapp (Quadro 32).

Quadro 32 - Grupo 1 - Mídias digitais para expor a oficialização

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] INSTAGRAM: Postou fotos com o parceiro no feed e nos stories. FACEBOOK: Alterou status de relacionamento. Motivação: Concordância dos envolvidos em expor a relação nas mídias citadas.	MHTF #30 [2020]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] WHATSAPP: Comunicou aos amigos via mensagens de texto. Motivação: Empolgação por não ser mais solteiro (1º namoro).
FHTA #31 [2019]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] INSTAGRAM: Postou uma foto com o parceiro. Motivação: Compartilhar a nova fase. Embora não tenham conversado, a postagem foi considerada como uma surpresa boa (felicitações).	FHTF #25 [2019]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alteração do status de relacionamento. Motivação: Evitar investidas de outros e a situação de ter que declinar.
FHTF #5 [2019]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alteração do status de relacionamento. INSTAGRAM: Postou foto no feed e stories. Motivação: Demarcar território. Trazer segurança à relação.	FHTF #16 [2019]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] X Motivação: A relação estava implicitamente oficializada pela frequente presença do parceiro em suas postagens. Ressalvas em publicizar a relação.
FHTF #19 [2019]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] X Motivação: Parceiro informou que não iria alterar, provocando mágoas e inseguranças.	FHMF #23 [2019]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] INSTAGRAM: Postou stories com fotos e marcações da parceira. FACEBOOK: Alteração do status de relacionamento. TWITTER: Utilizou o termo namorada pra se referir à parceira nos tweets. Motivação: Sentimento de pressão para expor a relação de maneira feliz o tempo todo. Conter a ausência de reciprocidade nas demonstrações.
MHTF #33 [2019]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alteração do status de relacionamento. Motivação: Necessidade de compartilhar com os conhecidos a relação. Sensação de que se não colocasse no Facebook, o namoro não estaria oficializado.		

Fonte: Autor (2021)

As práticas midiáticas mencionadas para oficializar a relação giram em torno da alteração do status no Facebook, publicações no *feed* e stories do Instagram, e utilização do termo “namorada” no Twitter. Em linhas gerais, as motivações para esse tipo de conversa na relação dos participantes do primeiro agrupamento residem da necessidade de trazer estabilidade para o/a parceiro/a e/ou relação, compartilhar a oficialização para conhecidos e para conter as investidas afetivas/sexuais de outros. Este foi o caso da participante FHTF #5. Embora tivesse postado no stories a flor que ganhou quando foi pedida em namoro, a participante revelou que “[...] a conversa partiu dele, por insistência das pessoas que ficavam procurando ele [...] A galera ainda não entendeu que ele tava namorando (risos)” (FHTF #5, 2020). Expor a relação para FHMF #23 propiciou estabilidade à relação, considerando a reciprocidade na frequência das demonstrações nas mídias: “Ah, eu fico te marcando nas coisas, falando de ti o tempo todo e tu não fala? Parece que eu sou uma idiota!”. Isso já aconteceu, sabe?! É mais uma pressão dos outros do que da gente” (FHMF #23, 2020). Já para MHTF #33, alterar o status no Facebook propiciou uma sensação de legitimidade ao envolvimento, uma vez que “[...] se não *tá* no Facebook, tu não *tá* namorando. Então, tem que colocar para reafirmar que estamos namorando mesmo (risos!)” (MHTF #33, 2020).

No agrupamento de participantes com início de envolvimento entre os anos de 2016 e 2017, dois participantes informaram não terem conversado sobre a exposição da oficialização do envolvimento nas mídias — FHTF #4 e MHTF #28 (Quadro 33). Embora o Instagram já tivesse indícios da relação, FHTF #4 argumentou que a conversa ocorreu somente após a alteração do status no Facebook: “[...] Ele não me falou nada! Ele postou e depois eu cheguei em casa e vi, ‘Ah, que legal! Eu tô namorando!’ (risos). Mais só foi no Facebook” (FHTF #4, 2020). MHTF #28, por sua vez, só alterou após um ano de relacionamento sem qualquer tipo de conversa sobre o assunto: “[...] alterei meu status que estava lá para amigos e tal, mas nunca cheguei para ela e pedi para ela fazer isso! [...] se ela não gostar, o problema é dela! Azar o dela (risos)! Uai, ela está namorando comigo, caramba (risos)! (MHTF #28, 2020). Enquanto a primeira foi motivada pela necessidade de se declarar para o parceiro, o segundo reconhece que a motivação se deu pelo estímulo da mídia.

Quadro 33 - Grupo 2 - Mídias digitais para expor a oficialização

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alterou o status de relacionamento (sem identificar o parceiro). Motivação: Representatividade gay em expressar afeto. Necessidade de compartilhar com amigos e família. Respeitar a reserva do parceiro.	MHMA #32 [2017]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] INSTAGRAM: Postagens frequentes (feed e stories) com a presença do parceiro (indiretamente). Motivação: Houve conversa sobre publicizar a relação de maneira direta. Desconforto do parceiro em expressar o que sentia pelas mídias.
MHMF #20 [2017]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] X Motivação: Houve conversa e decidiram não expor. Reserva quanto à sexualidade. Trazer leveza à relação (evitar as consequências da exposição na mídia).	FHTF #4 [2016]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alteração no status (não houve conversa antes da alteração). Motivação: Utilizou a alteração no status relacional para se declarar.
MHMA #10 [2016]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alteração do status de relacionamento. INSTAGRAM: Postou foto no feed e stories. Motivação: Demarcar território. Trazer segurança à relação.	MHMF #28 [2016]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alterou status no perfil. Motivação: Simplesmente modificou o status. Estímulo da mídia.

Fonte: Autor (2021)

Os quatro participantes que relataram terem conversado sobre expor a oficialização nas mídias, destacam o envolvimento de apenas uma mídia no segmento social, partindo da prática midiática de alterar o status relacional no Facebook. Houve, ainda, a menção ao Instagram. Em linhas gerais, as motivações para as conversas sobre a exposição da oficialização se deram em razão dos estímulos/impactos vindos da mídia — MHMA #10, e a discrição/desconforto na exposição — MHMF #20, MHMF #32 e MHMA #17. Na visão de MHMA #10, a dinâmica na plataforma evoca uma socialização tida como mais familiar, “[...] um elo mais próximo que as outras mídias não têm em termos de sociabilidade, do social” (MHMA #10, 2020), que motivou esse tipo de conversa sobre a exposição da oficialização.

Sobretudo nesse agrupamento com maior número de participantes em envolvimento homoafetivos, destacou-se a discrição/desconforto de alguns parceiros em expor a relação nas mídias. Após a conversa sobre a exposição da relação, MHMA #32 não buscou reciprocidade do parceiro ao compreender sua reserva em mostrar seus sentimentos publicamente: “[...] eu vejo que ele se sente desconfortável com isso. E é um desconforto que não preciso causar pra ele, até porque tô seguro quanto a isso [relação]!” (MHMF #32, 2020). No caso de MHMF #20, a conversa resultou na ausência de exposição da relação: “[...] pra poder levar a relação

com leveza, assim, que é o que a gente faz até hoje! Não expor muito nas redes!” (MHMF #20, 2020). Já MHMA #17 considerou a exposição como algo relevante para o reconhecimento social da união homoafetiva:

a gente tem uma relação homoafetiva, tem muito esse peso de, principalmente meu, que não gostaria de me esconder estando com alguém. Foi um limite que eu sempre deixei claro de demonstrar afeto em público e expor como faria um casal heteroafetivo. Então a gente...Na verdade, a gente começou a namorar oficialmente quando decidimos que fecharia a relação no começo. E daí, o que a gente combinou, é que a gente botaria que estava ‘em um relacionamento sério’, mas a gente não fez aquela marcaçãozinha no Facebook, sabe? Tipo, ‘em um relacionamento sério com Fulano’. Ficou só ‘em um relacionamento sério’. E acho que postamos uma foto juntos (MHMA #17, 2020).

No grupo 3, dois participantes revelaram não terem conversado sobre exposição da oficialização da relação nas mídias — FHTF #2 e FHTA #22, argumentando não haver necessidade e para buscar cessar a ideia de posse do outro a partir do cultivo da confiança e da liberdade. Os outros três que informaram ter conversado sobre o assunto — FHTF #27, MHTF #6 e MHTF #7, mobilizaram o Facebook ou o Orkut para expor a relação a partir da atualização do status relacional nos perfis (Quadro 34).

Quadro 34 - Grupo 3 - Mídias digitais para expor a oficialização

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] X Motivação: Confiança no parceiro e na relação. Cultivo da liberdade. Diminuir o sentimento de posse do outro.	FHTF #27 [2012]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alterou o status de relacionamento em seu perfil. Motivação: Necessidade de concretizar a relação com amigos e familiares.
FHTF #2 [2012]	[NÃO CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alterou status de relação. Motivação: Embora não tenham conversado, o parceiro alterou o status sem conversar. Segundo ela, para conter abordagem de outros (ciúme).	MHTF #6 [2012]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] FACEBOOK: Alterou status de relacionamento em seu perfil. Motivação: Afirmação social (associação com anel).
MHTF #7 [2008]	[CONVERSOU SOBRE EXPOSIÇÃO] ORKUT: Informou em seu perfil que estava namorando. Motivação: Necessidade de concretizar a relação. Conter as investidas de outros.		

Fonte: Autor (2021)

No que tange às motivações apresentadas pelos participantes com início de envolvimento entre os anos de 2008 e 2014, a conversa, bem como a exposição, deu-se em

razão da necessidade de os participantes concretizarem o relacionamento a partir do reconhecimento dos conhecidos. Com a cobrança da parceira de MHTF #7 para assumir a relação, o participante acredita que a exposição da oficialização no Orkut contribuiu para “[...] avançar a relação, para alicerçá-la” (MHTF #7, 2020). Além das questões apontadas, alterar o status no Facebook representou para MHTF #6 a superação do relacionamento anterior, funcionando como uma “[...] afirmação social, mostrar *pras* pessoas [...] assim como as pessoas usam aliança no dedo *pra* dizer que *tão* num relacionamento, na mídia social se muda o status. E *pra* mim aquilo era importante na época” (MHTF #6, 2020).

Embora nem todos os participantes tenham conversado sobre a oficialização, todos relataram terem feito práticas midiáticas nesse sentido. A intensificação da participação das mídias digitais se mostrou no número de mídias e práticas nas quais o grupo 1 relatou em maior variedade quando comparado aos agrupamentos 2 e 3. De maneira geral, o reconhecimento da relevância dessas práticas midiáticas emerge extremamente a partir das mídias de redes sociais. Seja por pressão dos conhecidos ou para satisfazer o/a parceiro/a, práticas como alterar o status no Orkut, no Facebook ou fazer post sobre a novidade no *feed* do Instagram despontam como as mais utilizadas pelos participantes. A valorização delas, ou melhor, a necessidade de falar sobre as mesmas, desvelam-nas como um costume atual que marca, talvez com maior destaque, o envolvimento deste tipo de mídia digital no desenvolvimento da relação. Ou, como concluíram Robards e Lincoln (2016, p. 9, tradução nossa)¹⁷⁹ sobre o Facebook:

Para muitos, o site passou a desempenhar um papel crucial na mediação dos vários estágios de um relacionamento, do começo ao fim. Argumentamos que tornar “oficial no Facebook” pode oferecer um senso de legitimidade a um relacionamento para alguns, mas chegar a este ponto é frequentemente recheado de complexidades e influenciado pelas maneiras como o relacionamento é vivido dentro e fora do site.

A fim de explorar as complexidades das práticas em torno da oficialização no Facebook e entender o seu papel nos envolvimento românticos contemporâneos, Robards e Lincoln (2016) desenvolveram um estudo qualitativo sobre o tema com usuários da plataforma na faixa dos 20 anos, no Reino Unido e Austrália¹⁸⁰. Para isso, destacou a distinção de quatro modalidades mais gerais: a oficialização declarada, a oficialização

¹⁷⁹ No original: “For many, the site has come to play a crucial role in mediating the many stages of a relationship from beginning to end. We argue that going ‘Facebook Official’ might offer a sense of legitimacy to a relationship for some, but getting to this point is often fraught with complexities and influenced by the ways the relationship is lived out both on and outside of the site”.

¹⁸⁰ O trabalho utiliza o termo ‘Facebook official’ para refletir as implicações que a oficialização na mídia causou nos envolvimento dos 23 usuários pesquisados. Entre os anos de 2014 e 2015, a pesquisa utilizou a técnica da entrevista aprofundada semi-estruturada nas cidades de Liverpool, no Reino Unido, e Launceston, Austrália.

imprecisa, a ocultação da relação e a revisão/apagamento do envolvimento¹⁸¹. Para além da valorização dessas práticas midiáticas no percurso deste tipo de envolvimento, a sistematização apresentada norteou Robards e Lincoln (2016) a afirmaram que o advento dessas práticas antecipadamente, em um estágio em que a relação ainda não está sólida o suficiente, pode implicar em dramas e incertezas para a envolvimento. Outra de suas considerações, reside no fato dessas performances nem sempre acompanharem os acontecimentos do envolvimento fora da plataforma, considerando as vivências no entorno das publicações — um casal que tenha terminado a relação pode, como apresentado no estudo, não retirar a informação dos perfis. Em um nível mais amplo, a materialização da relação no Facebook acaba contribuindo para a normatização de determinados tipos de relações, uma vez que suas *affordances* privilegiam tipos e formatos específicos de relacionamentos.

6.3.2 Mídias digitais para fazer declarações de amor

No grupo de participantes com início de envolvimento entre os anos de 2019 e 2020, todos revelaram ter utilizado mídias para fazer declarações de amor no estágio em que já estavam oficializados. Para isso, mobilizaram de 1 a 3 mídias, destacando-se os segmentos de redes sociais — Instagram, Twitter e Facebook, e de comunicação digital — Skype corporativo e Whatsapp (Quadro 35).

¹⁸¹ Na oficialização declarada exemplificam práticas midiáticas como a atualização do status relacional, a postagem de selfie de casal e o uso de emojis para expressar sentimentos pelo/a parceiro/a. A imprecisa prescreve posts que sugerem envolvimento sem precisar, indiretamente. O foco, portanto, não é chamar atenção, mas evitar ser explícito em casos como: um parceiro oficializa a relação e o outro não. A ocultação da relação funda-se em evitar publicações sobre o relacionamento em medidas: como evitar postar na companhia do outro ou não compartilhar a marcação feita pelo parceiro em seu perfil. Por fim, a revisão/apagamento corresponde às medidas para rever ou excluir a relação do perfil por meio de práticas como: desfazer amizade, bloquear o perfil e apagar postagens.

Quadro 35 - Grupo 1 - Mídias digitais para declarações de amor

GRUPO 1			
<p>MHTF #9 [2020]</p>	<p>INSTAGRAM: Marcou o perfil da parceira em posts românticos (poemas, meditação, etc.).</p> <p>WHATSAPP: Enviou corações em suas mensagens de texto; encaminhou publicações de outras mídias.</p> <p>SKYPE CORPORATIVO: Enviou mensagens de textos curtas e objetivas.</p> <p>Motivação: Saudade. Vontade de falar como se sentia com a parceira.</p>	<p>MHTF #30 [2020]</p>	<p>WHATSAPP: Enviou declarações de amor (textão); enviou mensagens de áudio; compartilhou memes engraçadinhos; compartilhou vídeos de outras mídias (twitter).</p> <p>Motivação: Lembranças despertadas pelas mídias de momentos que viveu com a parceira. Momentos de ausência presencial da parceira.</p>
<p>FHTA #31 [2019]</p>	<p>INSTAGRAM: Postou stories com vídeos de momentos juntos, postou foto no feed juntos.</p> <p>TWITTER: Começou a consumir a mídia. Interagiu com os tweets dele (mídia que não costuma utilizar).</p> <p>Motivação: Valorizar a presença do parceiro a partir de memórias postadas nas mídias.</p>	<p>FHTF #25 [2019]</p>	<p>INSTAGRAM: Postou foto apaixonada marcando o parceiro com legenda sobre o que sentia (textão); postou fotos marcando o parceiro com trechos de poesia.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de texto de forma mais informal.</p> <p>Motivação: Registros de momentos anteriores juntos. Dinâmica da mídia (TBT).</p>
<p>FHTF #5 [2019]</p>	<p>INSTAGRAM: Postou foto de momentos juntos com legenda romântica (textão) no feed; postou fotos de momentos juntos nos stories.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de texto dizendo "eu te amo" todo dia (cumprimento); envio de mensagens despretensiosa em comparação às feitas em outras mídias.</p> <p>Motivação: Datas comemorativas; datas significativa pra relação.</p>	<p>FHTF #16 [2019]</p>	<p>WHATSAPP: Enviou memes de namoro; encaminhou conteúdos românticos de outras mídias.</p> <p>Motivação: Projeções de vivências com a parceira. Contexto de conversas cotidianas com a parceira. Memórias.</p>
<p>FHTF #19 [2019]</p>	<p>INSTAGRAM: Enviou fotos românticas na companhia do parceiro e com frases bonitas por direct message.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de texto.</p> <p>Motivação: Publicações que lembrassem o parceiro. Momentos que viveu com ele. Situações que demandassem conforto afetivo.</p>	<p>FHMF #23 [2019]</p>	<p>TWITTER: Compartilhou sentimentos e pensamentos sobre como era estar numa relação com a parceira.</p> <p>INSTAGRAM: Postou foto marcando a parceira nos stories.</p> <p>WHATSAPP: Envio de manifestações por mensagens de texto ou áudio mais diretas (como se fossem presenciais).</p> <p>Motivação: Compensar momentos em que foi ríspida. Datas especiais. Espontaneidade do sentimento, saudade.</p>
<p>MHTF #33 [2019]</p>	<p>FACEBOOK: Marcou parceira em publicações românticas ou engraçadas; compartilhou postagens por direct message.</p> <p>INSTAGRAM: Marcou a parceira em publicações românticas ou engraçadas; compartilhou postagens por direct message.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de texto falando "eu te amo"; enviou mensagens expressando o quanto gostava da parceira.</p> <p>Motivação: Percepção da valorização que a parceira atribuída para declarações por meio da mídia.</p>		

Fonte: Autor (2021)

Seja nas mídias de redes sociais ou nas de comunicação digital, as práticas midiáticas para se declarar amorosamente podem ser organizadas em diretas e indiretas. No primeiro

segmento midiático, despontam-se práticas mais diretas, como a produção de postagens (fotos e/ou vídeos) românticas e/ou engraçadas em seu próprio perfil — com legendas contendo letras/trilha de músicas ou poemas, bem como pelo envio de mensagens privadas. Já nas plataformas midiáticas de comunicação digital, despontam o envio de mensagens de texto/áudio expressando os sentimentos, em que alguns dos participantes enfatizaram se apoiar em *emojis* de corações.

As práticas midiáticas indiretas se ancoram em marcações do perfil do/a parceiro/a em publicações românticas e/ou engraçadas feitas por outros perfis, e pelo encaminhamento de links ou prints de publicações feitas em mídias sociais — links de vídeos postados no Twitter ou de memes, por exemplo. Sobretudo nas práticas diretas, atesta-se com certa frequência o uso do termo *textão* por parte dos entrevistados. O termo é utilizado para explicar o modo como é a produção textual dessas declarações nas mídias digitais, caracterizada por discorrer as qualidades e a importância do/a parceiro/a em sua vida — seja nas legendas das publicações ou nas mensagens diretas.

No que tange à motivação para as declarações, os relatos refletem o alinhamento das práticas midiáticas em dois pressupostos: I. Memórias e/ou lembranças de vivências juntos. II. Valorização do/a parceiro/a por meio de convenções sociais (datas comemorativas, suporte afetivo e/ou planejamento de programas). Boa parte dos participantes do grupo 1 relatou motivações em ambos os pressupostos, como o caso de MHTF #9. Para ele, as marcações do perfil da parceira em posts românticos no Instagram, enviar mensagens e corações no Whatsapp e as breves mensagens no Skype da empresa são meios importantes: “[...] de tu compartilhar o que tu sente, ainda mais quando tu *tá* num relacionamento saudável, [que] tem reciprocidade. Claro, não sendo meloso, pegajoso, mas é importante tu dizer que gosta de alguém, que tu te interessa pela pessoa” (MHTF #9, 2020). É preciso enfatizar que parcela dessas condutas advém também das dinâmicas provenientes das mídias digitais, sobretudo as de rede sociais como é o caso do TBT¹⁸²: “Esse negócio ajuda também, porque às vezes tu está a fim de postar para ti não parecer uma pessoa maçante, que *tá* postando toda hora. Tu posta no TBT, que aí tu parece mais legal!” (FHTF #25, 2020).

Todos os participantes no agrupamento de relações com início entre os anos de 2016 e 2017 também informaram terem feito declarações de amor em mídias digitais após a oficialização, mobilizando de 1 a 3 mídias, realçando as plataformas no segmento social — Instagram e Facebook, e de comunicação digital — Whatsapp (Quadro 36).

¹⁸² Abreviação do termo em inglês *Throwback Thursday*. A quinta do regresso ou comumente chamada de TBT remete à prática de postar nas redes sociais com o objetivo de lembrar momentos importantes.

Quadro 36 - Grupo 2 - Mídias digitais para declarações de amor

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	<p>FACEBOOK: Publicou post com fotos juntos informando o local e com uma legenda curta e afetuosa.</p> <p>INSTAGRAM: Postou foto juntos com texto expressando o sentimento.</p> <p>Motivação: Saudade ao longo do dia. Datas comemorativas.</p>	MHMA #32 [2017]	<p>INSTAGRAM: Postou (feed e stories) fotos juntos e legenda afetuosa (textão).</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens afetuosas quando lembrou do parceiro.</p> <p>Motivação: No instagram, datas comemorativas. No WhatsApp, lembrança do parceiro ao longo do dia.</p>
MHMF #20 [2017]	<p>FACEBOOK: Postou fotos temáticas com texto exprimindo a felicidade de estar com alguém (geral, indireto).</p> <p>INSTAGRAM: Postou fotos temáticas com texto exprimindo a felicidade de estar com alguém (geral, indireto).</p> <p>WHATSAPP: Enviou fotos; enviou mensagens de textos românticas.</p> <p>Motivação: No Instagram e Facebook, datas comemorativas. WhatsApp, datas comemorativas, memórias e lembranças ao longo do dia (mais frequentes).</p>	FHTF #4 [2016]	<p>INSTAGRAM: Fez montagens de vídeos; marcou o parceiro em fotos; fez stories com trecho de músicas significativas pra relação.</p> <p>FACEBOOK: Marcou o perfil do parceiro em posts românticos.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de cumprimentos (bom dia/ boa noite), enviou vídeos e áudios para falar da rotina.</p> <p>Motivação: Impulso do momento. Lembrou da parceira ao longo do dia. Saudade.</p>
MHMA #10 [2016]	<p>FACEBOOK: Postou foto com o parceiro e legenda expressando o seu afeto e a importância.</p> <p>WHATSAPP: Enviou mensagens de texto.</p> <p>Motivação: Datas comemorativas.</p>	MHMF #28 [2016]	<p>INSTAGRAM: Compartilhou posts em mensagens privadas; postou no feed para comemorar datas significativas pra relação.</p> <p>WHATSAPP: Printou postagens em outras mídias para expressar sentimentos.</p> <p>Motivação: Conteúdos midiáticos como estímulos para flertar e programar eventos.</p>

Fonte: Autor (2021)

Apesar das práticas midiáticas para se declarar amorosamente neste grupo se alinharem a sistematização apresentada, os relatos dos participantes forneceram outras perspectivas. No grupo 1, atestou-se uma regência mais equiparada entre práticas diretas e indiretas para se declarar. Aqui, as práticas diretas ganharam destaque. Para FHTF #4, a recorrência de mensagens e/ou cumprimentos como: “[...] ‘bom dia’, ‘boa noite’, ‘como você está?’ no horário do almoço. Intervalo, falar com ele. Mandar um áudio! Mandar uma fotinho, mandar vídeo [...]” (FHTF #4, 2020) funcionam como declarações de amor. Algo que MHMA #32 também frisou ao destacar a espontaneidade nas interações cotidianas com o parceiro no Whatsapp: “[...] uma coisa mais ‘eu tô aqui, agora!’. Eu lembrei dele e mandei mensagem. Tipo, ‘ah, lembrei de ti!’ ou ‘lembrei de alguma coisa que a gente fez em tal dia e aquela coisa foi muito boa!’, e eu só mando! São coisas básicas, tipo ‘lembrei de ti!’ (MHMA #32, 2020). Na medida em que as declarações no Whatsapp eram mais frequentes e despropositais na relação do participante, o Instagram evocou manifestações eventuais, como em aniversários

ou datas especiais. Aliás, dentre os relatos das declarações diretas feitas nas mídias de redes sociais, as imagens na companhia do/a parceiro/a foram recorrentemente citadas.

No caso de MHMF #20, as declarações de amor no Facebook e no Instagram ocorriam em datas comemorativas, nas quais “[...] postava alguma foto, mas era mais para aniversário, alguma data comemorativa. Daí, aniversário eu colocava alguma coisa, um texto, mas nada de namorado que dizia explícito que era namorado. Mas era uma declaração, assim. Escrevia qualidades, etc” (MHMF #20, 2020). MHMA #17 informou que nas poucas declarações que fez para o parceiro, o registro fotográfico também teve centralidade: “[...] fomos até um café aqui no Morro Reuter. Era uma foto marcando esse lugar, marcando ele, dizendo que estávamos comemorando um ano de namoro. Daí era uma foto nossa, uma selfie nossa!” (MHMA #17, 2020), sem marcar o perfil do parceiro.

Tal qual mostram as citações acima, verificou-se nas motivações dos participantes do segundo agrupamento uma ênfase de relatos mais alinhados ao segundo pressuposto — valorização do/a parceiro/a por meio de convenções sociais (datas comemorativas, suporte afetivo e/ou planejamento de programas).

Os participantes com início de envolvimento entre os anos de 2008 e 2014 mobilizaram de 1 a 2 mídias, das quais figuram as de redes sociais Facebook, Orkut e Instagram. Um dos participantes informou ter utilizado a plataforma de comunicação MSN — MHTF #7 (Quadro 37).

Quadro 37 - Grupo 3 - Mídias digitais para declaração de amor

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	INSTAGRAM: Postou fotos na companhia do parceiro com corações no feed. FACEBOOK: Repostou publicação feita para o instagram. Motivação: Reconhecer o valor do parceiro a partir das vivências em sua companhia (fazer pão juntos).	FHTF #27 [2012]	INSTAGRAM: Postou fotos de momentos juntos com mensagem romântica. FACEBOOK: Repostou publicações do Instagram. Motivação: Influência de outros usuários (dinâmica de consumo da mídia).
FHTF #2 [2012]	FACEBOOK: Fotos de momentos importantes com textão (mensagem focada na expressão dos sentimentos). Motivação: Datas comemorativas; datas especiais pra relação.	MHTF #6 [2012]	FACEBOOK: Postou fotos de viagens juntos com texto sobre o que sentia. Motivação: Compartilhar a presença em eventos sociais acabou despertando a necessidade de expressar seus sentimentos.
MHTF #7 [2008]	MSN: Alterou o status colocando trechos de músicas significativas para relação. ORKUT: Criou álbum de fotos para a relação. Motivação: Necessidade de expressar seu sentimento a partir de memórias juntos.		

Fonte: Autor (2021)

Em comparação aos grupos anteriores, as práticas midiáticas observadas nas mídias citadas pelos participantes do grupo 3 revelaram-se mais pontuais, pois restringem-se à publicação de fotos na companhia do parceiro. FHTF #2, por exemplo, revelou que ela e seu parceiro: “[...] ficavam postando, agradecendo por estar do lado do outro nesse momento, data de aniversário de namoro. Nosso dia é 14 de dezembro, né?! Primeiro, todo o dia 14 desse mês tinha *textão!* [...] passou um tempo, eu parei com isso aí!” (FHTF #2, 2020).

Sobre as motivações dos participantes do grupo 3 para declarações de amor, a maioria se filiou ao primeiro pressuposto (memórias e/ou lembranças de vivências juntos — FHTA #22, FHTF #2 e MHTF #7. Curiosamente, os dois restantes reconheceram a influência das mídias digitais na ênfase desse padrão na oficialização. Para FHTF #27, a percepção mais geral das pessoas fazendo declarações de amor alimentou a sua no Instagram e no Facebook: “[...] foi muito mais eu quebrar isso de que a gente não tinha nenhuma foto. Poxa, ele é meu namorado e a gente não tem nada! Só dizendo no Facebook relacionamento sério, sabe? Ele também nunca tinha postado foto comigo” (FHTF #27, 2020). Embora não tenha expressado objetivamente, MHTF #6 reconheceu a intensificação das mídias digitais a partir do desejo de se declarar amorosamente para a parceira. Diferente dos dias atuais em que “[...] tu tá no meio do dia e posta stories no Instagram”, no período em que oficializou a sua relação, o “[...] o tempo da postagem era outro. Postava quando se tinha uma foto legal, quando valia a pena o cenário. Quando era bonito ou uma data. Hoje, tudo vale!” (MHTF #6, 2020).

De modo mais geral, todos os participantes revelaram terem feito algum tipo de declaração de amor em mídias digitais com a oficialização da relação. Ao olhar para as marcas temporais que assinalam os agrupamentos, o terceiro agrupamento tende a se apoiar com maior ênfase no segmento de rede social, e, portanto, mais focadas na socialização do gesto, o segundo em dividir espaço com os mensageiros digitais e o primeiro agrupamento em intensificar essa articulação. Em função disso, nota-se maior infiltração de costumes e dinâmicas desses espaços nas motivações das declarações de amor dos participantes do grupo 1: TBT, lembranças de fotos e datas notificadas pela plataforma, etc. Algo que reverberou na variedade das declarações feitas, posto que o grupo de participantes com início de relações entre 2019 e 2020 acusou maior paridade na produção de declarações diretas e indiretas em comparação aos demais grupos. Esses elementos não só destacam a participação das mídias digitais no padrão comunicativo estudado, como assinalam sua intensificação.

6.4 MÍDIAS DIGITAIS EM TEMPOS DE PANDEMIA

A imposição do distanciamento social como conduta global para conter a disseminação do novo coronavírus ressoou no modo como as mídias digitais participam da gestão da relação. Com olhar voltado à afetividade e à gestão das relações de maneira mais geral, Primo (2020) atestou a participação das mídias no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento aos impactos afetivos da pandemia. Presencialmente isolados, as mídias digitais, destacadamente nos segmentos de redes sociais e de comunicação “[...] viabilizaram a manutenção dos relacionamentos, constituindo uma forma de adaptação aos limites de circulação”. Algo que se refletiu nos números do estudo, uma vez que “[...] 71,3% da amostra relatou que seu uso de mídias sociais aumentou durante a pandemia, sendo que dessa significativa parcela 37,1% disse ter aumentado muito” (PRIMO, 2020, p. 194)¹⁸³. Tendo em vista o cenário apresentado, parto da hipótese de essa intensificação tenha reverberado a sua maneira no âmbito romântico-relacional.

Ao serem questionados sobre o consumo de mídias digitais na pandemia, dos nove participantes do primeiro agrupamento, seis deles revelaram ter aumentado. Dentre as práticas midiáticas citadas, as videochamadas no Whatsapp, Discord e Hangouts, postagens no Twitter e troca de mensagens no Messenger, além da maior frequência de atividades na atualização de perfis nas mídias de relacionamento The couple e Between, e a prática de jogar games online com o parceiro.

¹⁸³ Os achados do estudo de Primo (2020) foram apoiados na análise de 725 questionários online.

Quadro 38 - Grupo 1 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia

GRUPO 1			
MHTF #9 [2020]	DIMINUIU [MOROU JUNTO]	MHTF #30 [2020]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas
FHTA #31 [2019]	AUMENTOU DISCORD: Videochamadas	FHTF #25 [2019]	X [TERMINOU ANTES DA PANDEMIA]
FHTF #5 [2019]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas	FHTF #16 [2019]	AUMENTOU GAMES ONLINE: Jogar online com o parceiro BETWEEN: Atualizar informações da relação THE COUPLE: Atualizar informações da relação
FHTF #19 [2019]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas TWITTER: Compartilhamento de posts; curtidas. MESSSENGER: Troca de mensagens	FHMF #23 [2019]	DIMINUIU [MOROU JUNTO] GAMES ONLINE: Jogar online com o parceiro WHATSAPP: Videochamada juntas com outros.
MHTF #33 [2019]	AUMENTOU HANGOUTS: Videochamadas		

Fonte: Autor (2021)

Os dois participantes que informaram perceber diminuição no envolvimento de mídias digitais, alegaram que isso se deu em razão dos envolvidos terem decidido morar juntos — MHTF #9 e FHMF #23. Ainda assim, FHMF #23 relatou programas como jogos online e a ocorrência de videochamadas no Whatsapp com conhecidos na companhia da parceira como práticas midiáticas que começaram com a quarentena. Uma participante do agrupamento não pode contribuir por ter terminado a relação no mês anterior ao início da pandemia — FHTF #25.

Quadro 39 - Grupo 2 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia

GRUPO 2			
MHMA #17 [2017]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas.	MHMA #32 [2017]	AUMENTOU NETFLIX: Assistir filme juntos remotamente. FACEBOOK: Mais interações.. INSTAGRAM: Mais interações. WHATSAPP: Videochamadas.
MHMF #20 [2017]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas.	FHTF #4 [2016]	X
MHMA #10 [2016]	AUMENTOU WHATSAPP: Troca de mensagens.	MHMF #28 [2016]	AUMENTOU WHATSAPP: Videochamadas.

Fonte: Autor (2021)

Os participantes do segundo agrupamento relataram aumento no consumo de mídias digitais. Entre as práticas midiáticas destacadas para o período, as trocas de mensagens e videochamadas no Whatsapp, maior frequência de interações nas plataformas sociais Facebook e Instagram e o uso do streaming de vídeo Netflix para assistir filmes remotamente. No grupo de seis participantes, somente um não foi coletado — FHTF #4, em razão da participante não dispor mais de tempo para seguir com esse bloco adicional.

Quadro 40 - Grupo 3 - Avaliação do uso de mídias digitais na pandemia

GRUPO 3			
FHTA #22 [2014]	DIMINUIU [MOROU JUNTO]	FHTF #27 [2012]	AUMENTOU TIKTOK: Passaram a utilizar.
FHTF #2 [2012]	AUMENTOU WHATSAPP: Troca de mensagens.	MHTF #6 [2012]	DIMINUIU [MOROU JUNTO]
MHTF #7 [2008]	DIMINUIU [MOROU JUNTO]		

Fonte: Autor (2021)

No terceiro agrupamento dos participantes, três deles revelaram diminuição no consumo de mídias e convergem ao justificar isso em razão de morarem juntos — FHTA #22, MHTF #6 e MHTF #7. Os participantes que identificaram o aumento na participação de mídias através da troca de mensagens e pelo uso da mídia TikTok — FHTF #27 e FHTF #2.

Antes de concluir, é preciso frisar os relatos de parcela dos participantes que, em razão da pandemia, se viram obrigados a acelerar o percurso de seus envolvimento. Namoros com inícios recentes ou com pouco tempo, por exemplo, optaram por pular alguns degraus no percurso de suas relações para que pudessem continuar se vendo sem comprometer a saúde pública. Convivendo na mesma casa como medida para reduzir a movimentação social. Os casais passaram a conviver mais presencialmente e, conseqüentemente, houve uma diminuição no consumo de mídias. Na contração desse movimento, a maioria dos participantes percebeu um aumento no consumo de mídias digitais, seja pela maior frequência das mídias que já utilizava, seja pela aquisição de novas ou mesmo pela adoção de recursos como a videochamada.

7 A RECONFIGURAÇÃO DO AMOR ROMÂNTICO

Um dos primeiros desafios deste trabalho foi explorar o modo como o amor romântico foi considerado nas investigações sobre esse tipo de relação e as mídias digitais. Dentre os estudos da comunicação, no período de 2013 a 2017, identifiquei um território pouco explorado, uma vez que assumem o amor romântico como uma matriz fundada no valor do ‘até que a morte nos separe’ (FERNANDES; ALMEIDA, 2018). Com a fragmentação deste valor, novas noções surgiram como amor confluyente, amor líquido ou amor virtual, fornecendo subsídios teóricos considerados mais pertinentes aos arranjos sociotécnicos presenciados.

Diferentemente dessa corrente, neste estudo entendo o amor romântico pautado pela proclamação da expressão de um amor livre, conforme os românticos no final do século XVIII. Na perspectiva que aqui proponho, a liberdade dos indivíduos em se envolver conjugalmente com quem desejarem afetiva e sexualmente é o elemento definidor das relações romântico-amorosas. Liberdade que se mostra atravessada por diversas influências e discursos contextuais que delineiam sua concretização ao longo dos tempos. Na conjuntura atual, em que seus valores sofrem a regência mais geral do hedonismo individualista (LIPOVETSKY, 2004), o tradicional percurso linear na formação das relações românticas (namoro, noivado, casamento) se fragmentou, promovendo novas trajetórias e configurações que adquirem um significado comum em razão de sua recorrência.

Diante da pouca expressão na relação de mídias digitais em relacionamentos romântico-amorosos, resolvi propor um repertório que fornecesse um ponto de partida para futuros estudos. Para isso, considere a centralidade da comunicação neste tipo de relacionamento. Se concordamos com o fato de que alguns padrões comunicativos nos fornecem pistas para reconhecermos socialmente este tipo de relação e que, hoje, grande parte da comunicação se dá em interações mediadas pelas mídias digitais, logo, a forma como nos relacionamos se dispõe de uma forma diferente de configurações sociais anteriores. Há práticas e ritos que marcam o modo como nos envolvemos romanticamente no momento presente. Vale dizer que elucidar sobre isso não se trata de traçar uma nova trajetória linear e onipresente do desenvolvimento de relações românticas com a participação das mídias digitais. Ao contrário, consiste em destacar no mar de possibilidades quais foram as práticas midiáticas recorrentes dos envolvidos em configurações romântico-relacionais, bem como, os significados comuns a partir dessas apropriações, elementos que caracterizam a reordenação do amor romântico no atual estágio em que o aprofundamento da midiaticização se encontra.

No capítulo anterior, apresentei um extenso repertório de possibilidades de mídias e práticas pelas quais os participantes do estudo adotaram no desenvolvimento da relação em que se encontravam. Neste, busco destacar as ênfases de mídias e práticas midiáticas nos momentos e padrões aqui adotados para a investigação. Limito-me a discorrer sobre as recorrências a partir dos segmentos midiáticos mobilizados e práticas midiáticas tidas em cada um dos agrupamentos.

Para melhor percepção das mudanças na participação das mídias entre os grupos, organizei os argumentos em ordem decrescente, ou seja, das tendências mapeadas pelo grupo 3, do grupo 2 e do grupo 1. Essa inversão ajudará a perceber melhor a intensificação do envolvimento de mídias digitais na construção das relações românticas.

7.1 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NO COMEÇO DA RELAÇÃO

Independentemente de se conhecerem online ou presencialmente, todos os participantes do estudo mobilizaram mídias digitais com o objetivo de buscar informações sobre o outro. Desconhecidos até então, as plataformas de redes sociais e suas dinâmicas tiveram papéis de destaque. No grupo de participantes com início de envolvimento entre os anos de 2008 e 2014, essa busca se concentrou unicamente no segmento social de mídias digitais, a partir do uso do Orkut ou Facebook. Após a solicitação de amizade, o participante teve acesso ao perfil, no qual se podia ver fotos, saber da rotina, das amizades em comum, além, claro, de trocar mensagens. As recordações relatadas evidenciaram o suporte do computador nesses processos, delineando uma dinâmica em que havia a necessidade de se organizar um momento na rotina para se sentar diante do computador e dedicar atenção ao outro.

No grupo de relações com início entre 2016 e 2017, despontam as mídias de paquera, destacadamente Tinder e Grindr. Aqui, observa-se este segmento midiático atuando na promoção do encontro e delineando um percurso diferente do estigma que circunscreve essas plataformas. Dessa forma, atesta-se empiricamente como essas mídias podem e são utilizadas para desenvolver relacionamentos mais sólidos. No intento de maior exploração do outro, entra em cena a plataforma de comunicação digital WhatsApp. Para se comunicar por meio dela, os usuários devem compartilhar o número de telefone.

No grupo de relações que começaram entre 2019 e 2020, verificou-se a articulação entre os segmentos de redes sociais, a partir do uso do Instagram e/ou Facebook, e de

comunicação digital com o WhatsApp. Enquanto a primeira centrou em um meio de obtenção de informações gerais sobre o outro, a segunda amparou as interações com o parceiro de maneira direta (Quadro 41). Com a mobilidade e interação constante dessas infraestruturas no encontro entre os envolvidos, as mídias digitais participam, sobretudo nesse estágio, ao fornecer recursos para que o outro se certifique do interesse, seja pela presença e/ou atenção prestada nas interações. Recursos estes que podem ser atestados nas próprias mídias citadas por meio de recursos como o horário de envio de mensagens ou o momento que se está online.

Quadro 41 - Segmentos midiáticos promovendo/participando da formação da relação

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Redes sociais: Instagram e/ou Facebook	Serviços de paquera: Tinder; Grindr.	Redes Sociais: Orkut ou Facebook
Comunicação digital: WhatsApp	Comunicação digital: WhatsApp	

Fonte: Autor (2021)

Outro elemento importante para o começo remete ao uso de serviços de paquera. Diferentemente dos tempos em que o envolvimento conjugal exigia um investimento afetivo/sexual exclusivo para o outro, a conjugação paradoxal do presente imediato (LIPOVETSKY, 2004) da atualidade, permitiu um arranjo com maior desprendimento. Nesse sentido, o simples uso de serviços de paquera no momento em que estavam conhecendo seus respectivos parceiros, reflete um ponto relevante na reordenação dos envolvimento românticos amorosos.

Os participantes do grupo 3 não relataram uso desse segmento midiático, demonstrando desinteresse nesse tipo de serviço online. Isso, contudo, não significa que os participantes tenham se dedicado apenas à relação informada. Reunindo o maior número de participantes do sexo biológico masculino em envolvimento homoafetivos, o grupo 2 enfatizou a presença do Tinder nesse estágio da relação. Por fim, os participantes do grupo 1 tenderam a articular Tinder e Happn nesse estágio em que estavam conhecendo seus parceiros (Quadro 42). Ao estenderem o cotidiano social apoiado em tecnologias móveis, promovem novas formas de sociabilidade, reapropriando os espaços e significados tidos neles. Ou seja, na medida em que se pode estar presencialmente no trabalho, por exemplo, esses espaços

midiáticos propiciam uma maneira de conhecer o outro afetivamente, redefinindo assim o contexto onde ocorreu.

Quadro 42 - Uso de serviços de paquera no começo da relação

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Serviços de paquera: Tinder e Happn	Serviços de paquera: Tinder	X

Fonte: Autor (2021)

Em uma realidade que cada vez mais espaços midiáticos materializam os laços sociais, a conduta de investigar outros interessados no/a parceiro/a desponta como algo relevante, especialmente no estágio inicial. Conforme as ações online deixam rastros digitais, as mesmas podem instigar condutas de vigilância, ocorrendo devido ao momento de vulnerabilidade dos envolvidos e fragilidade da relação, bem como a digitalização que caracteriza as infraestruturas atuais, quanto mais espaços midiáticos os envolvidos frequentam, mais serão os recursos para obter esse tipo de informação.

O grupo 3 se apoiou em análises das interações no perfil do parceiro, verificando os perfis que costumava interagir por lá e avaliando o círculo de amizade nas mídias de rede social Facebook ou Orkut. Já os participantes do grupo 2 não relataram nenhuma mídia para buscar esse tipo de informação, demonstrando desapego ou nenhum uso em mídias digitais com esse propósito, sob o argumento de não se importarem ou não ser o momento adequado da relação para isso. Além das práticas já citadas, os participantes do grupo 1 acrescentaram a alteração de fotos e o histórico de alterações no status relacional na rede social Instagram e/ou Facebook (Quadro 43). Nesses termos, pode-se deduzir que o aprofundamento da midiatização pode intensificar as condutas de vigilância e refletir o sentimento de ciúmes, sobretudo em estágios mais avançados.

Quadro 43 - Tendências midiáticas para investigar outros interessados no/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes Sociais: Instagram e/ou Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Análise de interações; frequência de perfis; círculo de amizades; alteração de fotos e status relacional.</p>	X	<p>Redes Sociais: Orkut ou Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Análise de interações; frequência de perfis; círculo de amizades.</p>

Fonte: Autor (2021)

A demonstração de interesse na interação mediada torna-se um dos principais índices para o reconhecimento da aproximação sexual/afetiva do outro. Para os participantes do grupo 3 e 2, a presença online do outro já era apreendida como uma demonstração de interesse. Para os participantes do grupo 3, essa presença era atestada pelo envio de mensagens pela plataforma de rede social Facebook ou Orkut. Além das mensagens, acrescentou-se ao repertório as interações incitadas pelas publicações no Facebook e as trocas de mensagens diárias (cumprimentos, saber dos acontecimentos da rotina) via Whatsapp pelo grupo 2, que também foram enfatizados pelo grupo 1 (Quadro 44). Nesse sentido, nota-se que a demonstração do interesse sexual/afetivo se intensifica ao se disseminar em vários lugares. Ao compreender a situação de vulnerabilidade em que se encontram os envolvidos, curtir fotos, reagir a stories ou deixar de responder interações acabam sendo apropriadas como potenciais recursos para contornar uma possível sensação de desinteresse do outro, reverberando assim no bem estar da relação.

Quadro 44 - Tendências midiáticas para demonstrar interesse pelo/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes sociais: Instagram e/ou Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens; interações a partir das publicações.</p>	<p>Redes sociais: Instagram e/ou Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens; interações a partir das publicações.</p>	<p>Redes Sociais: Orkut ou Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens</p>
<p>Comunicação digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Troca de mensagens diária</p>	<p>Comunicação digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Troca de mensagens diária</p>	

Fonte: Autor (2021)

Aos olhos dos participantes, descobrir os gostos e interesses do outro se ancora no que chamam por *stalkear*. O profundo interesse e a insegurança característica do estágio inicial do envolvimento romântico são as forças que engendram os processos midiáticos em torno da extração de informações dos perfis e/ou das interações. Esse padrão se mostrou um recurso estratégico na aproximação do outro, seja como meio para iniciar uma conversa ou como fonte para ideias de atividades para realizarem juntos. Além disso, essas plataformas podem fornecer indícios materiais do processo de apropriação de traços do parceiro, uma vez que os envolvidos, a partir da relação, passam a partilhar de aspectos identitários um do outro, como gosto por comidas, roupas ou mesmo hobbies.

Quadro 45 - Tendências midiáticas para descobrir gostos e interesses do/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Redes sociais: Instagram	Redes sociais: Instagram e/ou Facebook	Redes sociais: Facebook
Práticas midiáticas: Extração das publicações		
Comunicação digital: WhatsApp	Práticas midiáticas: Extrair do perfil, páginas e grupos.	Práticas midiáticas: Extrair do perfil, páginas e grupos.
Práticas midiáticas: Extrair das interações		

Fonte: Autor (2021)

Em razão da importância do sexo nos relacionamentos românticos, o *sexting* também se mostra como um sintoma relevante da intensificação da midiatização no âmbito romântico-relacional. As memórias relatadas pelos participantes do grupo 3 enfatizaram a restrição do suporte técnico. Com o uso do computador, por vezes dividido com outros familiares, as trocas de mensagens e fotos com esse enfoque via Facebook se deram em menor frequência. O grupo 2 revelou desinteresse ou não ter mobilizado mídias com esse propósito. O uso do Instagram e do Whatsapp através do celular facilitou a ampliação das práticas midiáticas no grupo 1, respectivamente pelo envio de vídeos e fotos sensuais, compartilhamento e/ou marcação do perfil do outro em posts de duplo sentido, e do envio de mensagens/figurinhas sensuais ou de duplo sentido.

Quadro 46 - Tendências midiáticas para explorar a sexualidade com o/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes sociais: Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Troca de mensagens de texto; envio de vídeos e fotos sensuais; compartilhamento e/ou marcação em posts de duplo sentido.</p>	X	<p>Redes sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Troca de mensagens de texto; fotos.</p>
<p>Comunicação digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens e figurinhas sensuais ou de duplo sentido.</p>		

Fonte: Autor (2021)

Apesar da ampliação na exploração da sexualidade online no âmbito romântico-relacional, é preciso pontuar que a prática não foi algo consensual entre todos participantes. Para aqueles que negaram a prática nesta fase da relação, a falta de confiança no outro ou a má interpretação que o *sexting* pode causar foram as principais justificativas apresentadas. Por isso, dois elementos importantes precisam ser considerados, destacadamente em envolvimentos heteroafetivos. Considerando a maior predisposição do sexo biológico feminino em manifestar ansiedade por apego, conforme vimos no trabalho de Drouin e Landgraff (2012), o *sexting* pode ser mal interpretado, principalmente se não forem solicitadas — por exemplo, envio de fotos nuas sem serem pedidas. Por outro lado, o sexo masculino tende a enfatizar a exploração da sexualidade através do *sexting* como meio para evitar o apego. Nota-se, portanto, que seja para construir ou para fugir deste tipo de envolvimento, a relação romântica pode acabar pautando essas condutas online em torno da exploração da sexualidade na configuração romântico-relacional.

7.2 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NO CRUZAMENTO DE ROTINAS E CÍRCULOS SOCIAIS

Um dos principais indícios da maior aproximação entre os envolvidos em um relacionamento romântico reside nos rastros digitais em torno do cruzamento de círculos sociais. Constatou-se que a postura ativa em se aproximar de amigos e familiares do/a parceiro/a foi se fragmentando na medida em que os participantes frequentavam mais espaços midiáticos. O grupo de relações com início entre os anos de 2008 e 2014 revelou uma conduta

mais proativa ao solicitar amizade e interagir, mesmo que timidamente, a partir das publicações feitas pelos conhecidos do/a parceiro/a no Facebook, em especial amigos e familiares.

O grupo com início de envolvimento entre os anos de 2016 e 2017 segue essa mesma postura no Facebook e/ou Instagram, priorizando amigos e apenas os familiares mais próximos. Já o grupo com início de relações românticas mais recentes, entre 2019 e 2020, mostrou-se mais aberto a responder solicitações vindas dos conhecidos do parceiro/a no Instagram, necessariamente amigos e colegas. Após o vínculo, os entrevistados buscavam participar mais, seja curtindo postagens ou interagindo nas fotos publicadas e stories (Quadro 47). Vale pontuar que alguns entrevistados consideram que se aproximar de familiares, sem conhecer presencialmente, pode soar invasivo e/ou transparecer ansiedade em avançar estágios na relação. Quanto mais espaços e práticas midiáticas nesse sentido, maiores as chances dessas dinâmicas colaborarem ou prejudicarem para o envolvimento romântico-amoroso, levando em conta as reações de aprovação/desaprovação dos conhecidos. Embora a quantidade de mídias envolvidas facilite a aproximação de maneira mais geral, parece relevante averiguar em estudos futuros se isso ocorrerá independentemente do tipo de vínculo — familiares, amigos, etc.

Quadro 47 - Tendências midiáticas para se aproximar de conhecidos do/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes Sociais: Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Responder solicitações para seguir o perfil; curtir posts; comentar em fotos; reagir a stories.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook e/ou Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Solicitar amizade; interagir timidamente a partir das publicações.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Solicitar amizade; interagir timidamente a partir das publicações.</p>

Fonte: Autor (2021)

Na medida em que passam mais tempos um na companhia do outro, uma forma de atestar esse momento se dá a partir do compartilhamento de vivências com o/a parceiro. O grupo 3 se apoiou no Orkut para postar fotos. Na ótica deles, esse tipo de postagem ocorreu pelo costume mais geral de se postar coisas sobre o cotidiano e também como meio de materializar (e assim reforçar) o interesse no outro. Sob as mesmas motivações, o grupo 2 publicou fotos, marcou o perfil do/a parceiro/a em posts de terceiros e replicou conteúdos do/a parceiro/a, com ênfase no Facebook e/ou Instagram. Apesar de se limitar ao Instagram, o

grupo 1 enfatizou práticas midiáticas como postar stories juntos, repostar conteúdos e marcar o/a parceiro/a. A escolha da ferramenta que se apaga em 24 horas foi justificada pelo estágio da relação. Mesmo que o conteúdo não permaneça no perfil, reconheceram a importância de se postar esse tipo de conteúdo como meio para atender as expectativas dos conhecidos nesses espaços, conter investidas de outros e como meio de reforçar/corresponder o sentimento. Como consequência do aumento nesse tipo de postagens, cria-se oportunidade para que opiniões sobre o/a parceiro e/ou relação, intensificando a pressão em torno do casal. Como os seguidores ou amigos não tem dimensão do impacto que as opiniões podem causar, evidencia-se um descompasso entre o que podem e o que de fato causam.

Quadro 48 - Tendências midiáticas para compartilhar momentos com o/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes Sociais: Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Postou nos stories; repostou conteúdos do/a parceiro/a; marcou o/a parceiro/a.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook e/ou Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Postou fotos juntos (viagens); marcou o/a parceiro; repostou conteúdos do/a parceiro/a.</p>	<p>Redes Sociais: Orkut</p> <p>Práticas midiáticas: Postou fotos juntos</p>

Fonte: Autor (2021)

Outro importante elemento que caracteriza esse estágio da relação é a ampliação na troca de intimidades afetivas com o/a parceiro/a. A partilha de intimidades teve nas plataformas de comunicação digital um lugar de destaque. Embora tenham relatado o suporte do SMS, o grupo 3 enfatizou a mídia de rede social Facebook por meio do envio de mensagens privadas. O grupo 2 e 1 revelou adotar a plataforma de comunicação digital Whatsapp, relatando a maior comodidade e fluidez nesses espaços, algo necessário, sobretudo nesse tipo de conversa (Quadro 49).

Quadro 49 - Tendências midiáticas para partilhar intimidades afetivas com o/a parceiro/a

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Comunicação Digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Mensagem de texto, áudio, videochamadas.</p>	<p>Comunicação Digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Mensagem de texto, áudio.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens privadas.</p>

Fonte: Autor (2021)

Desta forma, o celular se destacou na intensificação da frequência desse tipo de padrão, podendo antecipar sua ênfase logo nos estágios iniciais. Além das tradicionais mensagens de textos, o envio de áudios e as videochamadas acabam sendo recursos relevantes para temáticas mais delicadas, as quais exigem mais elementos expressivos para o seu entendimento. Assim, a atenção prestada e a iniciativa em conversar online podem acabar sendo reconhecidas como importantes índices para avaliação da satisfação com o envolvimento.

7.3 TENDÊNCIAS MIDIÁTICAS NA OFICIALIZAÇÃO

Como boa parte dos padrões já apresentados, a oficialização também se apoiou em linhas gerais no uso dos segmentos de redes sociais e de comunicação digital. Enquanto os grupos 3 e 2 enfatizaram a exposição da relação através da alteração do status relacional em seus perfis, o grupo 1 acrescentou outras práticas, como postar fotos com legendas expressando a felicidade desse novo ciclo. Além destas, o Instagram também foi utilizado com publicações no *feed* e postagens no stories (Quadro 50). A maioria revelou que a exposição da oficialização foi pauta de conversa com o/a parceiro/a, uma vez que esse tipo de prática midiática traz legitimidade à relação, posto que as mídias materializam o laço, justificando sua importância. Reconhecem, portanto, a participação das práticas nessas mídias para esse tipo de conversa. Conforme observado, soa interessante explorar mais minuciosamente os modos de anúncio dessas exposições com base nos tipos e modalidades romântico-relacionais, bem como as implicações que essas práticas causam à relação.

Quadro 50 - Tendências midiáticas para expor a oficialização

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes Sociais: Facebook e/ou Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Alteração do status; post feed (com legenda); post nos stories.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Alteração do status.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Alteração do status.</p>

Fonte: Autor (2021)

Devidamente oficializada, a necessidade de se declarar amorosamente ascende como um padrão enfatizado nesse estágio do envolvimento romântico. O grupo 3 se apoiou nas memórias e vivências tidas com o parceiro para fazer postagens com fotos e um *textão*, expressando os sentimentos e o valor do outro em sua vida na plataforma de rede social Facebook. Igualmente pontuais e diretas, as práticas tidas pelos participantes do grupo 2 se fundam em convenções sociais como dia dos namorados e aniversário, tanto no Facebook quanto no Instagram. Já o grupo 1 apresentou práticas mais diretas, ao postar e expor seu desejo aos círculos sociais de ambos, a partir de postagens no *feed* e stories no Instagram e pelas versões menos elaboradas dos *textões*, envio de emojis e os cumprimentos diários no Whatsapp. Há, ainda, as declarações indiretas, sobretudo nas redes sociais, em que os participantes se apropriam de mensagens e posts de outros perfis, encaminhando ou marcando o perfil do/a parceiro/a.

Quadro 51 - Tendências midiáticas para declarações de amor

Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
<p>Redes Sociais: Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Publicação de fotos com textão romântico; post nos stories; compartilhamento de posts românticos; marcação em posts românticos.</p> <p>Comunicação Digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens românticas; envio de emojis; cumprimentos diários.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook e/ou Instagram</p> <p>Práticas midiáticas: Publicação de fotos com textão romântico.</p> <p>Comunicação Digital: WhatsApp</p> <p>Práticas midiáticas: Envio de mensagens românticas.</p>	<p>Redes Sociais: Facebook</p> <p>Práticas midiáticas: Publicação de fotos com textão romântico.</p>

Fonte: Autor (2021)

É preciso destacar que a incursão das práticas midiáticas para fazer declarações de amor para o/a parceiro/a aqui classificadas como indiretas acabaram sendo recursos importantes para os participantes fazerem declarações de amor sem parecerem exagerados.

7.4 PANDEMIA

Ainda que com dados pontuais, considere importante utilizar o repertório construído para averiguar o modo como os participantes avaliam o consumo de mídias durante o período de pandemia de Covid-19. Conforme previsto, os entrevistados consideram que houve um aumento no consumo de mídias, seja em novas infraestruturas como jogos online, assistir a canais de streaming ou em modalidades comunicativas até então pouco utilizadas, como as videochamadas via Whatsapp. Vale destacar, ainda, que aqueles que relataram diminuição no uso de mídias para comunicação com o seu/sua parceiro/a, resolveram avançar de estágio ao decidirem morar juntos. Nesse sentido, a situação da pandemia acabou por pressionar a aceleração do envolvimento. Todo repertório de práticas midiáticas enfatizadas em estágios específicos de relacionamentos românticos, não somente descortinou um arsenal de significados, como destacou a reconfiguração do amor romântico em um contexto de aprofundamento de uma rede sociotécnica. Nos três eixos temporais, illustrei, ainda que de maneira panorâmica, como diferentes configurações sociais, suportes tecnológicos e linguagens delineiam práticas e tendências distintas. Além disso, comparativamente, como evocam trajetórias específicas que só fazem sentido em suas respectivas realidades sociais. Fundamentado pelas bases construtivistas que alicerçam o entendimento sobre midiatização profunda (COULDRY; HEPP, 2017), da mesma forma que ondas midiáticas anteriores colaboraram para o delineamento dos processos seguintes, a onda midiática atual certamente contribuirá para as próximas reordenações no desenvolvimento das relações românticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dores, prazeres e estratégias online em torno do processo de conhecer alguém com intenções afetivas e/ou sexuais foi o pontapé deste percurso. Despretensiosas, as histórias foram se tornando mais recorrentes, com trajetórias e práticas muito semelhantes entre si. Mesmo sem subsídios, reconhecia ali um território pouco explorado que falava de mim, de você, dos nossos conhecidos, ou de maneira mais geral, como nos engajamos online para buscar parceiros romântico-amorosos via serviços de paquera. Essa reflexão prévia culminou no desenvolvimento do projeto que iniciou minha incursão no doutorado. Contudo, percebi que explorar o modo como as plataformas Happn e Tinder participavam dessa busca não dava conta do que me inquietava. Não refletia o todo que desejava abraçar. Foi com as perspectivas teóricas trazidas pelo Laboratório de Interações Mediadas por Computador (Limc/UFGS), grupo de pesquisa do qual fiz parte nos últimos quatro anos, que ampliei meus horizontes e compus o embrião que fez nascer essa investigação.

Sob uma perspectiva construtivista (COULDRY; HEPP, 2017), busquei compreender o modo como as mídias digitais se articulam às ênfases de padrões comunicativos característicos das relações romântico-amorosas ao longo do seu desenvolvimento. Diferentemente de parcela das referências que encontrei no caminho, procurei lançar um olhar panorâmico e empírico para as recorrências dessa articulação. Mais do que isso, observei que diferentes infraestruturas midiáticas em suas exigências técnicas, linguísticas e institucionais (sociais e particulares) impactam fortemente no modo como imbuímos valor ao parceiro romântico. Ou seja, paralelamente ao presencial, as interações mediadas acabam por fornecer outros recursos que, ao delinear os espaços da comunicação mediada dos envolvidos neste tipo de configuração, incutem no modo como nos atraímos afetivamente e/ou sexualmente pelo outro, nos envolvemos com os seus conhecidos, até como oficializamos a relação. Diferentemente de quaisquer configurações sociais aqui percorridas, a articulação desses recursos, advindos de múltiplas mídias, fazem com que a formação de um envolvimento romântico apresente fronteiras, práticas e ritos que assinalam a reconfiguração do amor romântico.

Dito isso, acredito que a tese traz como principal contribuição evidenciar o modo como as mídias digitais, no plural, colaboram diretamente na reconfiguração do amor romântico ao se fazerem cada vez mais presentes no desenvolvimento deste tipo de relacionamento na atualidade, moldando a comunicação em estágios/momentos relevantes. E, com isso, sobretudo com o envolvimento de mídias, conceito este complexo e central aos

estudos da comunicação, agrega fundamentalmente à pesquisa da área no Brasil, posto que o tema, a participação de mídias digitais no desenvolvimento de relações romântico-amorosas, teve um tímido e pontual movimento de investigações, conforme mapiei em publicações e periódicos (FERNANDES E ALMEIDA, 2018). Mais do que isso, o envolvimento das materialidades midiáticas que busquei aqui enfatizar nas relações dos porto-alegrenses estudados não só reflete toda uma trajetória de transformações sociais ocorridas na cultura ocidental, como contribui para uma apreensão atualizada do amor romântico, na qual, a ênfase da realização sexual e afetiva neste momento específica da história reverbera em um tipo de relacionamento romântico que se mostra mais acelerado e intenso. Por focar numa apreensão mais geral, até para conseguir olhar para o fenômeno de uma maneira mais estrutural, reconheço neste trabalho um ponto de partida para estudos sobre a temática, algo que não tive no início de minha incursão no estudo sobre a temática. Devido à riqueza de ângulos, possibilidades e enfoques, destaquei algumas dessas possibilidades a partir dos principais achados. Ao retomá-las, argumentei as considerações pautado em evidenciar as lacunas e brechas que possam instruir outros percursos de pesquisa. Para melhor compreensão, segui os padrões comunicativos apresentados por Knapp, Vangelist e Caughlin (2014) reunidas nos três estágios/momentos da relação que orientaram a tese: o momento de início da relação, o estágio em que as rotinas e os círculos sociais se cruzam e a oficialização. E, em razão disso, revelam-se descobertas localizadas precisamente nesses estágios/momentos da relação conforme a percepção dos participantes do estudo, algo que devo enfatizar para evitar possíveis distorções na interpretação dos dados. Além da dinâmica dos padrões comunicativos, o conceito de configuração de Norbert Elias (2001) foi outra ferramenta teórica adjacente que possibilitou olhar para as relações românticas através dos papéis que os envolvidos exercem um na vida do outro e o reconhecimento dessa dinâmica relacional em determinada cultura. Embora não tenha aprofundado, a noção foi estratégica para orientar, por exemplo, a percepção no campo empírico da maior frequência de iniciativas por parte de mulheres em configurações romântico-amorosas nos espaços de interação digital, um papel que historicamente foi reconhecido aos homens em relações heteroafetivas, além de ampliar as possibilidades de encontro social entre interessados em envolvimento homoafetivos.

Reconhecendo essas possibilidades, Coudry e Hepp (2017) expandem a noção de Elias (2001) a fim de destacar a figuração da configuração a partir das mídias digitais, nas quais apreendi com o percurso do trabalho a recorrência de determinados segmentos e práticas que parecem adquirir ares de ritos ao longo do desenvolvimento desse tipo de relação em tempos de mediação profunda. Na medida em que migramos de espaços mediados de

comunicação, esses ritos se reconfiguram, sugerindo que há uma compreensão comum nessas articulações. Todos os padrões comunicativos nos envolvimento românticos dos 20 entrevistados estudados em três eixos temporais (2008-2014; 2016-2017; 2019-2020) evidenciaram essa questão, destacando o aprofundamento da rede sociotécnica que vem caracterizando a realidade atual, a qual deve-se olhar com maior atenção, caso se deseje explorar os fenômenos empiricamente. A começar pelo encontro dos envolvidos.

Ainda que de maneira desigual, a conectividade da internet em computadores e smartphones criou condições técnicas para a maior atuação dos serviços de paquera, um dos sintomas do aprofundamento da mídiatização no âmbito romântico-relacional. Os segmentos de mídias sociais e de comunicação digital acabam funcionando como suplementos, na medida em que amparam a busca por informações sobre o outro e delineiam boa parte das interações diretas com o/a parceiro/a. Nessa configuração da figuração (COULDRY E HEPP, 2017) romântico-relacional, a presença online e a atenção prestada nas interações convertem-se em instrumentos para avaliação do interesse do outro. A recorrência na apropriação desses dados advindos das plataformas utilizadas na análise do grau de satisfação da relação, ainda neste estágio de conhecimento e exploração do outro, certamente, aponta para a necessidade de uma exploração específica da questão, inclusive, em estágios mais avançados.

Continuar utilizando plataformas de paquera no estágio em que os participantes estavam conhecendo romanticamente seus parceiros reflete a reordenação dos envolvimento românticos na atualidade, uma vez que a obrigatoriedade de se investir afetivamente e sexualmente somente em um parceiro se torna uma opção. O fato de seguirem utilizando esse tipo de mídia que promove o encontro afetivo e/ou sexual, sugere a acentuação do desprendimento no arranjo romântico atual. Acredito que a configuração do conhecer, mediado pelas plataformas digitais, possa favorecer não somente o desprendimento, como as experimentações no papel, tipo e modalidades de uniões românticas, sobretudo por parte das mulheres e daqueles interessados em relações homoafetivas. Por outro lado, isso não significa que os envolvidos estejam imunes à vulnerabilidade e à fragilidade características desse tipo de envolvimento em seu estágio inicial, nos quais os espaços digitais, especialmente das redes sociais, podem despertar ou intensificar condutas de vigilância online como medida para conter esses sentimentos. Apesar de não terem sido aprofundadas neste estudo, essa associação pode trazer importantes descobertas sobre a reconfiguração das relações românticas na atualidade.

Conforme flores, bombons ou presentes são apreendidas como recorrentes formas de demonstrar afeto e interesse pelo outro, em tempos de mídiatização profunda, a presença

online e a demonstração do interesse em vários espaços midiáticos parecem ser igualmente valorizadas como importantes gestos. Curtir ou comentar as publicações nas redes sociais e as recorrentes trocas de mensagens no Whatsapp foram as principais demonstrações apontadas no estágio inicial. Devido à situação em que os envolvidos se encontram, alterações na frequência dessas práticas midiáticas podem fazer o outro interpretá-las como sintomas de desinteresse. Pelo jeito, essas práticas colaboram significativamente para o bem estar da relação. Aliás, a ubiquidade da comunicação através das mídias digitais possibilitou também a procura pelos gostos e interesses do outro, movimento que pode incidir na aceleração do processo de expansão do *self* no outro. O termo *stalkear* foi utilizado para explicar essa prática, sendo utilizado definir os esforços em extrair informações sobre o/a parceiro/a nos espaços online. De fato, a prática midiática no âmbito romântico-relacional funcionou como fonte de flertes, convites e interações. Contudo, não se pode ignorar os impactos negativos que geram à relação, como o sentimento de perseguição e controle sobre o outro. Essas questões mostram-se relevantes, dado o cuidado que os entrevistados tiveram no repertório de procedimentos para conhecer o outro nos espaços midiáticos e, que por enfoque, não consegui explorar.

Sendo a prática sexual um dos elementos definidores e de manutenção da relação romântica, o aumento e variedade do *sexting* despontou, sobretudo mais recentemente, como um traço característico das relações afetivas e sexuais atuais. Entre os participantes, o Instagram e o Whatsapp foram as mídias mais utilizadas nesse sentido. De modo geral, as práticas midiáticas informadas se revelaram mais comedidas, com citações em posts de duplo sentido (para sugerir interesse sexual), envio de fotos sensuais (decotes, treinando na academia, etc.) ou troca de mensagens de texto. Duas razões me recorrem para explicar a prudência informada na exploração da sexualidade no âmbito romântico relacional através das mídias digitais. A primeira delas funda-se na apreensão do *sexting* de maneira mais comedida em razão do estágio inicial, como um residual dos séculos de repressão que assinalam a realização sexual. Já a segunda remete à situação dos participantes no ato da coleta, considerando que os mesmos podem ter sentido algum constrangimento, mesmo informando o contrário, como destaque mais adiante, quando falo sobre o modo como os participantes olharam para o trabalho após a coleta.

Tradicionalmente, os envolvimentos românticos tendem a promover o convívio com conhecidos, familiares e amigos do/a parceiro/a. No estágio em que as rotinas e os círculos sociais se cruzam, observei uma ênfase de condutas online mais responsivas por parte dos participantes, sobretudo aqueles que começaram a relação mais recentemente, na medida em

que tendem a responder à aproximação dos conhecidos do/a parceiro/a – aceitar convites nas redes sociais de amigos e /ou familiares. Essa “regra” pode ser quebrada no instante em que se conhece (e se identifica) com os conhecidos do/a parceiro/a, embasando a conduta de materializar o laço em suas conexões nas plataformas de redes sociais. Para os entrevistados deste estudo, a iniciativa de aproximação pode ser apreendida pelo/a parceiro/a neste estágio como invasiva e/ou transparecer ansiedade para a oficialização da relação, por exemplo. Dessa maneira, as práticas midiáticas acabam interferindo não somente na sensação de pressão vinda do próprio parceiro, como das opiniões de aprovação/reprovação dos conhecidos sobre a relação. Em um possível movimento de investigação nesse sentido, considero relevante identificar se as condutas de aproximação dos conhecidos do outro variam conforme o tipo de vínculo (familiares, amigos, conhecidos do trabalho, etc.).

Ambientados na cultura do compartilhamento da rotina, advindas principalmente das ferramentas nas plataformas de redes sociais, constatou-se a maior presença do/a parceiro/a nas publicações dos perfis dos participantes. Além disso, o compartilhamento das vivências na companhia do outro podem agir como reforço do interesse e da solidez da relação nesse momento da relação. Seja para compreender melhor as razões que fundamentam esse tipo de postagem nesse estágio da relação, seja para averiguar um potencial repertório em torno deste tipo de conteúdo no âmbito romântico-relacional, a temática revela-se interessante de ser explorada em um percurso de pesquisa próprio. Com a maior exposição da relação, outro ângulo interessante que próximas pesquisas poderão avaliar, é se há, de fato, um descompasso entre a perspectiva daqueles que opinam ou reagem aos conteúdos e os envolvidos na relação, bem como os impactos que a exposição em si dessas vivências podem causar à relação.

No que tange ao partilhamento de pensamentos, traumas, segredos ou outro tipo de intimidade afetiva, o Whatsapp favoreceu o diálogo, principalmente ao fornecer recursos sonoros e audiovisuais. Na inviabilidade da comunicação presencial, nesse caso, esses recursos colaboram para a troca subjetiva sobre si. Embora não tenham sido aprofundadas, a iniciativa para conversas do tipo, bem como a expressão de interesse em ouvir o outro, podem atuar como termômetros sobre o interesse em aprofundar o conhecimento sobre o outro.

Na oficialização, a clássica alteração do status relacional no perfil dos tempos do Orkut pode vir acompanhada de um post oficial, com foto e *textão* exprimindo a realização deste novo estágio nas plataformas sociais atuais — Facebook e Instagram. Aqui, os entrevistados não somente reconheceram o valor dessas práticas, como conversam antecipadamente sobre a exposição da oficialização, demonstrando preocupação com as formas de anunciar a materialização e formalização digital do laço. Na medida em que

reconhecem o significado desse gesto na relação, torna-se interesse descortinar os modos de anúncio da oficialização e os impactos que as mesmas trazem à relação e seus envolvidos. Com base na trajetória deste estudo, parece pertinente considerar o tipo e a modalidade do envolvimento romântico, pois acredito que possam haver diferenças nessas práticas midiáticas.

O entendimento sobre as declarações de amor pelo outro foram aqui classificadas em diretas e indiretas. Enquanto as primeiras podem ser exemplificadas pela postagem de fotos de memórias do casal, associadas a um *textão* exprimindo a realização do envolvimento em sua vida, a segunda pode ser vista na apropriação de espaços de terceiros, como perfis, comentários e vídeos para comunicar o sentimento. As declarações indiretas foram apontadas como recursos para contornar o tom *meloso* que a expressão amorosa pode soar, motivando a busca de conteúdos engraçados ou com duplo sentido. Embora possam fazer sentido para os participantes deste trabalho, a classificação das declarações de amor após a oficialização pode se manifestar de formas diferentes, com base nas mídias em que ocorrem e do tipo/modalidade de envolvimento, exigindo, portanto, validação e maior reflexão.

O advento da pandemia do Covid-19 acometeu profundamente a realidade social, promovendo uma verdadeira transformação mundial. Protegidos pelo uso da mídia, a manutenção do laço romântico fundamentalmente se ancorou no digital como meio para superar a restrição social. Como previsto, os participantes constataram um aumento no consumo de mídias, seja pelo consumo de novas plataformas, como games online ou serviços de streaming de vídeo, ou pela maior recorrência de formatos audiovisuais na comunicação, como as videochamadas por WhatsApp. Vale destacar, ainda, que aqueles que relataram diminuição no consumo de mídias na comunicação com o seu/sua parceiro/a, resolveram avançar de estágio ao decidirem morar juntos. Nesse sentido, a situação da pandemia motivou a aceleração do envolvimento em razão da política de distanciamento social. Até mesmo o estudo foi impactado pela Covid.

Inicialmente, o delineamento metodológico foi pensado a partir da ocorrência de grupos focais. Para dar continuidade ao estudo de maneira segura, as entrevistas aprofundadas ocorreram por videochamadas, o que acabou colaborando para que os participantes pudessem se sentir mais à vontade. Por estarem em casa e na maioria das vezes sozinhos, consegui coletar todas as informações necessárias para a análise, apesar de algumas dificuldades em termos de conexão. Nesses casos, retomei a entrevista elucidando o estágio e o momento da relação, estanques teóricos que colaboraram no entendimento das questões. Aliás, todos os

padrões comunicativos associados aos estágios foram individualmente questionados e validados pelos participantes.

Visando melhorias, ao final das entrevistas procurei mapear as expectativas dos participantes e o que acharam da coleta. Parte significativa considerou que o trabalho abordasse as especificidades dos relacionamentos românticos à distância. Com a rápida alteração nas estratégias metodológicas, talvez tenha pecado em construir uma comunicação mais objetiva e atraente para atrair os voluntários. Por outro lado, a hipótese de talvez se sentirem constrangidos em falar sobre suas relações não foi validada, considerando o tempo médio das entrevistas e as histórias, confissões, pensamentos e truques de práticas midiáticas que foram fundamentais para compor esse mosaico de descobertas do estudo. Acredito que futuros trabalhos nesse sentido devam dedicar mais tempo da coleta (em dois dias para cada participante, por exemplo), pois, ao menos nesta experiência, os entrevistados demonstraram gostar de falar sobre o tema, inclusive, mencionando a disponibilidade para outros encontros.

Vale ressaltar que a discussão que promovi acerca da participação de mídias digitais no desenvolvimento de relações românticas representa apenas um início de um campo incipiente entre os estudos brasileiros da comunicação. Embora o percurso possa sugerir uma recorrência mais ampla, é preciso deixar claro que os agrupamentos feitos, a partir do início das relações dos 20 participantes do estudo, não se trata de uma amostra estatisticamente significativa. Por outro lado, a abordagem qualitativa me possibilitou explorar as relações de um ponto de vista subjetivo, mergulhando nas vivências dos envolvidos, destacando a partir das memórias sobre a participação de mídias digitais, as dinâmicas e os significados comuns no decorrer do desenvolvimento das relações românticas. Neste grupo de participantes do estudo, constatei que todos os padrões enfatizados nos momentos/estágios investigados permanecem válidos e frutíferos nas interações mediadas por computadores conectados pela internet. Ainda que tenha utilizado para demarcar o envolvimento de mídias na aproximação dos parceiros românticos, o repertório pode também orientar trabalhos sobre o distanciamento, possibilitando novas temáticas de estudo.

Por fim, numa perspectiva geral, as descobertas aqui apontadas por este percurso descortinam o desafio, ao menos dos participantes, em construir relações romântico-amorosas sob as condições de uma configuração em que os envolvidos podem ter acesso a informações, por vezes íntimas, sobre o outro. E, como estas podem impactar no afeto de maneira pontual ou abrangente. Espero que as contribuições forneçam valores para reflexões sobre o tema, ou mesmo uma base para orientar futuras investigações, seja para replicar (e melhorar) a

abordagem em sua integridade, seja para explorar padrões comunicativos enfatizados em determinados momentos da relação.

REFERÊNCIAS

ARON, A.; ARON, E. N. **Love as the expansion of self: Understanding attraction and satisfaction**. New York, NY: Hemisphere, 1986.

ARON, A.; ARON, E. N. Love and the expansion of the self: The state of the model. **Personal Relationships**, n. 3, p. 45–58, 1996.

AZEVEDO, T. de. Namoro à antiga: tradição e mudança. In: VELHO, G.; FIGUEIRA, S. (Org.). **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1981.

BARROS, J. D'A. A Poética do amor cortês e os trovadores medievais – caracterização, origens e teorias. **Revista Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 215-228, 2015.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2008.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2005.

BERGER, P. L. LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004

BIANCHI, E. "Manda nudes?!": comunicação imagética dos corpos nus. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 4 a 7 set., 2016.

BONIN, J. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, n. 37, 2008.

BRAGA, J. L. A prática da pesquisa em comunicação - abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-Compós**, v. 14, n. 1, 26 set. 2011.

BRANDEN, N. **A Psicologia do Amor Romântico**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

BRODY, N. et al. **Social Networking Site Behaviors Across the Relational Lifespan: Measurement and Association With Relationship Escalation and De-escalation**. Article. *Social Media + Society*, Oct-Dec, 1–16, 2016.

BRODY, N.; PEÑA, J. Equity relational maintenance and linguistic features of text messaging. **Computers in Human Behavior**, 49, p.499-506, 2015.

BROWN, P. Antiguidade Tardia. In: VEYNE, P. (org.) **História da Vida Privada: do Império Romano ao ano mil**. trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAMACHO AZURDUY, C. A. **Metodología de la investigación en Comunicación**: Una aproximación desde el estudio del consumo cultural de la radio entre mujeres migrantes de la ciudad de El alto. Bolívia: La Paz, 2007.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CARPENTER, J. C.; SPOTTSWOOD, E. L. Exploring romantic relationships on social networking sites using the self-expansion model. **Computers in Human Behavior**, n. 29, p. 1531–1537, 2013.

CHAVES, J. C. **Contextuais e Pragmáticos**: Os Relacionamentos Amorosos na Pós-Modernidade. 2004. Tese (Doutorado em Psicologia Social e da Personalidade) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2004.

CORRÊA, R. C. Selfies e Nudes: Novas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade digital. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 4 a 7 set, 2016.

COULDRY, N.; HEPP, A. **The Mediated Construction of Reality**. Cambridge: Polity Press, 2017.

COULDRY, N. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **New, Media & Society**, Londres, v. 10, n. 3, p. 373-391, 2008.

COYNE, S.M. et al. “I luv u :)!”: A descriptive study of the media use of individuals in romantic relationships. **Family Relations**, 60, p.150-162, 2011.

DIAS, C. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação e Sociedade: Estudos**, UFPB, v. 10, n. 2, 2000.

DROUIN, M.; LANDGRAFF, C. Texting, Sexting, attachment and intimacy in college students’ romantic relationships. **Computer Human Behavior**, 28, p. 444-449, 2012.

DUARTE, J. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, J. BARROS, A. (org). **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 62-83.

ELIAS, N. **A Sociedade de Corte**: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

FANTONI, F.J; BARICHELLO, E. M. M. R.. Apontamentos sobre as perspectivas latino-americanas e anglo-saxã da midiatização. VII Encontro Regional Sul de História da Mídia, 2018, Santa Maria. **Anais [...]** Santa Maria: UFSM, 2018.

FAUSTO NETO, A. Miatização, prática social – prática de sentido. In: **Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido**. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FELMLEE, D.H. No couple is an island.: A social network perspective on dyadic stability. **Social Forces**, 79, 1259-1287, 2001.

FRANCO, S. M. E LEÃO, A. L. M. S. Miatização: da disciplina ao controle, um horizonte de reflexão. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Unisinos, v. 18, n. 3, p.289-304, set./dez., 2016.

FERREIRA, A. G. D’O. **Oneirokritika de Artemidoro de Dalcis (séc. II d.C.)** [Recurso eletrônico]: livros de análise de sonhos: livro V / Organização Anise de A.G.D’Orange Ferreira 1. ed. São Paulo: Cultura acadêmica, 2014.

FERREIRA, N. S. As pesquisas denominadas estado da arte. **Revista Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago., 2002.

FERNANDES, R. Como usuários do aplicativo Par perfeito apreendem o amor? Reflexões sobre o apego ao significado à luz do pensamento de Kittler. XXXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2018, Joinville. **Anais [...]** Joinville: Univille, 2018.

FERNANDES, R.; ALMEIDA, B. O amor em tempos de comunicação digital: Um balanço das pesquisas em periódicos brasileiros. V Encontro Sudeste da História da Mídia, 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]** Alcar: Centro Universitário de Belo Horizonte, jun. 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. v. 1. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. O Uso dos Prazeres. v. 2. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. O Cuidado de Si. v. 3. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIDDENS, A. **O mundo na era da globalização**. Lisboa: Presença, 2000.

HAACK, K. R. et al. Relacionamentos @morosos na rede. **Revista Conexão**, v. 16, n. 32, 2017.

HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A. 1999.

HEPP, A. As configurações comunicativas de mundos miatizados: pesquisa da miatização na era da “mediação de tudo”. **Revista Matrizes**, v. 8, n. 1, jan./jun, p. 45-64, 2014.

HJARVARD, S. Mídia: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, USP, n. 5, p. 53-91, jan /jun., 2012.

HJARVARD, S. **A Mídia da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

HUNT, M. M. **História natural do amor**. São Paulo: Ibrasa, 1963.

KNAPP, M. L.; VANGELISTI, A. L.; CAUGHLIN, J. P. **Interpersonal communication and human relationships**. New Jersey: Pearson Education, 2014.

KLESSE, C. Notions of Love in Polyamory - Elements in a Discourse on Multiple Loving. **Laboratorium**, v.. 3, n. 2, p. 4–25, 2011.

KOLLER, M.R. Some changes in courtship behavior in three generations of Ohio women. **American Sociological Review**, 16, p. 266-279, 1951.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p.

LICOPPE, C. 'Connected' Presence: The emergence of a new repertoire for managing social relationship in a changing communication technoscape. Environment and Planning. **Society and Space**, 22 (1), p. 135-156, 2004.

LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarola, 2004.

LUCRÉCIO. **Da natureza das coisas**. Trad. Luís Manuel Gaspar Cerqueira. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARCH, E.; WAGSTAFF, D.L. Sending nudes: Sex, self-rated mate value, and trait Machiavellianism predict sending unsolicited explicit images. **Front. Psychol**, 8, 2210-2230.

MARTINO, L.M.S. Rumo a uma teoria da mídia: exercício conceitual e metodológico de sistematização. **Revista Intexto**, UFRGS, n. 45, p. 16-34, mai./ago. 2019.

MAY, S. **Amor, uma história**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2011.

MAZZOLENI, G.; SCHULZ, W. Mediatization of Politics: A Challenge for Democracy?. **Political Communication**, v. 16, n. 3, p. 247-261, 1999. DOI: 10.1080/105846099198613.

MEITZ, T. G. K. Mediality: Aspects of contextual media reception. **Empedocles: European Journal for the Philosophy of Communication**, Bristol, v. 3, n. 2, p. 197–214, 2011.

MOZZINI, C. Amores desativados: encontros, afetos. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]** Rio de Janeiro: Intercom, 4 a 7 set, 2015.

MURSTEIN, B. I. **Amor, sexo e casamento através dos tempos, tomos I, II e III.** São Paulo: Artenova, 1976.

NAVARRO LINS, R. **O Livro do amor: Da pré-história à Renascença.** v. 1. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller, 2012a.

NAVARRO LINS, R. **O Livro do Amor: Do Iluminismo à atualidade.**v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Best Seller, 2012b.

OLIVEIRA, A.M.A. de; POCAHY, F. A. Eu, tu, ele(s), ela(s): Cartografando heteroconjugualidades na prática do swing. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 228-237, set.-dez. 2015.

ORTEGA, F. **Genealogia da amizade.** São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

OVÍDIO. **A arte do Amor.** Trad.: Pietro Nasseti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

O'HADI, J.; BROWN, B.; TRUB, L.; ROSENTHAL, L. I just text to say I love you: Parter similarity in texting and relationship satisfaction. **Computers in Human Behavior**, 78, p.126-156, ago.-set., 2017.

PILÃO, A. C. Reflexões sócio-antropológicas sobre Poliamor e amor romântico. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 12, n. 35, p. 505-524, ago. 2013.

PLATÃO. **O Banquete.** Trad, Introdução e Notas de Anderson de Paula Borges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PRIMO, A. Afetividade e relacionamentos em tempos de isolamento social: intensificação do uso de mídias sociais para interação durante a pandemia de COVID-19. **Revista Comunicação & Inovação**, v. 21, n. 47, p. 176-198, 2020.

ROBARDS, B. E; LINCOLN, S. Making It “Facebook Official”: Reflecting on Romantic Relationships Through Sustained Facebook Use. *SI: Making Digital Cultures. Social Media + Society*, p. 1–10, out.-dez. 2016.

ROUCHE, M. Alta idade média ocidental. In: VEYNE, P. (org.). **História da Vida Privada 1: do Império Romano ao Ano mil.** trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

RÜDIGER, F. O. **Amor e a Mídia: Problemas de legitimação do Romantismo tardio.** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

SANTOS, D.R. O amor nos tempos de Facebook. Narrativas amorosas e performances de si em sites de redes sociais. XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Intercom, 2016.

SEEBACH, S. E NÚÑES-MONTEO, F. Is Romantic love a linking emotion? **Sociological Research Online**, v. 21, n. 1, p. 14, 2016.

SIERRA, F. Función y Sentido de la Entrevista Cualitativa en Investigación Social. In: CÁCERES, L.J.G (org). **Técnicas de Investigación en Sociedad, Cultura y Comunicación**. México: Pearson Educación, 1998.

SPRECHER, S. The influence of social networks on romantic relationships: Through the lens of social network. **Personal Relationships**, 18(4), p. 630-644, 2010.

STRASSBERG, D.S.et al. Sexting by high school students: An exploratory and descriptive study. **Arch Sex Behavior**, 42, p. 15-21, 2013.

TANNAHIL, R. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

TAVARES, F. “Visualizada e não respondida”: sobre a mediação digital das relações amorosas e a emergência de patologias contemporâneas. **XXVI Encontro Anual da Compós**, 2017, São Paulo. **Anais [...]** São Paulo: Compós, 2017.

TOKUNAGA, R.S. Social networking site or social surveillance site? Understanding the use of interpersonal electronic surveillance in romantic relationships. **Computers in Human Behavior**, 27, p. 705-713, 2011.

VERÓN, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014

VEYNE, P. O Império Romano. In: VEYNE, P. (org.). **História da Vida Privada 1: do Império Romano ao Ano mil**. trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

APÊNDICE A – ROTEIRO - GUIA ENTREVISTA

Bloco	Objetivo	Questões/Dinâmicas
I. Introdução	* Certificar e aprofundar dados sobre o sujeito e a relação * Ambientar participantes	- Apresentação da pesquisa - Dados gerais: 1) Nome? 2) Idade? 3) Sexo Biológico? 4) Profissão? 5) Orientação sexual? 6) Está ou esteve nos últimos três meses em relacionamento romântico amoroso? 7) Seu relacionamento atual ou mais recente foi aberto ou fechado? - História da relação: 8) Como você conheceu o/a seu/sua parceiro/a mais recente?
II. Começo da relação (Inicialização /Experimentação)	* Certificar a adoção de padrões comunicativos na fase da relação romântica em que os envolvidos estão se conhecendo * Identificar as mídias e processos midiáticos mobilizados para suprir esses padrões comunicativos	9) Alguma mídia promoveu o encontro com o/a seu parceiro? Qual? 10) No momento em que estavam se conhecendo, você utilizava mídia(s) de paquera? Qual? 11) Quando estavam se conhecendo, você usou mídia(s) para investigar se o/a parceiro/a estava envolvido com outro/a(s)? Qual ou quais mídia(s) foram utilizada (s) para isso? 12) De que modo você investigou na(s) mídia(s) citada(s)? 13) Você demonstrou interesse no/a parceiro/a por meio de mídia(s)? Qual ou quais mídia(s) foram utilizada (s)? 14) De que maneira você demonstrou interesse no/a parceiro através da(s) mídia(s) citada(s)? 15) Você utilizou mídia(s) para descobrir interesses e gostos do/a parceiro/a? 16) Como você explorou a(s) mídia(s) para descobrir os gostos e interesses do/a parceiro(a)? 17) Nessa fase, você fez <i>nudes</i> ou vídeos sensuais para o/a parceiro/a? 18) Quais foram as mídias e as motivações que o levaram a usar?
III. Cruzamento de rotinas e Círculos Sociais (Intensificação/Integração)	* Certificar a adoção de padrões comunicativos na fase da relação romântica em que os envolvidos têm suas rotinas e conhecidos envolvidos * Identificar as mídias e processos midiáticos mobilizados para suprir esses padrões comunicativos	19) No momento da relação em que começam a passar mais tempo juntos, você utilizou mídia(s) para se aproximar de conhecidos, amigos e familiares do/a parceiro/a? 20) Como você se aproximou deles na(s) mídia(s) citada(s)? 21) Você utilizou mídia(s) para postar momentos na companhia do/a parceiro/a? Quais foram os momentos e a(s) mídia(s) usadas? 22) Qual razão ou motivação você apontaria para postar momentos na companhia do/a parceiro/a na(s) mídia(s) citada(s)? 23) Nesse momento de maior proximidade, você fez uso de mídia(s) para confidenciar algum problema, trauma, medo ou outra intimidade afetiva com o/a parceiro/a? Qual ou quais mídia(s) usou? 24) Qual razão ou motivação você apontaria para usar a(s) mídia(s) citadas? A intimidade afetou na escolha?

<p>IV. Oficialização da Relação (Vinculação Emocional)</p>	<p>* Certificar a adoção de padrões comunicativos na fase da relação romântica em que os envolvidos têm a relação oficializada</p> <p>* Identificar as mídias e processos midiáticos mobilizados para suprir esses padrões comunicativos</p>	<p>25) Você conversou com seu/sua parceiro/a sobre o modo como iriam informar na(s) mídia(s) que estavam se relacionando? Qual ou quais mídia(s) foram citada(s) ?</p> <p>26) De que modo você e seu/sua parceiro/a deram a entender que estavam em um relacionamento sério na(s) mídia(s)?</p> <p>27) Qual razão ou motivação você apontaria para postar sobre a relação na(s) mídia(s) citada(s) ?</p> <p>28) Com a oficialização da relação, você fez uso de alguma mídia para fazer declarações de amor para o/a parceiro/a?</p> <p>29) Que momento ou circunstância te motivou a se declarar para o/a parceiro?</p> <p>30) De que maneira você fazia declarações de amor na(s) mídia(s) citada(s)?</p>
---	--	---

APÊNDICE B – CARDS DE DIVULGAÇÃO

**PROCURA-SE
VOLUNTÁRIOS
PARA ESTUDO CIENTÍFICO**



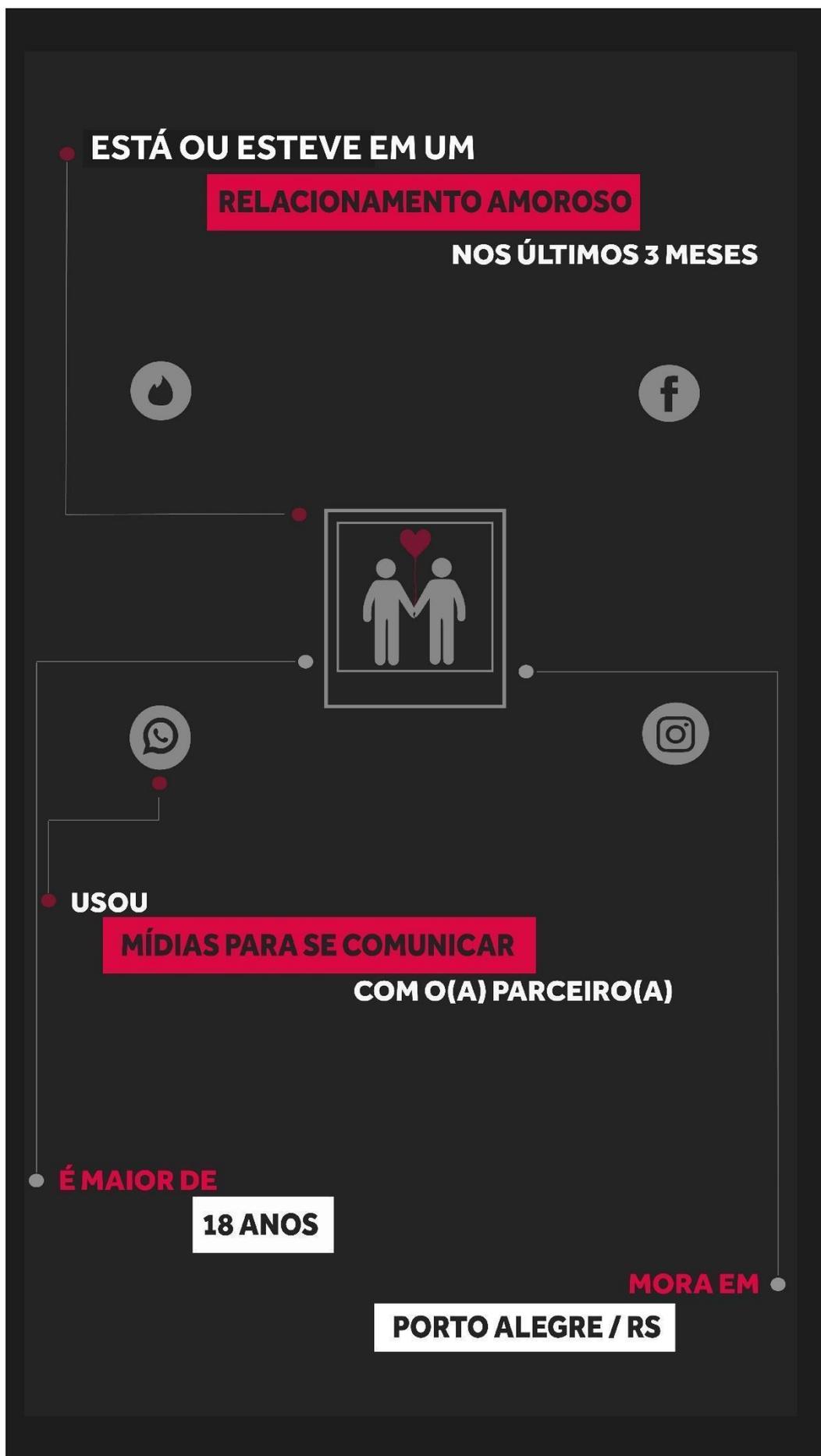
UFRGS **PPGCOM** PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

PROCURA-SE

VOLUNTÁRIOS

**PARA ESTUDO SOBRE
RELACIONAMENTO AMOROSO E MÍDIAS**





INSCREVA-SE!

**[sites.google.com/view/
reconfiguracaodoamor](https://sites.google.com/view/reconfiguracaodoamor)**

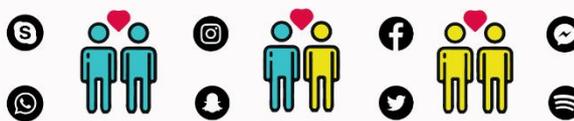
[link disponível na bio]

**A PRIVACIDADE E ANONIMATO
SERÃO PRESERVADOS**



CAV

Central de Atendimento ao Voluntário



PROCURA-SE

VOLUNTÁRIOS

PARA ESTUDO SOBRE

RELACIONAMENTO AMOROSO E MÍDIAS



PPGCOM

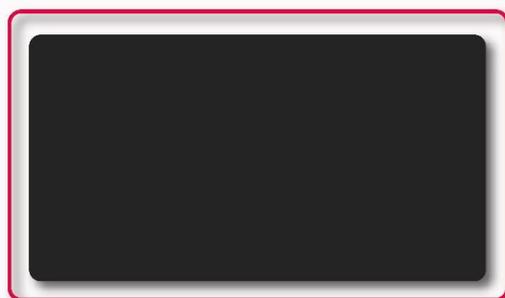
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
COMUNICAÇÃO



CAV

Central de Atendimento ao Voluntário

Envie dúvidas e comentários sobre a pesquisa na caixa de perguntas



Em breve responderemos.

APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do Projeto de Pesquisa:

A reconfiguração do amor romântico: a participação de mídias no ciclo de relacionamentos românticos.

Investigador Principal: Ricardo Barbosa Fernandes de Sousa

Orientação: Prof. Dr. Alex Primo

Instituição: Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - PPGCOM/UFRGS.

Termo de Consentimento para Entrevista Individual Online

Você está sendo convidado para ser um participante/voluntário em um estudo científico na área de Comunicação

Finalidade

O objetivo deste estudo é compreender como as mídias participam do processo de desenvolvimento de relacionamentos românticos. Para isso, planejamos aplicar um total de 20 entrevistas online individuais com (10) homens do sexo biológico masculino e (10) mulheres do sexo biológico feminino envolvidos atualmente ou recentemente em relações românticas (namoros, noivados ou casamentos). Com base nos relatos dos entrevistados, buscamos identificar quais mídias, práticas midiáticas e os significados dessas práticas foram vivenciados em momentos distintos da relação romântica — no estágio da relação em que estavam se conhecendo, no estágio em as rotinas e os círculos sociais se cruzaram e no momento em que oficializam a relação. Com o término do estudo, o pesquisador utilizará os dados para promover uma análise indutiva que irá compor parte da reflexão do seu trabalho de conclusão do curso de doutorado (tese), exigência para a obtenção do título de doutor na instituição de ensino vinculada. É possível que o pesquisador possa utilizar os dados também para publicar artigos em revistas ou congressos acadêmicos.

Critérios para participação no estudo

- Ser maior de 18 anos;
- Residir na cidade de Porto Alegre/RS;
- Estar ou ter tido nos últimos três meses um relacionamento romântico amoroso (namoro, noivado, casamento, morar junto);
- Ter utilizado mídias (redes sociais, app de comunicação, app de paquera, etc) para se comunicar com o/a parceiro/a no decorrer da relação;
- Saber manusear e ter login de acesso nas plataformas Skype ou Hangouts para videochamada;
- Dispor de aparato técnico necessário (computador ou smartphone, internet, câmera, microfone e fones de ouvido) para ser entrevistado por videochamada.

Procedimentos

Se você decidir fazer parte deste estudo, sua participação envolverá:

- Consentir uma entrevista individual com o pesquisador por videochamada via Skype ou Hangout no dia e horário a ser combinado;
- Ter disponibilidade para a entrevista que terá entre 50 e 70 minutos de duração;
- Responder questões sobre a sua experiência com mídias em distintos momentos do seu relacionamento romântico mais recente;
- Relatar informações secundárias, tais como: idade, profissão, declaração sobre sexo biológico, orientação sexual, estado relacional, tipo (heteroafetivo ou homoafetivo) e modalidade do envolvimento mais recente (aberto ou fechada);
- Assinar o termo de livre esclarecimento e enviar para o pesquisador no email fernandesricardo86@gmail.com

Riscos

Participar da pesquisa não implicará em qualquer risco a sua integridade física e social. Contudo, sua participação pode trazer lembranças que podem ser consideradas pessoais e/ou íntimas, envolvendo os seguintes riscos:

- É possível que o entrevistado possa sentir desconforto por lembrar de situações íntimas, uma vez que o estudo buscará identificar quais mídias, práticas midiáticas e significados foram tidos em práticas como troca de nudes ou vídeos sensuais com o/a parceiro;
- É possível que o entrevistado possa se sentir emotivo por lembrar de situações pessoais, uma vez que o estudo buscará identificar quais mídias, práticas midiáticas e significados foram tidos ao compartilhar traumas, problemas ou outros tipos de intimidades afetivas;
- É possível que o entrevistado possa sentir cansaço durante a entrevista.

Benefícios

Participar da pesquisa não trará qualquer benefício financeiro ou social. Contudo, sua participação contribuirá fundamentalmente para a reflexão sobre a participação de mídias no processo de reconfiguração do amor romântico na atualidade.

Compensação

Não há nenhuma remuneração por sua participação nesta pesquisa.

Sigilo

É preciso informar que a entrevista online será gravada e a gravação será fundamental para a posterior análise. No intuito de preservar o sigilo dos participantes, os seguintes procedimentos serão seguidos:

- Para proteger sua identidade, seu nome ou perfil em redes sociais não aparecerá em nenhuma publicação;
- No momento da videochamada, o pesquisador ficará isolado para que ninguém possa reconhecer ou ter acesso ao que foi dito na entrevista;
- Você receberá um pseudônimo (nome falso) que será usado no lugar do verdadeiro para situações em que seja necessário citar integralmente algo que foi dito (citações);
- Com a facilidade dos mecanismos de buscas na internet, nenhuma postagem, comentário ou qualquer outro conteúdo midiático seu será utilizado pelo estudo. Do contrário, o anonimato poderia ser comprometido;
- Utilizaremos apenas os dados obtidos por meio da entrevista (falas, memórias, questões, revelações, etc);
- Todos os dados coletados pelas entrevistas serão armazenados em sigilo por 5 anos a partir da data da coleta e em conformidade com os limites da lei. Após este período, os registros serão destruídos;
- Para assegurar que esta pesquisa está sendo conduzida de maneira adequada, o estudo foi submetido a análise através da Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humano para todo o sistema CEP/CONEP.

Custos para Você

Os participantes da pesquisa não terão nenhum custo adicional como resultado de seu consentimento para serem entrevistados.

Direitos dos Participantes

- Sua participação neste estudo é voluntária. Você não tem nenhuma obrigação de participar.
- Você tem o direito de mudar de ideia e sair do estudo a qualquer momento, sem apresentar motivo e sem qualquer penalização.
- Qualquer nova informação que possa fazê-lo mudar de ideia sobre estar no estudo será fornecida a você.
- Você receberá uma via deste documento de consentimento.
- Você não renuncia a qualquer de seus direitos legais ao assinar ou concordar com este termo de consentimento.

Perguntas sobre o estudo ou seus direitos como participante da pesquisa

- Caso tenha dúvidas sobre esta pesquisa, você pode contatar o pesquisador responsável pelo e-mail fernandesricardo86@gmail.com ou pelo telefone (51) 98904-1020;
- Você também poderá entrar em contato com o professor orientador do trabalho, Prof. Dr. Alex Primo, através do e-mail: alexprimo@gmail.com ;
- Caso tenha dúvidas sobre seus direitos como sujeito da pesquisa ou mesmo sobre a veracidade das informações aqui apresentadas, você pode contatar o comitê responsável pela avaliação do estudo através do email cep.cmd@maededeus.com.br ou pelo telefone (51) 3230-2016.

TERMO

Eu, _____, RG nº _____
declaro ter sido informado e concordo em participar voluntariamente de entrevista online para estudo acima descrito. Declaro que li as informações contidas nesse documento e que fui devidamente informado(a) sobre os objetivos, sobre os procedimentos que serão utilizados e sobre a finalidade da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade. Declaro, ainda, que recebi uma via deste Termo de Consentimento. Por fim, registro ciência de que os resultados obtidos serão utilizados apenas pelo pesquisador e concordo que sejam divulgados em apresentações e publicações científicas.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2020.

Assinatura do entrevistado

Ricardo Fernandes

Ricardo Barbosa Fernandes de Sousa | Pesquisador Responsável

APÊNDICE D - TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Transcrição entrevista por videochamada com voluntário de inscrição nº 27

- **Ambientando o entrevistado e confirmando informações da ficha de cadastro**

Pesquisador: Pronto! Vamos começar a entrevista! Te chamo de xxxxx mesmo?

Voluntária F#27: Isso!

Pesquisador: Olha...

Voluntária F#27: Como é que é teu nome, mesmo?

Pesquisador: Ricardo!

Voluntária F#27: Tu é o Ricardo! Ta!

Pesquisador: Isso! Eu sou o pesquisador responsável por esse estudo. E aí o que acontece, a gente costuma começar a pesquisa validando alguns dados da tua ficha de cadastro, tá?!

Voluntária F#27: Tá!

Pesquisador: Aqui está informando que você tem um envolvimento romântico amoroso, né?

Voluntária F#27: Uhum!

Pesquisador: Quantos anos tu tem?

Voluntária F#27: Eu tenho 26 anos (dúvida). Ah, de relacionamento?

Pesquisador: Não (risos), tua idade!

Voluntária F#27: Ah, tá! 26 (risos)!

Pesquisador: Isso! Tua idade! E tua orientação sexual?

Voluntária F#27: Heterossexual!

Pesquisador: Uhum! E tua profissão hoje?

Voluntária F#27: Engenheira Mecânica

Pesquisador: Quanto tempo de namoro, de relação! É namoro?

Voluntária F#27: É namoro! É namoro! 7 anos e meio (pensativa), por aí! Oficialmente, né? Depois do pedido (risos)!

Pesquisador: Beleza! Sexo biológico. Eu preciso que tu me informe!

Voluntária F#27: Feminino!

Pesquisador: Certo! Tua orientação sexual?

Voluntária F#27: Heterossexual

Pesquisador: Que tá em uma relação heteroafetiva ou homoafetiva ?

Voluntária F#27: Heteroafetiva

Pesquisador: Certo! Na modalidade fechada?

Voluntária F#27: Sim, Fechada!

- **Como tudo começou...**

Pesquisador: Perfeito! Deixa eu ver se tem mais algum outro dado (para coletar). Não! Tá, a gente começa, depois desse processo de validação dos dados que tu fornece na ficha, a gente gostaria de saber um pouco da historia de vocês. Como é que vocês se conheceram? Como é que tudo começou?

Voluntária F#27: Basicamente, ele é meu veterano na faculdade. Então, a primeira vista, assim, foi isso! Quando eu namorava um outro, eu fui em um acampamento por amigos em comum e casualmente era o irmão dele que organizava. Me aproximei dele ali! Aí, o namoro acabou, viajei, já tive um mini relacionamento à distância de um mês na época! E na volta, numa festa a fantasia daqui, bem famosa porque ela é bem louca, a gente ficou e a gente começou a, tipo, de vez em quando. Como a gente já se conhecia, já sabia quem ele era, já tinha sido colegas em umas cadeiras (disciplinas), a gente foi desenvolvendo, assim, uma

relação mais ou menos de um ano e meio entre a gente começar a ficar e ele me pedir em namoro. Tipo, recém tinha ficado solteira, também não estava muito afim de relacionamento fixo nem nada. Daí, quando deu e tamo aí até hoje! Foi de festa mesmo, assim de noite. Bêbado!

Pesquisador: Entendi! Deixa eu te falar, a partir dessa história, a gente vai fazer perguntas sobre aquele comecinho da relação. Comecinho da relação é quando vocês estavam se conhecendo, se explorando, né? Sabendo um da rotina do outro. Então, vamos está falando desse momento da relação, o comecinho, quando vocês estavam se conhecendo, pode ser?

Voluntária F#27: Pode ser (aceno positivo com a cabeça)!

Pesquisador: Massa! Nesse primeiro momento da história que tu contou, que vocês passam a se conhecer, enfim. Tu considera que alguma mídia promoveu ou participou do começo de vocês ?

Voluntária F#27: Sim! Na época, o Facebook era bem, o chat do Facebook, né? A gente tinha acabado de migrar do Orkut pro Facebook! Então, o chat do Facebook era muito usado! Foi um pouquinho antes do Whatsapp. Acho que foi bem um ano antes de ter o WhatsApp mesmo! Então a gente chegou até a se falar pelo MSN, assim de vez em quando. Mas era mesmo o chat do Facebook era o que bombava na época. A gente se falava direto por ali e no próprio Facebook, né? Aquela coisa, curtir foto, botar um comentáriozinho, essas coisas assim! Mais foi o Facebook o principal!

Pesquisador: Tá! Tu citaste o chat do Facebook, o MSN, qual foi o outro que você citou?

Voluntária F#27: Eu falei do Orkut! Tipo, a gente na época a gente tinha acabado de..., o modelo do Orkut estava passando. E a gente tinha acabado de mudar pro Facebook mesmo. Foto, chat, comentário.

Pesquisador: E isso foi em?

Voluntária F#27: 2011! 10 para 11. É! Então, assim o início era Facebook total!

Pesquisador: E nessa época tu utilizava alguma plataforma de paquera? Sei lá, chat terra ou alguma coisa nessa ordem ?

Voluntária F#27: Não, Não (risos). Não utilizei! Na época era só Facebook mesmo! Eu adicionava as pessoas no Facebook e puxava conversa. Era o que se tinha na época! Chat do Terra, eu acho que era um pouco antes! Quando eu era mais nova, eu fazia de brincadeira, mas na época eu realmente estava atrás de alguém. Era mais, menos mídias sociais e mais conhecer. Era, realmente, adicionar a pessoa no Facebook, sabe? ...

Pesquisador: É! Nessa época que vocês estavam se conhecendo?

Voluntária F#27:É! Te vi na festa, te adicionei no Facebook e aí começa a conversar!

● ESTÁGIO 1 - INICIALIZAÇÃO| EXPERIMENTAÇÃO

Pesquisador: Entendi! E nessa fase do comecinho da relação que vocês estavam se conhecendo, tu chegou a utilizar alguma mídia para poder investigar se ele estava conhecendo outra pessoa ?

Voluntária F#27: Sim (pensativa)! Eu olhava no Facebook também para ver indiretinhas, comentários, likes. Na época, parecia do lado todas as atividades, não se tu lembra, que o chat ficava na lateral, as pessoas online e em cima, eu tenho uma memória boa e as vezes inútil(risos), e em cima...

Pesquisador: Que ótimo (risos)!

Voluntária F#27: e em cima tinha as atividades das pessoas. Fulano comentou tal coisa. Fulano não sei o que. Às vezes aparecia para mim "ah, fulano comentou na foto de não sei quem". Aí comecei, sim, a conhecer os amigos dele. Conhecer até as "concorrentes", né?!

Entre aspas. Então o Facebook era bem usado para meio que isso, a gente briga de "stalkear" a pessoa, mas sim, usava o Facebook para isso!

Pesquisador: Era só o Facebook que tu investigava se ele estava conhecendo alguém?

Voluntária F#27: É! No Instagram, na época, não tinha para android! Eu lembro que ele tinha o Instagram, porque ele tinha ipod, aquele, tooch e tal, mas não era quase muito usado porque realmente não tinha sido aberto pro android ainda. Cheguei a olhar, mas nada que tenha desenvolvido porque era uma mídia restrita ao público da Apple!

Pesquisador: Nessa época, então, era só Facebook? O Orkut não estava envolvido, né?

Voluntária F#27: Não! O Orkut, não! Uma vez, assim, brincando, a gente conversando "ah, vou ver teu Orkut!", sabe? Tipo, ai entrei no Orkut para ver o Orkut dele só para gente brincar. Tipo, nossa como tu era novinho, porque as fotos ficaram de antigamente. Ele também fez comentários no meu. Mas foi literalmente uma vez!

Pesquisador: Mas não foi com esse enfoque, né?

Voluntária F#27: Não! Foi só para brincar mesmo!

Pesquisador: Entendi! O modo como tu fazia essa investigação era isso, né? A plataforma te fornecia informações do que ele fazia, né?

Voluntária F#27: É! Exatamente! Do que ele fazia, do que ele comentava, onde ele comentava...

Pesquisador: E era só isso?

Voluntária F#27: ...curtia, e também quem curtia as fotos dele. Obvio! Quem comentava nas fotos dele, para mim era relevante!

Pesquisador: Entendi! Nessa fase também a gente costuma querer demonstrar interesse pro outro, né? De que a gente está interessado, de que a gente tá querendo alguma coisa com aquela pessoa. Tu chegava a demonstrar interesse por ele por meio das mídias?

Voluntária F#27: Só no chat do Facebook, mesmo, assim, porque para ti ser bem sincera foi bem rápido, assim, a gente se conhecer. Sempre foi muito físico, a coisa (a relação), mas a gente conversava bastante durante a semana. Sempre ficava naquela expectativa do que tu vai fazer no final de semana, sabe? Pra ver se a gente ia se encontrar ou se ele ia fugir de mim ou eu fugir dele, para gente não ir nas mesmas "noites" (eventos). Mais eu acho que pela conversa, dava para notar um interesse tanto meu em conhecer ele, apesar de na época não querer um relacionamento sério. Sempre ficou meio claro isso para nós dois, não diretamente, nunca teve a conversa de falar "não, não vou ter nada sério!". Foi meio que a gente dava a entender que do jeito que estava, estava bom, mas sempre conversando online. Era muito mais de conversar. Sempre no Facebook, na época chat online, do que ligar. Por exemplo, a gente não ligava um pro outro! Não tinha essa coisa, assim. Era conversa quase todo dia, mas nunca me ligou! Até hoje, não liga muito!

Pesquisador: Nesse caso, para ti demonstrar interesse nessa época que vocês estavam se conhecendo, né? Ninguém conhecia muito ninguém, estava os dois solteiros e tu estava tentando se mostrar para ele no sentido de "quero deixar claro que eu to interessada nele!". O que que tu fazia ali no meio das mídias ? Que tu usava para deixar ele entender que tu estava interessada nele?

Voluntária F#27: Ah, eu não fazia muito, assim. Era realmente mais na conversa direto, assim. Tipo, chamar para conversar, chamar para se ver "ah, *vamo* se ver esse final de semana?" ou "que que tu vai fazer hoje?". as vezes não era nem para sexo! As vezes era tipo, sei lá, vou no Mc dia feliz e queria um big mac. *Vamo?* Dai a gente foi, sabe? E também na época do Facebook tinha bastante os eventos das festas de porto alegre. Então, tipo confirmar presença e já usar aquilo. "Ah, eu vi que tu confirmou presença" e tal, para dar aquela sondada se ele ia está ou não ia. Aí ia lá e confirmava em várias festas no mesmo dia para me despistar, tipo isso, sabe? Confirmava em 3 e eu não sabia em qual ele ia, acontecia bastante (risos)! Mas a gente usava bastante esse recurso das festas, sabe? Virava um assunto do tipo

"ah, eu vi que tu confirmou", "vi que o fulano, amigo dele, confirmou. Tu vai também?". Era bem usado isso naquela época, para colocar nome na lista!

Pesquisador: Entendi! E deixa eu te falar outra coisa, tem uma coisa que marca muito esse começo da relação que é explorar e descobrir os interesses e os gostos do parceiro. Nessa época em que vocês estavam se conhecendo, então, isso era bem bom, essa fase da relação. Tu chegaste a utilizar as mídias para descobrir os interesses, os gostos dele?

Voluntária F#27: Sim! Eu cheguei a ver principalmente música, porque na época o Facebook, a gente botava algumas coisas de interesses, curti umas páginas. Então, eu via assim o que que ele tinha curtido, a página de tal cantora, as coisas que ele próprio curti. Fulano curtiu tal publicação! Isso também notei com o que ele trabalhava, estava escrito lá, sabe? Essas coisas assim. Eu fui atrás desse tipo de informação e eu acho que, até hoje, ele não é muito de curtir as coisas, de postar. Nunca vi uma pessoa indisposta de expor seus interesses, mas do pouco que tinha lá, eu conseguia identificar assim que ele era uma pessoa que, além de conhecer ele pessoalmente, tinha alguns interesses parecidos, principalmente musicais, por exemplo!

Pesquisador: Então, o modo como tu fazia essa descoberta seria basicamente pelas coisas que ele curti, é isso? Que o perfil (Facebook) te informava que ele curti, né?

Voluntária F#27: Isso! Isso!

Pesquisador: Nessa época também, no começo da relação, a gente costuma também se explorar sexualmente. É um dado interessante da pesquisa. Então, vocês chegaram a trocar nudes, vídeos sensuais, fotos mais sensuais, alguma coisa desse tipo?

Voluntária F#27: Uma vez, numa volta de uma festa bem bêbado, ele me ligou no Skype e aí a gente fez sexo virtual. Tipo, a gente não estava namorando e foi, sei lá, ele me ligou para gente continuar conversando, porque a gente ficou na festa. Não era toda a festa que a gente ficava. Às vezes ele ficava com outra, às vezes eu ficava com outro. Daí, sei lá, a gente estava e ele me ligou para continuar a conversa. E, no fim, a conversa foi para isso, mas foi a única vez que a gente antes do namoro usou alguma mídia para isso. Fotos na época não se enviava, não tinha Whatsapp, não tinha Snapchat, ainda. Mas sim, a gente já chegou a utilizar Skype

Pesquisador: Então, seria a mídia o Skype. Nessa época era Skype? você lembra?

Voluntária F#27: Era Skype! Aham, era Skype!

Pesquisador: Alguma outra mídia ou só essa?

Voluntária F#27: Na época, só Skype!

Pesquisador: Deixa eu te perguntar, e isso é algo bem opinativo, tá?! Na tua opinião, o que que te levou, ou levou ele porque, enfim, foi meio por ele, que levou vocês a escolher o Skype para fazer esse tipo de prática ?

Voluntária F#27: Eu acho que ele sempre foi muito gamer e se eu não me engano ele usava, eu não sei, se ele já usava o Skype, se já tinha esse costume de usar coisas com som e vídeo para falar durante o jogo. Score, essas coisas assim. Acho que na época ele me perguntou que que eu tinha de (mídia) para gente continuar conversando. E eu não tinha conhecimento do Hangouts na época, senão me engano, e eu sabia que eu tinha o Skype porque uns meses antes eu tinha ido passar um mês na França e eu já tinha usado Skype para falar com a minha família, com meu namorado na época e tal. Então, era algo que estava fácil para mim. E acho que tinha no celular, também! Ou não tinha no celular (pensativa)?! Acho que não foi no celular! Foi sim! Foi no celular. Pra mim foi no celular e para ele no computador!

Pesquisador: Entendi!

Voluntária F#27: Lembrei. Era por isso, assim, era a mídia que eu tinha, porque ele tinha conhecimento de outras que ele usava para jogar!

Pesquisador: Perfeito! E da tua parte, essa mídia era tranquila? Não teria problema de vocês falarem por ali para fazer esse tipo de prática?

Voluntária F#27: Não, para mim era...nem pensei nisso, na época, mas tipo, foi!

Pesquisador: Não estava nem em condição, né (risos)?!

Voluntária F#27: É! Tipo isso (risos)!

Pesquisador: Tá certo, esse foi o primeiro bloquinho de perguntas que foi sobre o comecinho da relação. E agora vamos para um outro momento da relação. Sabe aquele momento em que vocês ainda não estão namorando, mas tu toma consciência de que tua rotina está muito misturada com a dele. E a partir disso, desse momento em que vocês passam mais tempo juntos, tu começa perceber que os teus círculos sociais passam a se relacionar com os dele e vice-versa. Te lembra desse momento da relação?

Voluntária F#27: Lembro!

● ESTÁGIO 2 - INTEGRAÇÃO | INTENSIFICAÇÃO

Pesquisador: Pronto, a gente vai falar desse momento em que vocês passam mais tempo juntos. Nesse estágio, tu utilizou alguma mídia para se aproximar de conhecidos dele? Familiares, amigos...

Voluntária F#27: O Facebook também. Na época era bem forte, tinha, era onde, até tinha um grupo com os amigos. Os amigos dele tinha um grupo que marcavam eventos em casa, sabe?! Sempre foi um grupo muito grande de amigos. E aí eu tinha aquela coisa de eu quero ir com ele. E ele, "não tem umas amigas pra levar?" porque os guris vão tá por lá. E eu já comecei a trazer minhas amigas para conhecer. Uma amiga minha, inclusive, começou a namorar um amigo dele antes de namorar ele. Eu fiquei, "meu deus, eu que quero namorar com ele e tu arranjar namorado mais fácil ?!". Então, era mais no Facebook mesmo, sabe? A minha amiga começou a namorar ele e aí já adiciona o amigo dele que começou a ficar com a minha amiga. Tipo, na época eu achava, quanto mais amigos dele eu tivesse, nas minhas redes, mais eu ia está por dentro. Mas eu ia ficar sabendo das coisas, eles iam me ver também. Tipo, aquela coisa, a gente quer que os amigos do cara gostem de ti. A gente quer que tuas amigas gostem do cara, aquela coisa toda assim. E aí eu acho que foi bem isso, assim. Ele também começou a adicionar as minhas amigas. Começou a conhecer e tal. Acho que era muito mais o Facebook para isso. Foto das festas, daí a gente começou a aparecer nas fotos e em eventos juntos. A gente sempre foi colega, colega de faculdade não porque eu passava nas cadeiras e ele não, então acabei passando ele mesmo sendo meu veterano. Tipo, muita gente nos conhecia e nunca nos viu juntos, sabe? E começou a gente aparecer em fotos de eventos que a gente estava junto, sabe? Juntos no sentido de no mesmo ambiente. Daí as pessoas começavam "ah, se conhecem da faculdade!". quando a gente começou a namorar teve gente que estranhou "ué, da onde, sabe?". Porto alegre é desse tamanho. Eu podia estar numa foto dele na festa dos amigos dele, porque eu conheço uma pessoa que não tem nada a ver com ele. Tipo, o acampamento! Eu fui no acampamento porque meu ex era um amigo. Daí cheguei lá, estava o meu veterano e fui ver era o irmão dele que estava organizando, sabe? Tipo, foi uma coisa muito "ah, aquele ali é meu veterano!", "Bah, jogou tinta na minha cara há um mês atrás!", essas coisas assim. Mas era mais Facebook, muito forte. Começou mesmo a me aproximar dos amigos dele e adicionar, me sentir na liberdade de comentar na foto de uns amigos porque eu comecei a conviver com os amigos, sabe? Com alguns eu comecei a ter uma relação que até hoje eu não sou a namorada dele, eu sou a XX que sou amiga também, sabe?! isso começou desde aquela época!

Pesquisador: Entendi! *Vamo* vê se eu peguei direitinho, está?! As mídias que tu utilizava, basicamente, era o Facebook. E os modos, pelo que consegui mapear, foram adicionando essas pessoas, comentando nas fotos, interagindo a partir dos conteúdos, e a terceira forma foi a partir de um grupo formado por esse círculo de amizade dele. É isso?

Voluntária F#27: Isso!

Pesquisador: Então esse grupo que ele formava, era um grupo de saída? Como é que era esse grupo de amigos?

Voluntária F#27: Era um grupo de amigos dele, assim, porque ele tinha um grupo de amigos muito grande que sempre gostaram de fazer uma "festa no sítio do fulano". Aí, claro, convida os amigos. Convida as amigas, convida uns caras nada a ver. Convida umas gurias nada a ver para fazer uma festa que não tinha a intenção de juntar dinheiro, nem nada. O pessoal ia se reunir, conhecer gente, pegar gente, beber junto, sabe?

Pesquisador: Mais esse grupo era formado como? Era um chat que colocava todo mundo dentro? Como é que era feito?

Voluntária F#27: Não, era aqueles grupos do Facebook, não sei se tu te lembra. O grupo fechado, as vezes tem os "closed groups" que é secreto que daí, no caso, tu precisa pedir a acesso para entrar, que tu não enxergar, que tu comenta. Esses grupos no geral. Eles tinham um desse. Tinha um só dos homens, óbvio, que daí eles falavam tudo que eles queriam. Eu diria que seria o precursor do grupo do WhatsApp, sabe? Lá se falava, se comentava, se decidia as coisas. "ah, *vamo* fazer um carnaval todo mundo junto!". Criava um grupo "carnaval 2013", sabe?! Era essas coisas assim! E aí no grupo se falava, se mandava foto. Combinava os eventos. Era mais assim!

Pesquisador: Entendi! Que legal! A forma que tu utilizava para isso é como tinha falado, adicionar as pessoas e a partir do comentário de fotos e do grupo, né? Do teu namorado, no caso...

Voluntária F#27: Isso!

Pesquisador: Perfeito! E nessa fase em que tão passando mais tempo juntos, os círculos sociais começam a se relacionar, vocês naturalmente tinham muitos momentos juntos, né? Vocês utilizavam, tu utilizava no caso, alguma mídia para poder compartilhar desses momentos que tu teve com ele?

Voluntária F#27: Não! A gente nunca usou nada, tipo, enquanto a gente não estava namorando até porque, foi bem conturbado no sentido de que eu sempre disse que eu não queria nada sério. Então, no momento em que ele postasse uma foto com alguém, ele se torna "indisponível", né? Pras outras que estão olhando, estão atentas e a mesma coisa para mim, sabe? Então, a gente começou a ficar mais tempo junto. Eu também tinha outros "casos", vamos dizer assim, relações mais casuais que no momento em que eu enxerguei que eu não queria mais essas relações casuais, ok! Eu me abstive por livre e espontânea vontade de ver outras pessoas. Mas eu nunca postei, sabe?! Primeiro porque ele poderia se sentir cobrado se eu postasse uma foto nossa, coisa que eu não queria, esse sentimento, e também não queria fechar o mercado dele, ele achar isso. E daqui a pouco isso se virar contra mim, sabe?! Ah, vou lá postar uma foto com ele. Vou marcar. Todo mundo vai ver e ele vai ficar brabo comigo, sabe?! Coisas do tipo. Então, a gente nunca postou nada enquanto a gente não começou a namorar!

Pesquisador: Entendi! E nesse momento da relação em que vocês passam mais tempo juntos, a gente costuma partilhar dos nossos problemas, nossos medos, qualquer outro tipo de intimidade, de informação mais pessoal, não é?! Vocês chegaram a trocar esse tipo de informação, da tua parte?

Voluntária F#27: Sim! A gente trocou...

Pesquisador: Por quais mídias?

Voluntária F#27: Facebook! A gente trocava bastante mensagem na época. SMS, que não chega a ser uma mídia social, mas era SMS, que eu tinha um plano de SMS ilimitado, né?! Na época era "uau". Ele também! Mas daí quando ele chegava em casa, ele dizia "ah, cheguei em casa, *vamo* falar no Facebook que é mais fácil!", que é tipo, mais dinâmico. Vai digitando e vai indo, sabe?! Muito mais fácil que SMS que demora para ir e tal. Então, era realmente, muitas conversas foram por lá!

Pesquisador: Sempre pelo Facebook, pelo chat do Facebook, né?

Voluntária F#27: Chat do Facebook!

Pesquisador: era isso que ia te perguntar. Se tem alguma razão ou motivação para vocês escolherem o chat do Facebook?

Voluntária F#27: Era por ser mais fácil, mesmo. Tipo, na época o Facebook, eu usava computador, ele sempre usou e continua usando até hoje porque ele joga. Eu usava muito computador porque na faculdade e tal. O computador, mesmo que eu tivesse no celular super bom, eu já tinha uns Galaxy s da vida ou tipo o último que tinha sido lançado, mas o computador era algo que eu usava muito! Tava ali, já estava aberto, primeira coisa que eu abria no meu Chrome já era o Facebook! E ele mesmo dizia, "ah, cheguei em casa! *Vamo* falar no Facebook!", sabe? Ele trazia isso porque para ele, como ele já ia ta no computador de qualquer jeito, ele conseguia ao mesmo tempo que ele tivesse jogando, me responder, sabe?!

Pesquisador: Uhum! E deixa eu te falar...

Voluntária F#27: Não tinha que parar para falar, sabe?!

Pesquisador: Aham! E tu acha que a intimidade de alguma maneira afetou no processo de escolha de vocês da mídia ou não, não tem muito a ver com isso?

Voluntária F#27: Não, acho que não! Acho que era a praticidade dele, mesmo! E como eu queria muito conversar com ele, eu aceitava o que ele quisesse dizer. Se ele dissesse vamos conversar por cartas, eu ia dizer sim (risos)! Eu acho que era mais ele mesmo, tipo, ele é até hoje *vamo* conversar escrevendo, que ele digita muito rápido! Ele sempre foi essa pessoa, ele tem duas telas. Então, ele estava com uma tela no jogo e uma tela respondendo, sabe?! Então, ele responde rápido. Foi escolha dele mesmo e eu só aceitei!

Pesquisador: E nunca teve conflito, né? Ele sempre respondia rápido, né(risos)?

Voluntária F#27: É! Exatamente (risos)! tipo, ele estava, era mais fácil eu ser respondida ali e ele me responder também. Até ele sentar para conversar, dizer que ele não tá jogando, está conversando só comigo, também tinha! E provavelmente ele conversava com outras pessoas também porque, não sei se tu lembra, o chat do Facebook quando estava com mais de alguma conversa ele abria pequenininho, assim. Tinha aqui o chat que tu clicava e aparecia as pessoas online. Aí abria uma conversinha aqui pequenininho assim na tela (expressando e delineando as telas). Então, era fácil de ver duas, três conversas juntinhas assim, sabe?

• ESTÁGIO 3 - OFICIALIZAÇÃO

Pesquisador: Entendi! Perfeito! A gente vai pro terceiro momento da relação! Agora, a gente vai falar do momento em que vocês oficializaram a relação! Ou seja, estão namorando! Tá?

Voluntária F#27: Tá! Finalmente, depois de um ano e meio!

Pesquisador: Foi um ano e meio vocês se conhecendo?

Voluntária F#27: um ano e meio! É, se conhecendo e eu decidi que quero ficar só com ela, decidir pedido de namoro, sabe?! Foram três etapas, assim (risos)!

Pesquisador: Entendi! Vamos falar dessa história da etapa da oficialização que vocês estavam galgando esse caminho. Nesse processo que vocês estavam, então, pensando em oficializar, houve algum tipo de conversa com o teu parceiro sobre o modo como vocês iriam informar sobre a relação nas mídias? Vocês conversaram sobre isso?

Voluntária F#27: Não, mas foi mais ou menos assim: Como foi no carnaval, o carnaval, falando já do assunto, tinha sido marcado naquele esquema de fazer um grupo, sabe?! Vamos fazer um carnaval juntos! Vamos criar um grupo com todo mundo que vai para o carnaval, *vamo* combinar carona. Tudo lá! Então, foi um carnaval que ele me convidou para passar com os amigos dele, para levar minha amiga que já estava namorando um amigo dele, a outra que já ficava com outro amigo dele. Juntou umas 15 pessoas, numa casa, e a gente foi! Aí no carnaval que ele pediu em namoro e aí a gente nunca falou, assim. Eu sempre quis deixar a

escolha dele porque eu já estava decidida no sentido de que eu queria ficar com ele. Então, no momento em que ele escolhesse, ok! E da divulgação, eu já tinha comentado com a minha mãe que eu já estava ficando com alguém, que já estava se encaminhando pro namoro. Então, não seria surpresa para ela. Seria surpresa pro meu irmão que é super ciumento, seria surpresa pro meu pai, mas achei que seria a maneira mais fácil de não precisar contar. Meu irmão vai ver no Facebook para contar pro meu pai. Me poupo do trabalho, sabe?! Então, perfeito! Aí, a gente estava na época, em morros com ventos (cidade). A internet não era das melhores coisas. Alguém tinha levado um notebook para trabalhar, senão me engano, e ele chegou a querer postar, sabe? Daí eu lembro de alguém comentar "ah, já vai postar no Facebook?! Então, é sério, mesmo!". Brincando, rindo assim. E no fim, ele disse que não postou naquele dia porque ele falou que "É carnaval! Ninguém vê o Facebook! Então, não vou postar agora!". Ele decidiu não postar no meio do carnaval porque ninguém ia ver. Tipo, não, espera! *Vamo voltar, vamos esperar voltar!*

Pesquisador: Mas isso foi uma conversa entre vocês ou ele já decidiu que não ia postar naquele dia?

Voluntária F#27: Ele decidiu não postar! Ele tinha decidido postar, daí quando um colega dele meio que falou "no meio do carnaval?! O cara no meio do carnaval começa a namorar", aquelas brincadeiras. Claro, a gente já estava junto, eu fui na casa com os amigos dele! Aquele carnaval a gente já estava junto. E foi assim, foi ele que decidiu. Ele acabou e eu "Bom, no momento que ele botar, eu vou aceitar lá e deu!". Ele só disse, comentou na minha frente. Não foi algo que a gente sentou e conversou "como vamos fazer?!". Eu estava junto ali, numa sala. Eu vi a piadinha e aí ele disse isso. Não foi uma conversa nossa, eu e ele!

Pesquisador: E depois retomaram essa conversa ou tu também não fez questão?

Voluntária F#27: Não! Não! Pra mim era tanto faz. No momento em que ele postar, estava bom. Claro, se fosse demorar muito, eu iria ficar "como assim?! tá com vergonha?!". Daí, eu fui para minha casa na praia que era em Santa Catarina e ele voltou. Chegando lá, eu vi, só tinha um canto da casa que pegava 3G, e aí eu vi que ele tinha postado, quando ele tinha chegado, até porque a mãe dele, lembrei, ele me comentou depois. A mãe dele sabia que ele tinha alguém, até porque ela sabia que vinha alguém aqui escondido. Aqui, no caso, é porque hoje em dia eu moro na casa dele! E ele queria contar para mãe antes de postar, ele me contou depois, agora me lembrei. Na época, ele desistiu porque era carnaval, mas depois ele refletiu, sóbrio, que ele queria que a mãe dele, que já tinha Facebook na época e tinha ele no Facebook, seria legal ele contar, porque a mãe dele super apoiava e tal. Então ele contou para mãe e postou!

Pesquisador: A mídia que envolveu tudo isso foi o Facebook e o modo era alteração do status, né?

Voluntária F#27: Isso!

Pesquisador: Deixa eu te falar, e isso é bem pessoa, da tua experiência. Nessa fase da relação, já que estamos falando da oficialização, do compartilhamento de que vocês estão em uma relação, tu consegue ver alguma razão ou motivação que levou vocês a conversarem sobre esse tipo de coisa, de como vocês iriam falar sobre isso nas mídias? Que no caso era o Facebook, né?

Voluntária F#27: Não, para mim era irrelevante! Uma vez, quando a gente estava ficando, ele botou que o perfil dele era solteiro, por exemplo. Ele não tinha nenhuma informação. Então, na época, ele fez questão para todos os piadistas de que "ah, tá com coleira!", aquele bla bla bla todo dos amigos nada tóxicos, nada masculinidade frágil, né?! Ele pôs solteiro de propósito assim, sabe? Não! Gente, lembrei de uma coisa agora! Voltando em mídia, existe o Twitter também!

Pesquisador: Pode falar! Twitter? Aonde?

Voluntária F#27: O Twitter! Eu seguia, lembrei! Eu seguia ele no Twitter, ele me seguia também! Isso a gente já na fase da gente quase namorando, tá?

Pesquisador: Ah, na fase que a rotina de vocês já estava misturando, né?

Voluntária F#27: É! Um pouquinho assim! Daí, a gente interagia muito pouco. Nunca dando a entender nada, assim, de que a gente estava junto e tal. Às vezes umas indiretas eu pegava, algumas indiretas eu jogava. Mas teve uma vez que a gente estava ficando, ficando no sentido de ainda não estávamos namorando, mas foi bem perto, ele estava num hotel com os avós dele! E daí ele postou "ah, pessoal indo dormir e eu com saudade da XX" e me marcou, sabe?! Quem me conhecia, prima dele que seguia ele, muita gente sabia quem eu era. Não era uma surpresa, mas eu lembrei agora que o Twitter, na época, a gente interagia pouquíssimo, zero quase, pelo Twitter. Então, foi uma surpresa para mim ele ter me citado naquele comentário e ainda dizendo que estava com saudade, sabe?! Foi tipo, a única...

Pesquisador: Seria um compartilhamento de momento, no Twitter?

Voluntária F#27: É! Ele postava muito pouco no Twitter. Ele postava as vezes músicas, coisas que ele estava ouvindo. Clipe, um vídeo novo, um seriado que, na época, ele já assistia seriado na época. E aí ele postou! Tipo, ah pessoal indo dormir, ele estava em Gravataí, lembrei! Pessoal indo dormir e eu com saudade da @XX sei lá qual era meu Twitter na época! Foi a única vez que rolou alguma publicação em alguma mídia, tinha esquecido completamente. Falei que minha memória era boa, mais ou menos! Mas rolou uma publicação! O Twitter dele era fechado, quase certeza! Tipo, ele tinha, na época o Twitter era bastante usado, pelo menos na nossa rede (de amigos). Hoje em dia, eu conheço pouquíssima gente que ainda usa! Então, os amigos dele de faculdade, amigos mesmo mais próximos, as primas dele e tal. A maioria das pessoas que estava no Twitter dele que era fechado, já sabiam que a gente ficava. Então não foi exatamente uma surpresa, mas para minhas amigas que seguiam ele, foi "Ah, meu deus! Ele te marcou! Ele ta com saudade!", sabe? Mas foi a única demonstração assim

Pesquisador: Já que tu fez esse retorno, só para gente deixar claro. Momentos que vocês viveram, sei lá, passeios, esse tipo de coisas acontecia em alguma mídia? Porque tu lembrou do Twitter, nesse sentido, será que tu não partilhou de alguma coisa no sentido de "ah, estava em algum lugar com ele!", sabe?

Voluntária F#27: Não!

Pesquisador: Isso aí não?

Voluntária F#27: Não! Eu nunca, realmente. Foi a única interação clara de que a gente tinha alguma coisa, foi esse dele! A gente nem foto, nem nada! Nunca diretamente, nunca aberto. Nunca citando! Se eu respondido algum Twitter dele, foi pouquíssimo, até porque ele não era muito de ir no Twitter escrever! Ele as vezes ou postava um link, as vezes dava um RT de alguma banda, alguma notícia. Ele não era de interagir no Twitter. Ele não postava!

Pesquisador: Mas da tua parte, postar esse tipo de coisa, não acontecia, né?

Voluntária F#27: Não! Também não!

Pesquisador: Tá!

Voluntária F#27: Talvez alguma indireta que eu queria que ele lesse e que eu nunca soube que ele leu, assim, sabe? Mas tipo...

Pesquisador: Tipo?

Voluntária F#27: Bem coisa de adolescente! Ah, sei lá, um dia em que eu fiquei chateada por alguma coisa que ele fez ou a minha amiga, era aquelas coisas que a gente fazia, a gente não posta indireta, mas a gente pede para amiga postar e a gente da RT, sabe? Tipo, eu dei RT porque aquilo me representa! Tipo, "posta aquela coisa que eu dou RT!".

Pesquisador: Isso é bem interessante! Isso acontecia naquela fase em que a rotina de vocês começava a se entrelaçar, né?

Voluntária F#27: Isso!

Pesquisador: O que que acontece, tinha alguma mensagem que tu queria passar para ele e tu pedia para uma amiga postar no Twitter e tu retuitava?

Voluntária F#27: Isso! Não era tipo sempre, mas já aconteceu! Eu não me lembro de eu ter postado, eu realmente ter postado porque na época eu achava "Nossa, que infantil! Postar indireta!". E eu nos auge dos meus 18 anos, 19. No fim, eu pedi para minha amiga postar e eu dar RT era a mesma infantilidade que eu achava na época, mas ok. Na minha cabeça era menos infantil. Mas sim, aconteceu!

Pesquisador: Isso seria uma maneira de tu falar o que estava sentindo para ele nessa fase, a tua intimidade?

Voluntária F#27: É, era uma forma! Não, era normalmente quando eu tinha ficado chateada. Já aconteceu de, tipo, a gente ir numa festa e ele ficar com uma guria na minha frente. Eu saber que a pessoa tá livre para ficar com uma pessoa é uma coisa, você obrigada a ver não é a mesma coisa, sabe? Era nesses momentos, assim, de que realmente batia uma tristeza. Mas era mais isso, assim.

Pesquisador: Insegurança, né?

Voluntária F#27: É! E eu pedia para alguma amiga postar alguma coisa e eu dar um RT. Ou tipo, uma amiga que seguia ele, que ele seguia então ele veria que ela twittou alguma coisa e a minha resposta, sabe? Apareceria no feed para ele! Tipo, uma coisa só e eu responder ou uma coisa e eu dar RT. Era tipo isso!

Pesquisador: Interessante! Tá, vamos retomar então para fase da oficialização que estávamos falando. Eu estava te perguntando se nessa fase, qual a razão ou motivação que tu vê para falarem sobre a alteração do status no Facebook. Por que que tu acha que vocês falaram sobre isso?

Voluntária F#27: Trancou, aqui. O que eu acho de...?

Pesquisador: Que que acontece?! A gente tá na fase, só para retomar, que vocês oficializaram a relação! E tu me relatou aí que no momento em que vocês estavam pensando em namorar ou oficializou a relação de vocês, rolou o papo do Facebook. E aí eu tô te perguntando, que foi a única mídia que tu utilizou para minimamente informar que vocês estavam numa relação, né? E aí tô te perguntando, qual foi a razão ou se tu consegue ver uma razão ou motivação para vocês falarem sobre essa alteração no status do Facebook?

Voluntária F#27: Rolou uma motivação! A gente não chegou a conversar sobre, mas tinha me ficado uma expectativa de quando ele faria justamente porque a relação era até então "escondida" no sentido de ele não quis me apresentar para mãe dele, por exemplo, enquanto não fosse oficial, sabe?! Mãe dele já sabia quem eu era, porque como eu conhecia o irmão dele no tal acampamento que o irmão dele organizou, eu conhecia o irmão e a cunhada. Então, chegou a fofoca no ouvido deles de que era eu a pessoa que era a "mina" que ele ficava. Para mãe dele, eu só fui ter nome pela boca do meu namorado quando eu virei namorada. E ele mesmo já tinha dito, não tinha dito exatamente, um dia ele me convidou para vir aqui e ele disse "ah, não vai dar! Minha mãe vai ficar em casa!". E aí eu brinquei "ah, quem sabe eu já conheço ela!". e ele falou assim "não! Só apresento pra minha mãe minha namorada!", sabe? Então ficou bem claro! Tinha rolado uma expectativa minha, de quando ele iria trocar o relacionamento para relacionamento sério, né?! Pra justamente para isso, sair dessa porque todo mundo que é nosso próximo, que é nosso amigo e tal sabe, mas o resto tudo, tudo, a gente sendo colega de faculdade, pouquíssimas colegas nos viram juntos, porque a gente não interagia! Eu literalmente dormia na casa dele, a gente ia para aula no outro dia. Chegamos lá como dois desconhecidos! Então, eu tinha aquela expectativa de quando ele ia dizer pro mundo e eu também não falava. Eu não fazia questão de falar, para mim era irrelevante. Alguns sabiam. Fofocas devia rolar, mas também eu não tô nem aí. Mas era mais por isso, esse sentimento de dizer que sim, que ele era meu namorado! Ele não está me enganando há um ano e meio!

Pesquisador: Entendi! E nessa fase...

Voluntária F#27: Daí, acabou que fiquei nesse impasse!

Pesquisador: Entendi! Nessa fase da oficialização, tu costumava usar mídias, isso é bem da tua experiência, para fazer declarações de amor para ele?

Voluntária F#27: Não! Demorei um pouquinho. Na época, já tinha Instagram! E eu postei uma foto (pensativa), eu acho que alguns meses depois, assim. "Nossa, olha só ela, toda apaixonada!", minhas amigas falando. Foi a primeira vez que eu postei alguma coisa!

Pesquisador: Ah, foi no Instagram?

Voluntária F#27: Isso já foi no Instagram!

Pesquisador: Tu lembra o ano disso?

Voluntária F#27: Foi em 2013. Foi quando a gente começou a namorar, senão me engano em 2012 o Instagram abriu para android!

Pesquisador: Entendi! Nessa época tu chegou a fazer declaração de amor por mídia. A mídia escolhida foi Instagram?

Voluntária F#27: Foi Instagram!

Pesquisador: Foi só ela?

Voluntária F#27: Eu postei uma foto... Sim! Não, no caso, provavelmente a foto eu publiquei no Facebook, né? Que tinha aquele link sempre se tu queria publicar no Facebook a foto que tu estava publicando no Instagram!

Pesquisador: Hum! E como é que tu fez essa declaração? Foi uma foto, então?

Voluntária F#27: Foi uma foto! A foto minha e dele e eu dizendo que amava morder as bochechas dele. Tá aqui a foto, por sinal (mostrando no celular a postagem)!

Pesquisador: (risos) Recuperou a foto, né?

Voluntária F#27: Eu fui ver se era realmente no primeiro ano. E tipo, foi uns dois meses que a gente começou a namorar. Na verdade, foi 40 dias, porque o pedido de namoro foi no carnaval e no feriado de páscoa a gente fez um feriado com amigos. E aí eu postei essa foto no Instagram e no Facebook!

Pesquisador: Tu só fez essa declaração ou tinha outras manifestações de gostar dele, de dizer que estava gostando, não?

Voluntária F#27: Não!

Pesquisador: No WhatsApp, nada?

Voluntária F#27: Não tinha Whats na época! Eu pelo menos não tinha. Ou já tinha (pensativa)? Não, eu acho que eu não tinha! Ele não tinha! Mas não! Pouquíssimas pessoas tinham. Se eu tinha, tipo, recém baixei, naquele ano de 2013, no caso. Mas não foi bem no início!

Pesquisador: Entendi! E tu consegue os momentos ou circunstâncias que te levavam a se declarar para ele?

Voluntária F#27: Mais ou menos. Eu no caso, a gente conversava muito ainda por mensagem, ainda por Facebook. Eu acho que, na verdade, eu ter postado no Instagram foi muito mais eu quebrar isso de que a gente não tinha nenhuma foto. Poxa, ele é meu namorado e a gente não tem nada! Só tem ali dizendo no Facebook relacionamento sério, sabe? Ele também nunca tinha postado foto comigo. Eu lembro que na época toda vez que, eu nunca fui muito de postar foto. Hoje em dia com stories eu posto stories o tempo todo! Mas foto de ficar no feed, era algo que eu não era muito assim de postar, sabe? Em compensação o Twitter eu usava bastante. Escrevia! mas fotos de momentos para ficar, sei lá, parecia para mim algo que era para ficar! Twitter é tipo tive uma vontade, fui lá, escrevi e passou, sabe? Aí, essa foto eu tive essa vontade! Poxa, a gente namora, ok há dois meses, mas eu já estava com ele há quase um ano e meio, já! E a gente não tinha nenhuma foto! Aí fiquei nisso, sabe? Bah, não! Acho que todo mundo já sabe que eu namoro. Meu irmão, minha mãe, todo mundo, o mundo já

sabe que a gente namora, eu acho que pode postar uma foto! Aí fui lá, achei legal a foto e postei!

Pesquisador: Tu citaste o Twitter. Tu fazia declarações para ele no Twitter?

Voluntária F#27: Não que eu me lembre! Acho difícil, acho bem improvável!

Pesquisador: É que tu falou algo do Twitter, achei que tu tivesse...

Voluntária F#27: Não, é que o Twitter eu usava mais. Eu sempre fui uma pessoa que achava que foto era algo que não era a minha cara, mas isso não quer dizer que eu não fosse uma pessoa "overshare" da minha vida. Eu compartilhava bastante coisa escrita no Twitter. Meu Twitter eu acho que era fechado, por isso que eu sentia mais essa liberdade que eu escolhia quem estava lendo as minhas coisas. O Facebook, não! O Facebook era o lugar em que eu adicionava pessoas que tinha conhecido na festa, pessoas da faculdade e eu nunca tranquei minhas fotos, nem nada. Facebook, para mim, é meio aberto. Meu Instagram também é super aberto. Então, eu achava que o Twitter era como se tivesse conversando com as minhas amigas, entre aspas, pessoas que eu conheço. Mas nunca declarei nada para ele, especificamente, até porque ele não usava, entendeu? Como ele não era, a gente não interagia! O Facebook e o Instagram, que na época já estava famosinho e tinha aberto pro android, eu achava que era mais o mundo todo. Nossa, estou publicando para o mundo que eu tenho uma foto com o meu namorado. Me deixa! É meu direito postar foto com meu namorado. Porque eu ficava assim "bah, não tem uma fotinho?!"

Pesquisador: Entendi! Muito obrigado, esses foram os blocos sobre a relação. E agora vamos falar sobre a pandemia e o estudo, tá?

Voluntária F#27: (aceno positivo com a cabeça)

- **Pandemia**

Pesquisador: Sobre a pandemia, como é que ficou o uso de mídia entre vocês? Pelo que vi aqui da entrevista, vocês estão morando juntos, né?

Voluntária F#27: Sim! estamos morando juntos há um tempinho! Um pouquinho antes da pandemia eu vim para cá, mas ele trabalha fora. Então, eu fico aqui, fico dentro de casa desde março, 4 meses e meio, já. E ele trabalha normal, fora de casa. Então, entre nós é engraçado que eu vejo o WhatsApp, por exemplo, às vezes eu tenho que procurar conversa dele bem lá em baixo, sabe? Coisa que quando a gente não morava junto, a conversa dele era uma das primeiras porque a gente se falava bastante. Em compensação, Instagram, agora o TikTok principalmente, a gente vê o tempo todo! O tempo todo a gente se manda. As vezes a gente ta com uma conversa no Whats, no Whats ele não me responde, mas no Instagram ele me responde, sabe? Por que ele está usando na hora e ai tá respondendo!

Pesquisador: Mas isso é em função da pandemia?

Voluntária F#27: Sim, porque eu tenho ficado mais ativa em redes e ele também! Ele tem trabalhado, ele passa pouco mais de meio turno. São seis horas fora e mesmo quando a gente está em casa e tô trabalhando, eu fico no escritório, então não fico interagindo com ele 100 % do tempo. Então, às vezes mesmo estando dentro de casa, a gente se fala por Whatsapp ou alguma coisa ele me pergunta, para ele não me interromper, sabe? Se eu tô numa reunião ou coisa assim. E também ele passa o dia no Instagram, ele me manda vídeos no Instagram. Surge assunto no Instagram. E no TikTok a mesma coisa!

Pesquisador: Então tu considera que houve um aumento no uso de mídias, é isso?

Voluntária F#27: Isso! O Whatsapp caiu um pouco. Mas as outras mídias, Instagram, principalmente, TikTok no último mês, um mês e meio também subiu. Mais Instagram principalmente!

Pesquisador: E teve alguma mídia que tu passou a utilizar em função da pandemia ou modalidade de comunicação?

Voluntária F#27: O TikTok. Eu nunca publiquei, mas passei a usar para, porque sei lá, achei muito engraçado! Se tu não usa, fica a dica! É muito bom!

- **Sobre a pesquisa**

Pesquisador: *Vamo* falar sobre a metodologia. Como é que tu teve acesso ao estudo? Foi pelo Instagram, pelo Whatsapp, que tipo de peça tu teve acesso para ter conhecimento do estudo ?

Voluntária F#27: Instagram! Minha amiga me mandou pelo Instagram. Acho que foi uma publicação, eu não me lembro de que perfil especificamente, mas ela me mandou no Instagram, sim! Justamente porque essa amiga a gente conversa mais por Instagram! Ela responde mais rápido por lá, até pela facilidade de publicar. E ai foi Instagram mesmo!

Pesquisador: e a última pergunta que eu te faço é qual era a tua expectativa antes da entrevista? O que que tu achava que seria?

Voluntária F#27: Ah, eu achava que ia ser isso, de perguntar. Até tive um relacionamento a distância com ele, então, a mídia participou muito do nosso relacionamento por um ano, mais ou menos. Várias dificuldades surgiram nessa época...

Pesquisador: a distância, por que?

Voluntária F#27: Porque eu estava na França e ele aqui no Brasil. E depois quando eu voltei da França, ele foi para Alemanha e eu fiquei no Brasil!

Pesquisador: Essa parte eu não sabia (risos)!

Voluntária F#27: É! Um ano e meio, tipo, a gente se viu, claro. Me visitou. Ficou um mês comigo. Eu voltei, fiquei um mês. Aí ele foi, mas foi basicamente durante uns 10 meses um namoro virtual! Então, a minha amiga até viu isso e "nossa! se tem alguém que sabe de namoro e mídias e tudo, era nós!". Ela sempre soube que ele era super gamer, então sempre foi uma pessoa tipo, até hoje ele prefere conversar escrevendo do que...Se eu tiver que ligar para ele, ele "ah, não dá pra mandar um whats?". Ele não é do tipo de pessoa que quer ouvir a voz e tal. Não, *vamo* escrever que resolve rápido, sabe? Praticidade!

Eu achei que ia ser isso mesmo, um bate papo para eu contar uma parte da nossa história e voltado para pesquisa que é na questão das mídias, né? Aí não sei se eu atendi as expectativas enquanto entrevistada...

Pesquisador: Sem sombra de dúvidas! A gente quer saber tuas práticas com a mídias. É isso mesmo! Muito obrigado, vou parar a gravação aqui.

APÊNDICE E - FICHA PÓS-TRANSCRIÇÃO

Voluntária XX Ficha de cadastro nº 27 Código: F#27			
Dados			
Sexo Biológico: Feminino	Orientação Sexual: Heterossexual	Tipo da relação: Heteroafetiva (namoro moram juntos)	Modalidade da relação: Fechado
Tempo de relação: 7 anos e meio	Idade: 26 anos	Profissão: Engenheira Mecânica	Plataforma escolhida: Hangouts
Data/horário entrevista: 27.07.2020 16h30 (Terça)		Duração da entrevista: 47 minutos e 09 segundos	
Padrões, processos midiáticos e significados			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados
Mídia promoveu/ participou do encontro	Participar. 1. Facebook 2. Orkut 3. Msn	1. Conversar por mensagem privada, curtir e comentar fotos. 2. Foto, chat, comentário 3. Conversar	Embora uma festa tenha promovido o encontro, as mídias estimularam a proximidade deles
Uso de apps de paquera no começo	X	X	Embora não tenha utilizado, a respondente mencionou que tinha o costume de add pessoas no facebook e puxar conversa (propósito sexual afetivo)
Inicialização / Exploração			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados mapeados
Investigar o parceiro falando c/outros interessados	Facebook	Identifica indiretas em comentários, Analisa os comentários feitos, Avalia os perfis que dão likes com frequência	A vigilância era estimulada pela plataforma nesse estágio da relação, uma vez que informava as atividades dos amigos
Demonstrar interesse	Facebook	- Chat no privado	
Averiguar Interesses e gostos	Facebook	- Páginas curtidas (cantores) - Confirmação de presença em eventos -	Além de recurso para puxar assunto, confirmar presença em eventos podia ser usado como meio para despistar o encontro do parceiro (para encontrar outros interessados)

Explorar Sexualmente	Skype	Sexo virtual por videochamada	A respondente deu a entender que em estágios seguintes utilizou outras mídias para explorar a sexualidade
Razão escolha da mídia (sexo)	Praticidade, recursos oferecidos na época (videochamada) e por já terem a mídia em suas plataformas		
Intensificação/Integração			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados mapeados
Aproximar de conhecidos	Facebook	- Solicitar amizade após se conhecer em festas - interagindo com os conteúdos postados - Grupo fechado para planejamento de eventos (festa no sítio, carnaval 2013)	Na visão da entrevistada, a dinâmica seria como uma espécie de precursora dos grupos de amigos no WhatsApp
Compartilhar momentos juntos	X	X	Conhecer o parceiro ocorria paralelamente a outras relações casuais. Há o entendimento de compartilhar momentos como práticas mais propensas para estágios de maior solidez da relação
Razão/motivação pra compartilhar	NÃO COMPARTILHAR - O parceiro poderia se sentir cobrado na relação - Inviabilizar que outros pudessem expressar interesse sexual e afetivo		
Partilhar intimidades com o parceiro	1. Facebook 2. Twitter	1. Chat (mensagem privada) 2. Pedia pra amiga twittar e repostava (chateada, problemas, etc) postagem indireta para ser exibida no feed do parceiro	O tweet de amiga em comum foi usado como meio para expressar indiretamente chateação com o parceiro na época
Razão/motivação pra escolha da mídia	- Praticidade - Poder conciliar com outras atividades (estudo, jogar, falar com amigos)		
Vinculação Emocional			
Padrão comunicativo	Mídia	Processos citados	Significados mapeados
Conversa sobre como expor a relação	Facebook	Alterar status	A demora em alterar o status no facebook pode ser interpretada como vergonha do parceiro
Razão/motivação pra conversar sobre a relação nas mídias	- Necessidade do parceiro em falar com a mãe antes de alterar status - Afirma não ter tido conversa objetiva, mas relatou diálogo com o parceiro sobre o tema		
Declaração de amor	1. Instagram	1. Postar foto de momentos juntos +	Pouca frequência em

	2. Facebook	mensagem 2.Repostar foto do insta	declaração de amo
Motivação/circunstância pra declaração	Dinâmicas e situações das mídias Instagram e Facebook (ver outros postando)		
Pandemia			
Avaliação do uso de mídias	Aumento no uso de mídias		
Mídias/Processos comunicativos	TikTok		
Estudo			
Acesso ao estudo	Instagram UFRGS		
Antes da entrevista	Falar sobre a relação, especificamente a fase em que ficaram distantes em razão dos intercâmbios que fizeram		

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

HOSPITAL MÃE DE
DEUS/ASSOCIAÇÃO
EDUCADORA SÃO CARLOS -
AESC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A reconfiguração do amor romântico em tempos de midiatização profunda: A participação de mídias no ciclo de desenvolvimento de relacionamentos românticos

Pesquisador: Alex Fernando Teixeira Primo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 30118120.9.0000.5328

Instituição Proponente: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.105.989

Apresentação do Projeto:

O objetivo deste estudo é compreender como as mídias participam do processo de desenvolvimento de relacionamentos românticos. Para isso, planejamos aplicar um total de 20 entrevistas online individuais com (10) homens do sexo biológico masculino e (10) mulheres do sexo biológico feminino envolvidos atualmente ou recentemente em relações românticas (namoros, noivados ou casamentos). Com base nos relatos dos entrevistados, buscamos identificar quais mídias, práticas midiáticas e os significados dessas práticas foram vivenciados em momentos distintos da relação romântica — no estágio da relação em que estavam se conhecendo, no estágio em as rotinas e os círculos sociais se cruzaram e no momento em que oficializam a relação. Como término do estudo, o pesquisador utilizará os dados para promover uma análise indutiva que irá compor parte da reflexão do seu trabalho de conclusão do curso de doutorado (tese), exigência para a obtenção do título de doutor na instituição de ensino vinculada. É possível que o pesquisador possa utilizar os dados também para publicar artigos em revistas ou congressos acadêmicos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender como múltiplas mídias se articulam aos padrões comunicativos dos estágios de

Endereço: Rua Grão Pará nº 160 - 2º andar
Bairro: MENINO DEUS **CEP:** 90.850-170
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3230-2016 **E-mail:** cep.ucmd@maededeus.com.br

HOSPITAL MÃE DE
DEUS/ASSOCIAÇÃO
EDUCADORA SÃO CARLOS -
AESC



Continuação do Parecer: 4.105.989

Inicialização (Initiating), Experimentação (Experimenting), Intensificação (Intensifying), Integração (Integrating) e Vinculação Emocional (Bonding) partilhados por porto-alegrenses envolvidos em relacionamentos romântico-amorosos

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A adoção das entrevistas para a coleta de dados não trará qualquer risco ou prejuízo à integridade física ou social dos entrevistados participantes. Ainda que a entrevista online seja gravada, nomes, perfis em redes sociais ou qualquer registro identitário serão integralmente preservados. Para isso, utilizaremos pseudônimos em situações em que seja necessária a citação literal do que foi dito. Durante a videochamada, o pesquisador ficará isolado para que não haja qualquer outro sujeito no momento da coleta — algo que o mesmo irá comprovar ao exibir todo o ambiente para o entrevistado antes de dar início à entrevista. Não há qualquer intenção por parte do estudo em analisar os perfis em plataformas sociais dos entrevistados. Logo, não há qualquer risco de uma postagem ou outro conteúdo midiático dos mesmos serem usados e encontrados em mecanismos de buscas na internet. Por outro lado, no instante em que exploramos a intimidade romântico-relacional, nas quais inclui-se intimidades, alguma das perguntas podem despertar memórias ou sentimentos que podem causar desconforto ou emoções nos participantes. Essas previsões serão informadas aos candidatos no momento anterior à entrevista, no estágio em que o mesmo terá acesso ao termo de livre consentimento esclarecido e decidirá sua participação no estudo.

Benefícios: Conforme resolução CNS 510/2016 informou, considera-se benefícios “[...] as contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade”. Aos participantes entrevistados, não há qualquer benefício de cunho financeiro ou social por fazer parte do estudo. Para a pesquisa, as experiências relatadas com as mídias em meio ao desenvolvimento da relação romântica amorosa contribuirá fundamentalmente para compreendermos o modo como as mídias digitais participam no processo mais geral de reconfiguração do amor romântico na atualidade. No que tange a área de estudos, a reflexão dos objetivos apresentados trará valiosas contribuições para os campos da comunicação e cibercultura, tendo em vista a pouca expressão de investigações com a temática no país – conforme argumentamos no levantamento feito em periódicos A2 e B1 e anais dos principais congressos de comunicação brasileiros entre os anos de 2013-2018. Consideramos que a mesma possa beneficiar estudos de outros campos, como psicologia e sociologia, uma vez que considera

Endereço: Rua Grão Pará nº 160 - 2º andar
Bairro: MENINO DEUS CEP: 90.850-170
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3230-2016 E-mail: cep.ucmd@maededeus.com.br

HOSPITAL MÃE DE
DEUS/ASSOCIAÇÃO
EDUCADORA SÃO CARLOS -
AESC



Continuação do Parecer: 4.105.989

o cotidiano social dos sujeitos em seus usos midiáticos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

No item de recrutamento, os pesquisadores colocam que irão formar 2 grupos com 10 pessoas cada. E que cada grupo será apenas do sexo feminino (informado na plataforma Brasil).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os pesquisadores apresentam todos os termos exigidos e adequaram as solicitações do parecer anterior.

Recomendações:

Os grupos de intervenção formados são apenas do sexo feminino? No TCLE diz " grupos do sexo feminino e masculino). Recomenda-se ajudar no sistema.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1500346.pdf	13/05/2020 22:53:39		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA.pdf	13/05/2020 22:46:04	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLÉv2.pdf	13/05/2020 22:45:31	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Outros	RoteiroGuiaV2.pdf	13/05/2020 22:45:04	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Outros	CardV2.pdf	13/05/2020 22:44:39	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Cronograma	cronogramaV2.pdf	13/05/2020 22:44:06	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_3984881.pdf	13/05/2020 22:43:32	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Outros	SINTESEprojetoV2.pdf	13/05/2020 22:41:34	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoV2.pdf	13/05/2020 22:40:27	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito

Endereço: Rua Grão Pará nº 160 - 2º andar
Bairro: MENINO DEUS CEP: 90.850-170
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3230-2016 E-mail: cep.ucmd@maededeus.com.br

HOSPITAL MÃE DE
DEUS/ASSOCIAÇÃO
EDUCADORA SÃO CARLOS -
AESC



Continuação do Parecer: 4.105.989

Folha de Rosto	FolhaDErostoV2.pdf	13/05/2020 22:38:46	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito
Outros	Print_RegistroUFRGS.jpg	03/03/2020 09:42:13	Alex Fernando Teixeira Primo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 23 de Junho de 2020

Assinado por:
Erica Rosalba Mallmann Duarte
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Grão Pará nº 160 - 2º andar
Bairro: MENINO DEUS CEP: 90.850-170
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3230-2016 E-mail: cep.ucmd@maedeus.com.br